

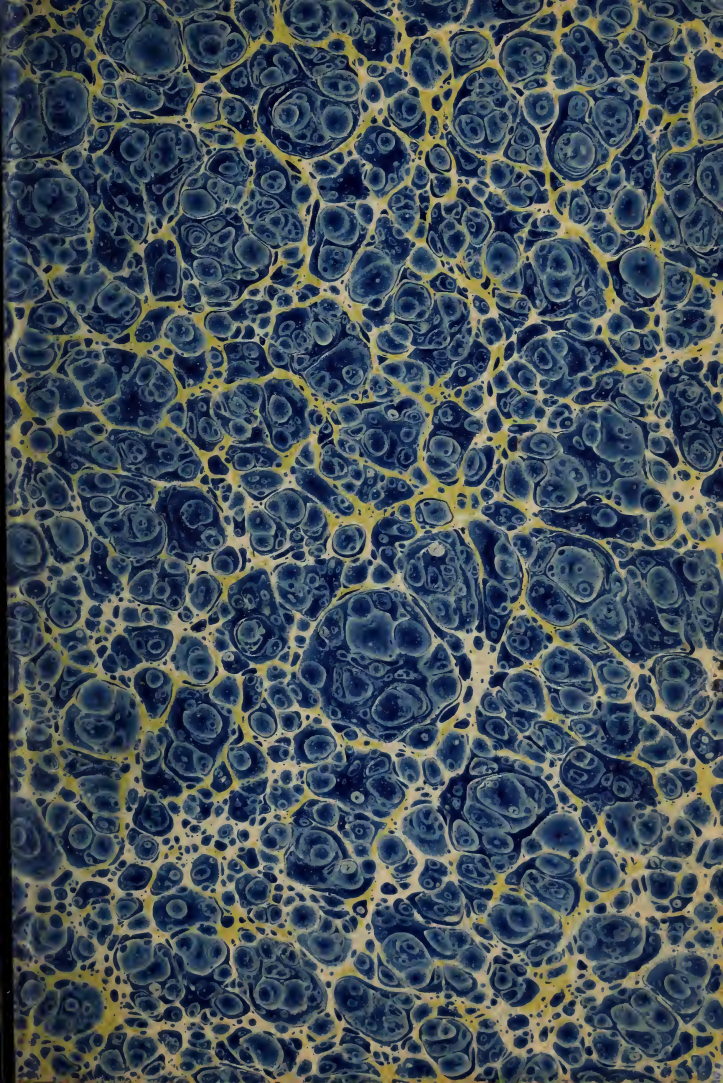




Class PQ 9198

Book .A2

1871



300



OS LUSIADAS

M. A. B. R. I. G. U. E. S.

OS LUSIADAS

POEMA EPICO

DE

LUIZ DE CAMÕES

NOVA EDIÇÃO

CONTENDO:

Breve noticia da vida do author
Noticia ácerca de Vasco da Gama e da sua
viagem á India
e o Diccionario dos nomes proprios
usados no mesmo poema

PORTO

EM CASA DE CRUZ COUTINHO—EDITOR

RUA DOS CALDEIREIROS, 18 e 20

1871

*Offerecido pelo Exmo Sr. Maxima de Castro
Exclamante do 4º anno de Direito
Coimbra 11 de Junho de 1880*

OS LUSIADAS

PQ 9198
A2

1871

387270

'29

TIPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO

Rua Ferreira Borges, 31.

BREVE NOTICIA
DA
VIDA DE LUIZ DE CAMÕES
PELO
P.^E THOMAZ JOSÉ D'AQUINO

Por nos não apartarmos do costume praticado pelos editores de poetas, somos obrigados a dar ao publico, na presente edição, uma noticia da vida de Luiz de Camões, o que faremos breve e summariamente, remettendo os nossos leitores, que quizerem mais copiosas informações, a Manoel Severim de Faria, e Manoel de Faria e Sousa, que mais extensamente a escreveram.

O mais antigo ascendente de Luiz de Camões, de que se acha noticia nas historias, (deixadas por ora conjecturas, fundadas em etymologias de nomes) é Vasco Pires de Camões, que em tempo d'el-rei D. Fernando, seguindo seu partido contra el-rei D. Henrique de Castella, chamado o Bastardo, passou de Galliza a Portugal. De quem fosse filho este Vasco Pires de Camões, não consta ao certo: é porém indubitavel, que foi casado n'este reino com uma filha de Gonçalo Tenreiro, general das armadas de Portugal, o qual teve tambem o titulo de mestre da Ordem de Christo. D'este matrimonio nasceram Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões, e D. Constança Pires de Camões. De D. Constança, e de Gonçalo Vaz de Camões houve descendencia illustre, e que se tractou sempre com grande luzimento, da qual nos não é necessario por ora tractar. O segundo filho, que foi João Vaz de Camões, vasallo d'el-rei D. Affonso V, titulo muito distincto e honorifico por aquelles tempos, foi de notavel valor nas guerras

de Africa e contra Castella, e de extremada prudencia na paz. Teve seu domicilio em Coimbra, em cuja sé tem tambem magnifica e sumptuosa sepultura, de que alguns inferiram erradamente ser o nosso Poeta natural d'aquella cidade. Casou João Vaz de Camões com Ignez Gomes da Silva, filha bastarda de Jorge da Silva, o qual era filho de Gonçalo Gomes da Silva, e neto de Diogo Gomes da Silva, irmão de João Gomes da Silva, alferes-mór d'el-rei D. João I, e senhor de muitas terras. Teve d'ella a Antão Vaz de Camões, que casou com Guiomar Vaz da Gama, (dos Gamas do Algarve, que trazem sua origem dos do Alemtejo) da qual houve a Simão Vaz de Camões, que casou com Anna de Macedo, da villa de Santarem. Estes dous ultimos, assistentes em Lisboa, no bairro da Mouraria, freguezia de S. Sebastião (n'aquelle tempo), foram os progenitores de Luiz de Camões, que nasceu na mesma cidade no anno de 1524.

O licenciado Manoel Corrêa, contemporaneo e amigo do Poeta, na vida que escreveu do mesmo, por mera conjectura, ou por um pouco mais ou menos, o dá nascido no anno de 1517; porém Manoel de Faria e Sousa, tendo seguido antes a mesma opinião, fundado depois nos irrefragaveis documentos das listas da casa da India, que viu, faz ao nosso parecer mais certo calculo, e prova nascêra no anno de 1524, acima apontado.

No anno de 1643 (diz Faria) veio ás minhas mãos o Registo da Casa da India de Lisboa, de todas as pessoas mais principaes que passaram a servir áquelles estados, desde o anno de 1500 até estes nossos tempos; e na lista do anno de 1550 achei este assento: Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, moradores em Lisboa, á Mouraria, escudeiro de 25 annos, de barba ruiva; trouxe por fiador a seu pae: vai na nau de S. Pedro dos Burgalezes. Esta nau era a em que ia o viso-rei D. Affonso de Noronha, que então passava á India.

Não embarcou Luiz de Camões no anno de 1550, posto que se alistasse, mas sim no anno de 1553, em que foi por capitão-mór de quatro naus Fernando Alvares Cabral: no registo da gente d'ellas, e no titulo da gente de guerra, achou o mesmo Faria este assento: *Fernandô Casado,*

filho de Manoel Casado e de Branca Queimada, moradores em Lisboa, escudeiro; foi em seu logar Luiz de Camões, filho de Simão Vaz e Anna de Sá, escudeiro, e recebeu 2\$400 reis, como os demais. D'estes dous assentos, que são de certeza indubitavel, conclue Faria, que se o Poeta no anno de 1550 tinha vinte e cinco de idade, sem duvida havia nascido no anno de 1524. Emquanto ao appellido de Sá, que em ambos os assentos se dá a sua mãe, se responde, que se appellidava de Sá e Macedo, é que o escripto por brevidade lhe tiraria o Macedo, assim como a seu marido o de Camões, dizendo sómente Simão Vaz.

Educado Luiz de Camões até á idade de doze ou treze annos, passou á Universidade, que já n'aquelle tempo, por ordem d'el-rei D. João III, se havia mudado segunda vez de Lisboa para Coimbra. Foram notaveis os progressos que alli fez nas artes e nas sciencias, com a direcção d'aquelles homens insignes, que o mesmo rei chamára de fóra do reino, para instruírem a mocidade. Não podemos ter melhor, nem mais certa prova, que os mesmos escriptos do nosso Poeta. D'esta assistencia em Coimbra se lembrou sempre Luiz de Camões, com uma viva saudade, como consta do soneto 133:

Doces e claras aguas do Mondego, &c.

Da canção quarta:

Vão as serenias aguas
Do Mondego descendo, &c.

E ainda do mesmo Poema, onde no canto setimo, estancia LXXVIII, diz:

..... Mas oh cego
Eu, que commetto insano, e temerario,
Sem vós, nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão arduo, &c.

Acabados os estudos, e restituído a Lisboa, como é provavel se entregasse ao ocio, entrou logo a experimentar os damnos que d'elle resultam, particularmente na idade juvenil. Afeiçãoou-se a certa dama; e esta afeição deu causa a que o desterrassem da côrte. Crêem alguns,

que este desterro foi em Santarem, fundados na elegia que começa:

O sulmonense Ovidio desterrado, &c.

onde chora a saudade da côrte, e onde diz que estava vendo o Tejo, e as concavas barcas, que cortavam a sua corrente:

Vejo o puro, suave, e brando Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando,
Vão pondo em doce effeito seu desejo.

Voltando a Lisboa, e tornando a reincidir na mesma culpa amorosa, houve segundo desterro. Manoel de Faria é de opinião, que não foi segundo; mas que elle mesmo, vendo-se impossibilitado para vir á côrte, fizera o primeiro mais dilatado, tomando a resolução de ir servir a Ceuta. N'esta praça militou e assistiu por algum tempo, como consta da elegia que começa:

Aquelle, que de amor descomedido, &c.

onde diz:

Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao mar Mediterraneo, &c.

Pelejando valorosamente aqui mesmo, em um combate naval, perdeu o olho direito, como elle toca na canção que começa:

Vinde cá meu tão certo secretario, &c.

Que esta perda do olho fosse na Africa, e não na Asia, se entende claramente da primeira carta que escreveu da India a um amigo, na qual fallando de um certo Manoel Serrão, em quem havia a mesma falta, diz: *Que, sicut et nos, manqueja de um olho.* Reputava este defeito como já antigo, e como cousa notoria n'elle em Portugal.

Depois de haver militado em Ceuta por algum tempo, veio a Lisboa, persuadindo-se conseguiria algum premio por aquelles serviços militares; mas perdendo totalmente as esperanças do que pretendia, tomou a resolução de pas-

sar á India. Era o seu projecto embarcar no anno de 1550 com o visor-rei D. Affonso de Noronha; porém tendo desvio aquella resolução, (como acima fica tocado), veio a fazer viagem no anno de 1553. Embarcou Luiz de Camões na mesma nau em que ia Fernando Alvares Cabral, e das quatro que este commandante governava, esta foi a unica que n'aquelle anno chegou á India. Desembarcando em Goa no mez de setembro, e achando que o visor-rei D. Affonso de Noronha, que então o era d'aquelle estado, estava de partida com uma grossa armada contra o rei da Pimenta, inimigo do de Cochim e de Porcá, amigos nossos, se embarcou, por servir n'aquelle occasião, da qual sahimos com victoria, como elle refere na elegia que começa:

O poeta Simonides fallando, &c.

na qual dá tambem conta da sua viagem.

Continuando no exercicio das armas, passou no anno de 1555 ao estreito de Meca, em outra armada, de que foi capitão-mór Manoel de Vasconcellos. Ahi se demorou por algum tempo, supportando incommodidades gravissimas, como consta da canção decima, que depois escreveu em Goa, e principia:

Junto de um sêcco, duro, esteril monte, &c.

Era Luiz de Camões acerrimo censor dos vicios; e vendo que alguns que serviam officios publicos se desmandavam, escreveu uma satyra, na qual fortemente os reprehendia. Tambem compôz, depois d'esta, outra contra alguns grandes da cidade, que haviam festejado a entrada do governador Francisco Barreto com um jogo de cannas. Estas foram as acções mais reprehensiveis que se encontram na vida do nosso Poeta, visto que nenhum homem ingenuo e prudente deve romper em taes desatinos.

Estimulado Francisco Barreto, talvez por queixas dos offendidos, que costumam fazer as culpas ainda mais aggravantes, fez prender a Luiz de Camões, e o degredou para a China. Aqui serviu o officio de provedor dos defunctos e ausentes, na cidade de Macau, de pouco tempo fundada pelos portuguezes. Tendo, porém, noticia de haver entrado no governo da India o visor-rei D. Constantino

de Bragança, se resolveu a voltar a Goa. N'esta viagem padeceu um naufragio; e sahindo nú nãs praias do rio Mecon, sómente pôde salvar o seu Poema, qual outro Cesar, em similhante acontecimento, os seus Commentarios.

No anno de 1561 chegou finalmente a Goa, onde recebeu particulares mercês do visó-rei D. Constantino de Bragança, e não menos do seu successor no governo, o conde de Redondo D. Francisco Coutinho. Não foram contudo tão poderosos estes favores, que chegassem a tirar Luiz de Camões da prisão em que o haviam mettido: dizem uns que por algumas travessuras, outros que por falsas accusações de cousas que diziam respeito ao officio que o Poeta havia servido em Macau.

Estando n'esta prisão, e já ao tempo de sahir d'ella, o embargou Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos, por algum dinheiro que lhe havia emprestado. N'este aperto correu ao conde visó-rei, que estando de partida com uma lustrosa armada, para celebrar pazes com o Samorim, deixou ordem para que fosse solto.

Achando-se Luiz de Camões em uma tão triste situação, cercado de trabalhos, e em summa pobreza; e vendo que lhe não aproveitava diligencia alguma, para sahir de tão extremas miserias, se lhe offereceu Pedro Barreto para o levar consigo a Sofala, onde passava com o posto de capitão. Seguiu o Poeta a Pedro Barreto; mas chegando a Sofala experimentou n'elle um tractamento tal, que aportando alli umas naus da India, que vinham para o reino, se resolveu a embarcar n'ellas: embargava-o Pedro Barreto (como já Miguel Rodrigues Fios Seccos) dizendo lhe devia duzentos cruzados, que com elle havia despendido; mas a esta divida acudiram promptamente alguns cavalheiros, que para o reino vinham nas mesmas naus, e a pagaram de boa vontade, só pelo interesse de trazerem na sua companhia a Luiz de Camões. Foram estes Heitor da Silveira, Antonio Cabral, Luiz da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, e outros. Resgatado assim Luiz de Camões, voltou na companhia d'aquelles cavalheiros para a patria. No anno de 1569 chegou a Lisboa, que achou ardendo em um horrivel contagio. Aqui, em logar do premio que merecia pelas suas glórias fadigas litterarias e marciaes,

entrou a experimentar novas, e talvez mais fortes adversidades, chegando a tanta miseria, que um escravo seu, chamado Antonio, pedia de noite de porta em porta para o sustentar.

D'esta sorte acabou um homem, cuja memoria, a pesar da inveja, será eterna entre os eruditos. Morreu em Lisboa no anno de 1579, com cincoenta e cinco de idade, por haver nascido no de 1524. Deu-se-lhe sepultura ao lado esquerdo da entrada da porta da igreja do convento de Sancta Anna de religiosas franciscanas. Poucos annos depois, que foi no de 1595, D. Gonçalo Coutinho lhe deu nova sepultura, no meio da igreja, e lhe fez gravar na campa esta inscripção:

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES,
PRINCIPE
DOS POETAS DE SEU TEMPO:
VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE:
E ASSI MORREU.
ANNO DE M. D. LXXIX.

Foi Luiz de Camões nobilissimo por ascendencia, poeta clarissimo, valoroso soldado, e de costumes correspondentes ás suas qualidades. Foi de mediana estatura, e bem formado; olhos grandes, nariz no meio levantado, bôca grossa, e cabello tirante a açafroado. Em tudo lhe faltou a fortuna, senão na perpetuidade do nome, que ha de competir com a duração dos seculos.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF CHEMISTRY
5800 S. UNIVERSITY AVENUE
CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF CHEMISTRY
5800 S. UNIVERSITY AVENUE
CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF CHEMISTRY
5800 S. UNIVERSITY AVENUE
CHICAGO, ILL. 60637
U.S.A.

NOTICIA

Á CERCA DE

VASCO DA GAMA

E DA SUA VIAGEM Á INDIA

EXTRAHIDA DA CHRONICA D'EL-REI D. MANOEL,
ESCRIPTA POR DAMIÃO DE GOES

El-rei D. Manoel, tendo em fito a descoberta da India, mandou logo apparellhar naus, no que se passou mais de um anno. Emquanto se ellas faziam prestes, teve el-rei conselho sobre quem mandaria por capitão d'ellas, e assentou que fosse Vasco da Gama, fidalgo de sua casa, natural da villa de Sines, homem solteiro e de idade para poder soffrer os trabalhos de uma tal viagem; pelo que o mandou chamar, estando em Extremoz, no mez de janeiro de 1497, e lhe deu a capitania d'ellas, com palavras de muita confiança, pondo diante o péso de tamanho negocio consistir, não na despeza que se n'elle podia fazer, nem no que se n'isso aventurava, senão no serviço de Deus, e bem de seus reinos; o que tudo se podia conseguir, se, passando elle adiante do que já era descoberto, podésse chegar á India: do que se lhe podia seguir tanta honra e louvor, quanto elle bem podia cuidar; ao que se ajuntariam muitas mercês, que lhe esperava fazer em galardão de todos os trabalhos, que n'esta viagem passasse: ao que Vasco da Gama respondendo com palavras de bom caval-

leiro, lhe beijou a mão pela mercê, que lhe fazia, e confiança que d'elle tinha; accrescentando «que lhe pedia houvesse por bem, n'esta viagem, se querer tambem servir de Paulo da Gama, seu irmão: porque com tal e tão fiel companheiro esperava vir ao fim d'ella, sem differenças, nem cautelas, que poderiam caber, e acontecer entre outras pessoas, que não fossem tão conjuntas em sangue como elles eram: o que lhe el-rei muito agradeceu, e houve logo por bem ser Paulo da Gama um dos que houvesse de mandar em sua companhia. Depois d'el-rei ter isto assentado, se foi d'Extremoz a Evora; e d'alli despediu Vasco da Gama e seu irmão Paulo da Gama, dando-lhes por companheiro a Nicolau Coelho, cavalleiro de sua casa; os quaes partiram do porto de Belem aos dous dias do mez de julho do mesmo anno de 1497.

O piloto d'esta armada se chamava Pedro d'Alemquer, homem mui experto nas cousas do mar. Seguindo Vasco da Gama sua viagem, passou á vista das ilhas de Canarea, e d'ahi foi ter ao porto de Sancta Maria, na ilha de Sanct' Iago, aos 28 dias do mez de julho; d'onde, seguindo seu regimento, começou de cortar a leste em busca do cabo da Boa Esperança; no que andou os mezes de agosto, setembro e outubro, com muitas tormentas, e tempos contrarios, até que descobriu terra a 4 do mez de novembro; a qual foram demandar com muita alegria, e acharam ser uma terra baixa, em que ha uma grande bahia, a que puzeram nome a *angra de Sancta Helena*. Estando Vasco da Gama alli surto; por quanto na angra se não mettia rio nem regato, nem menos achavam fontes, nem poços, de que podessem tomar agua, mandou a Nicolau Coelho, que no seu batel fosse por diante ao longo da praia buscar algum rio; o qual indo sempre apegado com a terra, a quatro leguas da angra foi dar em um rio fresco, e de boas aguas, a que pôz nome de *Sanct' Iago*, onde todos fizeram aguada, lenha, e carnagem de lobos marinhos, de que n'aquella paragem ha muitos, e d'elles tamanhos como grandes cavallos. N'esta angra foi Vasco da Gama com outros tres homens ferido: e o negocio se armou d'esta maneira: Ao dia seguinte, que a frota alli chegou, por não vêrem gente na praia, sahio elle em terra com os outros

capitães, para mais á sua vontade tomarem a altura do sol, e vêrem se havia allí algumas povoações, ou se era deserta. Andando assim espalhados em magotes de uma parte para a outra, foram dar com dous homens pretos de cabello revolto, como os de Guiné, um pouco mais baços, que estavam apanhando mel ao pé de uma mouteira, cada um com seu tição na mão, para os quaes se foram chegando á passo largo; e, posto que ambos com espanto e mêdo de vêrem gente tão desacostumada, se pozessem em fugida, tomaram os nossos um d'elles, e o trouxeram a Vasco da Gama; com que se recolheu alegre ás naus, cuidando que se entenderia com algum dos linguas, que levava; mas em toda a frota não houve pessoa que o podésse entender senão por acenos; e, sem mêdo, nem receio, comeu e bebeu de todas as iguarias, que lhe deram, com dous grumetes, a quem Vasco da Gama mandou que lhe fizessem boa companhia. E porque era já tarde quando se recolheram, o negro ficou aquella noite na nau; e ao outro dia pela manhã o mandou vestir de pannos de côres, e pôr em terra, despedindo-se elle dos nossos mui ledo e contente da boa companhia que lhe fizeram, e sobre tudo, d'alguns cascaveis, continhas de crystallino, e outros brineos, que levava. Estes arreios com que este homem sahiu em terra, fizeram inveja aos que o viram; porque ao outro dia vieram á praia quinze ou vinte d'elles: pelo que mandou logo Vasco da Gama poiar a gente nos bates, com que se veio a terra, trazendo consigo mostra d'especiarias, ouro, aljofar e seda: o que os negros estimaram pouco, por não saberem o que era. Então lhes mandou dar cascaveis, ceptis, e anneis d'estanho, e outras cousas d'esta qualidade; o que tomaram muito alegres, especialmente os cascaveis, pelo som que faziam; e d'alli por diante começaram de vir á praia seguramente, e dar dos mantimentos, que havia na terra, a troco de outras cousas.

Com esta familiaridade, um homem honrado, por nome Fernan' Velloso, determinou, em companhia d'alguns d'estes negros, a que já se fizera familiar, ir vêr suas habitações, e modo que tinham em suas casas; e para isso houve licença de Vasco da Gama: os quaes mostrando n'isso contentamento, o levaram consigo, e de caminho

tomaram um lobo marinho com que o festejaram; e como nem o guisado do lobo, nem o modo da terra satisfizessem muito a Fernan' Velloso, acabado o banquete começou de caminhar para onde as naus estavam. Os negros, que por ventura faziam conta de o trazerem consigo mais tempo para o festejarem ao seu modo, vendo-o tornar tão de subito, se vieram com elle até á praia, mandando aos moços da aldeia que os seguissem com suas armas, que são dardos, e zagaias guarnecidas nos cabos de ossos, e pontas de cornos de alimarias, com que ferem, como se fossem de verdadeiro aço temperado. Isto parece que devia ser para se defenderem, se Fernan' Velloso se queixasse da companhia, que lhe fizeram, e os nossos lhes quizessem, por isso, fazer mal.

Chegando Fernan' Velloso á praia, começou a bradar « que lhe acudissem »; mas por elle ser mui rebolão, assomado, e fallar sempre valentias, não se deram os nossos muita pressa, nem os negros lhe faziam mal, nem entendiam que pedia soccorro contra elles; comtudo como Vasco da Gama, que á mesma hora estava ceiando, soube o que passava, mandou fazer signal aos capitães para o seguirem: os negros vendo os bateis vir com muita gente, recolheram-se para onde os moços estavam escondidos com as armas, deixando Fernan' Velloso na praia, sem lhe fazerem nenhum mal. Vasco da Gama, cuidando que eram todos já idos, sahiu com a gente em terra, descuidado do que havia de ser; porque os negros parecendo-lhes que os nossos vinham com má tenção, se descobriram dos matos em que estavam embrenhados, e deram tão de subito nos nossos, que, ás zagaiadas, os fizeram recolher aos bateis mais depressa do que desembarcaram. N'esta briga foi ferido Vasco da Gama, e outros tres da companhia.

Vasco da Gama se fez á vela uma quinta feira 16 dias de novembro; e, aos 20, dobrou o cabo de Boa Esperança, a quem os marinheiros, por ser muito espantoso, chamam *das tormentas*. Ao domingo seguinte chegaram á *aguada de San' Braz*. Alli fez Vasco da Gama queimar a nau dos mantimentos, de que era capitão Gonçalo Nunes, por não haver necessidade d'ella.

D'essa aguada de San' Braz partiu a frota a 8 de de-

zembro, e navegando ao longo da costa, lhe deu um temporal, que a fez engolfar; o qual acabado, tornou a buscar a terra, e aos 16 dias chegou á vista de uns ilhéos chãos; e aos 10 dias de janeiro de 1498 viram andar ao longo da praia muitos homens e mulheres grandes do corpo, e de côr baça. D'esta terra partiu a armada aos 15 dias de janeiro; e aos 25 dias chegou á bôca d'um rio grande, onde ancorou.

Logo pela manhã viram vir pelo rio abaixo algumas almadias a remo côm gente da mesma qualidade, que os que atraz tinham visto. Estes homens em chegando ás naus sem nenhum mêdo, nem receio, subiram pela enxarcia tão seguros como se tiveram conhecimento com os nossos; que vendo a limpeza d'elles, os deixaram entrar nas naus, onde foram bem festejados, tudo por acenos e signaes: por quanto Martin Affonso, nem os outros linguas os poderam entender.

Entre algumas pessoas de qualidade, que vieram vêr o Gama, veio tambem um mancebo, de quem, por acenos, com algumas palavras que fallava do arabico, poderam os nossos entender que da terra onde elle era, vinham naus tamanhas como as nossas, e que não era muito longe d'alli. A qual nova foi de grande contentamento a todos; e por isso pôz Vasco da Gama nome a este rio *dos bons signaes*. Abi mandou dar pendor ás naus, e lhe adoeceram muitos dos nossos de diversas doenças, por a terra ser alagadiça, baixa, e lançar de si vapores grossos e maus.

Depois que as naus foram prestes, partiram d'aquelle logar aos 24 dias de fevereiro; e, ao 1.º de março, surgiram em Moçambique.

O xeque ou capitão d'esse logar, por nome Çacoeia, mandou um presente de refresco a Vasco da Gama; e este mandou-lhe em retorno alguns vestidos, e outras cousas. Çacoeia foi vêr Vasco da Gama á nau, acompanhado de muitas almadias, e gente bem adornada com arcos, frechas, e outras armas que usam. Vasco da Gama o veio receber a bordo, e aos que com elle vinham mandou dar vinho e fructa. N'esta merenda, entre outras praticas, que tiveram, perguntou Çacoeia a Vasco da Gama «se eram turcos, se mouros, e d'onde vinham; se traziam livros de

sua lei, que lh'os mostrassem, e assim as armas que mais se usavam em sua terra »; ao que lhe respondeu, « que os livros de sua lei lhe mostraria depois; que, quanto ás armas, eram aquellas com que os seus estavam armados. » Isto dito, pediu a Çacoeia pilotos para o levarem á India; os quaes elle lhe prometteu, e lhe mandou dous. Sabendo porém os mouros que os nossos eram christãos, cobraram-lhe tal odio, que resolveram matal-os, e tomarem-lhes as naus; o que um dos pilotos descobriu a Vasco da Gama: pelo que se fez logo á vela, e chegou a Mombaça; mas como o rei d'esta cidade lhe quiz armar traição, velejou para a cidade de Melinde, diante da qual surgiu dia de Pascoa da Resurreição.

El-rei de Melinde era muito velho e doente; e, posto que desejasse de ir vêr as naus, a má disposição lh'o estorvava: comtudo, seu filho mais velho, herdeiro do reino, que já regia por elle, as veio vêr no mesmo dia; depois de jantar, em uma almadia grande, acompanhado de gente nobre muito bem ataviada. Vasco da Gama, como soube da vinda do principe, mandou toldar e embandeirar o batel; e com doze homens dos mais vistosos, o veio receber antes que chegasse ás naus. O principe como vinha desejoso de vêr os nossos de perto, em chegando ao batel se lançou dentro, e foi logo abraçar Vasco da Gama sem pejo, nem ceremonias, perguntando-lhe, depois que se assentou, muitas coisas como homem prudente; no que despenderam um bom pedaço de tempo. Este principe pediu a Vasco da Gama que quizesse ir vêr seu pae que, por ser muito velho e entrevado, não podia fazer o mesmo: e que, para segurança d'isso, elle se iria com seu filho para as naus; do que Vasco da Gama se escusou, dizendo « que não trazia licença para o fazer. »

Todo o tempo que alli esteve a armada, mandou o principe visitar a Vasco da Gama, e os outros capitães com refresco da terra: além do que lhe deu um bom piloto mouro guzarate, por nome Malemocanaqua; e com o muito desejo que tinha de nossa amizade, tomou a fé a Vasco da Gama, que tornasse por alli; porque em sua companhia queria mandar um embaixador a el-rei de Portugal, para com elle assentar paz e amizade; com a

qual, e muito amor dos da terra, partiram os nossos d'aquella cidade de Melinde uma terça-feira 24 dias d'abril; e seguindo sua viagem pelo golpho que se faz da costa de Melinde até á de Malabar, a uma sexta-feira 17 dias de maio, viram uma terra alta, a qual o piloto Malemocanaqua não pôde bem conhecer, por o tempo andar encoberto com chuueiros; mas ao domingo seguinte pela manhã viu umas serras, que estão junto da cidade de Calecut; de que logo pediu alviçar a Vasco da Gama, que lh'as deu boas, e de boa vontade: e no mesmo dia foram surgir duas leguas da cidade de Calecut; d'onde depois alguns bareos os levaram ao surgidouro d'essa mesma cidade.

Um degredado, que Vasco da Gama mandou desembarcar, encontrou casualmente na cidade um mouro, natural de Tunez, chamado Monçaide, com o qual voltou a bordo. Vasco da Gama, depois de abraçal-o, tomou d'elle largos informes ácerca de Calecut, e do seu rei. Depois do que, mandou pedir ao mesmo rei uma audiencia, a qual este lhe concedeu.

Vasco da Gama deixou as naus encomendadas a seu irmão Paulo da Gama, e a Nicolau Coelho, dizendo-lhe « que se algum desastre lhe acontecesse em Calecut, e sentissem que podiam correr risco em esperar por elle, que se fizessem á vela, e tomassem outro porto do Malabar, para ahí comprarem algumas especiarias, com que, e com as novas do que tinham descoberto, se tornassem ao reino; que elle não podia al fazer senão em pessoa ir vêr el-rei de Calecut, e dar-lhe as cartas que trazia d'el-rei seu senhor; que era o remate do caminho que tinham feito.» E, por as naus não ficarem desprovidas de gente, não quiz levar comsigo mais que doze homens.

Na mesma hora que Vasco da Gama desembarcou, o fez o catual tomar em um andor. D'este modo começaram a caminhar, Vasco da Gama no seu andor, e o catual em outro; indo os naires e os nossos a pé ao redor dos andores, espantados de vêrem homens de tão longe, e de traje tão desacostumado em todas aquellas provincias.

Assim chegou Vasco da Gama aos paços do samorim, o qual o recebeu n'uma sala magnifica. Em Vasco da Gama entrando fez a reverencia requerida em tal lugar;

e o mesmo fizeram os outros portuguezes: el-rei lhe aceitou que se chegasse para o catel em que elle estava, e o mandou assentar em um dos degraus do estrado em que tinha o catel, e aos outros mandou que fizessem o mesmo nos assentos que estavam em redor da casa: e a todos mandou dar agua ás mãos para as refrescarem: lavadas as mãos, lhes mandou trazer agua, e figos, com outras fructas da terra, de que todos comeram e beberam. Acabada a merenda, começou el-rei de fallar com Vasco da Gama, pelo seu lingua, tão alto que o ouviam todos os que estavam na casa; e nas perguntas que lhe fez, vendo Vasco da Gama que começava d'entrar em negocios, além do que lhe já perguntára, de seu caminho e trabalhos da longa viagem, disse por Fernan' Martins, seu lingua, ao lingua d'el-rei, « que entre os reis christãos se não costumava tomarem uns dos outros embaixadas senão em particular; e que aquelle costume lhe pedia que quizesse ter n'aquella que lhe trazia d'el-rei de Portugal seu senhor, tão desejoso de sua amizade, assim elle, como seus antecessores, que havia mais de sessenta annos que trabalhavam no descobrimento d'esta navegação; até que Deus lhe fizera a elle mercê de vir ao cabo d'ella: do que se tinha pelo mais bemaventurado homem de todo o mundo.»

El-rei tomou bem o que lhe Vasco da Gama fez dizer; e logo mandou que elle e Fernan' Martins se fossem para outra camara, que estava junto d'aquella, seguindo logo traz elles. Na camara havia um catel muito mais rico que o de fóra, em que se el-rei lançou; e sem haver n'ella mais gente que o bramene-mór, e o que dava o betel a el-rei, e um seu veador-da-fazenda, fez dizer pelo seu lingua a Vasco da Gama, « que estava em logar em que livremente podia dar sua embaixada; que em tudo se lhe manteria bom segredo, pelos que estavam presentes serem do seu conselho secreto, e pessoas de que elle confiava todos seus negocios e fazenda.» Vasco da Gama, pelo seu lingua Fernan' Martins, propôz o a que vinha, e de quanto longe, e por mandado de quem; e que o fim da sua embaixada era querer el-rei D. Manoel de Portugal, seu senhor, amizade com um tão poderoso e tão nomeado rei como elle era por todas as partes do mundo; e que para

signal d'isso lhe trazia cartas suas de crença, que lhe apresentaria quando o houvesse por bem.

El-rei folgou muito com o que lhe disse Vasco da Gama, offerecendo-se a tudo o que lhe de seu reino cumprisse por serviço d'el-rei de Portugal, a quem elle d'alli por diante queria ter por irmão: porque não poderia ser amizade fingida a que tanto tempo havia que buscava, e com tantos trabalhos e perigos de seus vassallos e sujeitos, como elle dizia.

Passados tres dias, voltou o Gama (guiado do catual) á presença d'el-rei. Entregou-lhe as cartas, e um presente, do qual o samorim mostrou fazer pouco caso. O Gama disse-lhe: «que não estranhasse ser aquella dadiva mui desproporcionada á magestade d'um tal monarcha; porque o motivo de ser tão limitada manava da incerteza, que el-rei D. Manoel tinha do exito feliz d'aquella sua viagem; mas, se esperava mór utilidade, considerasse quanta podia resultar ao seu reino, se a elle viessem de Portugal cada anno muitas naus carregadas de preciosas mercadorias. Por ultimo rogou-lhe não communicasse o segredo das cartas de seu rei com os mouros, que habitavam em Calcut. Já n'esse tempo tinha sabido de Monçaide que os taes mouros maquinavam sua destruição.

Emtanto faziam elles entre si frequentes congressos, em ordem a divertir os nossos navegantes da graça do rei. Corrompiam a este fim com dadivas os familiares do mesmo rei. Publicavam que o Gama era um pirata, que em todas as partes d'aquellas regiões onde fôra recebido com pretexto de hospitalidade, deixára vestigios de latrocinios. Que se este pequeno fogo no principio não fosse extincto, poderia depois fazer grandissimo damno a todo aquelle reino.

Fomentavam estas diligencias contra os portuguezes, não só por causa do odio, que professam ao nome christão; mas porque temiam, que da vinda d'estes áquellas partes resultasse o seu exterminio; ou, quando menos, um notavel prejuizo ao seu commercio. El-rei, que d'elle tirava grandes interesses, e era de genio vario e mudavel, tendo noticia de taes maquinações, vacillava na sua resolução. Receiava incorrer na nota de perfidia, se lhe entre-

gava em prisão os nossos; e, se os deixava ir livremente, temia alienar da sua graça os mesmos mouros. Um d'elles, reputado mais eloquente, fez uma larga oração dos inconvenientes que podia ter em fiar-se das palavras do Gama. Este, informado de taes operações, e de que n'ellas tinha parte o catual, resolveu-se a sahir de casa um dia de madrugada, e ir em direitura a Pandarane. Presentiram os mouros esta ausencia, e foram logo pedir a el-rei que dêsse ordem a impedir a fuga. Elle, por condescender, commetteu a diligencia ao catual. Partiu este para tal effeito a Pandarane, e conduziu outra vez o Gama á sua casa, onde, com mór cautela, o tinha como prêso; se bem dissimulava ser um modo de obsequio.

N'este tempo rogava-lhe que mandasse aos portuguezes da sua guarda se retirassem ás naus, e que estas chegassem mais perto á terra, e d'ellas lhe entregasse as velas, e todo o mais apparelho; porque d'esta maneira deixaria livre ao rei de toda a suspeita, que tinha concebido, de que não arribára áquelle porto com o pretexto que publicava. Não consentiu Vasco da Gama em tal proposta. E, por ultimo, concordaram ambos, que mandaria vir a terra a fazenda que trazia, com algumas pessoas que assistissem á sua venda. Isto assim ordenado, foi posto o Gama em liberdade, e retirou-se ás naus.

Mandou logo dous feitores a Calecut com as mercadorias; porém os mouros impediam sua venda; e, por negociado dos mesmos, passado algum tempo, mandou o samorim prender os taes feitores, e pôr em custodia a fazenda. Requereu o Gama que lh'a mandasse restituir, e soltar os dous portuguezes; mas não se deferiu a esta supplica.

Emtanto Monçaide, que tinha passo livre para ir fallar ao Gama, lhe revelou que o intento dos mouros era esperar chegassem áquelle porto as naus de Meca, que costumavam vir a Calecut cada anno, para que estas (sendo superiores em numero e forças ás nossas) as sorprendessem.

O Gama, movido de tal notícia, não tendo outro obstaculo para partir, que recuperar a fazenda, e os dous feitores, usou para este effeito de um estratagemas; e foi, que mandou levar ancora, e pôr as naus um pouco ao largo, a tempo que n'ellas se achavam certos mercantes ricos de

Calecut, a fim de que, presumindo as mulheres, e filhos dos taes mouros, que fazia represalia nos mesmos, á sua instancia mandasse el-rei pôr em liberdade os feitores com a fazenda; como succedeu. E enviando-os ás naus por alguns dos seus domesticos malabares, foram n'ellas retidos alguns d'elles, que vieram ao reino; e os outros com os mercantes deixados ir livremente. Monçaide se offereceu para vir em companhia dos nossos; o que pôz em execução; e chegando ao reino, se baptizou, e acabou seus dias de bom catholico.

Sabiu a armada de Calecut no comêço de outubro; e antes de tomar terra em umas pequenas ilhas, que estão contiguas, foi acommettida de vinte navios; sete dos quaes pôz em fugida, e um tomou. Era essa frota de um famoso pirata, chamado Timoja; o qual tinha posto em terror todos aquelles mares. D'alli passou a Anquidiva, que é uma ilha distante duas leguas d'aquelle continente, onde fez provisão de agua, e de mantimento.

Partiu de Anquidiva em 5 de outubro em direitura a Melinde, em cuja viagem gastou quatro mezes; pois em 2 de fevereiro avistou a primeira terra, que foi a de Magadaxo, na costa de Ethiopia, cento e treze leguas abaixo de Melinde: onde tendo o Gama noticia que a tal terra era possuida de mouros, mandou disparar a artilheria contra os muros, os quaes em boa parte ficaram demolidos. Chegou a Melinde em 7 do mesmo mez; porém n'esse porto não se dilatou mais que cinco dias, em os quaes, porque a nau de Paulo da Gama fazia muita agua, seu irmão a mandou queimar, e dividiu a gente pelas outras duas, passando á sua o dito Paulo da Gama.

Sahindo de Melinde em 18 do mencionado mez, aos 28 se achou diante da ilha de Zanzibar, a qual jaz cinco leguas desapegada da terra firme de Ethiopia. O governador d'essa ilha, bem que mouro, tractou humanamente ao Gama.

D'ahi partiu no 1.º de março; e ainda que tomou terra na ilha de San' Jorge, uma das de Moçambique, passou sem fallar ao xeque, e chegou á aguada de San' Braz, onde se proveu de agua e lenha.

Aos 20 do dito mez dobrou o cabo de Boa Esperança

XXIV NOTICIA ÁCERCA DE VASCÓ DA GAMA

com bom tempo; mas depois sobreveio um temporal, que obrigou a separar-se uma nau da outra. A de Nicolau Coelho chegou a Cascaes em direitura em 10 de julho de 1499; e d'elle soube el-rei as primeiras noticias d'esta viagem: a de Vasco da Gama foi abordar á ilha de Sanct' Iago, em 25 de abril. D'aqui, porque seu irmão Paulo da Gama vinha muito enfermo, e a sua nau fazia demasiada agua, foi-lhe forçoso demandar a ilha Terceira, onde se dilatou alguns dias para assistir a seu irmão, que ahi falleceu. E embarcando em uma caravela, chegou a Lisboa a 30 de agosto do mesmo anno; havendo já dous e outros tantos mezes, que tinha sahido d'aquelle porto com cento quarenta e oito homens, dos quaes chegaram vivos ao reino cincoenta e cinco sómente. El-rei D. Manoel deu a Vasco da Gama o titulo de Dom para elle, e seus descendentes; e depois o fez almirante da India, e conde da Vidigueira de juro. A Nicolau Coelho fez fidalgo da sua casa; e a cada um dos mais fez varias mercês, segundo a qualidade de seu serviço, e pessoa.

OS LUSIADAS

CANTO PRIMEIRO

ARGUMENTO DO CANTO PRIMEIRO

Navegam os portuguezes pelos mares orientaes: fazem os deuses seu concilio: oppõe-se Baccho a esta navegação; favorece Venus e Marte aos navegantes; chegam a Moçambique cujo governador pretende destruil-os. Encontro e primeira acção militar dos nossos contra os gentios: levantam ferro, e passando por Qui-loa, surgem em Mombaça.

OUTRO ARGUMENTO

Fazem concilio os deuses na alta Côrte,
Oppõe-se Baccho á lusitana gente,
Favorece-a Venus, e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente:
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo, e matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fóra.

OS LUSIADAS

CANTO PRIMEIRO

I

As armas, e os Barões assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram inda além da Taprobana:
E em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andaram devastando:
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

III

Cessem do sabio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre, e de Trajano
A fama das victorias que tiveram;
Que eu canto o peito illustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV

E vós, Tágides minhas, pois creado
 Tendes em mi um novo engenho ardente;
 Se sempre em verso humilde celebrado
 Foi de mi vosso rio alegremente;
 Dai-me agora um som alto e sublimado,
 Um estylo grandiloquo e corrente;
 Porque de vossas aguas Phebo ordene
 Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V

Dai-me uma furia grande e sonora,
 E não de agreste avena ou frauta rudá;
 Mas de tuba canóra e bellicosa,
 Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
 Dai-me igual canto aos feitos da famosa
 Gente vossa, que Marte tanto ajuda;
 Que se espalhe e se cante no universo;
 Se tão sublime preço cabe em verso.

VI

E vós, ó bem nascida segurança
 Da lusitana antiga liberdade,
 E não menos certissima esperança
 De augmento da pequena christandade;
 Vós, ó novo temor da maura lança,
 Maravilha fatal da nossa idade,
 Dada ao mundo por Deus, que todo o mande;
 Para do mundo a Deus dar parte grande:

VII

Vós, tenro e novo ramo florecente
 De uma arvore de Christo mais amada,
 Que nenhuma nascida no Occidente,
 Cesárea ou christianissima chamada:
 Vêde-o no vosso escudo, que presente
 Vos amostra a victoria já passada,
 Na qual vos deu por armas, e deixou
 As que Elle para si na Cruz tomou.

VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto impèrio
O sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo e vituperio
Do torpe ismaelita cavalleiro,
Do turco oriental, e do gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio:

IX

Inclinaí por um pouco a magestade,
Que n'esse tenro gesto vos contemplo;
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo.
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto e quasi eterno:
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
D'aquelles de quem sois senhor superno:
E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

XI

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rhodamonte, e o vão Rugeiro,
É Orlando, inda que fôra verdadeiro.

XII

Por estes vos darei um Nuno fero,
 Que fez ao rei e ao reino tal serviço;
 Um Egas, e um D. Fuas, que de Homero
 A cithara para elles só cobiço.
 Pois pelos doze Pares dar-vos quero
 Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:
 Dou-vos tambem aquelle illustre Gamã,
 Que para si de Eneas toma a fama.

XIII

Pois se a troco de Carlos rei de França,
 Ou de Cesar quereis igual memoria,
 Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha gloria:
 E aquelle, que a seu reino a segurança
 Deixou co'a grande e prospera victoria:
 Outro Joanne, invicto cavalleiro,
 O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.

XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos
 Aquelles, que nos reinos lá da Aurora
 Fizeram, só por armas tão subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora:
 Um Pacheco fortissimo, e os temidos
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
 Albuquerque terribil, Castro forte,
 E outros em quem poder não teve a morte.

XV

E emquanto eu estes canto, e a vós não posso,
 Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
 Tomai as redeas vós do Reino vosso.
 Dareis materia a nunca ouvido canto:
 Comecem a sentir o peso grosso
 (Que pelo mundo todo faça espanto)
 De exercitos e feitos singulares,
 De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado;
Só com vos vêr o barbaro gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado;
Que affeçoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII

Em vós se vem da olympica morada
Dos dous avós as almas cá famosas;
Uma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam vêr-se renovada
Sua memoria e obras valerosas:
E lá vos tem logar, no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

XVIII

Mas emquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos argonautas, porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado;
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as vélas concavas inchando;
De branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as prôas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Prótheo são cortadas.

XX

Quando os deuses no Olympo luminoso,
 Onde o governo está da humana gente,
 Se ajuntam em concilio glorioso
 Sobre as cousas futuras do Oriente.
 Pisando o crystallino céu formoso,
 Vem pela via lactea juntamente,
 Convocados da parte de Tonante,
 Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI

Deixam dos sete céos o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado;
 Alto poder, que só co'o pensamento
 Governa o céu, a terra, e o mar irado.
 Alli se acharam juntos n'um momento
 Os que habitam o Arcturo congelado,
 E os que o Austro tem, e as partes onde
 A Aurora nasce, e o claro sol se esconde.

XXII

Estava o Padre alli sublime e dino,
 Que vibra os feros raios de Vulcano,
 N'um assento de estrellas crystallino,
 Com gesto alto, severo e soberano:
 Do rosto respirava um ar divino,
 Que divino tornára um corpo humano;
 Com uma corôa e sceptro rutilante,
 De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII

Em luzentes assentos, marchetados
 De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
 Os outros deuses todos assentados,
 Como a razão e a ordem concertavam:
 Precedem os antigos mais honrados;
 Mais abaixo os menores se assentavam;
 Quando Jupiter alto assi dizendo,
 C'um tom de voz começa, grave e horrendo:

XXIV

« Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento;
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos fados grandes certo intentô,
Que por ella se esqueçam os humanos
De assyrios, persas, gregos e romanôs.

XXV

« Já lhe foi (bem o vistês) concedido,
Com poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao mouro forte e guarneçido
Toda a terra, que rega o Tejo amêno:
Pois contra o castelhano tão temido,
Sempre alcançou favor do céu sereno:
Assi, que sempre emfim, com fama e gloria,
Teve os trophéos pendentés da victoria.

XXVI

« Deixo, deuses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cerva espirito divino.

XXVII

« Agora vêdes bem, que commettendo
O duvidoso mar n'um lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendô,
Onde o dia é comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito e porfia,
A vêr os berços onde nasce o dia.

XXVIII

« Promettido lhe está do Fado eterno,
 (Cuja alta Lei não póde ser quebrada),
 Que tenham longos tempos o governo
 Do mar, que vê do sol a roxa entrada:
 Nas aguas teem passado o duro inverno;
 A gente vem perdida, e trabalhada;
 Já parece bem feito, que lhe seja
 Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX

« E porque (como vistes) teem passados
 Na viagem tão asperos perigos,
 Tantos climas e céos exp'riimentados,
 Tanto furor de ventos inimigos;
 Que sejam, determino, agasalhados
 N'esta costa africana, como amigos;
 E, tendo guarnecida a lassa frota,
 Tornarão a seguir sua longa rota.»

XXX

Estas palavras Jupiter dizia,
 Quando os deuses por ordem respondendo,
 Na sentença um do outro differia,
 Razões diversas dando, e recebendo.
 O padre Baccho alli não consentia
 No que Jupiter disse, conhecendo
 Que esquecerão seus feitos no Oriente,
 Se lá passar a lusitana gente.

XXXI

Ouvido tinha aos Fados, « que viria
 Uma gente fortissima de Hespanha
 Pelo mar alto, a qual sujeitaria
 Da India tudo quanto Doris banha:
 E com novas victorias venceria
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.»
 Altamente lhe dóe perder a gloria,
 De que Nysa celebra inda a memoria.

XXXII

Vê que já teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem agua do Parnaso;
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes portuguezes, que navegam.

XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella,
Afeiçãoada á gente lusitana,
Por quantas qualidades via n'ella
Da antiga tão amada sua romana,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra tingitana:
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção, crê que é a latina.

XXXIV

Estas causas moviam Cytherêa,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara dêa,
Onde a gente belligera se estende:
Assi que, um pela infamia, que arrecêa,
E o outro pelas honras, que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
De silvestre arvoredado abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impeto e braveza desmedida;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deuses no Olympo consagrado.

XXXVI

Mas Marte, que da deusa sustentava
 Entre todos, as partes em porfia,
 Ou porque o amor antigo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia,
 De entre os deuses em pé se levantava:
 Merencorio no gesto parecia;
 O forte escudo ao collo pendurado
 Deitando para traz, medonho e irado:

XXXVII

A viseira do elmo de diamante
 Alevantando um pouco, mui seguro,
 Por dar seu parecer, se pôz diante
 De Jupiter, armado, forte e duro:
 E dando uma pancada penetrante,
 Co'o conto do bastão no solio puro,
 O céu tremeu, e Apollo, de torvado,
 Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

XXXVIII

E disse assi: «Ó Padre, a cujo imperio
 Tudo aquillo obedece, que creaste;
 Se esta gente, que busca outro hemispherio,
 Cuja valia, e obras tanto amaste,
 Não queres que padeçam vituperio,
 Como ha já tanto tempo que ordenaste,
 Não ouças mais, pois és juiz direito,
 Razões de quem parece que é suspeito.

XXXIX

«Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu tão privado;
 Mas esta tenção sua agora passe,
 Porque emfim vem de estomago damnado;
 Que nunca tirará alheia inveja
 Ó bem, que outrem merece, e o céu deseja.

XL

«E tu, Padre de grande fortaleza,
 Da determinação, que tens tomada,
 Não tornes para traz, pois é fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercurio, pois excede em ligeireza
 Ao vento leve, e á setta bem talhada,
 Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
 Da India, e onde a gente se reforme.»

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentiu
 No que disse Mavorte valeroso;
 E nectar sobre todos esparziu.
 Pelo caminho lácteo glorioso
 Logo cada um dos deuses se partiu,
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Para os determinados aposentos.

XLII

Emquanto isto se passa na formosa
 Casa etherea do Olympo omnipotente,
 Cortava o mar a gente bellicosa,
 Já lá da banda do Austro e do Oriente,
 Entre a costa ethiopica e a famosa
 Ilha de São Lourenço; e o sol ardente
 Queimava então os deuses, que Typheo,
 Co' o temor grande, em peixes converteu.

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam,
 Como quem o céu tinha por amigo:
 Sereno o ar e os tempos se mostravam
 Sem nuvens, sem receio de perigo:
 O promontorio Prasso já passavam,
 Na costa de Ethiopia, nome antigo;
 Quando o mar descobrindo lhe mostrava
 Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão,
 Que a tamanhas empresas se offerece,
 De soberbo e de altivo coração,
 A quem fortuna sempre favorece,
 Para se aqui deter não vê razão,
 Que inhabitada a terra lhe parece:
 Por diante passar determinava;
 Mas não lhe succedeu como cuidava.

XLV

Eis apparecem logo em companhia
 Uns pequenos bateis, que vem d'aquella,
 Que mais chegada á terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga véla:
 A gente se alvoroça, e de alegria,
 Não sabe mais que olhar a causa d'ella.
 Que gente será esta, em si diziam,
 Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI

As embarcações eram, na maneira;
 Mui velozes, estreitas e compridas:
 As vélas, com que vem, eram de esteira
 D'umas folhas de palma, bem tecidas:
 A gente da côr era verdadeira,
 Que Phaeton nas terras accendidas
 Ao mundo deu, de ousado, e não prudente:
 O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos,
 De varias côres, brancos e listrados;
 Uns trazem derredor de si cingidos,
 Outros em modo airoso sobraçados:
 Das cintas para cima vem despidos:
 Por armas tem adagas e terçados,
 Com toucas na cabeça: e navegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII

Co'os pannos e co'os braços acenavam
 Às gentes lusitanas, que esperassem:
 Mas já as prôas ligeiras se inclinavam
 Para que junto ás ilhas amainassem:
 A gente e marinheiros trabalhavam,
 Como se aqui os trabalhos se acabassem:
 Tomam vélas; amaina-se a verga alta;
 Da âncora, o mar ferido, em cima salta.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
 Estranha pelas cordas já subia;
 No gesto ledos vem, e humanamente
 O Capitão sublime os recebia.
 As mesas manda pôr em continente:
 Do licor, que Lyeo prantado havia,
 Enchem vasos de vidro; e do que deitam,
 Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L

Comendo alegremente perguntavam,
 Pela arabica lingua, «d'onde vinham;
 Quem eram; de que terra; que buscavam;
 Ou que partes do mar corrido tinham?»
 Os fortes lusitanos lhe tornavam
 As discretas respostas, que convinham:
 «Os portuguezes somos do Occidente;
 Imos buscando as terras do Oriente.

LI

«Do mar temos corrido e navegado
 Toda a parte do Antartico e Callisto,
 Toda a costa africana rodeado,
 Diversos céos e terras temos visto:
 D'um Rei potente somos, tão amado,
 Tão querido de todos, e bemquisto,
 Que não no largo mar, com leda fronte,
 Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII

«E por mandado seu, buscando andamos
 A terra oriental, que o Indo rega:
 Por elle, o mar remoto navegamos,
 Que só dos feios phocas se navega.
 Mas já razão parece que saibamos,
 Se entre vós a verdade não se nega.
 Quem sois; que terra é esta que habitaes;
 Ou se tendes da India alguns signaes?»

LIII

«Somos, um dos das ilhas lhe tornou,
 Estrangeiros na terra, lei e nação;
 Que os proprios são aquelles, que creou
 A natura sem lei e sem razão.
 Nós temos a lei certa, que ensinou
 O claro descendente de Abrahão,
 Que agora tem do mundo o senhorio;
 A mãe Hebreia teve, e o pae Gentio.

LIV

«Esta ilha pequena, que habitamos,
 É em toda esta terra certa escala
 De todos os que as ondas navegamos
 De Quiloa, de Mombaça e de Sofala:
 E, por ser necessaria, procuramos,
 Como proprios da terra, de habital-a:
 E, porque tudo, enfim, vos notifique,
 Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV

«E já que de tão longe navegaes,
 Buscando o Indo Hydaspe e terra ardente,
 Piloto aqui tereis, por quem sejaes
 Guiados pelas ondas sabiamente:
 Tambem será bem feito que tenhaes
 Da terra algum fresco, e que o Regente,
 Que esta terra governa, que vos veja,
 E do mais necessario vos proveja.»

LVI

Isto dizendo, o mouro se tornou
 A seus bateis com toda a companhia:
 Do capitão e gente se apartou
 Com mostras de devida cortezia.
 N'isto Phebo nas aguas encerrou,
 Co'o carro de crystal, o claro dia,
 Dando cargo á irmã, que alumiasse
 O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII

A noite se passou na lassa frota
 Com estranha alegria, e não cuidada,
 Por acharem da terra tão remota
 Nova de tanto tempo desejada.
 Qualquer então comsigo cuida e nota
 Na gente e na maneira desusada;
 E como os que na errada seita crêram,
 Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII

Da Lua os claros raios rutilavam
 Pelas argenteas ondas Neptuninas:
 As estrellas os céos acompanhavam,
 Qual campo revestido de boninas:
 Os furiosos ventos repousavam
 Pelas covas escuras peregrinas;
 Porém da armada a gente vigiava,
 Como por longo tempo costumava.

LIX

Mas assi como a Aurora marchetada
 Os formosos cabellos espalhou
 No céu sereno, abrindo a roxa entrada
 Ao claro Hyperionio, que acordou,
 Começa a embandeirar-se toda a armada,
 E de toldos alegres se adornou,
 Por receber com festas e alegria
 O Regedor das ilhas, que partia.

LX

Partia alegremente navegando,
 A vêr as naus ligeiras lusitanas,
 Com refresco da terra, em si cuidando
 Que são aquellas gentes inhumanas,
 Que os aposentos caspios habitando,
 A conquistar as terras asianas
 Vieram; e por ordem do destino,
 O imperio tomaram a Constantino.

LXI

Recebe o Capitão alegremente
 O mouro, e toda a sua companhia;
 Dá-lhe de ricas peças um presente,
 Que só para este effeito já trazia;
 Dá-lhe conserva dôce e dá-lhe o ardente
 Não usado licôr, que dá alegria:
 Tudo o mouro contente bem recebe;
 E muito mais contente come e bebe.

LXII

Está a gente maritima de Luso
 Subida pela enxarcia, de admirada,
 Notando o estrangeiro modo e uso,
 E a linguagem tão barbara e enleada.
 Tambem o mouro astuto está confuso,
 Olhando a côr, o trajo, e a forte armada;
 E perguntando tudo, lhe dizia,
 «Se por ventura vinham da Turquia?»

LXIII

E mais lhe diz tambem, «que vêr deseja
 Os livros de sua lei, preceito ou fé,
 Para vêr se conforme á sua seja,
 Ou se são dos de Christo, como crê.»
 E porque tudo note e tudo veja,
 Ao Capitão pedia «que lhe dê
 Mostra das fortes armas, de que usavam,
 Quando co'os inimigos pelejavam.»

LXIV

Responde o valeroso Capitão
 Por um, que a lingua escura bem sabia:
 «Dar-te-hei, senhor illustre, relação
 De mim, da lei, das armas, que trazia.
 Nem sou da terra, nem da geração
 Das gentes enojosas de Turquia:
 Mas sou da forte Europa bellicosa;
 Busco as terras da India tão famosa.

LXV

«A lei tenho d'aquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil, e invisibil:
 Aquelle que creou todo o hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil:
 Que padeceu deshonra e vituperio,
 Soffrendo morte injusta e insoffribil;
 E que do céu á terra, enfim desceu,
 Por subir os mortaes da terra ao céu.

LXVI

«D'este DEUS-HOMEM, alto e infinito,
 Os livros, que tu pedes não trazia;
 Que bem posso escusar trazer escripto
 Em papel, o que na alma andar devia.
 Se as armas queres vêr, como tens dito,
 Cumprido esse desejo te seria:
 Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
 Que nunca as queiras vêr como inimigo.»

LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros amostrar as armaduras:
 Vem arnezes, e peitos reluzentes,
 Malhas finas, e laminas seguras,
 Escudos de pinturas differentes,
 Pelouros, espingardas de aço puras,
 Arcos, e sagittiferas aljavas,
 Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente
 As panellas sulphureas, tão damnosas:
 Porém aos de Vulcano não consente
 Que dêm fogo ás bombardas temerosas:
 Porque o generoso animo e valente,
 Entre gentes tão poucas e medrosas,
 Não mostra quanto pôde: e com razão,
 Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX

Porém d'isto que o mouro aqui notou,
 E de tudo o que viu com ôlho attento,
 Um odio certo na alma lhe ficou,
 Uma vontade má de pensamento:
 Nas mostras e no gesto o não mostrou;
 Mas com risonho e ledo fingimento
 Tratal-os brandamente determina,
 Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
 Por quem podesse á India ser levado;
 Diz-lhe, que o largo premio levarão
 Do trabalho, que n'isso fôr tomado.
 Promette-lh'os o mouro, com tenção
 De peito venenoso, e tão damnado,
 Que a morte, se podesse, n'este dia,
 Em logar de pilotos lhe daria.

LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
 Que aos estrangeiros subito tomou,
 Sabendo ser sequazes da verdade,
 Que o filho de David nos ensinou.
 Oh segredos d'aquella eternidade,
 A quem juizo algum nunca alcançou!
 Que nunca falte um perfido inimigo
 A'quelles de quem foste tanto amigo!

LXXII

Partiu-se n'isto em fim c'o a companhia,
 Das náos o falso mouro despedido,
 Com enganosa e grande cortezia,
 Com gesto ledo a todos, e fingido.
 Cortaram os bateis a curta via
 Das aguas de Neptuno; e recebido
 Na terra do obsequente ajuntamento,
 Se foi o mouro ao cognito aposento.

LXXIII

Do claro assento ethereo o grão Thebano,
 Que da paternal coxa foi nascido,
 Olhando o ajuntamento lusitano
 Ao mouro ser molesto, e aborrecido,
 No pensamento cuida um falso engano,
 Com que seja de todo destruido:
 E em quanto isto só na alma imaginava,
 Comsigo estas palavras praticava:

LXXIV

«Está do fado já determinado,
 Que tamanhas victorias, tão famosas,
 Hajam os portuguezes alcançado
 Das indianas gentes bellicosas:
 E eu só, filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas,
 Hei de soffrer, que o fado favoreça
 Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV

«Já quizeram os deuzes que tivesse
 O filho de Philippo n'esta parte
 Tanto poder, que tudo submettesse
 Debaixo de seu jugo o fero Marte.
 Mas ha de soffrer que o fado desse
 A tão poucos tamanho esforço e arte,
 Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano,
 Demos logar ao nome lusitano?

LXXVI

«Não será assi; porque antes que chegado
 Seja este capitão, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente.
 Eu descerei á terra, e o indignado
 Peito revolverei da maura gente;
 Porque sempre por via irá direita
 Quem do opportuno tempo se aproveita.»

LXXVII

Isto dizendo, irado e quasi insano,
 Sobre a terra africana descendeu,
 Onde vestindo a forma e gesto humano,
 Para o Prasso sabido se moveu:
 E por melhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se converteu
 D'um mouro, em Moçambique conhecido,
 Velho, sabio, e co'o Xequê mui valido.

LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe a tempo e horas,
 Á sua falsidade accommodadas,
 Lhe diz, como eram gentes roubadoras,
 Estas, que ora de novo são chegadas:
 Que das nações na costa moradoras,
 Correndo a fama veio, que roubadas
 Foram por estes homens, que passavam,
 Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX

«E sabe mais, lhe diz, como entendido
 Tenho d'estes christãos sanguinolentos,
 Que quasi todo o mar tem destruido
 Com roubos, com incendios violentos:
 E trazem já de longe engano urdido
 Contra nós; e que todos seus intentos
 São para nos matarem, e roubarem,
 E mulheres e filhos captivarem.

LXXX

«E tambem sei que tem determinado
 De vir por agua á terra, muito cedo,
 O capitão dos seus acompanhado;
 Que da tenção damnada nasce o medo.
 Tu debes ir tambem co'os teus armado,
 Esperal-o em cilada, occulto e quedo;
 Porque sahindo a gente descuidada,
 Cabirão facilmente na cilada.

LXXXI

«E se ainda não ficarem d'este feito
 Destruídos, ou mortos totalmente,
 Eu tenho imaginado no conceito
 Outra manha e ardil, que te contente:
 Manda-lhe dar piloto, que de geito
 Seja astuto no engano, e tão prudente,
 Que os leve aonde sejam destruidos,
 Desbaratados, mortos, ou perdidos.»

LXXII

Tanto que estas palavras acabou,
 O mouro, nos taes casos sabio e velho,
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho:
 E logo n'esse instante concertou
 Para a guerra o belligero aparelho,
 Para que ao portuguez se lhe tornasse
 Em roxo sangue a agua, que buscasse.

LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano,
 Mouro, que por piloto á não lhe mande,
 Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
 De quem fiar-se possa um feito grande.
 Diz-lhe, que acompanhando o lusitano,
 Por taes costas, e mares com elle ande,
 Que, se d'aquí escapar, que lá diante
 Vá cair d'onde nunca se alevante.

LXXXIV

Já o raio apollineo visitava
 Os montes Nabatheos, accendido,
 Quando o Gama, co'os seus, determinava
 De vir por agua á terra apercebido:
 A gente nos bateis se concertava,
 Como se fosse o engano já sabido;
 Mas pôde suspeitar-se facilmente,
 Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha á terra,
 De antes, pelo piloto necessario:
 E foi-lhe respondido em som de guerra,
 Caso, do que cuidava, mui contrario;
 Por isto, e porque sabe quanto erra
 Quem se crê de seu perfido adversario,
 Apercebido vai, como podia,
 Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI

Mas os mouros, que andavam pela praia,
 Por lhe defender a agua desejada,
 Um de escudo abraçado e de azagaia,
 Outro de arco encurvado e setta ervada,
 Esperam que a guerreira gente saia;
 Outros muitos já postos em cilada;
 E, porque o caso leve se lhe faça,
 Põem uns poucos diante por negaça.

LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenosa,
 Os bellicosos mouros acenando
 Com a adarga, e co'a hastea perigosa
 Os fortes portuguezes incitando.
 Não soffre muito a gente generosa
 Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
 Qualquer em terra salta tão ligeiro,
 Que nenhum dizer pôde que é primeiro.

LXXXVIII

Qual no corro sanguineo o ledo amante,
 Vendo a formosa dama desejada,
 O touro busca, e pondo-se diante,
 Salta, corre, sybila, acena, e brada:
 Mas o animal atroce n'esse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro corre, e os olhos cerra,
 Derriba, fere, mata, e põe por terra.

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta
 Na furiosa e dura artilberia;
 A plumbea pella mata, o brado espanta,
 Ferido o ar retumba e assovia:
 O coração dos mouros se quebranta:
 O temor grande o sangue lhe resfria:
 Já foge o escondido de medroso,
 E morre o descoberto aventureoso.

XC

Não se contenta a gente portugueza,
 Mas seguindo a victoria estrue e mata;
 A povoação sem muro e sem defeza,
 Esbombardea, accende, e desbarata.
 Da cavalgada ao mouro já lhe peza,
 Que bem cuidou compral-a mais barata:
 Já blasphema da guerra, e maldizia
 O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

XCI

Fugindo, a setta o mouro vai tirando
 Sem força, de covarde, e de apressado,
 A pedra, o páo, e o canto arremessando;
 Dá-lhe armas o furor desatinado:
 Já a ilha, e todo o mais desamparado,
 Á terra firme foge amedrontado:
 Passa, e corta do mar o estreito braço,
 Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII

Uns vão nas almadias carregadas;
 Um corta o mar a nado diligente;
 Quem se affoga nas ondas encurvadas;
 Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
 Arrombam as miudas bombardadas
 Os pangaio subtis da bruta gente:
 D'esta arte o portuguez em fim castiga
 A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII

Tornam victoriosos para a armada
 Co' o despojo da guerra, e rica presa;
 E vão, a seu prazer, fazer aguada,
 Sem achar resistencia, nem defesa.
 Ficava a maura gente magoada,
 No odio antigo, mais que nunca, accesa:
 E, vendo sem vingança tanto damno,
 Sómente estriba no segundo engano.

XCIV

Pazes commetter manda arrependido
 O Regedor d'aquella iniqua terra,
 Sem ser dos lusitanos entendido,
 Que em figura de paz, lhe manda guerra;
 Porque o piloto falso promettido,
 Que toda a má tenção no peito encerra,
 Para os guiar á morte, lhe mandava,
 Como em signal das pazes, que tractava.

XCV

O Capitão, que já lhe então convinha
 Tornar a seu caminho acostumado;
 Que tempo concertado, e ventos tinha,
 Para ir buscar o Indo desejado;
 Recebendo o piloto, que lhe vinha,
 Foi d'elle alegremente agasalhado;
 E, respondendo ao mensageiro, attento,
 As velas manda dar ao largo vento.

XCVI

D'est'arte despedida a forte armada,
 As ondas de Amphitrite dividia,
 Das filhas de Nereu acompanhada,
 Fiel, alegre e doce companhia:
 O Capitão, que não cahia em nada
 Do enganoso ardil, que o mouro urdia,
 D'elle mui largamente se informava
 Da India toda, e costas que passava.

XCVII

Mas o mouro instruido nos enganos,
 Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
 De morte, ou captiveiro novos damnos,
 Antes que á India chegue, lhe prepara:
 Dando razão dos portos indianos,
 Tambem tudo o que pede lhe declara:
 Que, havendo por verdade o que dizia,
 De nada a forte gente se temia.

XCVIII

E diz-lhe mais (co'o falso pensamento
 Com que Sinon os phrygios enganou):
 « Que perto está uma ilha, cujo assento
 Povo antigo christão sempre habitou.»
 O Capitão, que a tudo estava attento,
 Tanto com estas novas se alegrou,
 Que com dadas grandes lhe rogava,
 « Que o leve á terra, onde esta gente estava.»

XCIX

O mesmo o falso mouro determina,
 Que o seguro christão lhe manda, e pede;
 Que a ilha é possuida da malina
 Gente, que segue o torpe Mafamede:
 Aqui o engano, e morte lhe imagina,
 Porque em poder e forças muito excede
 A Moçambique esta ilha, que se chama
 Quiloa, mui conhecida pela fama.

C

Para lá se inclinava a leda frota:
 Mas a deusa em Cythéra celebrada,
 Vendo como deixava a certa rota,
 Por ir buscar a morte não cuidada;
 Não consente que em terra tão remota
 Se perca a gente d'ella tanto amada;
 E, com ventos contrarios, a desvia
 D'onde o piloto falso a leva, e guia.

CI

Mas o malvado mouro não podendo
 Tal determinação levar ávante;
 Outra maldade iniqua commettendo,
 Ainda em seu proposito constante,
 Lhe diz, « que pois as aguas discorrendo,
 Os levaram por força por diante,
 Que outra ilha tem perto, cuja gente
 Eram christãos com mouros juntamente.»

CII

Tambem n'estas palavras lhe mentia,
 Como por regimento emfim levava;
 Que aqui gente de Christo não havia,
 Mas a que a Mafamede celebrava.
 O Capitão, que em tudo o mouro cria,
 Virando as velas, a ilha demandava:
 Mas, não querendo a deusa guardadora,
 Não entra pela barra, e surge fora.

CIII

Estava a ilha á terra tão chegada,
 Que um estreito pequeno a dividia;
 Uma cidade n'ella situada,
 Que na frente do mar apparecia;
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fóra ao longe descobria;
 Regida por um rei de antiga idade:
 Mombaça é o nome da ilha, e da cidade.

CIV

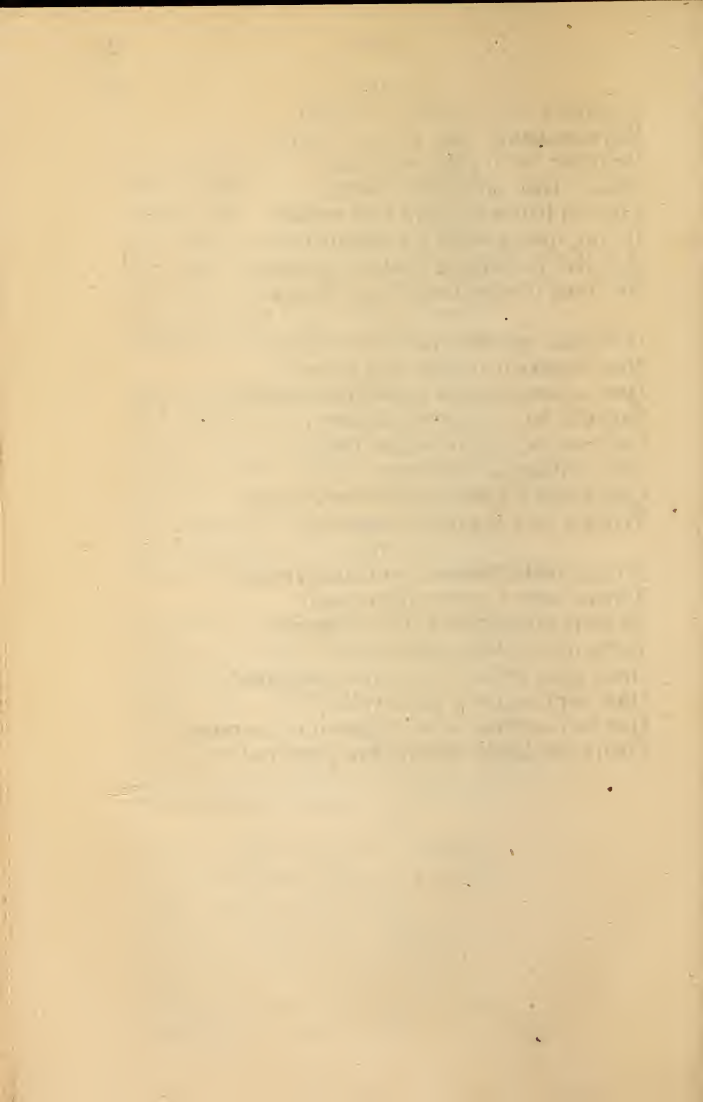
É sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledó, porque espera
De poder vêr o povo baptisado,
Como o falso piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do rei, que já sabia a gente que era:
Que Baccho muito de antes o avisára,
Na fórma d'outro mouro que tomára.

CV

O recado, que trazem, é de amigos;
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes, e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI

No mar tanta tormenta, e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pôde acolher-se um fraco humano?
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o céo sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?



OS LUSIADAS

CANTO SEGUNDO

ARGUMENTO DO CANTO SEGUNDO

Instigado do demonio pretende El-Rei de Mombaça destruir os navegantes: dispõe-lhes traições debaixo de fingida amizade: apparece Venus a Jupiter, e intercede pelos portuguezes: e elle lhe promette favorecel-os, e lhe refere, como em prophesia, algumas façanhas dos mesmos no Oriente: em sonhos apparece Mercurio ao Gama, e lhe adverte, que evite o perigo de Mombaça: leva ancoras, chega a Melinde, cujo rei o recebe, e hospéda benignamente.

OUTRO ARGUMENTO

Dar El-Rei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama illustre, com mortal engano:
Desce Venus ao mar, a frota ampara,
E a fallar sobe ao Padre soberano;
Jove os casos futuros lhe declara;
Apparece Mercurio ao Luzitano;
Chega a frota a Melinde; e o rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.

OS LUSIADAS

CANTO SEGUNDO

I

Já n'este tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrando:
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo;
Quando as infidas gentes se chegaram
A's naus, que pouco havia que ancoraram.

II

D'entre elles um, que traz encommendado
O mortifero engano, assim dizia:
« Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via,
O rei, que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Vêr-te, e do necessario reformar-te.

III

« E, porque está em extremo desejoso
De te vêr (como cousa nomeada)
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu, com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz que na terra podes reformal-a,
Que a natureza obriga a desejal-a.

IV

« E se buscando vai mercadoria
 Que produz o aurifero levante,
 Canella, cravo, ardente especiaria,
 Ou droga salutifera e prestante;
 Ou se queres luzente pedraria,
 O rubi fino, o rígido diamante,
 D'aqui levarás tudo tão sobejo,
 Com que faças o fim a teu desejo.»

V

Ao mensageiro o capitão responde,
 (As palavras do rei agradecendo)
 E diz, «que porque o sol no mar se esconde,
 Não entra para dentro, obedecendo:
 Porém que, como a luz mostrar por onde
 Vá sem perigo a frota, não temendo,
 Cumprirá sem receio seu mandado:
 Que a mais por tal senhor 'stá obrigado.»

VI

Pergunta-lhe depois, «se estão na terra
 Christãos?» (como o piloto lhe dizia):
 O mensageiro astuto, que não erra,
 Lhe diz, «que a mais da gente em Christo cria.»
 D'esta sorte do peito lhe desterra
 Toda a suspeita, e cauta phantasia:
 Por onde o Capitão seguramente
 Se fia da infiel, e falsa gente.

VII

E de alguns, que trazia condemnados
 Por culpas, e por feitos vergonhosos,
 Porque pudessem ser aventureados
 Em casos d'esta sorte duvidosos,
 Manda dous mais sagazes, ensaiados,
 Porque notem dos mouros enganosos
 A cidade, e poder; e porque vejam
 Os christãos, que só tanto vêr desejam.

VIII

E por estes ao rei presentes manda,
Porque a boa vontade, que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda;
A qual, bem ao contrario, em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda,
Das naus se despedia, e o mar cortava:
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E, depois que ao rei apresentaram,
Co'o recado, os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos d'aquillo que queriam;
Que os mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam:
Que, onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mães: que urdia a falsidade,
Por vêr o navegante destruido:
Estava n'uma casa da cidade,
Com rosto humano e habito fingido,
Mostrando-se christão e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.

XI

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica Phenix Virgem pura;
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahiram
De fogo, varias linguas referiram.

XII

Aqui os dous companheiros conduzidos,
 Onde com este engano Baccho estava,
 Põem em terra os joelhos, e os sentidos
 N'aquelle Deus, que o mundo governava.
 Os cheiros excellentes, produzidos
 Na Panchaia odorifera, queimava
 O Thyonêo; e assi por derradeiro
 O falso deus adora o verdadeiro.

XIII

Aqui foram de noite agasalhados,
 Com todo o bom e honesto tractamento
 Os dous christãos, não vendo que enganados
 Os tinha o falso e sancto fingimento.
 Mas assi como os raios espalhados
 Do sol foram no mundo, e n'um momento
 Apareceu no rubido horisonte
 Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV

Tornam da terra os mouros co'o recado
 Do rei, para que entrassem, e comsigo
 Os dous, que o Capitão tinha mandado,
 A quem se o rei mostrou sincero amigo:
 E sendo o portuguez certificado
 De não haver receio de perigo,
 E que gente de Christo em terra havia,
 Dentro no salso rio entrar queria.

XV

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
 Sacras aras e sacerdote sancto;
 Que alli se agasalharam e dormiram,
 Em quanto a luz cobriu o escuro manto;
 E que no rei e gentes não sentiram
 Senão contentamento e gosto tanto,
 Que não podia certo haver suspeita
 N'uma mostra tão clara e tão perfeita.

XVI

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os mouros, que subiam:
Que levemente um animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A nau da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos, que traziam:
Alegres vinham todos, porque crêem
Que a presa desejada certa têm.

XVII

Na terra cautamente aparelhavam
Armas, e munições; que como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
N'elles ousadamente se subissem:
E com esta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem d'este geito,
O mal, que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada;
Da prôa as vélas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assignalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Vôa do céu ao mar como uma setta.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

XX

Já na agua erguendo vão com grande pressa
 Com as argenteas caudas branca escuma;
 Doto co' o peito corta e atravessa
 Com mais furor o mar do que costuma.
 Salta Nise, Nerine se arremessa
 Por cima da agua crespa, em força summa:
 Abrem caminho as ondas encurvadas
 De temor das nereidas apressadas.

XXI

Nos hombros de um tritão, com gesto acceso,
 Vai a linda Dione furiosa;
 Não sente quem a leva o doce pêso,
 De soberbo, com carga tão formosa:
 Já chegam perto donde o vento teso
 Enche as velas da frota bellicosa;
 Repartem-se e rodeam n'esse instante
 As naus ligeiras que iam por diante.

XXII

Põe-se a deusa com outras em direito
 Da prôa capitaina e alli fechando
 O caminho da barra, estão de geito,
 Que em vão assopra o vento a vela inchando:
 Põe no madeiro duro o brando peito,
 Para detraz a forte nau forçando;
 Outras em derredor levando-a estavam,
 E da barra inimiga a desviavam.

XXIII

Quaes para a cova as próvidas formigas,
 Levando o pêso grande accommodado,
 As forças exercitam, de inimigas
 Do inimigo inverno congelado;
 Alli são seus trabalhos e fadigas,
 Alli mostram vigor nunca esperado:
 Taes andavam as nymphas estorvando
 Á gente portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a nau forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas: ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mette medo.

XXV

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha:
O grande estrondo a maura gente espanta,
Como se vissem horrída batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem n'esta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI

Eil-os subitamente se lançavam
A seus bateis veloces que traziam:
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua a nado se acolhiam:
De um bordo e d'outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII

Assi como em selvatica alagoa
As rãs (no tempo antigo lycia gente)
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente;
D'aqui e d'alli saltando, o charco sôa,
Por fugir do perigo, que se sente;
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças n'agua lhe apparecem:

XXVIII

Assi fogem os mouros; e o piloto,
 Que ao perigo grande as naus guiára,
 Credo que seu engano estãva noto,
 Tambem foge, saltando n'agua amara.
 Mas por não darem no penedo immoto,
 Onde percam a vida doce e cara,
 A ancora solta logo a capitaina;
 Qualquer das outras junto d'ella amaina.

XXIX

Vendo o Gama, attentado, a estranheza
 Dos mouros, não cuidada, e juntamente
 O piloto fugir-lhe com presteza,
 Entende o que ordenava a bruta gente:
 E vendo sem contraste e sem braveza
 Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
 Que a nau passar avante não podia,
 Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX

« Oh caso grande, estranho e não cuidado!
 Oh milagre clarissimo e evidente!
 Oh descoberto engano inopinado!
 Oh perfida inimiga e falsa gente!
 Quem poderá do mal aparelhado
 Livrar-se, sem perigo, sabiamente,
 Se lá de cima a Guarda soberana
 Não acudir á fraca força humana?

XXXI

« Bem nos mostra a divina Providencia
 D'estes portos a pouca segurança;
 Bem claro temos visto na apparencia,
 Que era enganada a nossa confiança;
 Mas pois saber humano, nem prudencia,
 Enganos tão fingidos não alcança;
 Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
 De quem, sem ti, não póde ser guardado!

XXXII

E se te move tanto a piedade
D'esta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade,
Da gente a salvos perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina:
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.»

XXXIII

Ouviu-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram d'esta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto céo,
Para onde estava o Padre se moveu.

XXXIV

E como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas e o céo e o ar visinho,
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava de fogo a esphera fria.

XXXV

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,
Se lh'apresenta assi como ao Troiano,
Na selva idea, já se apresentara.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI

Os crespos fios d'ouro se esparziam
 Pelo collo, que a neve escurecia:
 Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
 Com quem amor brincava, e não se via:
 Da alva petrina flammæ lhe sahiam
 Onde o Menino as almas accendia;
 Pelas lisas columnas lhe trepavam
 Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII

C'um delgado sendal as parte cobre,
 De quem vergonha é natural reparo;
 Porém nem tudo esconde, nem descobre,
 O véo, dos roxos lirios pouco avaro:
 Mas para que o desejo accenda, e dobre,
 Lhe põe diante aquelle objecto raro.
 Já se sentem no céo, por toda a parte,
 Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII

E mostrando no angelico semblante,
 Co'o riso uma tristeza misturada:
 Como dama que foi do incauto amante
 Em brincos amorosos mal tratada,
 Que se aqueixa, e se ri, n'um mesmo instante
 É se torna entre alegre magoada:
 D'esta arte a deusa, aquem nenhuma iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre falla:

XXXIX

«Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
 Que para as cousas, que eu do peito amasse,
 Te achasse brando, affabil e amoroso,
 Posto que a algum contrario lhe pezasse:
 Mas pois que contra mi te vejo iroso,
 Sem que to merecesse, nem te errasse,
 Faça-se como Baccho determina;
 Assentarei enfim que fui mofina.

XL

«Este povo que é meu, por quem derramo
 As lagrimas que em vão cahidas vejo,
 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra meu desejo:
 Por elle a ti rogando choro e bramo,
 E contra minha dita emfim pelejo.
 Ora pois, porque o amo é mal tratado,
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI

«Mas mouro emfim nas mãos das brutas gentes,
 Que pois eu fui...» E n'isto de mimosa,
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
 Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
 Calada um pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa,
 Torna a seguil-a: e indo por diante,
 Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante:

XLII

E d'estas brandas mostras commovido,
 Que moveram de um tigre o peito duro;
 Co'o vulto alegre, qual do céu subido
 Torna sereno e claro o ar escuro,
 As lagrimas lhe alimpa, e accendido
 Na face a beija, e abraça o collo puro;
 De modo que d'alli, se só se achára,
 Outro novo Cupido se gerára.

XLIII

E co'o seu apertando o rosto amado,
 Que os saluços e lagrimas augmenta;
 Como menino da ama castigado,
 Que quem no affaga, o choro lhe acrescenta;
 Por lhe pôr em socego o peito irado,
 Muitos casos futuros lhe apresenta:
 Dos fados as entranhas revolvendo,
 D'esta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV

«Formosa filha minha, não temaes
 Perigo algum nos vossos lusitanos;
 Nem que ninguem comigo possa mais,
 Que esses chorosos olhos soberanos:
 Que eu vos prometto, filha, que vejaes
 Esquecerem-se gregos, e romanos,
 Pelos illustres feitos que esta gente
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV

«Que se o facundo Ulysses escapou
 De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
 E se Antenor os seios penetrou
 Illyricos, e a fonte de Timavo,
 E se o piedoso Eneas navegou
 De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
 Os vossos móres cousas attentando,
 Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI

«Fortalezas, cidades, e altos muros,
 Por elles vereis, filha, edificados;
 Os turcos bellacissimos, e duros,
 D'elles sempre vereis desbaratados;
 Os reis da India livres, e seguros,
 Vereis ao Rei potente subjugados:
 E por elles, de tudo em fim senhores,
 Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII

«Vereis este que agora pressuroso
 Por tantos medos o Indo vai buscando,
 Tremar d'elle Neptuno de medroso,
 Sem vento suas aguas escrespando.
 Oh caso nunca visto, e milagroso,
 Que trema e ferva o mar, em calma estando!
 Oh gente forte, e de altos pensamentos,
 Que tambem d'ella hão medo os elementos!

XLVIII

« Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via,
As naus que navegarem do Occidente.
Toda esta costa emfim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao luso horrendo.

XLIX

E vereis o mar Roxo tão famoso,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso,
Duas vezes tomado, e subjugado:
Alli vereis o mouro furioso,
De suas mesmas settas traspassado:
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

L

« Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Alli se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito lusitano fero, e horrendo:
Do mouro alli verão que a voz extrema
Do falso Mafamede ao céu blasphema.

LI

« Goa vereis aos mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, e exalçada,
Ao gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII

« Vereis a fortaleza sustentar-se
 De Cananor, com pouca força e gente;
 E vereis Calecut desbaratar-se,
 Cidade populosa, e tão potente:
 E vereis em Cochim assignalar-se
 Tanto um peito soberbo, e insolente,
 Que cithara jámais cantou victoria,
 Que assim mereça eterno nome e gloria.

LIII

« Nunca com Marte instructo, e furioso,
 Se viu ferver Leucate, quando Augusto
 Nas civis actias guerras animoso,
 O capitão venceu romano injusto,
 Que dos povos da Aurora, e do famoso
 Nilo, e do Bactra scythico, e robusto,
 A victoria trazia, e presa rica,
 Preso da Egypcia linda, e não pudica:

LIV

« Como vereis o mar fervendo acceso,
 Co'os incendios dos vossos pelejando,
 Levando o idolatra, e o mouro preso,
 De nações diferentes triumphando:
 E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
 Até o longinquo China navegando,
 E as ilhas mais remotas do Oriente,
 Ser-lhe-ha todo o oceano obediente.

LV

« De modo, filha minha, que de geito
 Amostrarão esforço mais que humano,
 Que nunca se verá tão forte peito,
 Do gangetico mar ao gaditano:
 Nem das boreaes ondas ao Estreito,
 Que mostrará o aggravado lusitano;
 Posto que em todo o mundo, de affrontados,
 Resuscitassem todos os passados.»

LVI

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Um pacifico porto e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII

Já pelo ar o Cylleneu voava;
Com as azas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas revocava
Dos infernos, e o vento lhe obedece:
Na cabeça o galero costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do lusitano o preço grande, e raro;
Que o nome illustre a um certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e caro.
D'esta arte vai fazendo a gente amiga,
Co'o rumor famosissimo, e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo
De vêr da gente forte o gesto, e modo.

LIX

D'alli para Mombaça logo parte,
Aonde as náos estavam temerosas,
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga, e terras suspeitosas:
Porque mui pouco val esforço e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia e siso
Se lá dos céos não vem celeste aviso.

LX

Meio caminho a noite tinha andado;
 E as estrellas no céo, co'a luz alheia,
 Tinham o largo mundo allumiado;
 E só co'o somno a gente se recreia.
 O Capitão illustre, já cansado
 De vigiar a noite que arreceia,
 Breve repouso então aos olhos dava;
 A outra gente a quartos vigiava.

LXI

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
 Dizendo: «Fuge, fuge, lusitano,
 Da cilada que o rei malvado tece,
 Por te trazer ao fim, e extremo damno;
 Fuge, que o ventô, e o céo te favorece;
 Sereno o tempo tens, e o oceano,
 E outro rei mais amigo, n'outra parte,
 Onde pódes seguro agasalhar-te.

LXII

«Não tens aqui senão aparelhado,
 O hospicio que o cru Diomedes dava,
 Fazendo ser manjar acostumado
 De cavallo a gente que hospedava;
 As aras de Busiris infamado,
 Onde os hospedes tristes immolava,
 Terás certas aqui, se muito esperas;
 Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII

«Vai-te ao longo da costa percorrendo,
 E outra terra acharás de mais verdade,
 Lá quasi junto d'onde o sol ardendo
 Igual a o dia e noite em quantidade:
 Alli tua frota alegre recebendo
 Um rei, com muitas obras de amizade,
 Gasalhado seguro te daria,
 E para a India certa e sabia guia.»

LXIV

Isto Mercurio disse, e o somno leva
 Ao Capitão, que com mui grande espanto
 Acorda, e vê ferida a escura treva
 De uma subita luz, e raio santo.
 E vendo claro quanto lhe releva
 Não se deter na terra iniqua tanto,
 Com novo esp'rito ao mestre seu mandava,
 Que as velas desse ao vento que assoprava.

LXV

«Dai velas, disse, dai ao largo vento,
 Que o céu nos favorece, e Deus o manda;
 Que um mensageiro vi do claro assento
 Que só em favor de nossos passos anda.»
 Alevanta-se n'isto o movimento
 Dos marinheiros, de uma e de outra banda;
 Levam gritando as ancoras acima,
 Mostrando a ruda força que se estima.

LXVI

N'este tempo, que as ancoras levavam,
 Na sombra escura os mouros escondidos
 Mansamente as amarras lhe cortavam,
 Por serem, dando á costa, destruidos:
 Mas com vista de lince vigiavam
 Os portuguezes, sempre apercebidos:
 Elles, como acordados os sentiram,
 Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII

Mas já as agudas prôas apartando
 Iam as vias humidas de argento,
 Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
 Com suave e seguro movimento:
 Nos perigos passados vão fallando;
 Que mal se perderão do pensamento
 Os casos grandes, d'onde em tanto aperto
 A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII

Tinha uma volta dado o sol ardente
 E n'outra começava, quando viram
 Ao longe dous navios, brandamente
 Co'os ventos navegando que respiram:
 Porque haviam de ser da maura gente,
 Para elles arribando, as velas viram:
 Um, de temor do mal que arreceava,
 Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX

Não é o outro que fica tão manhoso;
 Mas nas mãos vai cair do lusitano,
 Sem o rigor de Marte furioso,
 E sem a furia horrenda de Vulcano:
 Que como fosse debil e medroso
 Da pouca gente o fraco peito humano,
 Não teve resistencia; e se a tivera,
 Mais damno resistindo recebera.

LXX

E como o Gama muito desejasse
 Piloto para a India que buscava,
 Cuidou que entre estes mouros o tomasse;
 Mas não lhe succedeu como cuidava:
 Que nenhum d'elles ha que lhe ensinasse
 A que parte dos céos a India estava:
 Porém dizem-lhe todos, que tem perto
 Melinde, onde achará piloto certo.

LXXI

Louvam do rei os mouros a bondade,
 Condição liberal, sincero peito,
 Magnificencia grande, e humanidade,
 Com partes de grandissimo respeito.
 O Capitão o assella por verdade,
 Porque já lh'o dissera, deste geito,
 O Cylleneo em sonhos; e partia
 Para onde o sonho, e o mouro lhe dizia.

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea:
Quando um, e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O pressuroso sol, que o céu rodeia,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito:

LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia:
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A côr purpurea ao longe apparecia;
Soam os atambores e pañdeiros:
E assim entravam ledos e guerreiros.

LXXIV

Enche-se toda a praia Melindana
De gente, que vem vêr a leda armada;
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota lusitana:
Péga no fundo a ancora pezada:
Mandam fóra um dos mouros, que tomaram,
Por quem sua vinda ao rei manifestaram.

LXXV

O rei, que já sabia da nobreza,
Que tanto os portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que sahissesem,
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI

São offercimentos verdadeiros,
 E palavras sinceras, não dobradas,
 As que o rei manda aos nobres cavalleiros,
 Que tanto mar, e terras tem passadas:
 Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
 E gallinhas domesticas cevadas,
 Com as fructas, que então na terra havia;
 E a vontade á dadiua excedia.

LXXVII

Recebe o Capitão alegremente
 O mensageiro ledo, e seu recado;
 E logo manda ao rei outro presente,
 Que de longe trazia aparelhado;
 Êscarlata purpurea, côr ardente;
 O ramoso coral, fino e presado,
 Que debaixo das aguas molle crece,
 Ê como é fóra d'ellas se endurece.

LXXVIII

Manda mais um, na pratica elegante,
 Que co' o rei nobre as pazes concertasse;
 Ê que de não sahir n'aquelle instante
 De suas náos em terra o desculpasse.
 Partido assim o embaixador prestante,
 Como na terra ao rei se apresentasse,
 Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
 Estas páavras taes fallando orava:

LXXIX

«Sublime rei, a quem do Olympo puro,
 Foi da Summa Justiça concedido
 Refrear o soberbo povo duro,
 Não menos d'elle amado, que temido:
 Como porto mui forte, e mui seguro,
 De todo o Oriente conhecido,
 Te vimos a buscar, para que achemos
 Em ti o remedio certo, que queremos.

LXXX

«Não somos roubadores, que passando
 Pelas fracas cidades descuidadas,
 A ferro, e a fogo as gentes vão matando,
 Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas:
 Mas da soberba Europa navegando,
 Imos buscando as terras apartadas
 Da India grande e rica, por mandado
 De um Rei, que temos, alto e sublimado.

LXXXI

«Que geração tão dura ha hi de gente?
 Que barbaro costume, e usança feia,
 Que não vedem os portos tão sómente,
 Mas inda o hospicio da deserta areia?
 Que má tenção, que peito em nós se sente,
 Que de tão pouca gente se arreceia?
 Que com laços armados tão fingidos,
 Nos ordenassem vêr-nos destruidos?

LXXXII

«Mas tu, em quem mui certo confiamos
 Achar-se mais verdade, ó rei benino,
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,
 Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
 A teu porto seguros navegamos,
 Conduzidos do Interprete divino:
 Que, pois a ti nos manda, está mui claro,
 Que és de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII

«E não cuides, ó rei, que não sahisse
 O nosso Capitão esclarecido
 A vêr-te, ou a servir-te, porque visse,
 Ou suspeitasse em ti peito fingido:
 Mas saberás que o fez, porque cumprisse
 O regimento em tudo obedecido
 De seu rei, que lhe manda que não saia,
 Deixando a frota, em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV

«E porque é de vassallos o exercicio,
 Que os membros tem regidos da cabeça;
 Não quererás, pois tens de rei o officio,
 Que ninguem a seu rei desobedeça:
 Mas as mercês, e o grande beneficio,
 Que ora acha em ti, promette que conheça
 Em tudo aquillo, que elle e os seus puderem,
 Em quanto os rios para o mar correrem.»

LXXXV

Assi dizia; e todos juntamente,
 Uns com outros em pratica fallando,
 Louvavam muito o estomago da gente,
 Que tantos céos e mares vai passando.
 É o rei illustre, o peito obediente
 Dos portuguezes na alma imaginando,
 Tinha por valor grande, e mui subido
 O do Rei, que é tão longe obedecido.

LXXXVI

E com risonha vista, e ledo aspeito,
 Responde ao embaixador, que tanto estima:
 «Toda a suspeita má tirai do peito,
 Nenhum frio temor em vós se imprima:
 Que vosso preço, e obras são de geito
 Para vos ter o mundo em muita estima;
 E quem vos fez molesto tractamento,
 Não póde ter subido pensamento.

LXXXVII

«De não sahir em terra toda a gente,
 Por observar a usada preeminencia,
 Ainda que me peze estranhamente,
 Em muito tenho a muita obediencia,
 Mas, se lh'ò regimento não consente,
 Nem eu consentirei que a excellencia
 De peitos tão leaes em si desfaça,
 Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

« Porém como a luz crastina chegada
 Ao mundo fôr, em minhas almadias
 Eu irei visitar a forte armada,
 Que vêr tanto desejo, ha tantos dias.
 É se vier do mar desbaratada,
 Do furioso vento, e longas vias,
 Aqui terá, de limpos pensamentos,
 Piloto, munições, e mantimentos. »

LXXXIX

Isto disse: e nas aguas se escondia
 O filho de Latona; e o mensageiro
 Co'a embaixada alegre se partia
 Para a frota, no seu batel ligeiro.
 Enchem-se os peitos todos de alegria,
 Por terem o remedio verdadeiro
 Para acharem a terra, que buscavam;
 E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam alli os raios de artificio,
 Os tremulos cometas imitando:
 Fazem os bombardeiros seu officio,
 O céu, a terra, e as ondas atroando.
 Mostra-se dos Cyclopes o exercicio
 Nas bombas, que de fogo estão queimando.
 Outros com vozes, com que o céu feriam,
 Instrumentos altisonos tangiam.

XCI

Respondem-lhe da terra juntamente,
 Co'o raio volteando, com zunido;
 Anda em gyros no ar a roda ardente;
 Estoura o pó sulphureo escondido.
 A grita se alevanta ao céu, da gente;
 O mar se via em fogos accendido;
 E não menos a terra: e assi festeja
 Um ao outro, á maneira de peleja.

XCII

Mas já o céu inquieto revolvendo,
 As gentes incitava a seu trabalho;
 E já a mãe de Memnon a luz trazendo,
 Ao somno longo punha certo atalho:
 Iam-se as sombras lentas desfazendo,
 Sobre as flôres da terra, em frio orvalho,
 Quando o rei melindano se embarcava
 A vêr a frota, que no mar estava.

XCIII

Viam-se em derredor ferver as praias
 Da gente, que a vêr só concorre leda;
 Luzem da fina purpura as cabaias;
 Lustram os pannos da tecida seda:
 Em logar de guerreiras azagaias,
 E do arco, que os cornos arremeda
 Da lua, trazem ramos de palmeira,
 Dos que vencem corôa verdadeira.

XCIV

Um batel grande, e largo, que toldado
 Vinha de sedas de diversas côres,
 Traz o rei de Melinde, acompanhado
 De nobres de seu reino, e de senhores:
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segundo seus costumes, e primores;
 Na cabeça uma fota guarneçada
 De ouro, e de seda, e de algodão tecida.

XCV

Cabaia de damasco rico, e dino,
 Da tyria côr, entre elles estimada;
 Um collar, ao pescoço, de ouro fino,
 Onde a materia, da obra é superada;
 C'um resplendor reluz adamantino
 Na cinta, a rica adaga bem lavrada,
 Nas alparcas dos pés, emfim de tudo,
 Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

XCVI

Com um redondo amparo alto de seda,
 N'uma alta e dourada hastea enxerido,
 Um ministro á solar quentura veda,
 Que não offenda, e queime o rei subido.
 Musica traz na prôa, estranha e leda,
 De aspero som, horrisono ao ouvido;
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que, sem concerto, fazem rudo estrondo.

XCVII

Não menos guarnecido o lusitano
 Nos seus bateis, da frota se partia
 A receber no mar o melindano,
 Com lustrosa e honrada companhia.
 Vestido o Gama vem ao modo hispano,
 Mas franceza era a roupa que vestia,
 De setim da adriatica Veneza
 Carmesi, côr que a gente tanto preza:

XCVIII

De botões d'ouro as mangas vêm tomadas,
 Onde o sol reluzindo a vista cega;
 As calças soldadescas recamadas
 Do metal, que fortuna a tantos nega:
 E com pontas do mesmo delicadas
 Os golpes do gibão ajunta, e achega;
 Ao italico modo a aurea espada;
 Pluma na gorra, um pouco declinada.

XCIX

Nos de sua companhia se mostrava
 Da tinta, que dá o murice excellente,
 A varia côr, que os olhos alegrava,
 E a maneira do traço differente.
 Tal o formoso esmalte se notava
 Dos vestidos, olhados juntamente,
 Qual apparece o arco rutilante
 Da bella nympha, filha de Thaumante.

C

Sonorosas trombetas incitavam
 Os animos alegres, resoando:
 Dos mouros os bateis o mar coalhavam,
 Os toldos pelas aguas arrojando:
 As bombardas horrisonas bramavam,
 Com as nuvens de fumo o sol tomando:
 Amiudam-se os brados accendidos,
 Tapam co'as mãos os mouros os ouvidos.

CI

Já no batel entrou do capitão
 O rei, que nos seus braços o levava;
 Elle co'a cortezia, que a razão
 (Por ser rei) requeria, lhe fallava.
 C'umas mostras de espanto, e admiração
 O mouro o gesto, e o modo lhe notava,
 Como quem em mui grande estima tinha
 Gente, que de tão longe á India vinha.

CII

E com grandes palavras lhe offerece
 Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
 E que, se mantimento lhe fallece,
 Como se proprio fosse, lh'o pedisse:
 Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
 A gente lusitana, sem que a visse:
 Que já ouviu dizer, que n'outra terra
 Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII

E, como por toda Africa se sôa,
 Lhe diz os grandes feitos, que fizeram,
 Quando n'ella ganharam a corôa
 Do reino, onde as Hesperidas viveram:
 E com muitas palavras apregôa
 O menos, que os de Luso mereceram,
 E o mais, que pela fama o rei sabia;
 Mas d'esta sorte o Gama respondia:

CIV

« O' tu, que só tiveste piedade,
 Rei benigno. da gente lusitana,
 Que com tanta miseria, e adversidade,
 Dos mares exp'rimenta a furia insana;
 Aquella alta, e divina Eternidade,
 Que o céu revolve, e rege a gente humana,
 Pois que de ti taes obras recebemos,
 Te pague o que nós outros não podemos.

CV

Tu só, de todos quantos queima Apollo,
 Nos recibes em paz, do mar profundo;
 Em ti dos ventos horridos de Eolo
 Refugio achamos bom, fido, e jucundo.
 Emquanto apascentar o largo polo
 As estrellas, e o sol der lume ao mundo,
 Onde quer que eu viver, com fama e gloria
 Viverão teus louvores em memoria.»

CVI

Isto dizendo, os barcos vão remando
 Para a frota, que o mouro vêr deseja;
 Vão as naus uma e uma rodeando,
 Porque de todas tudo note, e veja:
 Mas para o céu Vulcano fuzilando,
 A frota co'as bombardas o festeja;
 E as trombetas canoras lhe tangiam;
 Co'os anafis os mouros respondiam.

CVII

Mas depois de ser tudo já notado
 Do generoso mouro, que pasmava,
 Ouvindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostrava;
 Mandava estar quieto, e ancorado
 N'agua o batel ligeiro, que os levava,
 Por fallar de vagar co'o forte Gama,
 Nas cousas de que tem noticia, e fama.

CVIII

Em práticas o mouro diferentes
 Se deleitava, perguntando agora
 Pelas guerras famosas e excellentes,
 C'o povo havidas, que a Mafoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hesperia ultima, onde mora;
 Agora pelos povos seus visinhos;
 Agora pelos humidos caminhos.

CIX

« Mas antes, valoroso Capitão,
 Nos conta, lhe dizia, diligente,
 Da terra tua o clima, e região
 Do mundo, onde moraes, distinctamente;
 E assi de vossa antiga geração,
 E o principio do reino tão potente,
 Co'os successos das guerras do começo;
 Que sem sabel-as, sei que são de preço.

CX

« E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te traz o mar irado;
 Vendo os costumes barbaros alheios,
 Que a nossa Africa ruda tem creado,
 Conta: que agora vem co'os aureos freios,
 Os cavallos, que o carro marchetado
 Do novo sol, da fria aurora trazem;
 O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

CXI

« E não menos co'o tempo se parece
 O desejo de ouvir-te o que contares;
 Que quem ha, que por fama não conhece
 As obras portuguezas singulares?
 Não tanto desviado resplandece
 De nós o claro sol, para julgares
 Que os melindanos tem tão rudo peito,
 Que não estimem muito um grande feito.

CXII

« Commetteram soberbos os gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro:
Tentou Pirithoo, e Theseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno, e céo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII

« Queimou o sagrado templo de Diana,
De subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão ha que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de momoria.

The first part of the report is devoted to a general
 description of the country and its resources. It
 is followed by a detailed account of the
 various industries and occupations of the
 people. The report then proceeds to a
 description of the climate and the
 diseases which are prevalent in the
 country. The last part of the report
 contains a list of the names of the
 various places and a description of
 the roads and the means of
 communication.

OS LUSIADAS

CANTO TERCEIRO

ARGUMENTO DO CANTO TERCEIRO



Prática de Vasco da Gama com el-rei de Melinde, em que lhe faz a descripção da Europa: dá-lhe conta dos principios do reino de Portugal, de seus reis (até el-rei D. Fernando), e das suas acções principaes: feito notavel de Egas Moniz: vem a Portugal a rainha de Castella D. Maria, a pedir soccorro para a batalha do Salado: amores, e caso desastrado de D. Ignez de Castro: alguns successos d'el-rei D. Fernando.

OUTRO ARGUMENTO

A populosa Europa se descreve,
De Egas Moniz o feito sublimado;
Lusitania, que reis, que guerras teve;
Christo a Affonso se expõe crucificado:
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado:
Mostra-se o vil descuido de Fernando,
E o grão poder de um gesto suave, e brando.

OS LUSIADAS

CANTO TERCEIRO

I

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao rei o illustre Gama:
Inspira immortal canto, e voz divina
N'este peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II

Põe tu, nymphá, em effeito meu desejo,
Como merece a gente lusitana;
Que veja, e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana.
Deixa as flôres de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III

Promptos estavam todos escutando
O que o sublime Gama contaria;
Quando depois d'um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
«Mandas-me, ó rei, que conte declarando
De minha gente a gran genealogia:
Não me mandas contar estranha historia;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV

« Que outrem possa louvar esforço alheio,
 Cousa é, que se costuma e se deseja;
 Mas louvar os meus proprios, arreceo
 Que louvor tão suspeito mal me esteja;
 É para dizer tudo, temo e creio,
 Que qualquer longo tempo curto seja:
 Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
 Irei contra o que devo, e serei breve.

V

« Além d'isso, o que a tudo emfim me obriga,
 É não poder mentir no que disser;
 Porque de feitos taes, por mais que diga,
 Mais me ha de ficar inda por dizer:
 Mas, porque n'isto a ordem leve, e siga,
 Segundo o que desejas de saber,
 Primeiro tractarei da larga terra,
 Depois direi da sanguinosa guerra.

VI

« Entre a zona, que o cancro senhorea,
 Meta septentrional do sol luzente,
 E aquella, que por fria se arreceia
 Tanto, como a do meio por ardente,
 Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
 Pela parte do Arcturo, e do occidente,
 Com suas salsas ondas o oceano;
 E pela austral o mar Mediterraneo.

VII

« Da parte d'onde o dia vem nascendo,
 Com Azia se avisinha, mas o rio
 Que dos montes Rhipheios vai correndo,
 Na alagoa Meotis, curvo e frio,
 As divide: e o mar, que fero e horrendo
 Viu dos gregos o irado senhorio;
 Onde agora de Troia triumphante
 Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII

« Lá onde mais debaixo está do polo,
 Os montes hyperboreos apparecem;
 E aquelles onde sempre sopra Eoló,
 E co' o nome dos sopros se ennobrecem.
 Aqui tão pouca força tem de Apollo
 Os raios, que no mundo resplandecem,
 Que a neve está contino pelos montes,
 Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX

« Aqui dos Scythas grande quantidade
 Vivem, que antigamente grande guerra
 Tiveram, sobre a humana antiguidade,
 Co' os que tinham então a egypcia terra:
 Mas quem tão fóra estava da verdade,
 (Já que o juizo humano tanto erra)
 Para que do mais certo se informára,
 Ao campo damasceno o perguntára.

X

« Agora n'estas partes se nomeia
 A Lappia fria, a inculta Noruéga,
 Escandinavia ilha, que se arreja
 Das victorias, que Italia não lhe nega.
 Aqui, em quanto as aguas não refreia
 O congelado inverno, se navega
 Um braço do sarmatico oceano,
 Pelo Brusio, Suecio e frio Dano.

XI

« Entre este mar, e o Tanaes vive estranha
 Gente, ruthenos, moscos, e livonios,
 Sarmátas outro tempo; e na montanha
 Hercynia, os marcomanos são polonios.
 Sujeitos ao imperio de Allemanha.
 São saxones, bohemios, e pannonios,
 E outras varias nações, que o Rheno frio
 Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

XII

« Entre o remoto Istro, e o claro estreito
 Aonde Helle deixou co' o nome a vida,
 Estão os thraces de robusto peito,
 Do fero Marte patria tão querida;
 Onde co' o Hemo, o Rhodope sujeito
 Ao othomano está, que submettida
 Byzancio tem a seu serviço indino;
 Boa injuria do grande Constantino!

XIII

« Logo de Macedonia estão as gentes,
 A quem lava do Axio a agua fria:
 E vós tambem, ó terras excellentes
 Nos costumes, engenhos e ousadia,
 Que creastes os peitos eloquentes;
 E os juizos de alta phantasia,
 Com quem tu, clara Grecia, o céu penetras,
 E não menos por armas, que por letras.

XIV

« Logo os dalmatas vivem: e no seio,
 Onde Antenor já muros levantou,
 A soberba Veneza está no meio
 Das aguas, que tão baixa começou.
 Da terra um braço vem ao mar, que cheio
 De esforço, nações várias sujeitou;
 Braço forte, de gente sublimada,
 Não menos nos engenhos, que na espada,

XV

« Em torno o cerca o reino neptunino,
 Co' os muros naturaes por outra parte:
 Pelo meio o divide o Apennino,
 Que tão illustre fez o patrio Marte.
 Mas depois que o porteiro tem divino,
 Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
 Pobre está já de antiga potestade;
 Tanto Deus se contenta de humildade!

XVI

« Gallia alli se verá, que nomeada
 Co'os cesareos triumphos foi no mundo,
 Que do Sequana, e Rhodano é regada,
 É do Garumna frio, e Rheno fundo:
 Logo os montes da nympha sepultada
 Pyrene se alevantam que, segundo
 Antiguidades contam, quando arderam,
 Rios de ouro, e de prata então correram.

XVII

« Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
 Como cabeça alli de Europa toda;
 Em cujo senhorio, e gloria estranha
 Muitas voltas tem dado a fatal roda:
 Mas nunca poderá com força, ou manha,
 A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
 Que lh'a não tire o esforço, e ousadia
 Dos bellicosos peitos, que em si cria.

XVIII

« Com Tingitania entesta, e alli parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabido Estreito se ennobrece
 Co' o extremo trabalho do Thebano:
 Com nações diferentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do oceano;
 Todas de tal nobreza, e tal valor,
 Que qualquer d'ellas cuida que é melhor.

XIX

« Tem o tarragonéz, que se fez claro
 Sujeitando Parthénope inquieta:
 O navarro, as Asturias, que reparo
 Já foram contra a gente mahometa:
 Tem o gallego cauto, e o grande e raro
 Castelhana, a quem fez o seu planeta
 Restituidor de Hespanha, e senhor d'ella,
 Bétis, Leão, Granada com Castella.

XX

« Eis-aqui, quasi cume da cabeça
 De Europa toda, o reino lusitano;
 Onde a terra se acaba, e o mar começa,
 E onde Phebo repousa no oceano:
 Este quiz o céo justo, que floreça
 Nas armas contra o torpe mauritano,
 Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
 Africa estar quieto o não consente.

XXI

« Esta é a ditosa patria minha amada;
 Á qual se o céo me dá, que eu sem perigo
 Torne, com esta empresa já acabada,
 Acabe-se esta luz alli comigo:
 Esta foi Lusitania, derivada
 De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
 Filhos foram, parece, ou companheiros,
 E n'ella então os íncolas primeiros.

XXII

« D'esta o pastor nasceu, que no seu nome
 Se vê, que de homem forte os feitos teve;
 Cuja fama ninguem virá que dome,
 Pois a grande de Roma não se atreve:
 Esta, o velho, que os filhos proprios come,
 Por decreto do céo, ligeiro e leve,
 Veio a fazer no mundo tanta parte
 Creando-a reino illustre; e foi d'est'arte:

XXIII

« Um rei, por nome Affonso, foi na Hespanha
 Que fez aos sarracenos tanta guerra,
 Que por armas sanguineas, força, e manha
 A muitos fez perder a vida, e a terra:
 Voando d'este rei a fama estranha
 Do Herculano Calpe á Caspia serra,
 Muitos, para na guerra esclarecer-se,
 Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV

« E c'um amor intrinseco accendidos
Da fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares:
Depois que em feitos altos e subidos,
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso, que obras taes
Levassem premio digno, e dons iguaes.

XXV

« D'estes Henrique, dizem, que segundo
Filho de um rei de Hungria exp'imentado
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado:
E, para mais signal d'amor profundo,
Quiz o rei castelhano, que casado
Com Theresa, sua filha, o conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI

« Este, depois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve:
Em premio d'estes feitos excellentes,
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
Um filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino lusitano.

XXVII

« Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a area tinha vista,
Que viu de Deus a carne em si lavada:
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Depois de ter Judea subjugada,
Muitos, que n'estas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII

« Quando chegado ao fim de sua idade,
 O forte, e famoso hungaro estremado,
 Forçado da fatal necessidade,
 O esp'rito deu a quem lh'o tinha dado:
 Ficava o filho em tenra mocidade,
 Em quem o pae deixava seu traslado;
 Que do mundo os mais fortes igualava;
 Que de tal pae, tal filho se esperava.

XXIX

« Mas o velho rumor, não sei se errado,
 (Que em tanta antiguidade não ha certeza)
 Conta, que a mãe tomando todo o estado,
 Do segundo hymeneu não se despreza.
 O filho orphão deixava desherdado,
 Dizendo « que nas terras a grandeza
 Do senhorio todo só sua era,
 Porque, para casar, seu pae lh'as dera. »

XXX

« Mas o principe Affonso, que dest'arte
 Se chamava, do avô tomando o nome,
 Vendo-se em suas terras não ter parte,
 Que a mãe, com seu marido, as manda, e come:
 Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
 Imagina comsigo como as tome:
 Revolidas as causas no conceito,
 Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI

« De Guimarães o campo se tingia
 Co' o sangue proprio da intestina guerra,
 Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
 A seu filho negava o amor, e a terra.
 Com elle posta em campo já se via:
 E não vê a soberba o muito que erra
 Contra Deus, contra o maternal amor;
 Mas n'ella o sensual era maior.

XXXII

« Ó Progne crúa! ó magica Medea!
 Se em vossos propios filhos vos vingaes
 Da maldade dos paes, da culpa alheia,
 Olhai que inda Thereza pecca mais.
 Incontinencia má, cubiça feia,
 São as causas d'este erro principaes:
 Scylla, por uma, mata o velho pae;
 Esta, por ambas, contra o filho vai.

XXXIII

« Mas já o Principe claro o vencimento
 Do padrasto, e da iniqua mãe levava;
 Já lhe obedece a terra n'um momento,
 Que primeiro contra elle pelejava:
 Porém, vencido de ira o entendimento,
 A mãe em ferros ásperos atava:
 Mas de Deus foi vingada em tempo breve:
 Tanta veneração aos paes se deve!

XXXIV

« Eis se ajunta o soberbo castelhano,
 Para vingar a injuria de Thereza,
 Contra o tão raro e ingente lusitano,
 A quem nenhum trabalho agrava, ou peza.
 Em batalha cruel o peito humano,
 Ajudado da angelica defeza,
 Não só contra tal furia se sustenta,
 Mas o inimigo asperrimo afugenta;

XXXV

« Não passa muito tempo, quando o forte
 Principe em Guimarães está cercado
 De infinito poder; que d'esta sorte
 Foi refazer-se o inimigo magoado:
 Mas, com se offerecer á dura morte
 O fiel Egas amo, foi livrado;
 Que de outra arte pudera ser perdido,
 Segundo estava mal apercebido.

XXXVI

« Mas o leal vassallo, conhecendo
 Que seu Senhor não tinha resistencia,
 Se vai ao castelhano, promettendo
 Que elle faria dar-lhe obediencia.
 Levanta o inimigo o cerco horrendo,
 Fiado na promessa, e consciencia
 De Egas Moniz. Mas não consente o peito
 Do Moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII

« Chegado tinha o prazo promettido,
 Em que o rei castelhano já aguardava,
 Que o Principe a seu mando submettido
 Lhe dêsse a obediencia, que esperava.
 Vendo Egas, que ficava fementido,
 (O que d'elle Castella não cuidava)
 Determina de dar a doce vida
 A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII

« E com seus filhos, e mulher se parte
 A levantar com elles a fiança;
 Descalços, e despídos, de tal arte,
 Que mais move a piedade, que a vingança.
 « Se pretendes, rei alto, de vingar-te
 De minha temeraria confiança,
 (Dizia) eis-aqui venho offerecido
 A te pagar, co'a vida, o promettido.

XXXIX

« Vês aqui trago as vidas innocentes
 Dos filhos sem peccado, e da consorte;
 Se a peitos generosos e excellentes,
 Dos fracos satisfaz a fera morte.
 Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes;
 N'ellas sos exp'rimenta toda a sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estylo
 De Scinís, e do touro de Perillo. »

XL

« Qual diante do algoz o condemnado,
 Que já na vida a morte tem bebido,
 Põe no cepo a garganta; e já entregado
 Espera pelo golpe tão temido:
 Tal diante do principe indignado,
 Egas estava a tudo offerecido:
 Mas o rei, vendo a estranha lealdade,
 Mais pôde, emfim, que a ira, a piedade.

XLI

« Oh gran fidelidade portugueza,
 De vassallo, que a tanto se obrigava!
 Que mais o Persa fez n'aquella empreza,
 Onde rosto, e narizes se cortava?
 Do que ao grande Dario tanto peza,
 Que, mil vezes dizendo, suspirava,
 « Que mais o seu Zopyro são prezára,
 Que vinte Babylonias, que tomára. »

XLII

« Mas já o principe Affonso apparelhava
 O lusitano exercito ditoso,
 Contra o mouro, que as terras habitava
 D'além do claro Tejo deleitoso:
 Já no campo de Ourique se assentava
 O arraial soberbo e bellicoso,
 Defronte do inimigo sarraceno,
 Posto que em força, e gente, tão pequeno.

XLIII

« Em nenhuma outra cousa confiado,
 Senão no summo Deus, que o céo regia;
 Que tão pouco era o povo baptisado,
 Que, para um só, cem mouros haveria.
 Julga qualquer juizo socegado
 Por mais temeridade, que ousadia,
 Commetter um tamanho ajuntamento;
 Que, para um cavalleiro, houvesse cento.

XLIV

« Cinco reis mouros são os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama;
 Todos exp'riimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
 Seguem guerreiras damas seus amigos,
 Imitando a formosa e forte dama,
 De quem tanto os troianos se ajudaram,
 E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV

« A matutina luz serena e fria,
 As estrellas do pólo já apartava;
 Quando na cruz o Filho de Maria,
 Amostrando-se a Affonso, o animava.
 Elle, adorando quem lhe apparecia,
 Na fé todo inflammado, assi gritava:
 « Aos infieis, Senhor, aos infieis,
 E não a mi, que creio o que podeis! »

XLVI

« Com tal milagre os animos da gente
 Portugueza inflammados, levantavam
 Por seu Rei natural este excellente
 Principe, que do peito tanto amavam:
 E diante do exercito potente
 Dos imigos, gritando o céo tocavam;
 Dizendo em alta voz: « Real, real,
 Por Affonso alto Rei de Portugal. »

XLVII

« Qual co'os gritos, e vozes incitado
 Pela montanha o rábido moloso,
 Contra o touro remette, que fiado
 Na força está do corno temeroso;
 Ora pega na orelha, ora no lado,
 Latindo, mais ligeiro, que forçoso,
 Até que emfim, rompendo-lhe a garganta,
 Do bravo a força horrenda se quebranta:

XLVIII

« Tal do rei novo o estomago accendido
 Por Deus, e pelo povo juntamente,
 O barbaro commette apercebido,
 Co'o animoso exercito rompente.
 Levantam n'isto os perros o alarido
 Dos gritos; tocam arma; ferve a gente:
 As lanças, e arcos tomam; tubas soam;
 Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX

« Bem como quando a flamma, que ateadada
 Foi nos áridos campos (assoprando
 O sibilante Bóreas) animada
 Co'o vento, o sêcco matto vai queimando:
 A pastoral companha, que deitada
 Co'o doce somno estava, despertando
 Ao estridor do fogo, que se ateia,
 Recolhe o fato, e foge para a aldeia:

L

« D'est'arte o mouro attonito e torvado,
 Toma, sem tento, as armas mui depressa;
 Não foge; mas espera confiado,
 E o ginete belligero arremessa.
 O portuguez o encontra denodado;
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
 Uns cahem meios mortos, e outros vão
 A ajuda convocando do Alcorão.

LI

« Alli se vêem encontros temerosos,
 Para se desfazer uma alta serra;
 E os animaes correndo furiosos,
 Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
 Golpes se dão medonhos e forçosos;
 Por toda a parte andava accêsa a guerra:
 Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha
 Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII

« Cabeças pelo campo vão saltando,
 Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
 E d'outros as entranhas palpitando,
 Pallida a côr, o gesto amortecido.
 Já perde o campo o exercito nefando;
 Correm rios de sangue desparzido,
 Com que tambem do campo a côr se perde;
 Tornado carmesi de branco, e verde.

LIII

« Já fica vencedor o lusitano,
 Recolhendo os trophéos, e prêsa rica:
 Desbaratado, e roto o mouro hispano,
 Tres dias o gran Rei no campo fica.
 Aqui pinta no branco escudo ufano,
 (Que agora esta victoria certifica)
 Cinco escudos azues esclarecidos,
 Em signal d'estes cinco reis vencidos.

LIV

« E n'estes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros, por que Deus fôra vendido;
 Escrevendo a memoria em varia tinta,
 D'Aquelle, de quem foi favorecido.
 Em cada um dos cinco, cinco pinta;
 Porque assi fica o numero cumprido,
 Contando duas vezes o do meio
 Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV

« Passado já algum tempo, que passada
 Era esta gran victoria, o Rei subido
 A tomar vai Leiria, que tomada
 Fôra, mui pouco havia do vencido.
 Com esta a forte Arronches subjugada
 Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
 Scalabicastro, cujo campo ameno,
 Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI

« A estas nobres villas submettidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço;
E nas serras da lua conhecidas,
Subjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as naiâdes escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII

« E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza;
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardânia accêsa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força portugueza,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das boreaes partes foi mandada.

LVIII

« Lá do germanico Álbis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo sarraceno,
Muitos com tenção sancta eram partidos.
Entrando a bôca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
(Cuja alta fama então subia aos céos)
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX

« Cinco vezes a lua se escondêra,
E outras tantas mostrára cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendêra
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores ásperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX

« D'est'arte emfim tomada se rendeu
 Aquella, que nos tempos já passados,
 Á grande força nunca obedeceu
 Dos frios povos scythicos ousados:
 Cujo poder a tanto se estendeu,
 Que o Ibero o viu, e o Tejo amedrontados;
 É emfim co'o Bétis tanto alguns puderam,
 Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI

« Que cidade tão forte por ventura
 Haverá que resista, se Lisboa
 Não pôde resistir á força dura
 Da gente, cuja fama tanto voa?
 Já lhe obedece toda a Estremadura,
 Obidos, Alemquer, por onde soa
 O tom das frescas aguas, entre as pedras,
 Que murmurando lavã, e Torres Vedras.

LXII

« E vós tambem, ó terras transtaganas,
 Afamadas co'o dom da flava Ceres,
 Obedeceis ás forças mais que humanas,
 Entregando-lhe os muros, e os poderes:
 E tu, lavrador mouro, que te enganas,
 Se sustentar a fertil terra queres;
 Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
 E Alcacere do Sal estão rendidas.

LXIII

« Eis a nobre cidade, certo assento
 Do rebelde Sertorio antigamente;
 Onde ora as aguas nitidas de argento
 Vem sustentar de longe a terra, e a gente
 Pelos arcos reaes, que cento e cento
 Nos ares se alevantam nobremente;
 Obedeceu por meio e ousadia
 De Giraldo, que mêdos não temia.

LXIV

« Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que não sabe socegar,
Por estender, co'a fama, a curta vida.
Não se lhe póde muito sustentar
A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva, a gente irada,
Provando os fios vai da dura espada.

LXV

« Com estas, subjugada foi Palmella,
E a piscosa Cezimbra; e juntamente,
(Sendo ajudado mais de sua estrella)
Desbarata um exercito potente:
Sentiu-o a villa, e viu-o o senhor d'ella,
Que a soccorrêl-a vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado:

LXVI

« O rei de Badajoz era alto mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas, e de ouro
Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas qual no mez de maio o bravo touro,
Co'os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Salteia o descuidado caminhante:

LXVII

« D'est'arte Affonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o rei mouro, e só da vida cura;
D'um panico terror todo assombrado,
Só de seguil-o o exercito procura;
Sendo estes, que fizeram tanto abalo,
Não mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII

« Logo segue a victoria sem tardança
 O gran rei incansavel, ajuntando
 Gentes de todo o reino, cuja usança
 Era andar sempre terras conquistando.
 Cercar vai Badajoz, e logo alcança
 O fim de seu desejo, pelejando
 Com tanto esforço, e arte, e valentia,
 Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX

« Mas o alto Deus, que para longe guarda
 O castigo d'aquelle, que o merece;
 Ou, para que se emende, ás vezes tarda;
 Ou por segredos, que homem não conhece:
 Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
 Dos perigos, a que elle se offerece;
 Agora lhe não deixa ter defesa
 Da maldição da mãe, que estava presa.

LXX

« Que estando na cidade, que cercára,
 Cercado n'ella foi dos leonezes;
 Porque a conquista d'ella lhe tomára,
 De Leão sendo, e não dos portuguezes.
 A pertinacia aqui lhe custa cara,
 (Assi como acontece muitas vezes)
 Que em ferros quebra as pernas, indo accêso
 A' batalha, onde foi vencido, e prêso.

LXXI

« Ó famoso Pompeio, não te pene
 De teus feitos illustres a ruina;
 Nem vêr que a justa Némesis ordene
 Ter teu sogro de ti victoria indina:
 Posto que o frio Phásis, ou Syene,
 Que para nenhum cabo a sombra inclina,
 O Bootes gelado, e a linha ardente,
 Temessem o teu nome geralmente.

LXXII

« Posto que a rica Arabia, e que os ferozes
 Henióchos, e colchos, cuja fama
 O véo dourado estende; e os cappadoces,
 E Judea, que um Deus adora e ama;
 E que os moles sophênes, e os atroces
 Cilicios, com a Armenia, que derrama
 As aguas dos dous rios, cuja fonte
 Está n'outro mais alto e sancto monte:

LXXIII

« E posto emfim que desde o mar de Atlante
 Até o scytico Tauro, monte erguido,
 Já vencedor te vissem: não te espante
 Se o campo Emathio só te viu vencido:
 Porque Affonso verás soberbo, e ovante
 Tudo render, e ser depois rendido.
 Assi o quiz o conselho alto e celeste,
 Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV

« Tornado o Rei sublime finalmente,
 Do divino Juizo castigado:
 Depois que em Santarem soberbamente,
 Em vão dos sarracenos foi cercado;
 E depois que do martyre Vicente
 O sanctissimo corpo venerado,
 Do sacro promontorio conhecido,
 À cidade Ulyssea foi trazido:

LXXV

« Porque levasse ávante seu desejo,
 Ao forte Filho manda o lasso Velho
 Que ás terras se passasse d'Alemtejo
 Com gente, e co'o bellígero apparelho.
 Sancho, d'esforço, e d'animo sobejo,
 Ávante passa, e faz correr vermelho
 O rio, que Sevilha vai regando,
 Co'o sangue mouro, barbaro e nefando.

LXXVI

« E com esta victoria cubiçoso,
 Já não descança o Moço, até que veja
 Outro estrago, como este temeroso
 No barbaro, que tem cercado Beja.
 Não tarda muito o Principe ditoso,
 Sem vêr o fim d'aquillo, que deseja.
 Assi, estragado o mouro, na vingança
 De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII

« Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
 O corpo fez perder, que teve o céo:
 Já vem do promontorio de Ampelusa,
 E de Tingé, que assento foi de Anteo.
 O morador de Abyla não se escusa;
 Que tambem com suas armas se moveu,
 Ao som da mauritana e rouca tuba,
 Todo o reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII

« Entrava com toda esta companhia
 O Mil-almuminim em Portugal;
 Treze reis mouros leva de valia,
 Entre os quaes tem o sceptro imperial:
 E assi fazendo quanto mal podia,
 (O que em partes podia fazer mal)
 Dom Sancho vai cercar em Santarem;
 Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX

« Dá-lhe combates ásperos, fazendo
 Ardis de guerra mil o mouro iroso;
 Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
 Mina secreta, ariete forçoso:
 Porque o filho de Affonso não perdendo
 Nada do esforço, e accordo generoso,
 Tudo prevê com animo, e prudencia;
 Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXX

« Mas o Velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego;
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego;
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem do mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI

« E co'a famosa gente, á guerra usada,
Vai soccorrer o filho: e assi ajuntados,
A portugueza furia costumada
Em breve os mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, prêsa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII

« Logo todo o restante se partiu
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminim só não fugiu,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittiu,
Dão louvores, e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deus, que a gente.

LXXXIII

« De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, Principe subido:
Quando, quem tudo emfim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus annos d'este geito
Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV

« Os altos promontorios o choraram,
 E dos rios as aguas saudosas
 Os semeados campos alagaram,
 Com lagrimas correndo piedosas:
 Mas tanto pelo mundo se alargaram
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu reino chamarão
 Affonso, Affonso, os eccos; mas em vão.

LXXXV

« Sancho forte mancebo, que ficára
 Imitando seu Pae na valentia,
 E que em sua vida já se exp'ri mentára,
 Quando o Bétis de sangue se tingia,
 E o barbaro poder desbaratára
 Do ismaelita rei de Andaluzia;
 E mais, quando os que Beja em vão cercaram,
 Os golpes de seu braço em si provaram:

LXXXVI

« Depois que foi por rei alevantado,
 (Havendo poucos annos que reinava)
 A cidade de Sylves tem cercado,
 Cujos campos o barbaro lavrava:
 Foi das valentes gentes ajudado
 Da germanica armada, que passava
 De armas fortes, e gente apercebida,
 A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII

« Passavam a ajudar na sancta empreza
 O roxo Frederico, que moveu
 O poderoso exercito em defeza
 Da cidade, onde Christo padeceu;
 Quando Guido, co'a gente em sêde accêsa,
 Ao grande Saladino se rendeu,
 No logar onde aos mouros sobejavam
 As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII

« Mas a formosa armada, que viera
 Por contraste de vento áquella parte,
 Sancho quiz ajudar na guerra fera,
 Já que em serviço vai do sancto Marte:
 Assi como a seu Pae acontecêra
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
 Do germano ajudado Sylves toma,
 E o bravo morador destroe, e doma.

LXXXIX

« E se tantos trophéos do Mahometa
 Alevantando vai, tambem do forte
 Leonez não consente estar quieta
 A terra, usada aos casos de Mavorte:
 Até que na cerviz seu jugo metta
 Da soberba Tuí, que a mesma sorte
 Viu ter a muitas villas s'as visinhas,
 Que por armas, tu, Sancho, humildes tinhas.

XC

« Mas entre tantas palmas, salteado
 Da temerosa morte, fica herdeiro
 Um filho seu, de todos estimado,
 Que foi segundo Affonso, e Rei terceiro.
 No tempo d'este aos mouros foi tomado
 Alcacere do Sal por derradeiro;
 Porque d'antes os mouros o tomaram,
 Mas agora, estruidos, o pagaram.

XCI

« Morto depois Affonso, lhe succede
 Sancho segundo, manso e descuidado;
 Que tanto em seus descuidos se desmede,
 Que de outrem, quem mandava, era mandado.
 De governar o reino, que outro pede,
 Por causa dos privados, foi privado;
 Porque (como por elles se regía)
 Em todos os seus vicios consentia.

XCII

« Não era Sancho, não, tão deshonesto
 Como Nero, que um moço recebia
 Por mulher, e depois horrendo incesto
 Com a mãe Agrippina commettia:
 Nem tão cruel ás gentes, e molesto,
 Que a cidade queimasse onde vivia:
 Nem tão mau como foi Heliogabálo,
 Nem como o molle rei Sardanapálo.

XCIII

« Nem era o povo seu tyrannisado,
 Como Sicilia foi de seus tyrannos;
 Nem tinha como Phálaris achado
 Genero de tormentos inhumanos:
 Mas o reino de altivo, e costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A rei não obedece, nem consente,
 Que não fôr, mais que todos, excellente.

XCIV

« Por esta causa o reino governou
 O Conde bolonhez, depois alçado
 Por Rei, quando da vida se apartou
 Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
 Este, que Affonso, o bravo, se chamou,
 Depois de ter o reino securado,
 Em dilatal-o cuida; que em terreno,
 Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

XCV

« Da terra dos Algarves, que lhe fôra
 Em casamento dada, grande parte
 Recupera co'o braço; e deita fóra
 O mouro, mal querido já de Marte.
 Este de todo fez livre e senhora
 Lusitania, com força, e bellica arte;
 E acabou de opprimir a nação forte,
 Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

XCVI

« Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com Este o reino prospero florece,
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra, já tranquilla, claros lumes.

XCVII

« Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Heliconas as musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde d'Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccháro, e do sempre verde louro.

XCVIII

« Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas depois que a dura Átropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso; mas forte e excellente.

XCIX

« Este sempre as soberbas castelhanas
Co' o peito desprezou firme e sereno;
Porque não é das forças lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porém, quando as gentes mauritanas
A possuir o hespérico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrel-a.

C

« Nunca com Semirámis gente tanta
 Veio os campos hydaspicos enchendo;
 Nem Attila, que Itália toda espanta,
 Chamando-se de Deus açoute horrendo,
 Gotthica gente trouxe tanta, quanta
 Do sarraceno barbaro estupendo,
 Co'õ poder excessivo de Granada,
 Foi nos campos tartéssios ajuntada.

CI

« E vendo o rei sublime castelhano
 A força inexpugnabil, grande e forte,
 Temendo mais o fim do povo hispano,
 (Já perdido uma vez) que a propria morte:
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
 Lhe mandava a carissima consorte,
 Mulher de quem a manda, e filha amada
 D' Aquelle, a cujo reino foi mandada.

CII

« Entrava a formosissima Maria
 Pelos paternaes paços sublimados;
 Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados:
 Os cabellos angelicos trazia
 Pelos ebúrneos hombros espalhados:
 Diante do pae lêdo, que a agasalha,
 Estas palavras taes, chorando, espalha:

CIII

« Quantos povos a terra produziu
 De Africa toda, gente fera e estranha,
 O gran rei de Marrocos conduziu,
 Para vir possuir a nobre Hespanha:
 Poder tamanho junto não se viu,
 Depois que o salso mar a terra banha:
 Trazem ferocidade, e furor tanto,
 Que a vivos mêdo, e a mortos faz espanto.

CIV

« Aquelle, que me déste por marido,
 Por defender sua terra amedrontada,
 Co' o pequeno poder offerecido
 Ao duro golpe está da maura espada;
 E se não fôr comtigo soccorrido
 Vêr-me-has d'elle, e do reino ser privada,
 Viuva, e triste, e posta em vida escura,
 Sem marido, sem reino, e sem ventura.

CV

« Portanto, ó Rei, de quem com puro mêdo
 O corrente Mulucha se congela;
 Rompe toda a tardança; acóde cêdo
 Á miseranda gente de Castella:
 Se esse gesto, que mostras claro e lêdo,
 De pae o verdadeiro amor assella,
 Acode, e corre pae; que se não corres,
 Póde ser que não aches quem soccorres.»

CVI

« Não de outra sorte a tímida Maria
 Fallando está, que a triste Venus, quando
 A Jupiter seu pae favor pedia
 Para Eneas seu filho navegando;
 Que a tanta piedade o commovia,
 Que cahido das mãos o raio infando,
 Tudo o clemente Padre lhe concede,
 Pezando-lhe do pouco, que lhe pede.

CVII

« Mas já co' os esquadrões da gente armada
 Os eborenses campos vão coalhados:
 Lustra co' o sol o arnez, a lança, a espada;
 Vão rinchando os cavallo jaezados.
 A canora trombeta embandeirada,
 Os corações á paz acostumados
 Vai ás fulgentes armas incitando,
 Pelas concavidades retumbando.

CVIII

« Entre todos no meio se sublima,
 Das insignias reaes acompanhado,
 O valeroso Affonso, que por cima
 De todos leva o collo alevantado;
 E sómente co'o gesto esforça, e anima
 A qualquer coração amedrontado:
 Assi entra nas terras de Castella
 Com a filha gentil, rainha d'ella.

CIX

« Juntos os dous Affonsos finalmente
 Nos campos de Tarifa, estão defronte
 Da grande multidão da cega gente,
 Para quem são pequenos campo e monte.
 Não ha peito tão alto, e tão potente,
 Que de desconfiança não se affronte,
 Emquanto não conheça, e claro veja,
 Que co'o braço dos seus Christo peleja.

CX

« Estão de Agar os netos quasi rindo
 Do poder dos christãos fraco e pequeno;
 As terras como suas repartindo
 Antemão entre o exercito agareno,
 Que com titulo falso possuindo
 Está o famoso nome sarraceno:
 Assi tambem com falsa conta e nua,
 A nobre terra alheia chamam sua.

CXI

« Qual o membrudo e barbaro gigante,
 (Do rei Saul, com causa, tão temido)
 Vendo o Pastor inerme estar diante,
 Só de pedras, e esforço apercebido;
 Com palavras soberbas, o arrogante
 Despreza o fraco moço mal vestido,
 Que rodeando a funda, o desengana
 Quanto mais póde a fé, que a força humana:

CXII

« D'est'arte o mouro perfido despreza
O poder dos christãos, e não entende
Que está ajudado da Alta Fortaleza,
A quem o inferno horrífico se rende:
Com ella o castelhano, e com destreza
De Marrocos o rei commette, e offende:
O portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII

« Eis as lanças, e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam (segundo as leis, que alli seguiam)
Uns Mafamede, e os outros Sanct-Iago.
Os feridos com a grita o céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV

« Com esforço tamanho estrue, e mata
O luso ao granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito d' aço.
De alcançar tal victoria, tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo castelhano,
Que pelejando está co'o mauritano.

CXV

« Já se ia o sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o ponente, o véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo viu tão gran victoria.

CXVI

« Não matou a quarta parte o forte Mário,
 Dos que morreram n'este vencimento,
 Quando as aguas co'o sangue do adversario
 Fez beber ao exercito sedento:
 Nem o Peno, asperissimo contrario
 Do romano poder, de nascimento,
 Quando tantos matou da illustre Roma,
 Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII

« E se tu tantas almas só pudeste
 Mandar ao reino escuro de Cocito,
 Quando a sancta cidade desfizeste
 Do povo, pertinaz no antigo rito,
 Permissão, e vingança foi celeste,
 E não força de braço, ó nobre Tito;
 Que assi dos vates foi prophetizado,
 É depois por JESU certificado.

CXVIII

« Passada esta tão prospera victoria,
 Tornado Affonso á lusitana terra,
 A se lograr da paz com tanta gloria,
 Quanta soube ganhar na dura guerra;
 O caso triste, e dino de memoria,
 Que do sepulchro os homens desenterra,
 Aconteceu da misera e mesquinha,
 Que, depois de ser morta, foi Rainha.

CXIX

« Tu só, tu, puro amor, com força crua,
 (Que os corações humanos tanto obriga)
 Déste causa á molesta morte sua,
 Como se fôra perfida inimiga.
 Se dizem, fero amor, que a sêde tua
 Nem com lagrimas tristes se mitiga,
 É porque queres, áspero e tyranno,
 Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

« Estavas, linda Ignez, posta em socego,
 De teus annos colhendo doce fruto,
 N'aquelle engano da alma, lêdo e cego
 Que a fortuna não deixa durar muito:
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus formosos olhos nunca enxuito,
 Aos montes ensinando, e ás hervinhas
 O nome, que no peito escripto tinhas.

CXXI

« Do teu Principe alli te respondiam
 As lembranças, que n'alma lhe moravam;
 Que sempre ante seus olhos te traziam,
 Quando dos teus formosos se apartavam;
 De noite em doces sonhos, que mentiam;
 De dia em pensamentos, que voavam:
 E quanto emfim cuidava, e quanto via,
 Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

« De outras bellas senhoras, e princezas
 Os desejados thálamos engeita;
 Que tudo emfim, tu, puro amor, despreza
 Quando um gesto suave te sujeita.
 Vendo estas namoradas estranhezas
 O velho Pae sesudo (que respeita
 O murmurar do povo) e a phantasia
 Do filho, que casar-se não queria:

CXXIII

« Tirar Ignez ao mundo determina,
 Por lhe tirar o Filho, que tem prêso;
 Credo co'o sangue só da morte indina,
 Matar do firme amor o fogo accêso.
 Que furor consentiu, que a espada fina,
 (Que pôde sustentar o grande pêso
 Do furor mauro) fosse alevantada
 Contra uma fraca dama delicada?

CXXIV

«Traziam-na os horríficos algozes
 Ante o Rei, já movido a piedade;
 Mas o povo, com falsas e ferozes
 Razões, á morte crua o persuade.
 Ella com tristes e piedosas vozes,
 Sabidas só da mágoa, e saudade
 Do seu Príncipe, e filhos que deixava,
 Que mais, que a propria morte, a magoava:

CXXV

«Para o céo crystallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos;
 Os olhos; porque as mãos lhe estava atando
 Um dos duros ministros rigorosos:
 E depois nos meninos attentando,
 Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
 Cuja orphandade, como mãe, temia,
 Para o Avô cruel assi dizia:

CXXVI

«Se já nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento;
 E nas aves agrestes, que sómente
 Nas rapinas aercas tem o intento;
 Com pequenas crianças viu a gente
 Terem tão piedoso sentimento,
 Como co'a mãe de Nino já mostraram,
 E co'os irmãos, que Roma edificaram:

CXXVII

«O' Tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
 (Se de humano é matar uma donzella
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencel-a)
 A estas criancinhas tem respeito;
 Pois o não tens á morte escura d'ella:
 Mova-te a piedade sua, e minha;
 Pois te não move a culpa, que não tinha.

CXXVIII

« E se, vencendo a maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo, e ferro;
 Sabe tambem dar vida com clemencia
 A quem, para perdêl-a, não fez erro.
 Mas, se t'ó assi merece esta innocencia,
 Põe-me em perpetuo e misero desterro,
 Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

« Põe-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres; e verei
 Se n'elles achar posso a piedade,
 Que entre peitos humanos não achei:
 Alli co'ó amor intrinseco, e vontade
 N'Aquelle, por quem morro, crearei
 Estas reliquias suas, que aqui viste;
 Que refrigerio sejam da mãe triste.»

CXXX

« Quería perdoar-lhe o Rei benino,
 Movido das palavras que o magoam;
 Mas o pertinaz povo, e seu destino
 (Que d'esta sorte o quiz) lhe não perdoam.
 Arrancam das espadas de aço fino
 Os que, por bom, tal feito alli pregoam:
 Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
 Feros vos amostraes, e cavalleiros?

CXXXI

« Qual contra a linda moça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles a condemna,
 Co'ó ferro o duro Pyrrho se apparelha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente, e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

« Taes contra Ignez os brutos matadores
 No collo de alabastro, que sustinha
 As obras, com que amor matou de amores
 Aquelle, que depois a fez rainha,
 As espadas banhando, e as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçavam, férvidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

CXXXIII

« Bem puderas, ó sol, da vista d'estes
 Teus raios apartar aquelle dia,
 Como da séva mesa de Thyestes,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia!
 Vós, ó concavos valles, que pudestes
 A voz extrema ouvir da bôca fria,
 O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
 Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

« Assi como a bonina, que cortada
 Antes do tempo foi, candida e bella,
 Sendo das mãos lascivas maltractada
 Da menina, que a trouxe na capella,
 O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
 Tal está morta a pallida donzella,
 Sêccas do rosto as rosas, e perdida
 A branca e viva côr, co'a doce vida.

CXXXV

« As filhas do Mondego a morte escura,
 Longo tempo chorando, memoraram;
 E, por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaram:
 O nome lhe pozeram, que inda dura,
 Dos amores de Ignez, que alli passaram.
 Vêde que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI

« Não correu muito tempo, que a vingança
 Não visse Pedro das mortaes feridas;
 Que, em tomando do reino a governança,
 A tomou dos fugidos homicidas:
 De outro Pedro cruissimo os alcança;
 Que ambos imigos das humanas vidas,
 O concerto fizeram duro, e injusto
 Que com Lépidio, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII

« Este, castigador foi rigoroso
 De latrocinios, mortes, e adulterios:
 Fazer nos maus cruezas, fero e iroso
 Eram os seus mais certos refrigerios.
 As cidades guardando, justicoso,
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladrões castigando á morte deu,
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.

CXXXVIII

« Do justo e duro Pedro nasce o brando,
 (Vêde da natureza o desconcerto!)
 Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
 Que todo o reino pôz em muito aperto:
 Que vindo o castelhano devastando
 As terras sem defeza, esteve perto
 De destruir-se o reino totalmente;
 Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

« Ou foi castigo claro do peccado
 De tirar Leonor a seu marido,
 E casar-se com ella, de enlevado
 N'um falso parecer mal entendido:
 Ou foi, que o coração sujeito, e dado
 Ao vicio vil, de quem se viu rendido,
 Molle se fez, e fraco; e bem parece,
 Que um baixo amor os fortes enfraquece.

CXL

« Do peccado tiveram sempre a pena
 Muitos, que Deus o quiz, e permittiu;
 Os que foram roubar a bella Helena;
 E com Ápio tambem Tarquino o viu:
 Pois por quem David sancto se condemna?
 Ou quem a tribu illustre destruiu
 De Benjamin? Bem claro nol-o ensina
 Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI

« E pois, se os peitos fortes enfraquece
 Um inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Alcmena se parece,
 Quando em Omphale andava transformado.
 De Marco Antonio a fama se escurece,
 Com ser tanto a Cleopatra affeçoado:
 Tu tambem, Peno prospero, o sentiste,
 Depois que a moça vil na Apulia viste.

CXLII

« Mas quem póde livrar-se por ventura
 Dos laços, que o amor arma brandamente
 Entre as rosas, e a neve humana pura,
 O ouro, e o alabastro transparente?
 Quem de uma peregrina formosura,
 De um vulto de Medusa propriamente,
 Que o coração converte, que tem prêso,
 Em pedra não; mas em desejo accêso?

CXLIII

« Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
 Uma suave e angelica excellencia,
 Que em si 'stá sempre as almas transformando,
 Que tivesse contra ella resistencia?
 Desculpado por certo está Fernando,
 Para quem tem de amor experiencia:
 Mas antes, tendo livre a phantasia,
 Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS



CANTO QUARTO

ARGUMENTO DO CANTO QUARTO



Continúa o Gama a prática com el-rei de Melinde, e refere as guerras de Portugal com Castella sobre a successão do reino, por morte d'el-rei D. Fernando: façanhas militares do condestavel D. Nuno Alvares Pereira: batalha, e victoria de Aljubarrota: diligencias que se fizeram para descobrir a Índia por mar em tempo d'el-rei D. João II: como el-rei D. Manoel conseguiu esse fim, determinando esta viagem: prevenções para ella: embarque, e despedida dos navegantes nas praias de Belem.

OUTRO ARGUMENTO

Acclamado João, de Pedro herdeiro,
Convoca Leonor ao castelhano:
Oppõe-se Nuno, intrepido guerreiro;
Dá-se batalha; vence o lusitano:
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do oceano;
E como ao Gama coube esta alta empreza,
Por afinar a gloria portugueza.

OS LUSIADAS

CANTO QUARTO

I

« Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento:
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento:
Assi no reino forte aconteceu,
Depois que o rei Fernando falleceu.

II

« Porque, se muito os nossos desejaram,
Quem os damnos, e offensas vá vingando
N'aquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Depois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando .
Por rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

III

« Ser isto ordenação dos céos divina,
Por signaes muito clares se mostrou,
Quando em Evora a voz de uma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou:
E como cousa emfim que o céu destina,
No berço o corpo, e a voz alevantou:
«Portugal, Portugal (alçando a mão,
Disse) pelo rei novo, D. João.»

IV

« Alteradas então do reino as gentes
 Co' o odio, que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas e evidentes
 Faz do povo o furor, por onde vinha:
 Matando vão amigos e parentes
 Do adultero conde, e da rainha,
 Com quem sua incontinencia deshonestas
 Mais, depois de viuva, manifesta.

V

« Mas elle emfim, com causa deshonorado,
 Diante d'ella, a ferro frio morre,
 De outros muitos na morte acompanhado;
 Que tudo o fogo erguido queima e corre:
 Quem, como Astyanax, precipitado,
 (Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
 A quem ordens, nem aras, dão respeito;
 Quem nu per ruas, e em pedaços feito.

VI

« Podem-se pôr em longo esquecimento
 As cruezas mortaes, que Roma viu,
 Feitas do feroz Mário, e do cruento
 Sylla, quando o contrario lhe fugiu.
 Por isso Leonor, que o sentimento
 Do morto conde ao mundo descobriu,
 Faz contra Lusitania vir Castella,
 Dizendo « ser sua filha herdeira d'ella. »

VII

« Beatriz era a filha, que casada
 Co' o Castelhana está, que o reino pede,
 Por filha de Fernando reputada,
 Se a corrompida fama lh'o concede.
 Com esta voz, Castella alevantada,
 Dizendo « que esta filha ao pae succede »,
 Suas forças ajunta para as guerras,
 De varias regiões, e varias terras.

VIII

«Veem de toda a provincia, que de um Brigo,
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando, e que Rodrigo,
Ganharam do tyranno e mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'ô duro arado
Os campos leonezes, cuja gente
Co'os mouros foi nas armas excellente.

IX

«Os vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda a Andaluzia,
Que do Guadalquivir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As hercúleas columnas nas bandeiras.

X

«Tambem veem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e lêdo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o mêdo,
Ô sórdidos gallegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes,
A'quelles, cujos golpes já provastes.

XI

«Tambem movem da guerra as negras furias
A gente biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou d'elle os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII

« Joanne, a quem do peito o esforço cresce,
 Como a Samsão hebreio da guedelha,
 Posto que tudo pouco lhe parece,
 Co'os poucos de seu reino se aparelha:
 E não porque conselho lhe fallece,
 Co'os principaes senhores se aconselha,
 Mas só por vêr das gentes as sentenças;
 Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII

« Não falta com razões quem desconcerte
 Da opinião de todos na vontade,
 Em quem o esforço antigo se converte
 Em desusada e má deslealdade;
 Podendo o temor mais, gelado, inerte,
 Que a propria e natural fidelidade:
 Negam o rei, e a patria; e se convem,
 Negarão (como Pedro) o Deus, que tem.

XIV

« Mas nunca foi, que este erro se sentisse
 No forte Dom Nun'Alvares: mas antes,
 (Posto que em seus irmãos tão claro o visse)
 Reprovando as vontades inconstantes,
 Áquellas duvidosas géntes disse
 Com palavras mais duras, que elegantes
 (A mão na espada, irado, e não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar e o mundo):

XV

« Como? Da gente illustre portugueza
 Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
 Como? D'esta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda a parte,
 Ha de sahir quem negue ter defeza?
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De portuguez? e por nenhum respeito
 O proprio reino queira vêr sujeito?

XVI

« Como? Não sois vós inda os descendentes
D'aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Venceram esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Pozeram em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxeram
Prêsos, afóra a prêsa que tiveram?

XVII

« Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estaes agora vós,
Por Diniz, e seu Filho, sublimados,
Senão co'os vossos fortes paes, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pôz:
Torne-vos vossas forças o Rei novo:
Se é certo, que co'o rei, se muda o povo.

XVIII

« Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes:
E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante mêdo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

« Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada:
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrariqs.»

XX

« Bem como entre os mancebos recolhidos
 Em Canúcio, reliquias sós de Cannas,
 Já para se entregar, quasi movidos,
 Á fortuna das forças africanas,
 Cornelio moço os faz, que compellidos
 Da sua espada jurem, que as romanas
 Armas não deixarão, emquanto a vida
 Os não deixar, ou n'ellas fôr perdida:

XXI

« D'est'arte a gente força, e esforça Nuno,
 Que com lhe ouvir as ultimas razões,
 Removem o temor frio, importuno,
 Que gelados lhe tinha os corações:
 Nos animaes cavalgam de Neptuno,
 Brandindo, e volteando arremessões;
 Vão correndo, e gritando a bôca aberta:
 « Viva o famoso Rei, que nos liberta. »

XXII

« Das gentes populares, uns approvam
 A guerra com que a patria se sustinha:
 Uns as armas alimpam, e renovam,
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
 Capacetes estofam, peitos provam;
 Arma-se cada um como convinha;
 Outros fazem vestidos de mil côres,
 Com letras e tenções de seus amores.

XXIII

« Com toda esta lustrosa companhia
 Joanne forte sahe da fresca Abrantes;
 Abrantes, que tambem da fonte fria
 Do Tejo logra as aguas abundantes.
 Os primeiros armígeros regia,
 Quem para reger era os mui possantes
 Orientaes exercitos, sem conto,
 Com que passava Xerxes o Hellesponto.

XXIV

« Dom Nun'Alvares, digo, verdadeiro
 Açoute de soberbos castelhanos,
 Como já o fero Hunno o foi primeiro
 Para francezes, para italianos.
 Outro tambem, famoso cavalleiro,
 Que a ala direita tem dos lusitanos,
 Apto para mandal-os, e regêl-os,
 Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV

« E da outra ala, que a esta corresponde,
 Antão Vasques de Almada é capitão,
 Que depois foi de Abranches nobre conde,
 Das gentes vai regendo a sestra mão.
 Logo na retaguarda não se esconde
 Das quinas, e castellos o pendão.
 Com Joanne, rei forte em toda a parte,
 Que escurecendo o preçõ vai de Marte.

XXVI

« Estavam pelos muros temerosas,
 E de um alegre mêdo quasi frias,
 Rezando as mães, irmãs, damas, e esposas,
 Promettendo jejuns, e romarias.
 Já chegam as esquadras bellicosas
 Defronte das imigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem;
 E todas grande dúvida concebem.

XXVII

« Respondem as trombetas mensageiras,
 Pífaros sibilantes, e atambores;
 Alferezes volteam as bandeiras,
 Que variadas são de muitas côres.
 Era no sêcco tempo, que nas eiras
 Ceres o fructo deixa aos lavradores;
 Entra em Astrea o sol, no mez de agosto;
 Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII

« Deu signal a trombeta castelhana
 Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
 Ouviu-o o monte Artábros; e Guadiana
 Atraz tornou as ondas de medroso:
 Ouviu-o o Douro, e a terra transtagana;
 Correu ao mar o Tejo duvidoso:
 E as mães, que o som terrivel escutaram,
 Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX

« Quantos rostos alli se vêem sem côr,
 Que ao coração acode o sangue amigo!
 Que nos perigos grandes, o temor
 E' menor, muitas vezes, que o perigo:
 E se o não é, parece-o; que o furor
 De offender, ou vencer o duro imigo,
 Faz não sentir que é perda grande e rara,
 Dos membros corporaes, da vida cara.

XXX

« Começa-se a travar a incerta guerra;
 De ambas partes se move a primeira ala;
 Uns leva a defensão da propria terra,
 Outros as esperanças de ganhal-a:
 Logo o grande Pereira, em quem se encerra
 Todo o valor, primeiro se assinala;
 Derriba, e encontra, e a terra emfim semeia
 Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

XXXI

« Já pelo espesso ar os estridentes
 Farpões, settas, e varios tiros voam:
 Debaixo dos pés duros dos ardentes
 Cavallos, treme a terra, os valles soam:
 Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
 Quédas, co'as duras armas, tudo atroam:
 Recrescem os imigos sobre a pouca
 Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

« Eis alli seus irmãos contra elle vão:
 (Caso feio e cruel!) mas não se espanta;
 Que menos é querer matar o irmão,
 Quem contra o rei, e a patria se alevanta:
 D'estes arrenegados muitos são
 No primeiro esquadrão, que se adianta
 Contra irmãos, e parentes (caso estranho!)
 Quaes nas guerras civis de Julio, e Manho.

XXXIII

« Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
 Catilina, e vós outros dos antigos,
 Que contra vossas patrias, com profano
 Coração, vos fizestes inimigos;
 Se lá no reino escuro de Sumano
 Receberdes gravissimos castigos,
 Dizei-lhe, que tambem dos portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

« Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
 Tantos dos inimigos a elles vão!
 Está alli Nuno, qual pelos outeiros
 De Ceita está o fortissimo leão,
 Que cercado se vê dos cavalleiros,
 Que os campos vão correr de Tetuão;
 Perseguem-n'o co'as lanças; e elle iroso,
 Torvado um pouco está, mas não medroso.

XXXV

« Com torva vista os vê; mas a natura
 Ferina, e a ira não lhe compadecem
 Que as costas dê; mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrescem.
 Tal está o cavalleiro, que a verdura
 Tinge co'o sangue alheio: alli perecem
 Alguns dos seus; que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

« Sentiu Joanne a affronta, que passava
 Nuno; que, como sabio capitão,
 Tudo corria, e via, e a todos dava,
 Com presença e palavras, coração.
 Qual parida leôa, fera e brava,
 Que os filhos, que no ninho sós estão,
 Sentiu que, emquanto pasto lhe buscára,
 O pastor de Massylia lh'os furtára:

XXXVII

« Corre raivosa, e freme, e com bramidos
 Os montes Sete-Irmãos atroa, e abala:
 Tal Joanne, com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode á primeira ala.
 « Ó fortes companheiros, ó subidos
 Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
 Defendei vossas terras; que a esperança
 Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

« Vêdes-me aqui Rei vosso, e companheiro
 Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
 Dos inimigos corro, e vou primeiro:
 Pelejai, verdadeiros portuguezes.»
 Isto disse o magnanimo Guerreiro;
 E sopesando a lança quatro vezes,
 Com força tira; e d'este unico tiro,
 Muitos lançaram o ultimo suspiro.

XXXIX

« Porque eis os seus accêsos novamente
 D'uma nobre vergonha, e honroso fogo,
 Sobre qual mais com animo valente
 Perigos vencerá do marcio jogo,
 Porfiam: tinge o ferro o sangue ardente;
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
 Assi recebem junto, e dão feridas,
 Como a quem já não dóe perder as vidas.

XL

« A muitos mandam vêr o Estygio lago,
 Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava:
 O mestre morre alli de Sanct-Iago,
 Que fortissimamente pelejava:
 Morre tambem, fazendo grande estrago,
 Outro mestre cruel de Calatrava:
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegando o céo, e os fados.

XLI

« Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, e tambem dos nobres, ao profundo;
 Onde o trifaucẽ cão perpetua fome
 Tem das almas, que passam d'este mundo:
 E porque mais aqui se amanse, e dome
 A soberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira castelhana
 Foi derribada aos pés da lusitana.

XLII

« Aqui a fera batalha se encruece
 Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas;
 A multidãõ da gente, que perece,
 Tem as flores da propria cõr mudadas:
 Já as costas dão, e as vidas; já fallece
 O furor, e sobejam as lançadas;
 Já de Castella o rei desbaratado
 Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII

« O campo vai deixando ao vencedor,
 Contente de lhe não deixar a vida;
 Seguem-no os que ficaram; e o temor
 Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
 Encobrem no profundo peito a dôr
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da mágoa, da deshonna, e triste nojo
 De vêr outrem triumphar de seu despojo.

XLIV

« Alguns vão maldizendo, e blasphemando
 Do primeiro, que guerra fez no mundo;
 Outros a sêde dura vão culpando
 Do peito cobiçoso e sitibundo,
 Que por tomar o alheio, o miserando
 Povo aventura ás penas do profundo;
 Deixando tantas mães, tantas esposas
 Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV

« O vencedor Joanne esteve os dias
 Cõstumados no campo, em grande gloria:
 Com offertas depois, e romarias,
 As graças deu a quem lhe deu victoria.
 Mas Nuno, que não quer por outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria,
 Senão por armas sempre soberanas,
 Para as terras se passa transtaganas.

XLVI

« Ajuda-o seu destino de maneira,
 Que fez igual o effeito ao pensamento;
 Porque a terra dos vandalos fronteira
 Lhe concede o despojo, e o vencimento.
 Já de Sevilha a bética bandeira,
 E de varios senhores, n'um momento
 Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
 Obrigados da força portugueza.

XLVII

« D'estas, e outras victorias longamente
 Eram os castelhanos opprimidos;
 Quando a paz, desejada já da gente,
 Deram os vencedores aos vencidos;
 Depois que quiz o Padre omnipotente
 Dar os reis inimigos por maridos
 Ás duas illustrissimas inglezas,
 Gentis, formosas, ínclytas princezas.

XLVIII

« Não soffre o peito forte, usado á guerra,
 Não ter imigo já a quem faça damno;
 E assi, não tendo a quem vencer na terra,
 Vai commetter as ondas do oceano.
 Este é o primeiro Rei, que se desterra
 Da patria, por fazer que o africano
 Conheça pelas armas, quanto excede
 A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX

« Eis mil nadantes aves pelo argento
 Da furiosa Thetis inquieta,
 Abrindo as pandas azas vão ao vento,
 Para onde Alcides pôz a extrema meta.
 O monte Abyla, e o nobre fundamento
 De Ceita toma, e o torpe Mahometa
 Deita fóra; e segura toda Hespanha
 Da juliana, má e desleal manha.

L

« Não consentiu a morte tantos annos
 Que de heroe tão ditoso se lograsse
 Portugal, mas os coros soberanos
 Do céu supremo quiz que povoasse:
 Mas para defensão dos lusitanos
 Deixou, quem o levou, quem governasse,
 E augmentasse a terra mais que d'antes,
 Inclyta geração, altos infantes.

LI

« Não foi do rei Duarte tão ditoso
 O tempo, que ficou na summa alteza;
 Que assi vai alternando o tempo iroso
 O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
 Quem viu sempre um estado deleitoso?
 Ou quem viu em fortuna haver firmeza?
 Pois inda n'este reino, e n'este Rei,
 Não ousou ella tanto d'esta lei.

LII

«Viu ser captivo o sancto irmão Fernando,
 Que a tão altas empezas aspirava,
 Que por salvar o povo miserando
 Cercado, ao sarraceno s'entregava.
 Só por amor da patria está passando
 A vida de senhora feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceita:
 Mais o publico bem, que o seu respeita.

LIII

«Codro, porque o inimigo não vencesse,
 Deixou antes vencer da morte a vida:
 Regulo, porque a patria não perdesse,
 Quiz mais a liberdade vêr perdida.
 Este, porque se Hespanha não temesse,
 A captivo eterno se convida:
 Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
 Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV

«Mas Affonso, do reino unico herdeiro,
 (Nome em armas ditoso em nossa Hesperia)
 Que a soberda do barbaro fronteiro
 Tornou em baixa e humillima miseria,
 Fôra por certo invicto cavalleiro,
 Se não quizera vêr a terra iberia:
 Mas Africa dirá ser impossibil
 Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV

«Este pôde colher as maçãs de ouro,
 Que sómente o Tyrinthio colher pôde;
 Do jugo que lhe pôz, o bravo mouro
 A cerviz inda agora não sacode.
 Na fronte a palma leva, e o verde louro
 Das victorias do barbaro, que acode
 A defender Alcácer, forte villa,
 Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI

« Porém ellas emfim, por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Às portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros n'esta empreza,
Mais afinando a fama portugueza.

LVII

« Porém depois, tocado de ambição,
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando d'Aragão,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes d'ella,
Desde Cadiz ao alto Pyreneu,
Que tudo ao rei Fernando obedeceu.

LVIII

« Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pae ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sahiu-se emfim do trance perigoso
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pae sanguinolento:
Mas ficou duvidoso o vencimento:

LIX

« Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso damno,
Todo um dia ficou no campo inteiro.
D'est'arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando d'aquelles, que Cesar mataram,
Nos philippicos campos se vingaram.

LX

« Porém depois que a escura noite eterna
 Affonso aposentou no céu sereno,
 O Principe, que o reino então governa,
 Foi Joanne segundo, e rei trezeno.
 Este, por haver fama sempiterna,
 Mais do que tentar póde homem terreno,
 Tentou, que foi buscar da rôxa Aurora
 Os términos, que eu vou buscando agora.

LXI

« Manda seus mensageiros, que passaram
 Hespanha, França, Italia celebrada;
 E lá no illustre porto se embarcaram,
 Onde já foi Parthénope enterrada;
 Napoles, onde os fados se mostraram:
 Fazendo-a a varias gentes subjugada,
 Pela illustrar no fim de tantos annos
 Co'o senhorio de ínclytos hispanos.

LXII

« Pelo mar alto Sículo navegam;
 Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
 E d'alli ás ribeiras altas chegam,
 Que com morte de Manho, são famosas.
 Vão a Mêmphis, e ás terras, que se regam
 Das enchentes nilóticas undosas;
 Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
 Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII

« Passam tambem as ondas erythreas,
 Que o povo de Israel sem nau passou;
 Ficam-lhe atraz as serras nabatheas,
 Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
 As costas odoríferas sabeas,
 Que a mãe do bello Adónis tanto honrou,
 Cercam, com toda a Arabia descoberta
 Feliz, deixando a pétrea, e a deserta.

LXIV

« Entram no estreito persico, onde dura
 Da confusa Babel inda a memoria:
 Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,
 Que as fontes onde nascem teem por gloria.
 D'alli vão em demanda da agua pura
 (Que causa inda será de larga historia)
 Do Indo, pelas ondas do oceano,
 Onde não se atreveu passar Trajano.

LXV

« Viram gentes incognitas e estranhas
 Da India, da Carmânia, e Gedrosia,
 Vendo varios costumes, varias manhas,
 Que cada região produce, e cria.
 Mas de vias tão ásperas, tamanhas,
 Tornar-se facilmente não podia:
 Lá morreram emfim, e lá ficaram;
 Que á desejada patria não tornaram.

LXVI

« Parece, que guardava o claro céo
 A Manoel, e seus merecimentos
 Esta empresa tão ardua, que o moveu
 A subidos e illustres movimentos:
 Manoel, que a Joanne succedeu
 No Reino, e nos altivos pensamentos,
 Logo, como tomou do Reino o cargo,
 Tornou mais a conquista do mar largo.

LXVII

« O qual, como do nobre pensamento
 D'aquella obrigação, que lhe ficára
 De seus antepassados (cujo intento
 Foi sempre accrescentar a terra cara)
 Não deixasse de ser um só momento
 Conquistado no tempo que a luz clara
 Foge, e as estrellas nítidas, que sabem,
 A repouso convidam quando cahem;

LXVIII

« Estando já deitado no aureo leito,
 Onde imaginações mais certas são;
 Revolvendo contino no conceito
 De seu officio e sangue, a obrigação,
 Os olhos lhe occupou o somno acceito,
 Sem lhe desoccupar o coração;
 Porque, tanto que lasso se adormece,
 Morpheu em varias fórmas lhe apparece.

LXIX

« Aqui se lhe apresenta, que subia
 Tão alto, que tocava a prima esphera,
 D'onde diante varios mundos via,
 Nações de muita gente estranha e fera:
 E lá bem junto d'onde nasce o dia,
 (Depois que os olhos longos estendêra)
 Viu de antigos, longinquos e altos montes
 Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX

« Aves agrestes, feras, e alimarias,
 Pelo monte selvatico habitavam:
 Mil arvores silvestres, e hervas varias
 O passo, e o tracto ás gentes atalhavam.
 Estas duras montanhas adversarias
 De mais conversação, por si mostravam,
 Que, des'que Adão peccou, a nossos annos,
 Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI

« Das aguas se lhe antolha que sahiam,
 Para elle os largos passos inclinando,
 Dous homens, que mui velhos pareciam,
 De aspeito, inda que agreste, venerando:
 Das pontas dos cabellos lhe cahiam
 Gottas, que o corpo todo vão banhando;
 A côr da pelle baça e denegrida;
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII

« D'ambos de dous a fronte coroadá
 Ramos não conhecidos, eervas tinha:
 Um d'elles a presença traz cansada,
 Como quem de mais longe allí caminha:
 E assi a agua, com impeto alterada,
 Parecia que d'outra parte vinha;
 Bem como Alpheu de Arcádia em Syracusa
 Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII

« Este, que era o mais grave na pessoa,
 D'est'arte para o Rei de longe brada:
 « Ó Tu, a cujos reinos e corôa
 Grande parte do mundo está guardada;
 Nós outros, cuja fama tanto vôa,
 Cuja cerviz bem nunca foi domada,
 Te avisamos que é tempo que já mandes
 A receber de nós tributos grandes.

LXXIV

« Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste tenho o berço verdadeiro;
 Est'outro é o Indo, rei que n'esta serra
 Que vês, seu nascimento tem primeiro.
 Custar-te-hemos comtudo dura guerra;
 Mas insistindo Tu, por derradeiro
 Com não vistas victorias, sem receio,
 A quantas gentes vês, porás o freio. »

LXXV

« Não disse mais o rio illustre e sancto;
 Mas ambos desaparecem n'um momento;
 Acorda Manoel c'um novo espanto,
 E grande alteração no pensamento.
 Estendeu n'isto Phebo o claro manto
 Pelo escuro hemispherio somnolento;
 Veio a manhã no céu pintando as côres
 De pudibunda rosa, e rôxas flores.

LXXVI

« Chama o Rei os senhores a conselho,
 E propõe-lhe as figuras da visão;
 As palavras lhe diz do sancto velho,
 Que a todos foram grande admiração,
 Determinam o nautico apparelho,
 Para que com sublime coração
 Vá a gente, que mandar, cortando os mares,
 A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII

« Eu, que bem mal cuidava que em effeito
 Se pozesse o que o peito me pedia;
 Que sempre grandes cousas d'este geito
 Presago o coração me promettia;
 Não sei por que razão, por que respeito,
 Ou por que bom signal, que em mi se via,
 Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
 D'este commettimento grande e grave.

LXXVIII

« E com rogo, e palavras amorosas,
 (Que é um mando nos reis, que a mais obriga)
 Me disse: « As cousas arduas e lustrosas
 Se alcançam com trabalho, e com fadiga.
 Faz as pessoas altas e famosas
 A vida, que se perde, e que periga;
 Que quando ao mêdo infame não se rende,
 Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX

« Eu vos tenho, entre todos, escolhido
 Para uma empreza, qual a vós se deve;
 Trabalho illustre, duro, e esclarecido;
 O que eu sei, que por mi vos será leve. »
 Não soffri mais; mas logo: « Ó Rei subido,
 Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
 É tão pouco por vós, que mais me pena
 Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX

« Imaginai tamanhas aventuras,
 Quaes Eurystheu a Alcides inventava;
 O leão cleoneu, Harpyas duras,
 O porco de Erymantho, a Hydra brava:
 Descer emfim ás sombras vãs e escuras,
 Onde os campos de Dite a Estyge lava;
 Porque a maior perigo, a mór affronta,
 Por vós, ó Rei, o esp'rito, e a carne é prompta. »

LXXXI

« Com mercês sumptuosas me agradece,
 E com razões me louva esta vontade;
 Que a virtude louvada vive, e cresce,
 É o louvor altos casos persuade.
 Acompanhar-me logo se offerece,
 (Obrigado d'amor, e de amizade)
 Não menos cubicoso de honra, e fama,
 O caro meu irmão Paulo da Gama.

LXXXII

« Mais se me ajunta Nicolau Coelho,
 De trabalhos mui grande soffredor;
 Ambos são de valia, e de conselho,
 D'experiencia em armas, e furor.
 Já de manceba gente me apparelho,
 Em que cresce o desejo do valor;
 Todos de grande esforço; e assi parece
 Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII

« Foram de Manoel remunerados;
 Porque com mais amor se apercebessem,
 E com palavras altas animados
 Para quantos trabalhos succedessem.
 Assi foram os mínyas ajuntados,
 Para que o véo dourado combatessem,
 Na fatídica nau que ousou primeira
 Tentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV

« E já no porto da ínclyta Ulyssea,
 C'um alvoroço nobre, e c'um desejo
 (Onde o licor mistura, e branca areia,
 Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)
 As naus prestes estão; e não refreia
 Temor nenhum o juvenil despejo;
 Porque a gente marítima, e a de Marte
 Estão para seguir-me a toda a parte.

LXXXV

« Pelas praias vestidos os soldados
 De varias côres veem, e varias artes;
 E não menos de esforço aparelhados
 Para buscar do mundo novas partes.
 Nas fortes naus os ventos socegados
 Ondeam os aereos estandartes:
 Ellas promettem, vendo os mares largos,
 De ser no Olympto estrellas, como a de Argos.

LXXXVI

« Depois de aparelhados d'esta sorte,
 De quanto tal viagem pede, e manda,
 Aparelhamos a alma para a morte,
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
 Para o summo Poder, que a etherea côrte
 Sustenta só co'a vista veneranda,
 Imploramos favor, que nos guiasse,
 E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII

« Partimo-nos assi do sancto templo,
 Que nas praias do mar está sentado,
 Que o nome tem da terra para exemplo,
 D'onde Deus foi em carne ao mundo dado.
 Certifico-te, ó rei, que se contemplo
 Como fui d'estas praias apartado,
 Cheio dentro de duvida e receio,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII

« A gente da cidade aquelle dia,
 (Uns por amigos, outros por parentes,
 Outros por vêr sómente) concorria,
 Saudosos na vista, e descontentes:
 E nós co'a virtuosa companhia
 De mil religiosos diligentes,
 Em procissão solemne a Deus orando,
 Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX

Em tão longo caminho e duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavam;
 As mulheres c'um choro piedoso,
 Os homens com suspiros, que arrancavam:
 Mães, esposas, irmãs (que o temeroso
 Amor mais desconfia) accrescentavam
 A desesperação, e frio mêdo
 De já nos não tornar a vêr tão cêdo.

XC

« Qual vai dizendo: « O' filho, a quem eu tinha
 Só para refrigerio, e doce amparo
 D'esta cansada já velhice minha,
 Que em choro acabará penoso, e amargo;
 Porque me deixas mísera e mesquinha?
 Porque de mim te vás, ó filho caro,
 A fazer o funéreo enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento? »

XCI

« Qual em cabelo: « O' doce e amado esposo,
 Sem quem não quiz amor que viver possa;
 Porque ís aventurar ao mar iroso
 Essa vida, que é minha, e não é vossa?
 Como por um caminho duvido
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento
 Quereis, que com as vélas leve o vento? »

XCII

« N'estas e outras palavras, que diziam
 De amor, e de piedosa humanidade,
 Os velhos, e os meninos os seguiam,
 Em quem menos esforço põe a idade.
 Os montes de mais perto respondiam,
 Quasi mōvidos de alta piedade:
 A branca areia as lagrimas banhavam;
 Que em multidão com ellas se igualavam.

XCII

« Nós outros sem a vista alevantarmos
 Nem a mãe, nem a esposa, n'este estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do proposito firme começado:
 Determinei de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado;
 Que, posto que é de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV

« Mas um velho d'aspeito venerando,
 Que ficava nas praias, entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente;
 A voz pesada um pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente,
 C'um saber só d'experiencias feito,
 Taes palavras tirou do esperto peito:

XCV

« Oh gloria de mandar! Oh vã cubiça
 D'esta vaidade, a quem chamamos fama!
 Oh fraudulento gosto, que se atica
 C'uma aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho, e que justiça
 Fazes no peito vão, que muito te ama!
 Que mortes! que perigos! que tormentas!
 Que crueldades n'elles exp'rimentas!

XCVI

« Dura inquietação d'alma, e da vida,
 Fonte de desamparos, e adulterios,
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas, de reinos, e de imperios:
 Chamam-te illustre, chamam-te subida,
 Sendo digna de infames vituperios;
 Chamam-te fama, e gloria soberana,
 Nomes, com quem se o povo nescio engana!

XCVII

« A que novos desastres determinas
 De levar estes reinos, e esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinas
 Debaixo d'algum nome preeminente?
 Que promessas de reinos, e de minas
 D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
 Que famas lhe prometterás? que historias?
 Que triumphos? que palmas? que victorias?

XCVIII

« Mas ó tu, geração d'aquelle insano,
 Cujó peccado, e desobediencia,
 Não sómente do reino soberano
 Te pôz n'este desterro, e triste ausencia,
 Mas inda d'outro estado mais que humano,
 Da quieta, e da simples innocencia
 Da idade d'ouro, tanto te privou,
 Que na de ferre, e d'armas te deitou:

XCIX

« Já que n'esta gostosa vaidade
 Tanto enlevas a leve phantasia;
 Já que á bruta crueza, e feridade
 Pozeste nome, esforço, e valentia;
 Já que prézas em tanta quantidade
 O desprezo da vida, que devia
 De ser sempre estimada; pois que já
 Temeu tanto perdêl-a quem a dá:

C

« Não tens junto contigo o ismaelita,
 Com quem sempre terás guerras sobejas?
 Não segue elle do Arábio a lei maldita,
 Se tu pela de Christo só pelejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras, e riqueza mais desejas?
 Não é elle por armas esforçado,
 Se queres por victorias ser louvado?

CI

« Deixas crear ás portas o inimigo,
 Por ires buscar outro de tão longe,
 Por quem se despovoe o reino antigo,
 Se enfraqueça, e se vá deitando a longe?
 Buscas o incerto, e incognito perigo,
 Porque a fama te exalte, e te lisonge,
 Chamando-te senhor, com larga cópia,
 Da India, Persia, Arabia, e de Ethiopia?

CII

« Oh maldito o primeiro, que no mundo
 Nas ondas vélas pôz em sêcco lenho!
 Digno da eterna pena do profundo,
 Se é justa a justa lei, que sigo, e tenho,
 Nunca juizo algum alto e facundo,
 Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
 Te dê por isso fama, nem memoria;
 Mas contigo se acabe o nome, e gloria.

CIII

« Trouxe o filho de Jápeto do céu
 O fogo, que ajuntou ao peito humano;
 Fogo, que o mundo em armas accendeu,
 Em mortes, em deshonras: (grande engano!)
 Quanto melhor nos fôra, Prometheu,
 É quanto para o mundo menos damno,
 Que a tua estatua illustre não tivera
 Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV

« Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pae, nem o ar vazio
O grande architector, co'o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geração,
Mísera sorte! Estranha condição! »

Received of the
Hon. Secy of the
War Dept. the sum of
\$1000.00 for the
purchase of
the land in
the State of
Ohio.

OS LUSIADAS

CANTO QUINTO

ARGUMENTO DO CANTO QUINTO



Prosegue Vasco da Gama na relação da sua viagem, e descreve ao rei de Melinde a sahida de Lisboa; as diversas terras que tocaram, e gentes que viram até ao Cabo de Boa Esperança: caso de Fernão Velloso: fabula do gigante Adamastor: continuação da viagem até Melinde, em que dá fim a prática, estabelecida a paz, e uma verdadeira amizade entre o Gama e aquelle rei.

OUTRO ARGUMENTO

Relata o Gama illustre ao rei potente
Sua viagem longa, e incerta via;
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernão Velloso a ousadia:
Como a Adamastor viu, gigante ingente,
Que um dos filhos da terra se dizia;
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou, e são conforto.

OS LUSIADAS

CANTO QUINTO

I

« Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E, como é já no mar costume usado,
A véla desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: «Boa viagem»: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II

« Entrava n'este tempo o eterno lume
No animal Nemeu truculento;
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo e lento:
N'ella vê, como tinha por costume,
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III

« Já a vista pouco e pouco se desterra
D'aquelles patrios montes, que ficavam:
Ficava o caro Tejo, e a fresca serra
De Cintra; e n'ella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E já depois que toda se escondeu,
Não vimos mais emfim que mar, e céu.

IV

« Assi fomos abrindo aquelles mares,
 Que geração alguma não abriu,
 As novas ilhas vendo, e os novos ares,
 Que o generoso Henrique descobriu:
 De Mauritania os montes, e logares,
 Terra, que Antheo n'um tempo possuiu,
 Deixando á mão esquerda; que á direita
 Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V

« Passamos a grande ilha da Madeira,
 (Que do muito arvoredos assi se chama)
 Das que nós povoamos, a primeira,
 Mais celebre por nome, que por fama:
 Mas nem por ser do mundo a derradeira
 Se lhe avantajam quantas Venus ama;
 Antes, sendo esta sua, se esquecêra
 De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI

« Deixamos de Massylia a esteril costa,
 Onde seu gado os Azenegues pastam;
 Gente, que as frescas aguas nunca gosta,
 Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
 A terra a nenhum fructo emfim disposta,
 Onde as aves no ventre o ferro gastam,
 Padecendo de tudo extrema inopia,
 Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII

« Passamos o limite aonde chega
 O sol, que para o norte os carros guia,
 Onde jazem os povos, a quem nega
 O filho de Clymene a côr do dia.
 Aqui gentes estranhas lava, e rega
 Do negro Sanagá a corrente fria,
 Onde o cabo Arsinário o nome perde,
 Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entramos, navegando, pelas filhas
Do velho Hesperio, Hespérides chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas:
Alli tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX

«Áquella ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct-Iago;
Sancto, que os hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos mouros bravo estrago.
D'aqui, tanto que Bóreas nos ventou,
Tornamos a cortar o immenso lago
Do salgado oceano, e assi deixamos
A terra, onde refresco doce achamos.

X

«Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao oriente,
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambêa as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe:

XI

«As Dórcadas passamos, povoadas
Das irmãs, que outro tempo alli viviam;
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres d'um só olho se serviam.
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De viboras encheste a ardente areia.

XII

« Sempre emfim para o Austro a aguda prôa,
 No grandissimo golpham nos mettemos,
 Deixando a serra asperrima Leôa,
 Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos.
 O grande rio, onde batendo soa
 O mar nas praias nôtas, que alli temos,
 Ficou, co'a ilha illustre, que tomou
 O nome d'um, que o lado a Deus tocou.

XIII

« Alli o mui grande reino está de Congo,
 Por nós já convertido á fê de Christo,
 Por onde o Zaire passa claro e longo;
 Rio pelos antigos nunca visto.
 Por este largo mar emfim me alongo
 Do conhecido pólo de Callisto,
 Tendo o término ardente já passado,
 Onde o meio do mundo é limitado.

XIV

« Já descoberto tinhamos diante,
 Lá no novo hemispherio, nova estrella,
 Não vista de outra gente, que ignorante
 Alguns tempos esteve incerta d'ella:
 Vimos a parte menos rutilante,
 E por falta de estrellas, menos bella,
 Do pólo fixo, onde inda se não sabe
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV

« Assi passando aquellas regiões,
 Por onde duas vezes passa Apollo,
 Dous invernos fazendo, e dous verões,
 Emquanto corre d'um ao outro pólo;
 Por calmas, por tormentas, e oppressões,
 Que sempre faz no mar o irado Eolo,
 Vimos as Ussas, a pezar de Juno,
 Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI

« Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

XVII

« Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia;
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vêem do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII

« Vi, claramente visto, o lume vivo,
Que a maritima gente tem por sancto
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Vêr as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do oceano.

XIX

« Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho, e subtil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado um cano ao pólo sumo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

XX

«Ia-se pouco e pouco accrescentando,
 E mais que um largo mastro se engrossava:
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de agua em si chupava:
 Estava-se co'as ondas ondeandô;
 Em cima d'elle ãa nuvem se espessava,
 Fazendo-se maior, mais carregada
 Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI

«Qual rôxa sanguesuga se veria
 Nos beijos da alimaria (que imprudente,
 Bebendô a recolheu na fonte fria)
 Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
 Chupando, mais e mais se engrossa, e cria;
 Alli se enche, e se alarga grandemente:
 Tal a grande columna, enchendo, augmenta
 A si, e a nuvem negra, que sustenta.

XXII

«Mas, depois que de todo se fartou,
 O pé, que tem no mar, a si recolhe;
 E pelo céo, chovendo, emfim voou;
 Porque co'a agua a jacente agua molhe:
 A's ondas torna as ondas, que tomou;
 Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
 Vejam agora os sabios na escriptura,
 Que segredos são estes da natura.

XXIII

«Se os antigos philosophos, que andaram
 Tantas terras, por vêr segredos d'ellas,
 As maravilhas, que eu passei, passaram,
 A tão diversos ventos dando as vélas;
 Que grandes escripturas, que deixaram!
 Que influição de signos, e de estrellas!
 Que estranhezas, que grandes qualidades!
 E tudo, sem mentir, puras verdades.

XXIV

« Mas já o planeta, que no céu primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora, meio rosto, agora inteiro
Mostrára, enquanto o mar cortava a armada;
Quando da ethérea gavea um marinheiro,
Prompto co'a vista, « Terra, Terra », brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horizonte do oriente.

XXV

« Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes, que enxergamos;
As ancóras pesadas se adereçam;
As vélas, já chegados, amainamos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas, onde estamos,
Pelo novo instrumento do astrolabio,
Invenção de subtil juizo e sabio:

XXVI

« Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De vêr cousas estranhas desejava
Da terra, que outro povo não pizou:
Porém eu co'os pilotos, na arenosa
Praia, por vêrmos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII

« Achamos ter de todo já passado
Do semicápro peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII

« Torvado vem na vista, como aquelle
 Que não se vira nunca em tal extremo:
 Nem elle entende a nos, nem nos a elle.
 Selvagem, mais que o bruto Polyphemo.
 Começo-lhe a mostrar da rica pelle
 De colchos o gentil metal supremo,
 A prata fina, a quente especiaria:
 A nada d'isto o bruto se movia.

XXIX

« Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
 Contas de crystallino transparente,
 Alguns soantes cascaveis pequenos,
 Um barrete vermelho, côr contente.
 Vi logo por signaes, e por acenos,
 Que com isto se alegra grandemente:
 Manda-o soltar com tudo; e assi caminha
 Para a povoação, que perto tinha.

XXX

« Mas logo ao outro dia, seus parceiros,
 Todos nus, e da côr da escura treva,
 Descendo pelos ásperos outeiros,
 As peças veem buscar, que est'outro leva:
 Domesticos já tanto, e companheiros
 Se nos mostram, que fazem que se atreva
 Fernão Velloso a ir vêr da terra o tracto,
 E partir-se com elles pelo matto.

XXXI

« É Velloso no braço confiado,
 E de arrogante, crê que vae seguro;
 Mas, sendo um grande espaço já passado,
 Em que algum bom signal saber procuro,
 Estando, a vista alçada, co'o cuidado
 No aventureiro, eis pelo monte duro
 Aparece: e, segundo ao mar caminha,
 Mais apressado, do que fôra, vinha.

XXXII

« O batel de Coelho foi depressa
 Pelo tomar; mas antes que chegasse,
 Um ethiope ousado se arremessa
 A elle, porque não se lhe escapasse:
 Outro e outro lhe sahem: vê-se em pressa
 Velloso, sem que alguém lhe alli ajudasse;
 Acudo eu logo, e emquanto o remo aperto,
 Se mostra um bando negro descoberto.

XXXIII

« Da espessa nuvem settas, e pedradas
 Chovem sobre nós outros sem medida;
 E não foram ao vento em vão deitadas,
 Que esta perna trouxe eu d'alli ferida:
 Mas nós, como pessoas magoadas,
 A resposta lhe demos tão crescida,
 Que em mais que nos barretes, se suspeita
 Que a côr vermelha levam d'esta feita.

XXXIV

« E sendo já Velloso em salvamento,
 Logo nos recolhemos para a armada,
 Vendo a malicia feia, e rudo intento
 Da gente bestial, bruta e malvada:
 De quem nenhum melhor conhecimento
 Pudemos ter da India desejada,
 Que estarmos inda muito longe d'ella:
 E assi tornei a dar ao vento a véla.

XXXV

« Disse então a Velloso um companheiro:
 (Começando-se todos a sorrir)
 « O' lá, Velloso amigo, aquelle outeiro
 É melhor de descer, que de subir.»
 « Sim é, (responde o ousado aventureiro);
 Mas quando eu para cá vi tantos vir
 D'aquelles cães, depressa um pouco vim,
 Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.»

XXXVI

« Contou então, que tanto que passaram
 Aquelle monte, os negros de quem fallo
 Avante mais passar o não deixaram,
 Querendo, se não torna, alli matal-o:
 E tornando-se, logo se emboscaram:
 Porque sahindo nós para tomal-o,
 Nos pudessem mandar ao reino escuro,
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII

« Porém já cinco soes eram passados
 Que d'alli nos partiramos, cortando
 Os mares nunca d'outrem navegados,
 Prosperamente os ventos assoprando;
 Quando uma noite estando descuidados,
 Na cortadora prôa vigiando,
 Uma nuvem, que os ares escurece,
 Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII

« Tão temerosa vinha, e carregada,
 Que pôz nos corações um grande mêdo:
 Bramindo o negro mar, de longe brada,
 Como se dêsse em vão n'algum rochedo.
 « O' Potestade, disse, sublimada!
 Que ameaço divino, ou que segredo
 Este clima, e este mar nos apresenta,
 Que mór cousa parece, que tormenta?»

XXXIX

« Não acabava, quando uma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e válida,
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida;
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a côr terrena e pallida;
 Cheios de terra, e crespos os cabellos,
 A bôca negra, os dentes amarellos.

XL

« Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso,
 Que um dos sete milagres foi do mundo:
 C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
 Que pareceu sahir do mar profundo:
 Arripiam-se as carnes, e o cabello
 A mi, e a todos, só de ouvil-o, e vél-o.

XLI

« E disse: «O' gente ousada, mais que quantas
 No mundo commetteram grandes cousas;
 Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados términos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
 Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:

XLII

« Pois vens vêr os segredos escondidos
 Da natureza e do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de immortal merecimento:
 Ouve os damnos de mi, que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento
 Por todo o largo mar, e pela terra,
 Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII

« Sabe que quantas naus esta viagem,
 Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
 Inimiga terão esta paragem
 Com ventos, e tormentas desmedidas.
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insoffridas,
 Eu farei d'improviso tal castigo,
 Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV

« Aqui espero tomar, (se não me engano)
 De quem me descobriu, summa vingança:
 E não se acabará só n'isto o damno
 Da vossa pertinace confiança;
 Antes em vossas naus vereis cada anno,
 (Se é verdade o que meu juizo alcança)
 Naufragios, perdições de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV

« E do primeiro illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os céos,
 Serei eterna, e nova sepultura,
 Por juizos incognitos de Deus.
 Aqui porá da turca armada dura
 Os soberbos, e prosperos trophéos;
 Comigo de seus damnos o ameaça
 A destruida Quiloa, com Mombaça.

XLVI

« Outro tambem virá de honrada fama,
 Liberal, cavalleiro, enamorado,
 E comsigo trará a formosa dama,
 Que Amor, por gran mercê, lhe terá dado.
 Triste ventura, e negro fado os chama
 N'este terreno meu, que duro e irado
 Os deixará d'um cru naufragio vivos,
 Para vêrem trabalhos excessivos.

XLVII

« Verão morrer com fome os filhos caros,
 Em tanto amor gerados e nascidos;
 Verão os cafres ásperos e aváros
 Tirar á linda dama seus vestidos:
 Os crystallinos membros e preclaros,
 Á calma, ao frio, ao ar verão despídos;
 Depois de ter pizada longamente
 Co'os delicados pés a areia ardente.

XLVIII

« E verão mais os olhos, que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes míseros ficarem
 Na férvida e implacabil espessura.
 Alli, depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dôr, de mágoa pura,
 Abraçados as almas soltarão
 Da formosa e miserrima prisão. »

XLIX

« Mais ia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: « Quem és tu? que esse estupendo
 Corpo, certo me tem maravilhado. »
 A bôca, e os olhos negros retorcendo,
 E dando um espantoso e grande brado,
 Me respondeu com voz pesada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pezára:

L

« Eu sou aquelle occulto e grande cabo,
 A quem chamaes vós outros Tormentorio;
 Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
 Aqui toda a africana costa acabo
 N'este meu nunca visto promontorio,
 Que para o polo antarctico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

« Fui dos filhos asperrimos da terra,
 Qual Encélado, Egeu, e o Centimano;
 Chamei-me Adamastor; e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano:
 Não que puzesse serra sobre serra;
 Mas conquistando as ondas do oceano,
 Fui capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII

«Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tamanha empreza:
 Todas as deusas desprezei do céo,
 Só por amar das aguas a princeza:
 Um dia a vi, co'as filhas de Nereo,
 Sahir nua na praia; e logo prêsa
 A vontade senti de tal maneira,
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII

«Como fosse impossibil alcançal-a
 Pela grandeza feia de meu gesto,
 Determinei por armas de tomal-a;
 E a Dóris este caso manifesto.
 De mêdo a deosa então por mi lhe falla:
 Mas ella, c'um formoso riso honesto,
 Respondeu: «Qual será o amor bastante
 De nymphá, que sustente o d'um gigante?»

LIV

«Comtudo, por livrarmos o oceano
 De tanta guerra, eu buscarei maneira,
 Com que, com minha honra, escuse o damno»:
 Tal resposta me torna a mensageira.
 Eu, que cabir não pude n'este engano,
 (Que é grande dos amantes a cegueira)
 Encheram-me com grandes abundanças
 O peito de desejos, e esperanças.

LV

«Já nescio, já da guerra desistindo,
 Uma noite de Dóris promettida,
 Me apparece de longe o gesto lindo
 Da branca Thetis unica despida:
 Como doudo corri de longe, abrindo
 Os braços, para aquella que era vida
 D'este corpo; e comêço os olhos bellos
 A lhe beijar as faces, e os cabellos.

LVI

« Oh que não sei de nojo como o conte!
 Que crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achei c'um duro monte
 De áspero matto, e de espessura brava.
 Estando c'um penedo fronte a fronte,
 Que eu pelo rosto angelico apertava,
 Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
 E junto d'um penedo outro penedo.

LVII

« Ó nympha a mais formosa do oceano,
 Já que minha presença não te agrada,
 Que te custava ter-me n'este engano,
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
 D'aqui me parto irado, e quasi insano
 Da mágoa, e da deshonra alli passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII

« Eram já n'este tempo meus irmãos
 Vencidos, e em miseria extrema postos;
 E, por mais segurar-se os deoses vãos,
 Alguns a varios montes sotopostos:
 E, como contra o céo não valem mãos,
 Eu, que chorando andava meus desgostos,
 Comecei a sentir do fado imigo
 Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX

« Converte-se-me a carne em terra dura;
 Em penedos os ossos se fizeram;
 Estes membros, que vês, e esta figura,
 Por estas longas aguas se estenderam:
 Emfim, minha grandissima estatura
 N'este remoto cabo converteram
 Os deoses; e, por mais dobradas mágoas,
 Me anda Thetis cercando d'estas aguas. »

LX

« Assi contava, e c'um medonho choro
 Subito d'ante os olhos se apartou;
 Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
 Bramido muito longe o mar soou.
 Eu, levantando as mãos ao sancto côro
 Dos anjos, que tão longe nos guiou,
 A Deus pedi que removesse os duros
 Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI

« Já Phlegon, e Pyrois vinham tirando
 Co'os outros dous o carro radiante,
 Quando a terra alta se nos foi mostrando,
 Em que foi convertido o gran gigante.
 Ao longo d'esta costa, começando
 Já de cortar as ondas do Levante,
 Por ella abaixo um pouco navegamos
 Onde segunda vez terra tomamos.

LXII

« A gente, que esta terra possuia,
 Posto que todos ethiôpes eram,
 Mais humana no tracto parecia,
 Que os outros, que tão mal nos receberam.
 Com bailes, e com festas de alegria,
 Pela praia arenosa a nós vieram;
 As mulheres comsigo, e o manso gado,
 Que apascentavam, gordo e bem creado.

LXIII

« As mulheres queimadas veem em cima
 Dos vagarosos bois, alli sentadas;
 Animaes, que elles tem em mais estima,
 Que todo o outro gado das manadas:
 Cantigas pastoris, em prosa, ou rima,
 Na sua lingua cantam concertadas
 Co'o doce som das rusticas avenas,
 Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV

«Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tractaram,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,
A troco d'outras peças, que levaram:
Mas como nunca emfim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que dêsse algum signal do que buscamos,
As vélas dando, as ancoras levamos.

LXV

«Já aqui tínhamos dado um gran rodeio
Á costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do céu, e o polo antarctico ficava:
Aquelle ilheo deixamos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo, e descoberto,
N'aquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI

«D'aqui fomos cortando muitos dias,
(Entre tormentas tristes e bonanças)
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co'o mar um tempo andamos em porfias;
Que, como tudo n'elle são mudanças,
Corrente n'elle achamos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII

«Era maior a força em demasia,
(Segundo para traz nos obrigava)
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento, que assoprava:
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a gran corrente.

LXVIII

«Trazia o sol o dia celebrado,
 Em que tres reis das partes do Oriente
 Foram buscar um Rei de pouco nado,
 No qual Rei outros tres ha juntamente:
 N'este dia outro porto foi tomado
 Por nós da mesma já contada gente,
 N'um largo rio, ao qual o nome demos
 Do dia, em que por elle nos mettemos.

LXIX

«D'esta gente refresco algum tomamos,
 E do rio fresca agua; mas comtudo,
 Nenhum signal aqui da India achamos
 No povo, com nós outros, quasi mudo;
 Ora vê, rei, quammanha terra andamos,
 Sem sahir nunca d'este povo rudo;
 Sem vermos nunca nova, nem signal
 Da desejada parte oriental.

LXX

«Ora imagina agora quão coitados
 Andariamos todos, quão perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados,
 Por climas, e por mares não sabidos:
 E do esperar compridó tão cansados,
 Quanto a desesperar já compellidos,
 Por céos não naturaes, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

LXXI

«Corrupto já e damnado o mantimento,
 Damnosos e mau ao fraco corpo humano;
 E além d'isso nenhum contentamento,
 Que sequer da esperança fosse engano.
 Crês tu, que se este nosso ajuntamento
 De soldados, não fôra lusitano,
 Que durára elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rei, e a seu Regente?

LXXII

«Crês tu, que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
D'aquella portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII

«Deixando o porto emfim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos d'esta costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda a armada;
Porque, ventando Noto mánso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz alli d'aquella banda,
D'onde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV

«Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolau,
Para onde o mar na costa brada, e geme,
A proa inclina d'uma, e d'outra nau:
Quando indo o coração, que espera, e teme,
É que tanto fiou d'um fraco pau,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'uma novidade alvoroçado.

LXXV

«E foi, que estando já da costa perto,
Onde as praias, e valles bem se viam,
N'um rio, que alli sahe ao mar aberto,
Bateis á véla entravam, e sahiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas, que sabiam
Navegar; porque entr'ellas esperamos,
De achar novas algumas, como achamos.

LXXVI

« Ethíopes são todos, mas parece
 Que com gente melhor communicavam:
 Palavra alguma arabia se conhece
 Entre a linguagem sua, que fallavam:
 E com panno delgado, que se tece
 De algodão, as cabeças apertavam;
 Com outro, que de tinta azul se tinge,
 Cada um as vergonhosas partes cinge.

LXXVII

« Pela arabica lingua, que mal fallam,
 E que Fernão Martins mui bem entende,
 Dizem, « que por naus, que em grandeza igualam
 As nossas, o seu mar se corta e fende:
 Mas que lá d'onde sahe o sol, se abalam
 Para ondê a costa ao sul se alarga e estende,
 E do sul para o sol; terra onde havia
 Gente, assi como nós, da côr do dia. »

LXXVIII

« Mui grandemente aqui nos alegamos
 Co'a gente, e com as noyas muito mais:
 Pelos signaes, que n'este rio achamos,
 O nome lhe ficou dos Bons-Signaes:
 Um padrão n'esta terra alevantamos,
 (Que para assignalar logares taes
 Trazia alguns) o nome tem do bello
 Guiador de Tobías a Gabelo.

LXXIX

« Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
 (Nojosa creação das aguas fundas)
 Alimpamos as naus, que dos caminhos
 Longos do mar, veem sordidas, e immundas,
 Dos hospedes, que tinhamos visinhos,
 Com mostras apraziveis e jucundas,
 Houvemos sempre o usado mantimento,
 Limpo de todo o falso pensamento.

LXXX

« Mas não foi, da esperança grande e immensa,
Que n'esta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnúsia com nova desventura.
Assi no céo sereno se dispensa:
Com esta condição pesada e dura
Nascemos: o pezar terá firmeza;
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI

« E foi, que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida; e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o vêr, o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gengivas na bôca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII

« Apodrecia c'um fétido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava:
Não tínhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualquer, n'este officio pouco instructo,
Pela carne já podre assi cortava
Como se fôra morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII

« Emfim que n'esta incognita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quão facil é ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV

« Assi que d'este porto nos partimos
 Com maior esperança, e mór tristeza,
 E pela costa abaixo o mar abrimos,
 Buscando algum signal de mais firmeza:
 Na dura Moçambique emfim surgimos:
 De cuja falsidade, e má vileza
 Já serás sabedor, e dos enganos
 Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV

« Até que aqui no teu seguro porto,
 (Cuja brandura, e doce tractamento
 Dará saude a um vivo, e vida a um morto)
 Nos trouxe a piedade do alto assento:
 Aqui repouso, aqui doce conforto,
 Nova quietação do pensamento
 Nos déste: e vês aqui (se attento ouviste)
 Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI

« Agora julga, ó rei, se houve no mundo
 Gentes, que taes caminhos commettessem?
 Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
 Ulysses, pelo mundo se estendessem?
 Ousou algum a vêr do mar profundo
 (Por mais versos que d'elle se escrevessem)
 Do que eu vi, a poder d'esforço, e de arte,
 (E do que inda hei de vêr) a oitava parte?

LXXXVII

« Esse que bebeu tanto da agua Aonia,
 Sobre quem tem contenda peregrina
 Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
 Athenas, Chios, Argo, e Salamina:
 Ess'outro, que esclarece toda Ausonia,
 A cuja voz altisona e divina,
 Ouvindo o patrio Mincio, se adormece;
 Mas o Tybre, co'o som, se ensoberbece;

LXXXVIII

« Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
 D'esses seus semideuses, e encareçam,
 Fingindo magas, Circes, Polyphemos,
 Sirenas, que co'o canto os adormeçam:
 Dêem-lhe mais navegar á véla, e remos
 Os cicónes, e a terra, onde se esqueçam
 Os companheiros, em gostando o loto;
 Dêem-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX

« Ventos soltos lhe finjam, e imaginem
 Dos odres, e Calypsos namoradas;
 Harpyas, que o manjar lhe contaminem;
 Descer ás sombras nuas já passadas:
 Que por muito, e por muito que se afinem
 N'estas fabulas vãs, tão bem sonhadas;
 A verdade, que eu conto nua e pura,
 Vence toda grandiloqua escriptura.»

XC

Da bôca do facundo Capitão
 Pendendo estavam todos embebidos,
 Quando deu fim á longa narração
 Dos altos feitos grandes, e subidos.
 Louva o rei o sublime coração
 Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
 Da gente louva a antiga fortaleza,
 A lealdade d'animo, e nobreza.

XCI

Vai recontando o povo, que se admira,
 O caso cada qual, que mais notou:
 Nenhum d'elles da gente os olhos tira,
 Que tão longos caminhos rodeou.
 Mas já o mancebo Délio as redeas vira,
 Que o irmão de Lampécia mal guiou,
 Por vir a descançar nos thetios braços;
 E el-rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII

Quão doce é o louvor, e a justa gloria
 Dos proprios feitos quando são soados!
 Qualquer nobre trabalha, que em memoria
 Vença, ou iguale os grandes já passados.
 As invejas da illustre e alheia historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados.
 Quem valorosas obras exercita,
 Louvor alheio muito o esperta, e incita.

XCIII

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
 De Achilles, Alexandro na peleja,
 Quanto de quem o canta, os numerosos
 Versos isso só louva, isso deseja.
 Os trophéos de Milcíades famosos
 Themistocles despertam só de inveja;
 E diz, «que nada tanto o deleitava,
 Como a voz, que seus feitos celebrava.»

XCIV

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
 Que essas navegações, que o mundo canta,
 Não merecem tamanha gloria, e fama,
 Como a sua, que o céu e a terra espanta.
 Si; mas aquelle heroe, que estima, e ama
 Com dons, mercês, favores e honra tanta
 A lyra mantuana, faz que sôe
 Eneas, e a romana gloria vôe.

XCV

Dá a terra lusitana Scipiões,
 Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
 Mas não lhe dá comtudo aquelles dões,
 Cujá falta os faz duros, e robustos:
 Octavio, entre as maiores oppressões,
 Compunha versos doutos e venustos.
 Não dirá Fulvia certo que é mentira,
 Quando a deixava Antonio por Glaphira.

XCVI

Vai Cesar subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'uma mão a penna, e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe, e alcança,
É nas comedias grande experiencia;
Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII

Emfim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto, e sciente,
Da lacia, grega, ou barbara nação,
Senão da portugueza tão sómente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
É não se vêr prezado o verso, e rima;
Porque, quem não sabe a arte, não a estima.

XCVIII

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá (se este costume dura)
Pios Eneas, nem Achilles feros.
Mas o peor de tudo é, que a ventura
Tão ásperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada d'isso.

XCIX

Ás musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama
De toda illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As télas d'ouro fino, e que o cantassem.

C

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o lusitano feito
Seu louvor, é sómente o presupposto
Das Tagides gentís, e seu respeito.
Porém não deixe emfim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço, e s'a valia.

OS LUSIADAS

CANTO SEXTO

ARGUMENTO DO CANTO SEXTO



Sabe Vasco da Gama de Melinde, e emquanto navega prosperamente, desce Baccho ao mar: descripção do palacio de Neptuno: convoca o mesmo Baccho os deuses maritimos, e lhes persuade destruam aos navegantes: emquanto isto se passa, referiu Velloso, por entreter aos companheiros, a historia dos doze de Inglaterra: levanta-se horrorosa tormenta: é aplacada por Venus e pelas nymphas: com bonança chegam finalmente a Calecut, ultimo, e desejado termo d'esta navegação.

OUTRO ARGUMENTO

Parte-se de Melinde o illustre Gama,
Com pilotos da terra, e mantimento:
Desce Lyeu ao mar, Neptuno chama
Todos os deuses do humido elemento:
Conta Velloso, aos seus dando honra e fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a affligida armada,
E á India chega tanto desejada.

OS LUSIADAS

CANTO SEXTO

I

Não sabia em que modo festejasse
O rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei christão, das gentes tão possantes:
Pêza-lhe, que tão longe o aposentasse
Das europeas terras abundantes
A ventura, que não o fez visinho
D'onde Hercules ao mar abriu caminho.

II

Com jogos, danças, e outras alegrias,
(A segundo a polícia melindana)
Com usadas e lêdas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegre, e engana,
Este famoso rei, todos os dias,
Festeja a companhia lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III

Mas vendo o capitão, que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra, e mantimento;
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV

Pede-lhe mais, « que aquelle porto seja
 Sempre, com suas frotas, visitado;
 Que nenhum outro bem maior deseja,
 Que dar a taes Varões seu reino, e estado:
 É que emquanto o seu corpo o esp'rito reja,
 Estará de contino aparelhado
 A pôr a vida, e reino totalmente
 Por tão bom Rei, por tão sublime gente. »

V

Outras palavras taes lhe respondia
 O Capitão; e logo, as vélas dando,
 Para as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha já que vai buscando.
 No piloto, que leva, não havia
 Falsidade, mas antes vai mostrando
 A navegação certa; e assi caminha
 Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI

As ondas navegavam do oriente
 Já nos mares da India, e enxergavam
 Os thálamos do sol, que nasce ardente;
 Já quasi seus desejos se acabavam.
 Mas o mau de Thyoneu, que na alma sente
 As venturas, que então se aparelhavam
 Á gente lusitana, d'ellas dina,
 Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII

Via estar todo o céo determinado
 De fazer de Lisboa nova Roma:
 Não o póde estorvar, que destinado
 Está d'outro poder, que tudo doma.
 Do Olympo desce emfim desesperado;
 Novo remedio em terra busca, e toma,
 Entra no humido reino, e vai-se á côrte
 D'aquelle a quem o mar cahiu em sorte.

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá d'onde as ondas sabem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deuses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
As areias alli de prata fina;
Torres altas se vêem no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se é crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X

As portas d'ouro fino, e marchetadas
De rico aljofar, que nas conchas nasce,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual o irado Baccho a vista pasce:
E vê primeiro em côres variadas
Do velho Cháos a tão confusa face;
Vêem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI

Alli sublime o fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sustinha;
D'aqui as cousas vivas sempre anima,
Depois que Prometheu furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisivel ar, que mais asinha
Tomou logar; e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII

Estava a terra em montes revestida
 De verdes hervas, e arvores floridas,
 Dando pasto diverso, e dando vida
 Às alimarias n'ella produzidas.
 A clara fórma alli 'stava esculpida
 Das aguas entre a terra desparzidas,
 De pescados creando varios modos,
 Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII

N'outra parte esculpida estava a guerra,
 Que tiveram os deuses co'os gigantes:
 Está Typheu debaixo da alta serra
 De Ethna, que as flammaz lança crepitantes:
 Esculpido se vê ferindo a terra
 Neptuno, quando as gentes ignorantes,
 D'elle o cavallo houvéram, e a primeira
 De Minerva pacífica oliveira.

XIV

Pouca tardança faz Lyeu irado
 Na vista d'estas cousas; mas entrando
 Nos paços de Neptuno, que avisado
 Da vinda sua, o estava já aguardando;
 E ás portas o recebe, acompanhado
 Das nymphas, que se estão maravillhando
 De vêr que, commettendo tal caminho,
 Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV

« Ó Neptuno (lhe disse) não te espantes
 De Baccho nos teus reinos receberes;
 Porque também co'os grandes e possantes
 Mostra a fortuna injusta seus poderes:
 Manda chamar os deuses do mar, antes
 Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
 Verão da desventura grandes modos:
 Ouçam todos o mal, que toca a todos.»

XVI

Julgando já Neptuno que seria
 Estranho caso aquelle, logo manda
 Tritão, que chame os deuses da agua fria,
 Que o mar habitam d'uma e d'outra banda:
 Tritão, que de ser filho se gloria
 Do rei, e de Salacia veneranda;
 Era mancebo grande, negro e feio,
 Trombeta de seu pae, e seu correio.

XVII

Os cabellos da barba, e os que descem
 Da cabeça nos hombros, todos eram
 Uns limos prenes d'agua; e bem parecem
 Que nunca brando pente conheceram;
 Nas pontas pendurados não fallecem
 Os negros misilhões, que alli se geram;
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Uma mui grande casca de lagosta.

XVIII

O corpo nú, e os membros genitae,
 Por não ter ao nadar impedimento;
 Mas porém de pequenos animaes
 Do mar todos cobertos cento e cento:
 Camarões, e cangrejos, e outros mais,
 Que recebem de Phebe crescimento;
 Ostras, e breguigões de musgo sujos;
 Às costas, com a casca, os caramujos.

XIX

Na mão a grande concha retorcida,
 Que trazia, com força já tocava:
 A voz grande canora foi ouvida
 Por todo o mar, que longe retumbava.
 Já toda a companhia apercebida
 Dos deuses para os paços caminhava
 Do deus, que fez os muros de Dardania,
 Destruídos depois da grega insania.

XX

Vinha o padre Oceano acompanhado
 Dos filhos, e das filhas, que gerára:
 Vem Nereu, que com Dóris foi casado,
 Que todo o mar de nymphas povoára:
 O propheta Proteu deixando o gado
 Maritimo pascer pela agua amara,
 Alli veio tambem; mas já sabia
 O que o padre Lyeu no mar queria.

XXI

Vinha por outra parte a linda esposa
 De Neptuno, de Celo, e Vesta filha,
 Grave, e lêda no gesto, e tão formosa,
 Que se amansava o mar de maravilha:
 Vestida uma camisa preciosa
 Trazia de delgada beatilha,
 Que o corpo crystallino deixa vêr-se;
 Que tanto bem não é para esconder-se.

XXII

Amphitrite, formosa como as flores,
 N'este caso não quiz que fallecesse;
 O Delphim traz comsigo, que aos amores
 Do rei lhe aconselhou que obedecesse.
 Co'os olhos, que de tudo são senhores,
 Qualquer parecerá que o sol vencesse:
 Ambas veem pela mão; igual partido,
 Pois ambas são esposas d'um marido.

XXIII

Aquella, que das furias de Athamante
 Fugindo, veio a ter divino estado,
 Comsigo traz o filho, bello infante,
 No numero dos deuses relatado.
 Pela praia brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas, que o salgado
 Mar sempre cria; e ás vezes pela areia
 No collo o toma a bella Panopeia.

XXIV

E o deus, que foi n'um tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe, e d'este damno
Lhe resultou deidade gloriosa;
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circe tinha usado co'a formosa
Scylla, que elle ama, d'esta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal;
As deusas em riquissimos estrados,
Os deuses em cadeiras de crystal;
Foram todos do padre agasalhados,
Que co'o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa,
Que no mar nasce, e a Arabia em cheiro passa.

XXVI

Estando socegado já o tumulto
Dos deuses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneu de seus tormentos:
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de luso triste morte
Co'o ferro alheio, falla d'esta sorte:

XXVII

« Príncipe, que de juro senhoreias
D'um pólo ao outro pólo o mar irado;
Tu, que as gentes da terra toda enfreias,
Que não passem o termo limitado:
E tu, padre Oceano, que rodeias
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII

« E vós, deuses do mar, que não soffreis
 Injuria alguma em vosso reino grande,
 Que com castigo igual vos não vingueis
 De quem quer que por elle corra, e ande:
 Que descuido foi este, em que viveis?
 Quem pôde ser que tanto vos abrande
 Os peitos, com razão endurecidos
 Contra os humanos fracos e atrevidos?

XXIX

« Vistes, que com grandissima ousadia
 Foram já commetter o céo supremo;
 Vistes aquella insana phantasia
 De tentarem o mar com véla, e remo:
 Vistes, e ainda vêmos cada dia,
 Soberbas, e insolencias taes, que temo
 Que do mar e do céo em poucos annos
 Venham deuses a ser, e nós humanos.

XXX

« Vêdes agora a fraca geração,
 Que d'um vassallo meu o nome toma,
 Com soberbo e altivo coração,
 A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
 Vêdes, o vosso mar cortando vão,
 Mais do que fez a gente alta de Roma:
 Vêdes, o vosso reino devassando,
 Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI

« Eu vi que contra os minyas, que primeiro
 No vosso reino este caminho abriram,
 Bóreas injuriado, e o companheiro
 Áquillo, e os outros todos resistiram.
 Pois se do ajuntamento aventureiro
 Os ventos esta injuria assi sentiram,
 Vós, a quem mais compete esta vingança,
 Que esperaes? Porque a pondeis em tardança?

XXXII

« E não consinto, deuses, que cuideis
 Que por amor de vós do céu desci,
 Nem da mágoa da injúria, que soffreis,
 Mas da que se me faz também a mi.
 Que aquellas grandes honras, que sabeis
 Que no mundo ganhei, quando venci
 As terras indianas do Oriente,
 Todas vejo abatidas d'esta gente.

XXXIII

« Que o gran Senhor, e fados, que destinam,
 Como lhe bem parece, o baixo mundo,
 Famas móres que nunca, determinam
 De dar a estes Varões no mar profundo.
 Aqui vereis, ó deuses, como ensinam
 O mal também a deuses, que a segundo
 Se vê, ninguém já tem menos valia,
 Que quem, com mais razão, valer devia.

XXXIV

« E por isso do Olympo já fugi,
 Buscando algum remédio a meus pezares,
 Por vêr o preço, que no céu perdi,
 Se por dita acharei nos vossos mares. »
 Mais quiz dizer; e não passou d'aqui,
 Porque as lagrimas já correndo a pares
 Lhe saltaram dos olhos, com que logo
 Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV

A ira, com que subito alterado
 O coração dos deuses foi n'um ponto,
 Não soffreu mais conselho bem cuidado,
 Nem dilação, nem outro algum desconto.
 Ao grande Eolo mandam já recado
 Da parte de Neptuno, que sem conto
 Solte as furias dos ventos repugnantes;
 Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI

Bem quizera primeiro alli Proteu
 Dizer n'este negocio o que sentia;
 E segundo o que a todos pareceu,
 Era alguma profunda prophecia;
 Porém tanto o tumulto se moveu
 Subito na divina companhia,
 Que Tethys indignada lhe bradou:
 « Neptuno sabe bem o que mandou. »

XXXVII

Já lá o soberbo Hippótades soltava
 Do carcere fechado os furiosos
 Ventos, que com palavras animava
 Contra os Varões audazes, e animosos.
 Subito o céu sereno se obumbrava;
 Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
 Começam novas forças a ir tomando,
 Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII

Emquanto este conselho se fazia
 No fundo aquoso, a lêda lassa frota
 Com vento socegado, proseguia
 Pelo tranquillo mar a longa rota.
 Era no tempo quando a luz do dia
 Do eoo hemispherio está remota:
 Os do quarto da prima se deitavam:
 Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX

Vencidos veem do somno, e mal despertos,
 Bocejando a miudo se encostavam
 Pelas antennas, todos mal cobertos
 Contra os agudos ares, que assopravam:
 Os olhos contra seu querer abertos,
 Mas esfregando, os membros estiravam:
 Remedios contra o somno buscar querem;
 Historias contam, casos mil referem.

XL

« Com que melhor podemos (um dizia)
Este tempo passar, que é tão pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado? »

Responde Leonardo (que trazia
Pensamentos de firme namorado):

« Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores? »

XLI

« Não é (disse Velloso) cousa justa
Tractar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fêrvida, e robusta,
A nossa historia seja; pois dureza
Nossa vida ha de ser (segundo entendo)
Que o trabalho por vir m'ó está dizendo. »

XLII

Consentem n'isto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
« Contarei (disse) sem que me repr'endam
De contar cousa fabulosa, ou nova:
E porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi da nossa terra;
E estes sejam os doze de Inglaterra. »

XLIII

« No tempo, que do Reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Depois que socegado e livre o teve
Do visinho poder, que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania. »

XLIV

« Entre as damas gentis da côrte ingleza,
 E nobres cortezãos, acaso um dia
 Se levantou discordia em ira accêsa,
 Ou foi opinião, ou foi porfia.
 Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
 Soltar palavras graves de ousadia,
 Dizem, « que provarão, que honras e famas
 Em taes damas não ha, para ser damas.

XLV

« E que se houver alguém, com lança e espada,
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo razo, ou estacada,
 Lhe darão feia infamia, ou morte crua.»
 A feminil fraqueza pouco usada,
 Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
 De forças naturaes convenientes,
 Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI

« Mas como fossem grandes, e possantes
 No reino os inimigos, não se atrevem
 Nem parentes, nem férvidos amantes,
 A sustentar as damas, como devem.
 Com lagrimas formosas, e bastantes
 A fazer que em soccorro os deuses levem
 De todo o céu, por rostos de alabastro,
 Se vão todas ao duque de Alencastro.

XLVII

« Era este inglez potente, e militára
 Co'os portuguezes já contra Castella,
 Onde as forças magnanimas provára
 Dos companheiros, e benigna estrella:
 Não menos n'esta terra exp'riméntára
 Namorados affeitos, quando n'ella
 A filha viu, que tanto o peito doma
 Do forte rei, que por mulher a toma.

XLVIII

« Este, que soccorrer-lhe não queria,
 Por não causar discordias intestinas,
 Lhe diz: « Quando o direito pretendia,
 Do reino lá das terras iberinas,
 Nos lusitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, e partes tão divinas,
 Que elles sós poderiam (se não erro)
 Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

« E se, aggravadas damas, sois servidas,
 Por vós lhe mandarei embaixadores,
 Que por cartas discretas e polidas
 De vosso agravo os façam sabedores.
 Tambem por vossa parte encarecidas
 Com palavras de afagos, e de amores,
 Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
 Que alli tereis soccorro, e forte esteio.»

L

« D'est' arte as aconselha o duque experto;
 E logo lhe nomeia doze fortes;
 E porque cada dama um tenha certo,
 Lhe manda que sobre elles lancem sortes;
 Que ellas só doze são: e descoberto
 Qual a qual tem cahido das consortes,
 Cada uma escreve ao seu por varios modos,
 E todas a seu rei, e o duque a todos.

LI

« Já chega a Portugal o mensageiro;
 Toda a côrte alvoroça a novidade:
 Quizera o Rei sublime ser primeiro,
 Mas não lh'o soffre a regia magestade.
 Qualquer dos cortezãos aventureiro
 Deseja ser, com fêrvida vontade;
 E só fica por bemaventurado
 Quem já vem pelo duque nomeado.

LII

« Lá na leal Cidade, d'onde teve
 Origem (como é fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leve
 Manda o que tem o leme do governo.
 Apercebem-se os doze em tempo breve
 D'armas, e roupas de uso mais moderno,
 De elmos, cimeiras, letras, e primores,
 Cavallos, e concertos de mil côres.

LIII

« Já do seu rei tomado teem licença
 Para partir do Douro celebrado
 Aquelles, que escolhidos por sentença
 Foram do duque inglez exp'rimetado.
 Não ha na companhia differença
 De cavalleiro destro ou esforçado;
 Mas um só, que Magriço se dizia,
 D'est'arte falla á forte companhia:

LIV

« Fortissimos consocios, eu desejo,
 Ha muito já de andar terras estranhas,
 Por vêr mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
 Varias gentes, e leis, e varias manhas.
 Agora que apparelho certo vejo,
 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
 Quero, se me deixaes, ir só por terra;
 Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV

« E quando caso fôr, que eu impedido
 Por quem das cousas é ultima linha,
 Não fôr comvosco ao prazo instituido,
 Pouca falta vos faz a falta minha.
 Todos por mi fareis o que é devido;
 Mas se a verdade o esp'rito me adivinha,
 Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
 Não farão que eu comvosco lá não seja. »

LVI

« Assi diz; e abraçados os amigos,
 E tomada licença, emfim se parte:
 Passa Leão, Castella, vendo antigos
 Logares, que ganhára o patrio Marte;
 Navarra, co'os altissimos perigos
 Do Pyreneu, que Hespanha, e Gallia parte:
 Vistas emfim de França as cousas grandes,
 No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII

« Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se deteve muitos dias;
 Mas dos onze a illustrissima companhia
 Cortam do mar do norte as ondas frias.
 Chegados de Inglaterra á costa estranha,
 Para Londres já fazem todos vias:
 Do duque são com festa agasalhados,
 E das damas servidos, e amimados.

LVIII

« Chega-se o prazo, e dia assignalado
 De entrar em campo já co'os doze inglezes,
 Que pelo rei já tinham segurado:
 Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
 Já as damas tem por si fulgente, e armado
 O Mavorte feroz dos portuguezes:
 Vestem-se ellas de côres, e de sêdas,
 De ouro, e de joias mil, ricas e lêdas.

LIX

« Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
 Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu cavalleiro n'esta empreza:
 Bem que os onze apregoam, « que acabado
 Será o negocio assi na côrte ingleza;
 Que as damas vencedoras se conheçam,
 Posto que dous e tres dos seus falleçam. »

LX

« Já n'um sublime e publico theatro
 Se assenta o rei inglez com toda a côrte:
 Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
 Bem como a cada qual coubera em sorte.
 Não são vistos do sol, do Tejo ao Batro,
 De força, esforço, e d'animo mais forte,
 Outros doze sahir, como os inglezes
 No campo contra os onze portuguezes.

LXI

« Mastigam os cavalloes escumando
 Os aureos freios com feroz semblante:
 Estava o sol nas armas rutilando
 Como em crystal, ou rigido diamante.
 Mas enxerga-se n'um, e n'outro bando
 Partido desigual, e dissonante,
 Dos onze contra os doze: quando a gente
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII

« Viram todos o rosto aonde havia
 A causa principal do reboliço:
 Eis entra um cavalleiro, que trazia
 Armas, cavallo, ao bellico serviço:
 Ao rei, e ás damas falla, e logo se ia
 Para os onze: que este era o gran Magriço;
 Abraça os companheiros como amigos,
 A quem não falta certo nos perigos.

LXIII

« A dama, como ouviu que este era aquelle
 Que vinha a defender seu nome, e fama,
 Se alegre, e veste alli do animal de Helle,
 Que a gente bruta, mais que virtude, ama.
 Já dão signal, e o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos, que inflamma:
 Picam d'esporas, largam redeas logo,
 Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

« Dos cavallos o estrepito parece
Que faz, que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça, e teme:
Qual do cavallo vôa, que não desce;
Qual co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

LXV

« Algum d'alli tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo.
Cahe a soberba ingleza de seu throno;
Que dous, ou tres já fora vão do vallo:
Os que de espada veem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

LXVI

« Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É d'esses gastadores, que sabemos
Maus do tempo, com fabulas sonhadas.
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas, e afamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII

« Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria:
Cozinheiros occupa, e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora, e cada dia,
Emquanto se deteem em Inglaterra.
Até tornar á doce e cara terra,

LXVIII

« Mas dizem, que comtudo o gran Magriço
 Desejoso de vêr as cousas grandes,
 Lá se deixou ficar, onde um serviço
 Notavel á condessa fez de Frandes:
 E como quem não era já noviço
 Em todo o trance, onde tu, Marte, mandes,
 Um francez mata em campo, que o destino
 Lá teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX

« Outro tambem dos doze em Allemanha
 Se lança, e teve um fero desafio
 C'um germano enganoso, que com manha
 Não devida o quiz pôr no extremo fio. »
 Contando assi Velloso, já a companhia
 Lhe pede, que não faça tal desvio
 Do caso de Magriço, e vencimento;
 Nem deixe o de Allemanha em esquecimento.

LXX

Mas n'este passo assi promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca; acordam despertando
 Os marinheiros d'uma e d'outra banda:
 E, porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaveas tomar manda:
 « Alerta (disse) estai, que o vento cresce
 D'aquella nuvem negra, que apparece. »

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
 Quando dá a grande e subita procella:
 « Amaina (disse o mestre a grandes brados)
 Amaina (disse) amaina a grande véla. »
 Não esperam os ventos indignados
 Que amainassem; mas juntos dando n'ella,
 Em pedaços a fazem c'um ruido,
 Que o mundo pareceu ser destruido.

LXXII

O céo fere com gritos n'isto a gente,
 Com subito temor, e desaccordo;
 Que, no romper da véla, a nau pendente
 Toma gran somma d'agua pelo bordo:
 «Alija (disse o mestre rijamente)
 Alija tudo ao mar, não falte accordo;
 Vão outros dar á bomba, não cessando:
 Á bomba, que nos imos alangando.»

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
 A dar á bomba, e tanto que chegaram,
 Os balanços, que os mares temerosos
 Deram a nau, n'um bordo os derribaram;
 Tres marinheiros duros, e forçosos,
 A manear o leme não bastaram;
 Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte,
 Sem aproveitar dos homens força, e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes, que não puderam
 Mostrar mais força d'impeto cruel,
 Se para derribar então vieram
 A fortissima torre de Babel.
 Nos altissimos mares, que cresceram,
 A pequena grandura d'um batel
 Mostra a possante nau, que move espanto,
 Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV

A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
 Quebrado leva o mastro pelo meio,
 Quasi toda alagada: a gente chama
 Aquelle que a salvar o mundo veio.
 Não menos gritos vão ao ar derrama
 Toda a nau de Coelho, com receio;
 Com quanto teve o mestre tanto tento,
 Que primeiro amainou, que desse o vento.

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
 As ondas de Neptuno furibundo;
 Agora a vêr parece que desciam
 As intimas entranhas do profundo.
 Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam
 Arruinar a machina do mundo:
 A noite negra e feia se alumia
 Co'os raios, em que o polo todo ardia.

LXXVII

As halcyoneas aves triste canto
 Junto da costa brava levantaram,
 Lembrando-se do seu passado pranto,
 Que as furiosas aguas lhe causaram.
 Os delphins namorados entretanto
 Lá nas covas maritimas entraram,
 Fugindo á tempestade, e ventos duros,
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
 Contra a fera soberba dos gigantes
 O gran ferreiro sórdido, que obrou
 Do enteado as armas radiantes:
 Nem tanto o gran Tonante arremessou
 Relampagos ao mundo fulminantes
 No gran diluvio, d'onde sós viveram
 Os dous, que em gente as pedras converteram.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
 As ondas, que batiam denodadas!
 Quantas arvores velhas arrancaram
 Do vento bravo as furias indignadas!
 As forçosas raizes não cuidaram
 Que nunca para o céo fossem viradas;
 Nem as fundas areias, que pudessem
 Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX

Vendo Vasco da Gama que tão perto
 Do fim de seu desejo se perdia;
 Vendo ora o mar até o inferno aberto,
 Ora com nova furia ao céu subia:
 Confuso de temor, da vida incerto,
 Onde nenhum remedio lhe valia,
 Chama aquelle remedio sancto e forte,
 Que o impossibil póde, d'esta sorte:

LXXXI

« Divina Guarda, angelica, celeste,
 Que os céos, o mar, e a terra senhoreas;
 Tu, que a todo o Israel refugio déste
 Por metade das aguas erythreas:
 Tu, que livraste Paulo, e o defendeste
 Das syrtes arenosas, e ondas feias;
 E guardaste co'os filhos o segundo
 Povoador do alagado e vacuo mundo:

LXXXII

« Se tenho novos mêdos perigosos
 D'outra Scylla, e Carybdis já passados,
 Outras syrtes, e baixos arenosos,
 Outros Acroceraunios infamados;
 No fim de tantos casos trabalhosos
 Por que somos de ti desamparados,
 Se este nosso trabalho não te offende,
 Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII

« Oh ditosos aquelles que puderam
 Entre as agudas lanças africanas
 Morrer, emquanto fortes sostiveram
 A sancta fé nas terras mauritanas:
 De quem feitos illustres se souberam,
 De quem ficam memorias soberanas,
 De quem se ganha a vida com perdê-la,
 Doce fazendo a morte as honras d'ella! »

LXXXIV

Assi dizendo, os ventos que luctavam,
 Como touros indómitos bramando,
 Mais e mais a tormenta accrescentavam,
 Pela miuda enxarcia assoviando:
 Relampagos medonhos não cessavam,
 Feros trovões que vem representando
 Cabir o céu dos eixos sobre a terra,
 Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV

Mas já a amorosa estrella scintillava
 Diante do sol claro no horizonte,
 Mensageira do dia, e visitava
 A terra, e o largo mar, com lêda fronte.
 A deusa, que nos céos a governava,
 De quem foge o ensífero Oriente,
 Tanto que o mar, e a cara armada vira,
 Tocada junto foi de mêdo, e de ira.

LXXXVI

« Estas obras de Baccho são por certo,
 (Disse) mas não será que ávante leve
 Tão damnada tenção; que descoberto
 Me será sempre o mal, a que se atreve »:
 Isto dizendo, desce ao mar aberto,
 No caminho gastando espaço breve,
 Emquanto manda ás nymphas amorosas
 Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII

Grinaldas manda pôr de varias côres
 Sobre cabellos louros á porfia.
 Quem não dirá que nascem rôxas flôres
 Sobre ouro natural, que amor enfia?
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
 Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII

Assi foi; porque tanto que chegaram
 Á vista d'ellas, logo lhe fallecem
 As forças, com que d'antes pelejaram,
 E já como rendidos lhe obedecem.
 Os pés, e mãos parece que lhe ataram
 Os cabellos, que os raios escurecem.
 A Bóreas, que do peito mais queria,
 Assi disse a bellissima Orithya:

LXXXIX

« Não creias, fero Bóreas, que te creio,
 Que me tivestes nunca amor constante;
 Que brandura é de amor mais certo arreo,
 E não convem furor a firme amante:
 Se já não pões a tanta insania freio,
 Não esperes de mi d'aqui em diante,
 Que possa mais amar-te, mas temer-te:
 Que amor contigo em mêdo se converte.»

XC

Assi mesmo a formosa Galatea
 Dizia ao fero Noto, « que bem sabe
 Que dias ha que em vêl-a se recreia,
 E bem crê que com elle tudo acabe.»
 Não sabe o bravo tanto bem se o creia,
 Que o coração no peito lhe não cabe:
 De contentê de vêr que a dama o manda,
 Pouco cuida que faz, se logo abranda.

XCI

D'esta maneira as outras amansavam
 Subitamente os outros amadores;
 E logo á linda Venus se entregavam,
 Amansadas as iras, e os furores.
 Ella lhe prometteu, vendo que amavam,
 Sempiterno favor em seus amores,
 Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
 De lhe serem leaes esta viagem.

XCII

Já a manhã clara dava nos outeiros,
 Por onde o Ganges murmurando sôa;
 Quando da celsa gavea os marinheiros
 Enxergaram terra alta pela prôa.
 Já fóra de tormenta, e dos primeiros
 Mares, o temor vão do peito vôa;
 Disse alegre o piloto melindano:
 «Terra é de Calecut, se não me engano.

XCIII

«Esta é por certo a terra, que buscaes
 Da verdadeira India, que apparece;
 E se do mundo mais não desejaes,
 Vosso trabalho longo aqui fenece.»
 Soffrer aqui não pôde o Gama mais
 De lêdo em vêr que a terra se conhece;
 Os joelhos no chão, as mãos ao céo,
 A mercê grande a Deus agradeceu.

XCIV

As graças a Deus dava, e razão tinha,
 Que não sómente a terra lhe mostrava,
 Que com tanto temor buscando vinha,
 Por quem tanto trabalho exp'ri mentava;
 Mas via-se livrado tão asinha
 Da morte, que no mar lhe aparelhava
 O vento duro, férvido, e medonho;
 Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV

Por meio d'estes hórridos perigos,
 D'estes trabalhos graves, e temores,
 Alcançam os que são de fama amigos,
 As honras immortaes, e graus maiores:
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores;
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animaes de Moscóvia zebellinos:

CANTO VI

XCVI

Não co'os manjares novos, e exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII

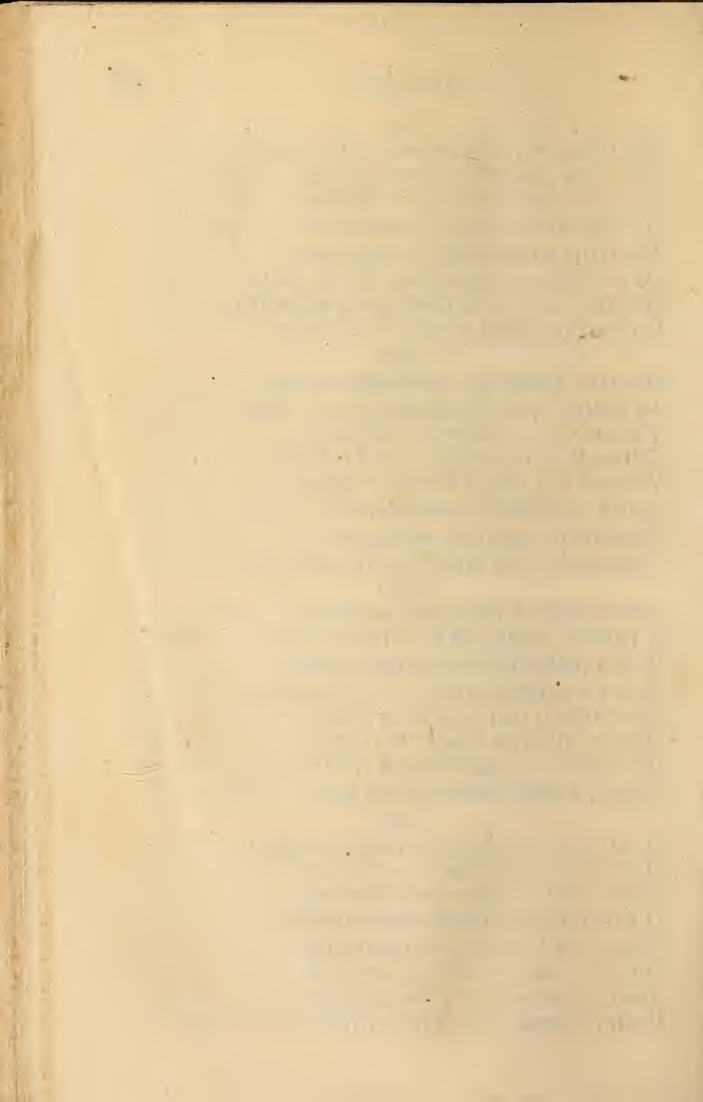
Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas;
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas;
Vencendo os tôrpes frios no regaço
Do sul e regiões de abrigo nuas;
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'um árduo soffrimento:

XCVIII

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, lêdo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
D'est'arte, o peito um callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro;
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

XCIX

D'est'arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo tracto humano embaraçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.



OS LUSIADAS

CANTO SETIMO

ARGUMENTO DO CANTO SETIMO



Por occasião d'este famoso descobrimento da India faz uma notavel e poetica exhortação aos principes christãos, accordando-lhes semelhantes emprezas: descripção do reino de Malabar, em que jaz o imperio de Calecut em cujo porto a armada dá fundo: recebe o imperador ou samori ao Gama com honradas demonstrações: a parece o mouro Monçaide, que informando ao Gama informa tambem aos naturaes da terra: vai o actual governador de Calecut vêr a armada.

OUTRO ARGUMENTO

Dá fundo a frota a Calecut chegada;
Manda-se mensageiro ao rei potente;
Chega Monçaide a vêr a lusa armada,
E da provincia informa largamente.
Faz Gama ao samori sua embaixada;
É recebido bem da índica gente:
Co'o regedor o mouro ao mar se torna,
Que de toldos e flammulas se adorna.

OS LUSIADAS

CANTO SETIMO

I

Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fôra,
Que entre as correntes índicas se encerra,
É o Ganges, que no céu terreno mora.
Ora sus! gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora;
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II

A vós, ó geração de Luso (digo)
Que tão pequena parte sois no mundo;
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Cural, de quem governa o céu rotundo:
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo;
Mas nem cubiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos céos está em essencia:

III

Vós, portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pezaes;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A lei da vida eterna dilataes:
Assi do céu deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejaes,
Muito façaes na sancta christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV

Vêdel-os allemães, sôberbo gado,
 Que por tão largos campos se apascenta,
 Do successor de Pedro, rebellado,
 Novo pastor, e nova seita inventa:
 Vêdel-o em feias guerras occupado,
 (Que inda co'o cego error se não contenta!)
 Não contra o soberbissimo othomano,
 Mas por sahir do jugo soberano.

V

Vêdel-o duro inglez, que se nomeia
 Rei da velha e sanctissima cidade,
 Que o tôrpe ismaelita senhoreia,
 (Quem viu honra tão longe da verdade!)
 Entre as boreaes neves se recreia;
 Nova maneira faz de christandade:
 Para os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra, que era sua.

VI

Guarda-lhe por emtanto um falso rei
 A cidade Hierosólyma terrestre;
 Emquanto elle não guarda a sancta lei
 Da cidade Hierosólyma celeste.
 Pois de ti, gallo indigno, que direi?
 Que o nome christianissimo quizeste,
 Não para defendêl-o, nem guardal-o;
 Mas para ser contra elle, e derribal-o!

VII

Achas, que tens direito em senhorios
 De christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
 E não contra o Cinypho, e Nilo rios
 Inimigos do antigo nome sancto?
 Alli se hão de provar da espada os fios
 Em quem quer reprovar da Igreja o canto:
 De Carlos, de Luiz, o nome e a terra
 Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VIII

Pois que direi d'aquelles, que em delicias,
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,
 Gastam as vidas, logram as divicias,
 Esquecidos de seu valor antigo?
 Nascem da tyrannia inimicias,
 Que o povo forte tem, de si imigo:
 Contigo, Italia, fallo, já submersa
 Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX

Oh miseros christãos, pela ventura,
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
 Que uns aos outros se dão a morte dura,
 Sendo todos d'um ventre produzidos?
 Não vêdes a divina sepultura
 Possuida de cães, que sempre unidos
 Vos veem tomar a vossa antiga terra,
 Fazendo-se famosos pela guerra?

X

Vêdes, que tem por uso, e por decreto,
 (Do qual são tão inteiros observantes)
 Ajuntarem o exercito inquieto
 Contra os povos, que são de Christo amantes:
 Entre vós nunca deixa a fera Aleto
 De semear cizanias repugnantes:
 Olhai se estaes seguros de perigos,
 Que elles e vós sois vossos inimigos.

XI

Se cubiça de grandes senhorios
 Vos faz ir conquistar terras alheias,
 Não vêdes, que Pactólo, e Hermo rios,
 Ambos volvem auríferas areias?
 Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
 Africa esconde em si luzentes veias:
 Mova-vos já sequer riqueza tanta,
 Pois mover-vos não póde a Casa sancta.

XII

Aquellas invenções feras, e novas
 De instrumentos mortaes da artilheria,
 Já devem de fazer as duras provas
 Nos muros de Bizancio, e de Turquia.
 Fazei que torne lá ás sylvestres covas
 Dos cáspios montes, e da Scythia fria
 A turca geração, que multiplica
 Na policia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, thraces, armenios, georgianos,
 Bradando-vos estão, « que o povo bruto
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceitos do Alcorão: » (duro tributo!)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriai de peito forte e astuto;
 E não queiraes louvores arrogantes
 De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV

Mas emtanto que cegos e sedentos
 Andaes de vosso sangue, ó gente insana!
 Não faltarão christãos atrevimentos
 N'esta pequena casa lusitana:
 De Africa tem maritimos assentos;
 É na Asia, mais que todas, soberana;
 Na quarta parte nova os campos ara;
 E se mais mundo houvera, lá chegára.

XV

E vejamos emtanto que acontece
 Áquelles tão famosos navegantes,
 Depois que a branda Venus enfraquece
 O furor vão dos ventos repugnantes;
 Depois que a larga terra lhe apparece,
 Fim de suas porfias tão constantes,
 Onde veem semear de Christo a lei,
 E dar novo costume, e novo rei.

XVI

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O rei, que a terra toda possuia.

XVII

Além do Indo jaz, e áquem do Gange
Um terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte austral o mar abrange,
É para o norte o Emódio cavernoso.
Jugo de reis diversos o constringe
A varias leis: alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram

XVIII

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre;
As fontes sahem, d'onde veem manando
Os rios, cuja gran corrente morre
No mar indico, e cercam todo o pêso
Do terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX

Entre um e outro rio, em grande espaço,
Sabe da larga terra ãa longa ponta
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar, com Ceilão insula confronta:
E junto d'onde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta,
Que os visinhos da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas flores.

XX

Mas agora de nomes e de usança
 Novos e varios são os habitantes;
 Os delys, os petânes, que em possança
 De terra, e gente, são mais abundantes;
 Decanis, oriás, que a esperança
 Teem de sua salvação nas resonantes
 Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
 Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI

O reino de Cambaia bellicoso:
 (Dizem que foi de Póro, rei potente)
 O reino de Narsinga, poderoso
 Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
 Aqui se enxerga lá do mar undoso
 Um monte alto, que corre longamente,
 Servindo ao Malabar de forte muro,
 Com que do Canará vive seguro.

XII

Da terra os naturaes lhe chamam Gate;
 Do pé do qual pequena quantidade
 Se estende ãa fralda estreita, que combate
 Do mar a natural ferocidade:
 Aqui de outras cidades, sem debate,
 Calecut tem a illustre dignidade
 De cabeça de imperio rica e bella:
 Samorim se intitula o senhor d'ella.

XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,
 Um portuguez mandado logo parte
 A fazer sabedor o rei gentio
 Da vinda sua a tão remota parte.
 Entrando o mensageiro pelo rio,
 Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
 A côr, o gesto estranho, e traço novo,
 Fez concorrer a vél-o todo o povo.

XXIV

Entre a gente, que a vê-lo concorria,
Se chega um mahometa, que nascido
Fôra na região de Barbaria,
Lá onde fôra Antheo obedecido:
Ou pela visinhança já teria
O reino lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro:
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV

Em vendo o mensageiro, com jucundo
Rosto (como quem sabe a lingua hispana)
Lhe disse: « Quem te trouxe a est'outro mundo
Tão longe da tua patria lusitana? »
« Abrindo (lhe responde) o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a gran corrente,
Por onde a lei divina se accrescente. »

XXVI

Espantado ficou da gran viagem
O mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões, que na passagem
Do mar, o lusitano lhe contava:
Mas vendo emfim, que a força da mensagem
Só para o rei da terra relevava,
Lhe diz, « que estava fôra da cidade;
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII

« E que, emtanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E, depois que se um pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegria não pôde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha. »

XXVIII

O portuguez aceita de vontade
 O que o lêdo Monçaide lhe offerece;
 Como se longa fôra já a amizade,
 Com elle come, e bebe, e lhe obedece:
 Ambos se tornam logo da cidade
 Para a frota que o mouro bem conhece;
 Sobem á capitaina; e toda a gente
 Monçaide recebeu benignamente.

XXIX

O Capitão o abraça em cabo lêdo,
 Ouvindo clara a lingua-de Castella;
 Junto de si o assenta, e prompto e quêdo,
 Pela terra pergunta, e cousas d'ella.
 Qual se ajuntava em Rhódope o arvoredos,
 Só por ouvir o amante da donzella
 Eurydice, tocando a lyra de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouvir o mouro.

XXX

Elle começa: « Ó gente, que a natura
 Visinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tão grande, ou que ventura,
 Vós trouxe a commetterdes tal caminho?
 Não é sem causa, não, occulta e escura,
 Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
 Por mares nunca d'outro lenho arados,
 A reinos tão remotos e apartados.

XXXI

« Deus por certo vos traz; porque pretende
 Algum serviço seu, por vós obrado:
 Por isso só vos guia, e vos defende
 Dos imigos, do mar, do vento irado.
 Sabei que estaes na India, onde se estende
 Diverso povo, rico, e prosperado
 De ouro luzente, e fina pedraria,
 Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII

« Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama:
Do culto antigo os idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos reis é, mas d'um só fôra
N'outro tempo, segundo a antiga fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido e inteiro.

XXXIII

« Porém, como a esta terra então viessem
De lá do seio arabico, outras gentes,
Que o culto mahometico trouxessem,
(No qual me instituiram meus parentes)
Sucedeu, que prégando convertessem
O Perimal, de sabias, e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppôz de n'ella morrer sancto.

XXXIV

« Naus arma, e n'ellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir n'ellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica;
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte; porque não lhe fica
Herdeiro proprio: faz os mais acceitos
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV

« A um Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Couião, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta.
Um só moço, a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deu, se lhe apresenta:
Para este Calecut sómente fica,
Cidade já por tracto nobre e rica.

XXXVI

« Esta lhe dá co' o titulo excellente
 De imperador, que sobre as outras mande.
 Isto feito se parte diligente
 Para onde em sancta vida acabe, e ande.
 E d'aqui fica o nome de potente
 Samorim, mais que todos digno e grande,
 Ao moço, e descendentes; d'onde vem
 Este, que agora o imperio manda, e tem.

XXXVII

« A lei da gente toda, rica e pobre,
 De fabulas composta se imagina:
 Andam nus, e sómente um panno cobre
 As partes, que a cobrir natura ensina:
 Dous modos ha de gente; porque a nobre
 Naires chamados são; e a menos dina
 Poleás tem por nome, a quem obriga
 A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII

« Porque os que usaram sempre um mesmo officio
 D'outro não podem receber consorte;
 Nem os filhos terão outro exercicio,
 Senão o de seus passados, até morte.
 Para os naires é certo grande vicio
 D'estes serem tocados; de tal sorte,
 Que quando algum se toca, por ventura,
 Com cerimonia mil se alimpa, e apura.

XXXIX

« D'esta sorte o judaico povo antigo
 Não tocava na gente de Samária:
 Mais estranhezas inda das que digo
 N'esta terra vereis de usança varia:
 Os naires sós são dados ao perigo
 Das armas; sós defendem da contraria
 Banda o seu rei, trazendo sempre usada
 Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL

«Brahmenes são os seus religiosos,
 (Nome antigo, e de grande preeminencia)
 Observam os preceitos tão famosos
 D'um, que primeiro pôz nome á sciencia:
 Não matam cousa viva, e temerosos,
 Das carnes teem grandissima abstinencia:
 Sómente no venereo ajuntamento
 Tem mais licença, e menos regimento.

XLI

«Geraes são as mulheres; mas sómente
 Para os da geração de seus maridos:
 Ditosa condição, ditosa gente,
 Que não são de ciumes offendidos!
 Estes, e outros costumes variamente
 São pelos malabares admittidos:
 A terra é grossa em tracto, em tudo aquillo,
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.»

XLII

Assi contava o mouro: mas vagando
 Andava a fama já pela cidade
 Da vinda d'esta gente estranha, quando
 O rei saber mandava da verdade.
 Já vinham pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo, e idade,
 Os principaes, que o rei buscar mandára
 O Capitão da armada, que chegára.

XLIII

Mas elle, que do rei já tem licença
 Para desembarcar, acompanhado
 Dos nobres portuguezes, sem detença
 Parte, de ricos pannos adornado.
 Das côres a formosa differença
 A vista alegre ao povo alvoroçado:
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar, depois o fresco rio.

XLIV

Na praia um regedor do reino estava,
 Que na sua lingua catual se chama,
 Rodeado de naires, que esperava
 Com desusada festa o nobre Gama:
 Já na terra nos braços o levava,
 E n'um portatil leito ãa rica cama
 Lhe offerece, em que vá (costume usado)
 Que nos hombros dos homens é levado.

XLV

D'est'artè o malabar, d'est'arte o Luso,
 Caminham, lá para onde o rei o espera:
 Os outros portuguezes vão ao uso
 Que infantaria segue, esquadra fera:
 O povo, que concorre, vai confuso
 De vêr a gente estranha, e bem quizera
 Perguntar; mas no tempo já passado,
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI

O Gama, e o catual iam fallando
 Nas cousas, que lhe o tempo offerecia;
 Monçaide entr'elles vai interpretando
 As palavras, que de ambos entendia.
 Assi pela cidade caminhando,
 Onde uma rica fabrica se erguia
 De um sumptuoso templo, já chegavam,
 Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII

Alli estão das deidades as figuras
 Esculpidas em pau, e em pedra fria;
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A segundo o demonio lhe fingia:
 Vêem-se as abominaveis esculpturas,
 Qual a chimera em membros se varia:
 Os christãos olhos, a vêr Deus usados
 Em fórma humana, estão maravilhados.

XLVIII

Um na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Jupiter Hammon em Libya, estava;
 Outro n'um corpo rostos tinha unidos,
 Bem como o antigo Jano se pintava;
 Outro com muitos braços divididos,
 A Briareu parece que imitava;
 Outro fronte canina tem de fóra,
 Qual Anúbis memphítico se adora.

XLIX

Aqui feita do barbaro gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outro algum desvio,
 Para onde estava o rei do povo vão:
 Engrossando-se vai da gente o fio,
 Co'os que veem vêr o estranho Capitão:
 Estão pelos telhados, e janellas
 Velhos e moços, donas e donzellas.

L

Já chegam perto, e não com passos lentos,
 Dos jardins odoriferos, formosos,
 Que em si escondem os regios aposentos,
 Altos de torres não, mas sumptuosos:
 Edificam-se os nobres seus assentos
 Por entre os arvoredos deleitosos:
 Assi vivem os reis d'aquella gente,
 No campo, e na cidade juntamente.

LI

Pelos portaes da cerca a subtileza
 Se enxerga da dedálea faculdade,
 Em figuras mostrando por nobreza,
 Da India a mais remota antiguidade:
 Afiguradas vão com tal viveza
 As historias d'aquella antiga idade,
 Que, quem d'ellas tiver noticia inteira,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

LII

Estava um grande exercito, que pisa
 A terra oriental, que o Hydaspe lava;
 Rege-o um capitão de fronte lisa,
 Que com frondentes thyrsos pelejava:
 Por elle edificada estava Nisa
 Nas ribeiras do rio, que manava;
 Tão proprio, que se alli 'stiver Semele,
 Dirá por certo, que é seu filho aquelle.

LIII

Mas ávante bebendo sécca o rio
 Mui grande multidão da assyria gente,
 Sujeita a feminino senhorio
 De uma tão bella, como incontinente:
 Alli tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia:
 Amor nefando, bruta incontinencia!

LIV

D'aqui mais apartadas tremulavam
 As bandeiras de Grecia gloriosas,
 Terceira monarchia, e subjugavam
 Até as aguas gangeticas undosas:
 D'um capitão mancebo se guiavam,
 De palmas rodeado valerosas;
 Que já não de Filippe, mas sem falta,
 De progenie de Jupiter se exalta.

LV

Os portuguezes vendo estas memorias,
 Dizia o catual ao Capitão:
 «Tempo cêdo virá, que outras victorias,
 Estas, que agora olhaes, abaterão:
 Aqui se escreverão novas historias
 Por gentes estrangeiras, que virão;
 Que os nossos sabios magos o alcançaram,
 Quando o tempo futuro especularam.»

LVI

E diz-lhe mais a magica sciencia:
 «Que para se evitar força tamanha,
 Não valerá dos homens resistencia,
 Que contra o céo não val da gente manha:»
 Mas tambem diz, «que a bellica excellencia
 Nas armas, e na paz, da gente estranha
 Será tal, que será no mundo ouvido
 O vencedor, por gloria do vencido.»

LVII

Assi fallando, entravam já na sala,
 Onde aquelle potente imperador
 N'uma camilha jaz, que não se iguala
 De outra alguma no preço, e no lavor:
 No recostado gesto se assignala
 Um venerando e prospero senhor:
 Um panno de ouro cinge, e na cabeça
 De preciosas gemmas se adereça.

LVIII

Bem junto d'elle um velho reverente,
 Co'os joelhos no chão, de quando em quando
 Lhe dava a' verde folha da herva ardente,
 Que a seu costume, estava ruminando.
 Um brahmene, pessoa preeminente,
 Para o Gama vem com passo brando,
 Para que ao grande principe o apresente,
 Que diante lhe acena que se assente.

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
 Os seus mais afastados, prompto em vista
 Estava o samorim no trajo, e geito
 Da gente, nunca de antes d'elle vista:
 Lançando a grave voz do sabio peito,
 (Que grande authoridade logo aquista
 Na opinião do rei, e povo todo)
 O Capitão lhe falla d'este modo:

LX

« Um grande rei de lá das partes, onde
 O céo volubil, com perpetua roda,
 Da terra a luz solar co'a terra esconde,
 Tingindo a que deixou de escura nodá;
 Ouvindo do rumor, que lá responde
 O ecco, como em ti da India toda
 O principado está, e a magestade,
 Vinculo quer contigo de amizade.

LXI

« E por longos rodeios a ti manda,
 Por te fazer saber que tudo aquillo
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda
 De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo;
 E desde a fria plaga de Zelanda,
 Até bem d'onde o sol não muda o estylo
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
 Tudo tem no seu reino em grande cópia.

LXII

« E se queres com pactos e lianças
 De paz, e de amizade sacra e nua,
 Commercio consentir das abundanças
 Das fazendas da terra sua, e tua;
 Porque cresçam as rendas, e abastanças,
 (Por quem a gente mais trabalha, e sua)
 De vossos reinos, será certamente
 De ti proveito, e d'elle gloria ingente.

LXIII

« E, sendo assi que o nó d'esta amizade
 Entre vós firmemente permaneça,
 Estará prompto a toda adversidade,
 Que por guerra a teu reino se offereça,
 Com gente, armas, e naus, de qualidade
 Que por irmão te tenha, e te conheça:
 E da vontade em ti sobre isto posta
 Me dês a mi certissima resposta.»

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,
 A quem o rei gentio respondia,
 « Que em vér embaixadores de nação
 Tão remota, gran gloria recebia:
 Mas n'este caso a ultima tenção
 Com os de seu conselho tomaria,
 Informando-se certo de quem era
 O Rei, e a gente, e terra, que dissera.

LXV

« E que emtanto podia do trabalho
 Passado ir repousar, e em tempo breve
 Daria a seu despacho um justo talho,
 Com que a seu Rei resposta alegre leve. »
 Já n'isto punha a noite o usado atalho
 A's humanas canseiras, porque ceve
 De doce somno os membros trabalhados,
 Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI

Agasalhados foram juntamente
 O Gama e portuguezes no aposento
 Do nobre regedor da indica gente,
 Com festas, e geral contentamento.
 O catual, no cargo diligente
 De seu rei, tinha já por regimento
 Saber da gente estranha d'onde vinha,
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os igneos carros do formoso
 Mancebo Delio viu, que a luz renova,
 Manda chamar Monçaide, desejo
 De poder-se informar da gente nova.
 Já lhe pergunta prompto e curioso,
 « Se tem noticia inteira, e certa prova
 Dos estranhos quem são, que ouvido tinha
 Que é gente de sua patria mui visinha.

LXVIII

« Que particularmente alli lhe dêsse
 Informação mui larga, pois faria
 N'isso serviço ao rei, porque soubesse
 O que n'este negocio se faria. »
 Monçaide torna: « Posto que eu quizesse
 Dizer-te d'isto mais, não saberia;
 Sómente sei, que é gente lá de Hespanha,
 Onde o meu ninho, e o sol no mar se banha.

LXIX

« Teem a lei d'um propheta, que gerado
 Foi sem fazer na carne detrimento
 Da Mãe; tal que por bafo 'stá aprovado
 Do Deus, que tem do mundo o regimento.
 O que entre meus antigos é vulgado
 D'elles, é que o valor sanguinolento
 Das armas, no seu braço resplandece,
 O que em nossos passados se parece.

LXX

« Porque elles, com virtude sobrehumana,
 Os deitaram dos campos abundosos
 Do rico Tejo, e fresco Guadiana,
 Com feitos memoraveis e famosos:
 E, não contentes inda, na africana
 Parte, cortando os mares procellosos,
 Nos não querem deixar viver seguros,
 Tomando-nos cidades, e altos muros.

LXXI

« Não menos teem mostrado esforço e manha
 Em quaesquer outras guerras, que aconteçam,
 Ou das gentes belligeras de Hespanha,
 Ou lá d'alguns, que do Pyrene desçam:
 Assi que nunca emfim com lança estranha
 Se tem, que por vencidos se conheçam;
 Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
 Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII

« E se esta informação não fôr inteira,
Tanto quanto convem, d'elles pretende
Informar-te; que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, e offende:
Vai vêr-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de vêres a policia
Portugueza na paz, e na milicia. »

LXXIII

Já com desejos o idólatra ardia
De vêr isto, que o mouro lhe contava:
Manda esquipar bateis; que ir vêr queria
Os lenhos, em que o Gama navegava:
Ambos partem da praia, a quem seguia
A naira geração, que o mar coalhava;
A' capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo d'ella.

LXXIV

Purpúreos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são, que o bicho gera;
N'ellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas teem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que, tanto que ao gentio se apresenta,
Attento n'ella os olhos apascenta.

LXXV

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro, « que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A seita epicurêa, experimente. »
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noé mostrára á gente:
Mas comer o gentio não pretende,
Que a seita, que seguia, lh'o defende.

LXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra, rômpe os ares:
 Co'o fogo o diabolico instrumento
 Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
 Tudo o gentio nota; mas o intento
 Mostrava sempre ter nos singulares
 Feitos dos homens, que em retrato breve
 A muda poesia alli descreve.

LXXVII

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
 Coelho de outra parte; e o mauritano
 Os olhos põe no bellico transumpto
 De um velho branco, aspeito soberano;
 Cujos nome não pôde ser defunto,
 Emquanto houver no mundo tracto humano:
 No trajo a grega usança está perfeita;
 Um ramo por insignia na direita.

LXXVIII

Um ramo na mão tinha... Mas ó cego
 Eu, que commetto insano e temerario
 Sem vós, nymphas do Tejo e do Mondego,
 Por caminho tão arduo, longo e vario!
 Vosso favor invoco, que navego
 Por alto mar, com vento tão contrario,
 Que, se não me ajudaes, hei grande mêdo
 Que o meu fraco batel se alague cêdo.

LXXIX

Olhai, que ha tanto tempo que cantando
 O vosso Tejo, e os vossos lusitanos,
 A fortuna me traz peregrinando,
 Novos trabalhos vendo, e novos damnos:
 Agora o mar, agora exp'rimtando
 Os perigos mavórcios inhumanos;
 Qual Canace, que á morte se condemna,
 N'uma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

LXXX

Agora com pobreza aborrecida,
 Por hospícios alheios degradado;
 Agora da esperança já adquirida,
 De novo, mais que nunca, derribado;
 Agora ás costas escapando a vida,
 Que d'um fio pendia tão delgado,
 Que não menos milagre foi salvar-se,
 Que para o rei judaico accrescentar-se.

LXXXI

E ainda, nymphas minhas, não bastava
 Que tamanhas miserias me cercassem;
 Senão que aquelles, que eu cantando andava,
 Tal premio de meus versos me tornassem:
 A troco dos descansos, que esperava,
 Das capellas de louro, que me honrassem,
 Trabalhos nunca usados me inventaram,
 Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII

Vêde, nymphas, que engenhos de senhores
 O vosso Tejo cria valerosos,
 Que assi sabem prezar com taes favores
 A quem os faz, cantando, gloriosos!
 Que exemplos a futuros escriptores,
 Para espertar engenhos curiosos,
 Para pôrem as cousas em memoria,
 Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII

Pois logo em tantos males é forçado,
 Que só vosso favor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diversos engrandeça:
 Dai-m'o vós sós, que eu tenho já jurado,
 Que não o empregue em quem o não mereça;
 Nem por lisonja louve algum subido,
 Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV

Nem creiaes, nymphas, não, que a fama dêsse
 A quem ao bem commum, e do seu rei
 Antepuzer seu proprio interesse,
 Imigo da divina e humana lei:
 Nenhum ambicioso, que quizesse
 Subir a grandes cargos, cantarei,
 Só por poder com tôrpes exercicios
 Usar mais largamente de seus vicios:

LXXXV

Nenhum que use de seu poder bastante,
 Para servir a seu desejo feio;
 E que por comprazer ao vulgo errante,
 Se muda em mais figuras que Proteio:
 Nem, Camenas, tambem cuideis que cante.
 Quem com habito honesto e grave, veio,
 Por contentar ao Rei no officio novo,
 A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI

Nem quem acha que é justo, e que é direito
 Guardar-se a lei do rei severamente;
 E não acha que é justo, e bom respeito,
 Que se pague o suor da servil gente:
 Nem quem sempre com pouco experto peito
 Razões aprende, e cuida que é prudente,
 Para taxar, com mão rapace e escassa,
 Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII

Aquelles sós direi, que aventuraram
 Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
 Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
 Tão bem de suas obras merecida.
 Apollo, e as musas, que me acompanharam,
 Me dobrarão a furia concedida;
 Enquanto eu tomo alento descansado,
 Por tornar ao trabalho, mais folgado.

OS LUSIADAS

CANTO OITAVO

ARGUMENTO DO CANTO OITAVO



Vê o governador de Calecut varias pinturas nas bandeiras da armada, e ouve a declaração que d'ellas lhe faz Paulo da Gama: origem do nome Lusitania: feitos gloriosos dos reis de Portugal e de seus vassallos até el-rei D. Affonso V: manda o samori aos haruspices, que especulem o futuro a respeito da armada: elles o informam contra os navegantes: pretendem destruir o Gama, o qual satisfaz ao rei com uma notavel falla.

OUTRO ARGUMENTO

Vem-se de Lusitania os fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos,
De alta memoria são merecedores,
De hymnos, e de versos numerosos:
Como de Calecut os regedores
Consultam os haruspices famosos,
E corruptos com dadas possantes,
Tractam de destruir os navegantes.

OS LUSIADAS

CANTO OITAVO

I

Na primeira figura se detinha
O catual, que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada:
« Quem era, e porque causa lhe convinha
A divisa, que tem na mão tomada? »
Paulo responde (cujá voz discreta
O mauritano sabio lhe interpreta):

II

« Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos;
Mais bravos, e mais feros se conhecem
Pela fama, nas obras, e nos feitos:
Antigos são; mas inda resplandecem
Co' o nome, entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês é Luso, d'onde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III

« Foi filho, ou companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho hispano,
Seguindo as armas, que contino usou:
Do Douro, e Guadiana, o campo ufano,
Já dito elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar, aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV

« O ramo, que lhe vês para divisa,
 O verde thyrsos foi de Baccho usado:
 O qual á nossa idade amostra, e avisa,
 Que foi seu companheiro, ou filho amado.
 Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
 Depois de ter tão longo mar arado,
 Onde muros perpetuos edifica,
 E templo a Pallas, que em memoria fica.

V

« Ulysses é o que faz a sancta casa
 Á deusa, que lhe dá lingua facunda;
 Que, se lá na Asia Troia insigne abrasa,
 Cá na Europa Lisboa ingente funda. »
 « Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
 De mortos, com presença furibunda?
 Grandes batalhas tem desbaratadas,
 Que as aguias nas bandeiras tem pintadas. »

VI

Assi o gentio diz: responde o Gama:
 « Este que vês, pastor já foi de gado;
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais, que no cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor invencibil afamado;
 Não teem com elle, não, nem ter puderam
 O primor, que com Pyrrho já tiveram.

VII

« Com força não, com manha vergonhosa,
 A vida lhê tiraram, que os espanta:
 Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,
 A's vezes leis magnanimas quebranta.
 Outro está aqui, que contra a patria irosa,
 Degradado comnosco, se alevanta:
 Escolheu bem com quem se alevantasse,
 Para que eternamente se illustrasse.

VIII

«Vês? comnosco tambem vence as bandeiras
 D'essas aves de Jupiter validas;
 Que já n'aquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nós souberam ser vencidas:
 Olha tão subtis artes, e maneiras,
 Para adquirir os povos, tão fingidas;
 A fatidica cerva, que o avisa:
 Elle é Sortorio, e ella s'a divisa.

IX

« Olha est'outra bandeira, e vê pintado
 O grão progenitor dos Reis primeiros:
 Nós hungaro o fazemos, porém nado
 Crêem ser em Lotharingia os estrangeiros:
 Depois de ter os mouros superado,
 Gallegos, e leonezes cavalleiros,
 Á Casa sancta passa o sancto Henrique;
 Porque o tronco dos reis se sanctifique. »

X

« Quem é (me dize) est'outro, que me espanta,
 (Pergunta o malabar maravilhado)
 Que tantos esquadrões, que gente tanta,
 Com tão pouca, tem roto e destroçado?
 Tantos muros asperrimos quebranta,
 Tantas batalhas dá, nunca cançado,
 Tantas corôas tem por tantas partes
 A seus pés derribadas, e estandartes? »

XI

« Este é o primeiro Affonso (disse o Gama)
 Que todo Portugal aos mouros toma,
 Por quem, no Estygio lago, jura a Fama
 De mais não celebrar nenhum de Roma.
 Este é aquelle zeloso, a quem Deus ama,
 Com cujo braço o mouro imigo doma;
 Para quem de seu reino abaixa os muros,
 Nada deixando já para os futuros.

XII

« Se Cesar, se Alexandre rei, tiveram
 Tão pequeno poder, tão pouca gente,
 Contra tantos imigos, quantos eram
 Os que desbaratava este excellente;
 Não creias que seus nomes se estenderam
 Com glorias immortaes tão largamente:
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
 Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII

« Este, que vês olhar com gesto irado
 Para o rompido alumno mal soffrido,
 Dizendo-lhe « que o exercito espalhado
 Recolha, e torne ao campo defendido: »
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido:
 Egas Moniz se chama o forte velho;
 Para leaes vassallos claro espelho.

XIV

« Vêl-o cá vai co'os filhos a entregar-se,
 A corda ao collo, nu de sêda e panno;
 Porque não quiz o moço sujeitar-se,
 Como elle promettêra, ao castelhano:
 Fez com sizo, e promessas levantar-se
 O cerco, que já estava soberano:
 Os filhos, e mulher obriga á pena;
 Para que o senhor salve, a si condemna.

XV

« Não fez o consul tanto, que cercado
 Foi nas forcas Caudinas, de ignorante;
 Quando a passar por baixo foi forçado
 Do samnitico jugo triumphante:
 Este pelo seu povo injuriado,
 A si se entrega só, firme e constante;
 Est'outro a si, e os filhos naturaes,
 E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI

«Vês este, que sahindo da cilada,
 Dá sobre o rei, que cerca a villa forte?
 Já o rei tem prêso, e a villa descercada:
 Illustre feito, digno de Mavorte!
 Vêl-o cá vae pintado n'esta armada,
 No mar tambem aos mouros dando a morte,
 Tomando-lhe as galés, levando a gloria
 Da primeira maritima victoria:

XVII

« É Dom Fuas Roupinho, que na terra,
 E no mar resplandece juntamente,
 Co'o fogo, que accendeu junto da serra
 De Abyla nas galés da maura gente.
 Olha como em tão justa e sancta guerra,
 De acabar pelejando está contente:
 Das mãos dos mouros entra a felice alma
 Triumphando nos céos, com justa palma.

XVIII

« Não vês um ajuntamento de estrangeiro
 Trajo, sahir da grande armada nova,
 Que ajuda a combater o Rei primeiro
 Lisboa, de si dando sancta prova?
 Olha Henrique, famoso cavalleiro,
 A palma que lhe nasce junto á cova:
 Por elles mostra Deus milagre visto:
 Germanos são os martyres de Christo.

XIX

« Um sacerdote vê brandindo a espada
 Contra Arronches, que toma, por vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada
 Por quem por Mafamede enresta a lança:
 É Theotonio, Prior. Mas vê cercada
 Santarem, e verás a segurança
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo ergueu das quinas a bandeira:

XX

«Vêl-o cá, d'onde Sancho desbarata
 Os mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os imigos rompendo, o alferes mata,
 E o hispalico pendão derriba em terra.
 Mem Moniz é, que em si o valor retrata,
 Que o sepulchro do pae co'os ossos cerra:
 Digno d'estas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI

«Olha aquelle que desce pela lança
 Com as duas cabeças dos vigias,
 Onde a cilada esconde, com que alcança
 A cidade por manhas e ousadias.
 Ella por armas toma a similhaça
 Do cavalleiro, que as cabeças frias
 Na mão levava: feito nunca feito!
 Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

XXII

«Não vês um castelhano, que aggravado
 De Affonso nono rei, pelo odio antigo
 Dos de Lara, co'os mouros é deitado,
 De Portugal fazendo-se inimigo?
 Abrantes villa toma, acompanhado
 Dos duros infieis, que traz consigo:
 Mas vê que um portuguez com pouca gente
 O desbarata, e o prende ousadamente.

XXIII

«Martim Lopes se chama o cavalleiro,
 Que d'estes levar pôde a palma e o louro;
 Mas olha um ecclesiastico guerreiro,
 Que em lança de aço torna o bago de ouro:
 Vêl-o entre os duvidosos tão inteiro
 Em não negar batalha ao bravo mouro:
 Olha o signal no céu, que lhe apparece,
 Com que nos poucos seus o esforço cresce.

XXIV

«Vês? vão os reis de Cordova e Sevilha
 Rotos, com outros dous, e não de espaço;
 Rotos? mas antes mortos. Maravilha
 Feita de Deus, que não de humano braço!
 Vês? já a villa de Alcacere se humilha,
 Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
 A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,
 Que a corôa de palma alli corôa.

XXV

«Olha um mestre, que desce de Castella,
 Portuguez de nação, como conquista
 A terra dos Algarves, e já n'ella
 Não acha quem por armas lhe resista:
 Com manha, esforço, e com benigna estrella
 Villas, castellos toma á escala vista.
 Vês Tavila tomada aos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores?

XXVI

«Vês? com bellica astucia ao mouro ganha
 Sylves, que elle ganhou com força ingente:
 É Dom Paio Corrêa, cuja manha
 E grande esforço faz inveja á gente.
 Mas não passes os tres, que em França e Hespanha
 Se fazem conhecer perpetuamente
 Em desafios, justas, e tornêos,
 N'ellas deixando publicos tropnêos.

XXVII

«Vêl-os? co'o nome veem de aventureiros
 A Castella, onde o preço sós levaram
 Dos jogos de Bellona verdadeiros,
 Que com damno de alguns se exercitaram.
 Vê mortos os soberbos cavalleiros,
 Que o principal dos tres desafiaram,
 Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
 Que póde não temer a lei lethea.

XXVIII

« Attenta n'um, que a fama tanto estende,
 Que de nenhum passado se contenta;
 Que a patria, que de um fraco fio pende,
 Sobre seus duros hombros a sustenta.
 Não n'o vês tinto de ira, que repr'ende
 A vil desconfiança inerte e lenta,
 Do povo, e faz que tome o doce freio
 De rei seu natural, e não de alheio?

XXIX

« Olha: por seu conselho e ousadia
 De Deus guiada só, e de sancta estrella,
 Só pôde, o que impossibil parecia,
 Vencer o povo ingente de Castella.
 Vês por industria, esforço e valentia,
 Outro estrago, e victoria clara e bella,
 Na gente, assi feroz como infinita,
 Que entre o Tartesso, e Guadiana habita?

XXX

« Mas não vês quasi já desbaratado
 O poder lusitano, pela ausencia
 Do capitão devoto, que apartado
 Orando invoca a summa e trina Essencia?
 Vêl-o com pressa já dos seus achado,
 Que lhe dizem, « que falta resistencia
 Contra poder tamanho; e que viesse,
 Porque comsigo esforço aos fracos desse »?

XXXI

« Mas olha com que sancta confiança,
 « Que inda não era tempo » (respondia);
 Como quem tinha em Deus a segurança
 Da victoria, que logo lhe daria:
 Assi Pompilio, ouvindo que a possança
 Dos imigos a terrã lhe corria,
 A quem lhe a dura nova estava dando,
 « Pois eu (responde) estou sacrificando.»

XXXII

« Se quem com tanto esforço em Deus se atreve,
Ouvir quizeres como se nomeia,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas, mais de Dom Nun'Alvares se arreia.
Ditosa patria, que tal filho teve!
Mas antes pae; que enquanto o sol rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII

« Na mesma guerra vê que prêsas ganha
Est'outro capitão de pouca gente!
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente.
Outra vez vê que a lança em sangue banha
D'estes, só por livrar co' amor ardente
O prêso amigo; prêso por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.

XXXIV

« Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano:
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo damno:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés diante posto.

XXXV

« Olha que dezesete lusitanos
N'este outeiro subidos se defendem
Fortes de quatrocentos castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antigo, e no moderno.

XXXVI

« Sabe-se antigamente que trezentos
 Já contra mil romanos pelejaram,
 No tempo que os viris atrevimentos
 De Viriato tanto se illustraram:
 E, d'elles alcançando vencimentos
 Memoraveis, de herança nos deixaram,
 « Que os muitos, por ser poucos, não temamos »;
 O que depois mil vezes amostramos.

XXXVII

« Olha cá dous infantes, Pedro, e Henrique,
 Progenie generosa de Joane:
 Aquelle, faz que fama illustre fique
 D'elle em Germania, com que a morte engane:
 Este, que ella nos mares o publique
 Por seu descobridor, e desengane
 De Ceita a maura tímida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII

« Vês o conde Dom Pedro, que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria?
 Vês? outro conde está, que representa
 Em terra Marte, em forças, e ousadia:
 De poder defender se não contenta
 Alcacere da ingente companhia;
 Mas do seu Rei defende a cara vida,
 Pondo por muro a sua, alli perdida.

XXXIX

« Outros muitos verias, que os pintores
 Aqui tambem por certo pintariam;
 Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe côres,
 Honra, premio, favor, que as artes criam:
 Culpa dos viciosos successores,
 Que degeneram certo, e se desviam
 Do lustre, e do valor dos seus passados,
 Em gostos e vaidades atolados.

XL

« Aquelles paes illustres, que já deram
 Principio á geração, que d'elles pende,
 Pela virtude muito então fizeram,
 E por deixar a casa, que descende.
 Cegos! Que dos trabalhos, que tiveram,
 (Se alta fama, e rumor d'elles se estende)
 Escuros deixam sempre seus menores,
 Com lhe deixar descанços corruptores.

XLI

« Outros tambem ha grandes e abastados,
 Sem nenhum tronco illustre d'onde venham;
 Culpa de reis, que ás vezes a privados
 Dão mais que a mil, que esforço, e saber tenham:
 Estes os seus não querem vêr pintados,
 Credo que côres vãs lhe não convenham;
 E, como a seu contrario natural,
 Á pintura, que falla, querem mal.

XLII

« Não nego que ha comtudo descendentes
 De generoso tronco, e casa rica,
 Que com costumes altos e excellentes,
 Sustentam a nobreza, que lhe fica:
 E se a luz dos antigos seus parentes
 N'elles mais o valor não clarifica,
 Não falta ao menos, nem se faz escura:
 Mas d'estes acha poucos a pintura.»

XLIII

Assi está declarando os grandes feitos
 O Gama, que alli mostra a varia tinta,
 Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
 Do singular artifice alli pinta:
 Os olhos tinha promptos e direitos
 O catual na historia bem distincta:
 Mil vezes perguntava, e mil ouvia
 As gostosas batalhas, que alli via.

XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa;
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaixo do horizonte, e luminosa
 Levava aos antipodas o dia:
 Quando o gentio, e a gente generosa
 Dos naires, da nau forte se partia
 A buscar o repouso, que descansa
 Os lasso animaes, na noite mansa.

XLV

Entretanto os harúspices famosos
 Na falsa opinião, que em sacrificios
 Antevêem sempre os casos duvidosos,
 Por signaes diabolicos, e indicios;
 Mandados do rei proprio, estudiosos
 Exercitavam a arte, e seus officios
 Sobre esta vinda d'esta gente estranha,
 Que ás suas terras veem da ignota Hespanha.

XLVI

Signal lhe mostra o demo verdadeiro,
 De como a nova gente lhe seria
 Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
 Destruição de gente, e de valia.
 Vai-se espantado o attonito agoureiro
 Dizer ao rei (segundo o que entendia)
 Os signaes temerosos, que alcançára
 Nas entranhas das victimas, que olhára.

XLVII

A isto mais se ajuncta, que a um devoto
 Sacerdote da lei de Mafamede,
 Dos odios concebidos não remoto,
 Contra a divina fé, que tudo excede,
 Em fórma do propheta falso e noto,
 Que do filho da escrava Agar procede,
 Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
 Que de seus odios inda se não desce.

XLVIII

E diz-lhe assi: « Guardai-vos, gente minha,
Do mal, que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.»
Isto dizendo, acorda o mouro asinha,
Espantado do sonho: mas comsigo
Cuida que não é mais que sonho usado:
Torna a dormir quieto e socegado.

XLIX

Torna Baccho, dizendo: « Não conheces
O gran legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito, a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptisados?
Eu por ti, rudo, velo; e tu dormeces?
Pois saberás, que aquelles que chegados
De novo são, serão mui grande damno
Da lei, que eu dei ao nescio povo humano.

L

« Emquanto é fraca a força d'esta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o sol sahe, facilmente
Se póde n'elle pôr a aguda vista:
Porém depois que sóbe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raizes crear lhe não tolheis.»

LI

Isto dito, elle e o somno se despede;
Tremendo fica o attonito agareno:
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando n'elle o férvido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao sol precede,
Mostrára rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da tôrpe seita,
Aos quaes, do que sonhou, dá conta estreita.

LII

Diversos pareceres, e contrarios
 Alli se dão, segundo o que entendiam:
 Astutas traicões, enganos varios,
 Perfidias inventavam, e teciam.
 Mas, deixando conselhos temerarios,
 Destruição da gente pretendiam,
 Por manhas mais subtis, e ardis melhores,
 Com peitas adquirindo os regedores.

LIII

Com peitas, ouro, e dadas secretas,
 Conciliam da terra os principaes;
 E com razões notaveis e discretas
 Mostram ser perdição dos naturaes;
 Dizendo « que são gentes inquietas,
 Que os mares percorrendo occidentaes,
 Vivem só de piraticas rapinas,
 Sem rei, sem leis humanas ou divinas.»

LIV

Oh! quanto deve o rei, que bem governa,
 De olhar que os conselheiros, ou privados,
 De consciencia, e de virtude interna,
 E de sincero amor sejam dotados!
 Porque, como estê posto na superna
 Cadeira, póde mal dos apartados
 Negocios ter noticia mais inteira,
 Da que lhe der a lingua conselheira.

LV

Nem tão pouco direi que tome tanto
 Em grosso a consciencia limpa e certa,
 Que se enleve n'um pobre e humilde manto,
 Onde ambição acaso ande encoberta.
 E quando um bom em tudo é justo e sancto,
 Em negocios do mundo pouco acerta;
 Que mal com elles poderá ter conta
 A quieta innocencia, em só Deus prompta.

LVI

Mas aquelles aváros catuaes,
Que o gentílico povo governavam,
Induzidos das gentes infernaes,
O portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais
De tudo quanto os mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um signal certo
Do mundo, que deixava descoberto:

LVII

N'isto trabalha só; que bem sabia,
Que depois que levasse esta certeza,
Armas, e naus, e gente mandaria
Manuel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo, e lei submetteria
Das terras, e do mar a redondeza:
Que elle não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII

Fallar ao rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O rei, que da noticia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse;
Que tão credulo era em seus agouros,
É mais sendo affirmados pelos mouros:

LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cubiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo immortal lhe accende e atiaça:
Que bem vê que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça
O contracto fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos lusitanos.

LX

Sobre isto nos conselhos, que tomava,
 Achava mui contrarios pareceres;
 Que n'aquelles com quem se aconselhava,
 Executa o dinheiro seus poderes.
 O grande Capitão chamar mandava;
 A quem chegado disse: « Se quizeres
 Confessar-me a verdade limpa e nua,
 Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI

« Eu sou bem infermado, que a embaixada,
 Que de teu Rei me deste, que é fingida;
 Porque nem tu tens rei, nem patria amada;
 Mas vagabundo vás passando a vida:
 Que quem da Hesperia ultima alongada,
 Rei ou senhor, de insania desmedida,
 Ha de vir commetter com naus e frotas,
 Tão incertas viagens e remotas?

LXII

« E se de grandes reinos poderosos
 O teu Rei tem a regia magestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Signaes de tua incognita verdade?
 Com peças, e dons altos sumptuosos,
 Se lia dos reis altos a amizade:
 Que signal, nem penhor não é bastante
 As palavras d'um vago navegante.

LXIII

« Se por ventura vindes desterrados,
 (Como já foram homens d'alta sorte)
 Em meu reino sereis agasalhados;
 Que toda a terra é patria para o forte:
 Ou se piratas sois ao mar usados,
 Dizei-m'o sem temor de infamia, ou morte;
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.»

LXIV

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
 Suspeitas das insidias, que ordenava
 O mahometico odio, d'onde vinha
 Aquillo que tão mal o rei cuidava;
 C'uma alta confiança, que convinha,
 (Com que seguro credito alcançava)
 Que Venus acidália lhe influia,
 Taes palavras do sabio peito abria:

LXV

« Se os antigos delictos, que a malicia
 Humana commetteu na prisca idade,
 Não causaram, que o vaso da inequicia,
 (Açoute tão cruel da christandade)
 Viera pôr perpetua inimicia
 Na geração de Adão co'a falsidade
 (Ó poderoso rei) da tôrpe seita,
 Não concebêras tu tão má suspeita.

LXVI

« Mas, porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes oppressões, e em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor vive sempre de seu peito;
 Me mostras tu tão pouca confiança
 D'esta minha verdade, sem respeito
 Das razões em contrario, que acharias,
 Se não crêsses a quem não crêr devias.

LXVII

« Porque, se eu de rapinas só vivesse,
 Undívago, ou da patria desterrado,
 Como crês que tão longe me viesse
 Buscar assento incognito e apartado?
 Por que esperanças, ou por que interesse
 Viria exp'rimtando o mar irado,
 Os antarcticos frios, e os ardores
 Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII

« Se com grandes presentes d'alta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
 Onde a natura pôz teu reino antigo.
 Mas, se a fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne á minha patria, e reino amigo,
 Então verás o dom soberbo e rico,
 Com que minha tornada certifico.

LXIX

« Se te parece inopinado feito,
 Que rei da ultima Hespéria a ti me mande,
 O coração sublime, o regio peito,
 Nenhum caso possibil tem por grande.
 Bem parece que o nobre e gran conceito
 Do lusitano espirito demande
 Maior credito, e fé de mais alteza,
 Que creia d'elle tanta fortaleza.

LXX

« Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
 Reis nossos firmemente propozeram
 De vencer os trabalhos, e perigos,
 Que sempre ás grandes cousas se oppozeram:
 E, descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso, pretenderam
 De saber que fim tinham, e onde estavam
 As derradeiras praias, que lavavam.

LXXI

« Conceito digno foi do ramo claro
 Do venturoso Rei, que arou primeiro
 O mar, por ir deitar do ninho caro
 O morador de Abyla derradeiro.
 Este, por sua industria e engenho raro,
 N'um madeiro ajuntando outro madeiro,
 Descobrir pôde a parte, que faz clara
 De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

LXXII

« Crescendo co'os successos bons primeiros
 No peito as ousadias, descobriram
 Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
 Que uns, succedendo aos outros, proseguiram.
 De Africa os moradores derradeiros
 Austraes, que nunca as sete flammas viram,
 Foram vistos de nós, atraz deixando
 Quantos estão os tropicos queimando.

LXXIII

« Assi com firme peito, e com tamanho
 Proposito vencemos a fortuna;
 Até que nós no teu terreno estranho
 Viemos pôr a ultima columna.
 Rompendo a força do liquido estanho,
 Da tempestade horrifica e importuna,
 A ti chegamos, de quem só queremos
 Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV

« Esta é a verdade, rei: que não faria
 Por tão incerto bem, tão fraco premio,
 Qual, não sendo isto assi, 'sperar podia
 Tão longo, tão fingido e vão proemio:
 Mas antes descançar me deixaria
 No nunca descançado e fero gremio
 Da madre Tethys, qual pirata inico,
 Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

« Assi que, ó rei, se minha gran verdade
 Tens por qual é, sincera e não dobrada;
 Ajunta-me ao despacho brevidade,
 Não rae impidas o gosto da tornada:
 E, se ainda te parece falsidade,
 Cuida bem na razão, que está provada,
 Que com claro juizo pôde vêr-se;
 Que facil é a verdade d'entender-se.»

LXXVI

Attento estava o rei na segurança,
 Com que provava o Gama o que dizia:
 Concebe d'elle certa confiança,
 Credito firme, em quanto proferia:
 Pondera das palavras a abastança,
 Julga na authoridade gran valia:
 Começa de julgar por enganados
 Os catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII

Juntamente a cubiça do proveito,
 Que espera do contracto lusitano,
 Ó faz obedecer e ter respeito
 Co'o Capitão, e não co'o mauro engano.
 Emfim, ao Gama manda, « que direito
 Ás naus se vá; e, seguro d'algun damno
 Possa a terra mandar qualquer fazenda,
 Que pela especiaria troque, e venda.

LXXVIII

« Que mande da fazenda, emfim, lhe manda,
 Que nos reinos gangeticos falleça;
 Se alguma traz idonea, lá da banda
 D'onde a terra se acaba, e o mar começa. »
 Já da real presença veneranda
 Se parte o Capitão, para onde peça
 Ao catual, que d'elle tinha cargo,
 Embarcação; que a sua está de largo.

LXXIX

Embarcação, que o leve ás naus, lhe pede:
 Mas o mau regedor, que novos laços
 Lhe maquinava, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças, e embaraços.
 Com elle parte ao caes; porque o arrede
 Longe, quanto puder, dos regios paços:
 Onde, sem que seu rei tenha noticia,
 Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX

Lá bem longe lhe diz, « que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse;
Ou que para a luz crástina do dia
Futuro, sua partida differisse:
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o gentio consentisse
Na má tenção dos mouros, tôrpe e fera;
O que d'elle até-li não entendera.

LXXXI

Era este catual um dos que estavam
Corruptos pela ma'ometana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do samorim potente:
D'elle sómente os mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente.
Elle, que no conceito vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande pôr nas naus, e não lhe val;
È, que assi lh'o mandára, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
« Por que razão lhe impede, e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquillo que os reis já teem mandado,
Não pôde ser por outrem derogado.»

LXXXIII

Pouco obedece o catual corrupto
A taes palavras; antes revolvendo
Na phantasia algum subtil e astuto
Engano diabolico e estupendo;
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo;
Ou como as naus em fogo lhe abrazasse;
Porque nenhum á patria mais tornasse.

LXXXIV

Que nenhum torne á patria só pretende
 O conselho infernal dos ma'ometanos;
 Porque não saiba nunca onde se estende
 A terra eôa o Rei dos lusitanos.
 Não parte o Gama emfim, que lh'o defende
 O regedor dos barbaros profanos:
 Nem sem licença sua ir-se podia,
 Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV

Aos brados e razões do Capitão
 Responde o idolatra, « que mandasse
 Chegar a terra as naus, que longe estão;
 Porque melhor d'alli fosse, e tornasse.
 Signal é d'inimigo, e de ladrão,
 Que lá tão longe a frota se alargasse,
 (Lhe diz) porque do certo e fido amigo
 E' não temer do seu nenhum perigo.»

LXXXVI

N'estas palavras o discreto Gama
 Enxerga bem, que as naus deseja perto
 O catual; porque com ferro, e flamma,
 Lh'as assalte por odio descoberto.
 Em varios pensamentos se derrama:
 Phantasiando está remedio certo,
 Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava;
 Tudo temia, tudo emfim cuidava.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido
 Êspelho de aço, ou de crystal formoso
 Que de raio solar sendo ferido,
 Vai ferir n'outra parte luminoso;
 E, sendo da ociosa mão movido
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes, e telhado,
 Tremulo aqui, e alli dessocegado:

LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava
 Do Gama prêso, quando lhe lembrára
 Coelho, se por caso o esperava
 Na praia co'os bateis, como ordenára:
 Logo secretamente lhe mandava,
 «Que se tornasse á frota, que deixára;
 Não fosse salteado dos enganos,
 Que esperava dos feros ma'ometanos.»

LXXXIX

Tal ha de ser, quem quer co' o dom de Marte
 Imitar os illustres, e igualal-os:
 Voar co' o pensamento a toda a parte,
 Adivinhar perigos, e evital-os:
 Com militar engenho, e subtil arte,
 Entender os imigos, e enganal-os;
 Crêr tudo emfim; que nunca louvarei
 O capitão, que diga: «Não cuidei.»

XC

Insiste o malabar em têl-o prêso,
 Se não manda chegar a terra a armada;
 Elle constante, e de ira nobre accêso,
 Os ameaços seus não teme nada:
 Que antes quer sobre si tomar o pêso
 De quanto mal a vil malicia ousada
 Lhe andar armando, que pôr em ventura
 A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI

Aquella noite esteve alli detido,
 E parte do outro dia; quando ordena
 De se tornar ao rei: mas impedido
 Foi da guarda, que tinha não pequena.
 Commette-lhe o gentio outro partido,
 (Temendo de seu rei castigo ou pena,
 Se sabe esta malicia; a qual asinha
 Saberá, se mais tempo alli o detinha):

XCII

Diz-lhe « que mande vir toda a fazenda
 Vendibil, que trazia, para terra,
 Para que de vagar se troque, e venda:
 Que quem não quer commercio, busca guerra.»
 Posto que os maus propositos entenda
 O Gama, que o damnado peito encerra,
 Consente; porque sabe por verdade,
 Que compra co'a fazenda a liberdade.

XCIII

Concertam-se que o negro mande dar
 Embarcações idoneas, em que venha;
 Que os seus bateis não quer aventurar
 Onde lh'os tome o imigo, ou lh'os detenha:
 Partem as almadias a buscar
 Mercadoria hespana, que convenha:
 Escreve a seu irmão « que lhe mandasse
 A fazenda com que se resgatasse.»

XCIV

Vem a fazenda a terra, aonde logo
 A agasalhou o infame catual:
 Com ella ficam Alvaro, e Diogo;
 Que a pudessem vender pelo que val.
 Se mais que obrigação, que mando, e rogo
 No peito vil, o premio pôde, e val,
 Bem o mostra o gentio a quem o entenda;
 Pois o Gama soltou pela fazenda.

XCV

Por ella o solta, crendo que alli tinha
 Penhor bastante, d'onde recebesse
 Interesse maior do que lhe vinha,
 Se o Capitão mais tempo detivesse.
 Elle, vendo que já lhe não convinha
 Tornar a terra; porque não pudesse
 Ser mais retido, sendo ás naus chegado,
 N'ellas estar se deixa descançado.

XCVI

Nas naus estar se deixa vagaroso,
Até vêr o que o tempo lhe descobre:
Que não se fia já do cubiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Póde o vil interesse, e sêde amiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII

A Polydoro mata o rei threício,
Só por ficar senhor do gran thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrísio a chuva d'ouro:
Póde tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente e louro,
Êntrega aos inimigos a alta torre,
Do qual, quasi afogada, em pago, morre.

XCVIII

Este rende munidas fortalezas;
Faz traidores e falsos os amigos:
Este aos mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra, ou fama alguns perigos.
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando, e as consciencias.

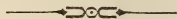
XCIX

Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz, e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente;
E mil vezes tyrannos torna os reis.
Até os que só a Deus Omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude;
Mas não sem côr, comtudo, de virtude.

OS LUSIADAS

CANTO NONO

ARGUMENTO DO CANTO NONO



Livre já das traições e perigos que o ameaçavam, sahe Vasco da Gama de Calecut, e volta para o rein com as alegres novas do descobrimento da India Oriental: encaminha-o Venus a uma ilha deliciosa: descripção da mesma ilha: desembarque dos navegantes: festividades e demonstrações com que alli são recebidos das nereidas os soldados, e de Tethys o Gama.

OUTRO ARGUMENTO

Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meio do tumido oceano
Venus lhe mostra uma insula excellente:
Aqui, de todo bem soffrido damno,
Acha repouso assaz conveniente;
E com nymphas gentís o mais do dia
Em festas passa, e jogos de alegria.

OS LUSIADAS

CANTO NONO

I

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores;
Que os infieis por manha, e falsidade,
Fazem que não lh'a comprem mercadores:
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as naus, que as suas desfizessem.

II

Lá no seio erythreu, onde fundada
Arsínoe foi do egypcio Ptolemeu,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteu;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa agua ma'ometana.

III

Gidá se chama o porto, aonde o tracto
De todo o Roxo-mar mais florescia,
De que tinha proveito grande e grato
O soldão, que esse reino possuia.
D'aqui aos malabares, por contracto
Dos infieis, formosa companhia
De grandes naus, pelo índico oceano,
Especiaria veem buscar cada anno.

IV

Por estas naus os mouros esperavam,
 Que como fossem grandes e possantes,
 Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
 Com flammabrazassem crepitanes.
 N'este soccorro tanto confiavam,
 Que já não querem mais dos navegantes,
 Senão que tanto tempo alli tardassem,
 Que da famosa Meca as naus chegassem.

V

Mas o Governador dos céos, e gentes,
 Que para quanto tem determinado,
 De longe os meios dá convenientes,
 Por onde vem a effeito o fim fadado;
 Influiu piedosos accidentes
 De affeição em Monçaide, que guardado
 Estava para dar ao Gama aviso,
 E merecer por isso o Paraiso.

VI

Este, de quem se os mouros não guardavam,
 Por ser mouro como elles (antes era
 Participante emquanto machinavam)
 A tenção lhe descobre tórpe e fera:
 Muitas vezes as naus, que longe estavam,
 Visita; e com piedade considera
 O damno, sem razão, que se lhe ordena
 Pela maligna gente sarracena.

VII

Informa o cauto Gama das armadas
 Que da arabica Meca veem cada anno;
 Que agora são dos seus tão desejadas,
 Para ser instrumento d'este damno:
 Diz-lhe, « que veem de gente carregadas,
 E dos trovões horrendos de Vulcano;
 E que pode ser d'ellas opprimido,
 Segundo estava mal apercebido.»

VIII

O Gama, que tambem considerava
 O tempo, que para a partida o chama,
 E que despacho já não esperava
 Melhor do rei, que os ma'ometanos ama:
 Aos feitores, que em terra estão, mandava
 Que se tornem ás naus: e porque a fama
 D'esta subita vinda os não impida,
 Lhe manda, « que a fizessem escondida.»

IX

Porém não tardou muito, que voando
 Um rumor não soasse, com verdade,
 Que foram prêsos os feitores, quando
 Foram sentidos vir-se da cidade.
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio Capitão, com brevidade
 Faz represalia n'uns, que ás naus vieram
 A vender pedraria, que trouxeram.

X

Eram estes, antigos mercadores,
 Ricos em Calecut, e conhecidos:
 Da falta d'elles, logo entre os melhores
 Sentido foi, que estão no mar retidos.
 Mas já nas naus os bons trabalhadores
 Volvem o cabrestante, e repartidos
 Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
 Outros quebram co'o peito duro a barra:

XI

Outros pendem da verga, e já desatam
 A véla, que com grita se soltava;
 Quando com maior grita ao rei relatam
 A pressa com que a armada se levava:
 As mulheres, e filhos que se matam,
 D'aquelles que vão prêsos, onde estava
 O samorim, se aqueixam que perdidos
 Uns teem os paes, as outras os maridos.

XII

Manda logo os feitores lusitanos
 Com toda sua fazenda livremente,
 A pezar dos imigos ma'ometanos,
 Porque lhe torne a sua prêsa gente:
 Desculpas manda o rei de seus enganos.
 Recebe o Capitão de melhor mente
 Os prêsos, que as desculpas: e tornando
 Alguns negros, se parte as vélas dando.

XIII

Parte-se costa abaixo, porque entende
 Que em vão co'o rei gentio trabalhava
 Em querer d'elle paz; a qual pretende
 Por firmar o commercio, que tractava.
 Mas como aquella terra, que se estende
 Pela Aurora, sabida já deixava,
 Com estas novas torna á patria cara
 Certos signaes levando do que achára.

XIV

Leva alguns malabares, que tomou
 Por força, dos que o samorim mandára,
 Quando os prêsos feitores lhe tornou:
 Leva pimenta ardente, que comprára:
 A sêcca flôr de Banda não ficou,
 A noz, e o negro cravo, que faz clara
 A nova ilha Maluco, co'a canella,
 Com que Ceilão é rica, illustre e bella.

XV

Isto tudo lhe houvera a diligencia
 De Monçaide fiel, que tambem leva;
 Que inspirado de angelica influencia,
 Quer no livro de Christo que se escreva.
 Oh ditoso africano, que a clemencia
 Divina assi tirou d'escura treva,
 E tão longe da patria achou maneira
 Para subir á patria verdadeira!

XVI

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naus, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte oriental para Lisboa;
Outra vez commettendo os duros mêdos
Do mar incerto, timidos e lêdos;

XVII

O prazer de chegar á patria cara,
A seus penates caros, e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os varios céos, e gentes;
Vir a lograr o premio, que ganhára
Por tão longos trabalhos, e accidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle é vaso estreito.

XVIII

Porém a deusa cypria, que ordenada
Era para favor dos lusitanos
Do padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos damnos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

XIX

Depois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram
Os trabalhos, que pelo deus nascido
Nas amphionéas Thebas se causaram;
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal liquido e manso:

XX

Algun repouso emfim, com que pudesse
 Refocillar a lassa humanidade
 Dos navegantes seus, como interesse
 Do trabalho, que encurta a breve idade.
 Parece-lhe razão, que conta dêsse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os deuses faz descer ao vil terreno,
 E os humanos subir ao céo sereno.

XXI

Isto bem revolvido, determina
 De ter-lhe aparelhada lá no meio
 Das aguas, alguma ínsula divina,
 Ornada d'esmaltado e verde arreio:
 Que muitas tem no reino, que confina
 Da mãe primeira co'o terreno seio,
 Afóra as que possue soberanas
 Para dentro das portas herculanas.

XXII

Alli quer que as aquaticas donzellas
 Esperem os fortissimos varões,
 Todas as que teem titulo de bellas,
 Gloria dos olhos, dôr dos corações,
 Com danças, e choreas; porque n'ellas
 Influirá secretas affeições,
 Para com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se affeioarem.

XXIII

Tal manha buscou já, para que aquelle
 Que de Anchises pariu, bem recebido
 Fosse no campo, que a bovina pelle
 Tômou d'espaco, por subtil partido:
 Seu filho vai buscar; porque só n'elle
 Tem todo seu poder, fero Cupido;
 Que assi como n'aquella empreza antiga
 A ajudou já, nest'outra a ajude, e siga.

XXIV

No carro ajunta as aves, que na vida
 Vão da morte as exequias celebrando,
 E aquellas, em que já foi convertida
 Peristéra, as boninas apanhando.
 Em derredor da deusa já partida,
 No ar lascivos beijos se vão dando:
 Ella, por onde passa, o ar, e o vento
 Sereno faz, com brando movimento.

XXV

Já sobre os idalios montes pende,
 Onde o filho frecheiro estava então
 Ajuntando outros muitos; que pretende
 Fazer uma famosa expedição
 Contra o mundo rebelde, porque emende
 Erros grandes, que ha dias n'elle estão,
 Amando cousas, que nos foram dadas,
 Não para ser amadas, mas usadas.

XXVI

Via Acteon na caça tão austero,
 De cego na alegria bruta, insana,
 Que por seguir um feio animal fero,
 Foge da gente, e bella fórma humana:
 E por castigo quer, doce e severo,
 Mostrar-lhe a formosura de Diana:
 E guarde-se não seja inda comido
 D'esses cães, que agora ama, e consumido!

XXVII

E vê do mundo todo os principaes,
 Que nenhum no bem publico imagina;
 Vê n'elles, que não teem amor a mais
 Que a si sómente, e a quem Philaúcia ensina.
 Vê que esses, que frequentam os reaes
 Paços, por verdadeira e sã doutrina
 Vendem adulação, que mal consente
 Mondar-se o novô trigo florecente

XXVIII

Vê que aquelles, que devem á pobreza
 Amor divino, e ao povo caridade,
 Amam sómente mandos, e riqueza,
 Simulando justiça, e integridade.
 Da feia tyrannia, e de aspereza,
 Fazem direito, e vã severidade:
 Leis em favor do rei se estabelecem;
 As em favor do povo só perecem.

XXIX

Vê emfim, que ninguem ama o que deve,
 Senão o que sómente mal deseja:
 Não quer que tanto tempo se releve
 O castigo, que duro e justo seja.
 Seus ministros ajunta; porque leve
 Exercitos conformes á peleja
 Que espera ter co'a mal regida gente,
 Que lhe não fôr agora obediente.

XXX

Muitos d'estes meninos voadores
 Estão em varias obras trabalhando;
 Uns amolando ferros passadores,
 Outros hasteas de settas delgaçando:
 Trabalhando, cantando estão de amores,
 Varios casos em verso modulando;
 Melodia sonora e concertada,
 Suave a letra, angelica a toada.

XXXI

Nas frágoas immortaes, onde forjavam
 Para as settas as pontas penetrantes,
 Por lenha corações ardendo estavam,
 Vivas entranhas inda palpitantes.
 As aguas, onde os ferros temperavam,
 Lagrimas são de miseros amantes;
 A viva flamma, o nunca morto lume,
 Desejo é só que queima, e não consume.

XXXII

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da setta aguda:
Formosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sómente dá vida aos mal feridos;
Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII

Formosas são algumas, e outras feias,
Segundo a qualidade fôr das chagas;
Que o veneno espalhado pelas veias
Cūram-n'ó ás vezes ásperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias,
Por palavras subtis de sabias magas:
Isto acontece ás vezes, quando as settas
Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV

D'estes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido, miserando:
E tambem nos heroes de altos estados
Exemplos mil se vêem de amor nefando;
Qual o das moças Bibli, e Cinyréa:
Um mancebo de Assyria; um de Judéa.

XXXV

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vêdes;
E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Tambem vos tomam nas vulcaneas rêdes.
Uns esperando andaes nocturnas horas;
Outros subis telhados, e paredes:
Mas eu creio que d'este amor indino
É mais culpa a da mãe, que a do menino

XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve
 Punham os brancos cysnes mansamente;
 E Dione, que as rosas entre a neve
 No rosto traz, descia diligente.
 O frecheiro, que contra o céu se atreve,
 A recebêl-a vem lêdo e contente;
 Veem todos os Cupidos servidores
 Beijar a mão á deusa dos amores.

XXXVII

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
 Nos braços tendo o filho, confiada
 Lhe diz: « Amado filho, em cuja mão
 Toda minha potencia está fundada;
 Filho, em quem minhas forças sempre estão;
 Tu que as armas typhéas tens em nada,
 A socorrer-me á tua potestade
 Me traz especial necessidade.

XXXVIII

« Bem vês as lusitanicas fadigas,
 Que eu já de muito longe favoreço;
 Porque das Parcas sei minhas amigas,
 Que me hão de venerar, e ter em preço.
 É porque tanto imitam as antigas
 Obras de meus romanos, me offereço
 A lhe dar tanta ajuda, emquanto posso,
 A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX

« E porque das insidias do odioso
 Baccho foram na India molestados,
 E das injurias sós do mar undoso
 Puderam mais ser mortos, que cançados:
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero que sejam repousados;
 Tomando aquelle premio, e doce gloria
 Do trabalho, que faz clara a memoria.

XL

« E para isso queria que feridas
 As filhas de Nereu no ponto fundo,
 D'amor dos lusitanos incendidas,
 Que veem de descobrir o novo mundo;
 Todas n'uma ilha juntas, e subidas:
 Ilha, que nas entranhas do profundo
 Oceano terei aparelhada,
 De dons de Flora, e Zephyro adornada;

XLI

« Alli com mil refrescos, e manjares,
 Com vinhos odoriferos, e rosas,
 Em crystallinos paços singulares,
 Formosos leitos, e ellas mais formosas:
 Emfim, com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as nymphas amorosas;
 D'amor feridas, para lhe entregarem
 Quanto d'ellas os olhos cubicarem.

XLII

« Quero que haja no reino neptunino,
 Onde eu nasci, progenie forte e bella:
 E tome exemplo o mundo vil, malino,
 Que contra tua potencia se rebella;
 Porque entendam que muro adamantino,
 Nem triste hypocrisia val contra ella:
 Mal haverá na terra quem se guarde,
 Se teu fogo immortal nas aguas arde. »

XLIII

Assi Venus propôz, e o filho inico
 Para lhe obedecer, já se apercebe;
 Manda trazer o arco eburneo, rico,
 Onde as settas de ponta de ouro embebe.
 Com gesto lêdo a Cypria e impudico
 Dentro no carro o filho seu recebe;
 A redea larga ás aves, cujo canto
 A phaetontea morte chorou tanto.

XLIV

Mas diz Cupido, « que era necessaria
 Uma famosa e celebre terceira,
 Que, posto que mil vezes lhe é contraria,
 Outras muitas a tem por companheira: »
 A deusa gigantéa, temeraria,
 Jactante, mentirosa, e verdadeira,
 Que com cem olhos vê, e por onde vôa,
 O que vê, com mil bôcas apregôa.

XLV

Vão-n'a buscar, e mandam-n'a diante,
 Que celebrando vá com tuba clara
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d'outrem celebrára.
 Já murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhára:
 Falla verdade, havida por verdade;
 Que junto a deusa traz Credulidade.

XLVI

O louvor grande, o rumor excellente
 O coração dos deuses, que indignados
 Foram por Baccho contra a illustre gente,
 Mudando, os fez um pouco affeioados.
 O peito feminino, que levemente
 Muda quaesquer propositos tomados,
 Já julga por mau zelo, e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII

Despede n'isto o fero moço as settas
 Uma após outra; geme o mar co'os tiros:
 Direitas pelas ondas inquietas
 Algumas vão, e algumas fazem giros:
 Cahem as nymphas, lançam das secretas
 Entranhas ardentissimos suspiros:
 Cahe qualquer, sem vêr o vulto, que ama;
 Que tanto, como a vista, póde a fama.

XLVIII

Os cornos ajuntou da eburnea lua,
 Com força o moço indómito excessiva,
 Que Tethys quer ferir mais que nenhu'a,
 Porque mais que nenhuma lhe era esquiua.
 Já não fica na aljava setta algu'a,
 Nem nos equoreos campos nympha viva;
 E, se feridas inda estão vivendo,
 Será para sentir que vão morrendo.

XLIX

Dai logar, altas e cerúleas ondas,
 Que, vêdes, Venus traz a medicina,
 Mostrando as brancas vélas e redondas,
 Que veem por cima da agua neptunina:
 Para que tu reciproco respondas,
 Ardente amor, á flamma feminina,
 É forçado que a pudicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus admoesta.

L

Já todo o bello côro se aparelha
 Das nereidas; e junto caminhava
 Em choréas gentis (usança velha)
 Para a ilha, a que Venus as guiava.
 Alli a formosa deusa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amava:
 Ellas, que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho offerecidas.

LI

Cortando vão as naus a larga via
 Do mar ingente para a patria amada,
 Desejando prover-se de agua fria,
 Para a grande viagem prolongada:
 Quando juntas, com subita alegria,
 Houveram vista da ilha namorada;
 Rompendo pelo céo a mãe formosa
 De Memnónio, suave e deleitosa.

LII

De longe a ilha viram fresca e bella;
 Que Venus pelas ondas lh'a levava,
 (Bem como o vento leva branca véla)
 Para onde a forte armada se enxergava:
 Que, porque não passassem, sem que n'ella
 Tomassem porto, como desejava,
 Para onde as nauç navegam a movia
 A Acidália, que tudo emfim podia.

LIII

Mas firme a fez e immobil, como viu,
 Que era dos nautas vista, e demandada;
 Qual ficou Delos, tanto que pariu
 Latona Phebo, e a deusa á caça usada.
 Para lá logo a prôa o mar abriu
 Onde a costa fazia uma enseada
 Curva e quieta, cuja branca areia
 Pintou de ruivas conchas Cytheréa.

LIV

Taes formosos outeiros se mostravam
 Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramíneo esmalte se adornavam,
 Na formosa ilha alegre e deleitosa:
 Claras fontes e limpidas manavam
 Do cume, que a verdura tem viçosa:
 Por entre pedras alvas se deriva
 A sonora lympha fugitiva.

LV

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
 Vinham as claras aguas ajuntar-se,
 Onde ãa mesa fazem, que se estende
 Tão bella, quanto pôde imaginar-se:
 Arvoredos gentil sobre ella pende,
 Como que prompto está para afeitar-se,
 Vendo-se no crystal resplandecente,
 Que em si o está pintando propriamente.

LVI

Mil arvores estão ao céu subindo,
 Com pomos odoríferos e bellos:
 A lorangeira tem no fructo lindo
 A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
 Encosta-se no chão, que está cahindo,
 A cidreira co'os pêsos amarellos:
 Os formosos limões alli cheirando
 Estão virgíneas tetas imitando.

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
 Teem com frondente coma ennobrecidos,
 Álamos são de Alcides, e os loureiros
 Do louro deus amados, e queridos:
 Myrtos de Cytheréa, co'os pinheiros
 De Cybéle, por outro amor vencidos;
 Está apontando o agudo cypariso
 Para onde é posto o ethereo paraizo.

LVIII

Os dons, que dá Pomôna, alli natura
 Produze differentes nos sabores,
 Sem ter necessidade de cultura;
 Que sem ella se dão muito melhores:
 As cerejas purpúreas na pintura;
 As amoras, que o nome teem de amores;
 O pomo, que da patria Persia veio,
 Melhor tornado no terreno alheio.

LIX

Abre a romã, mostrando a rubicunda
 Côr com que tu, rubi, teu preço perdes:
 Entre os braços do ulmeiro 'stá a jucunda
 Vide, c'uns cachos rôxos, e outros verdes:
 E vós, se na vossa arvore fecunda,
 Pêras pyramidaes, viver quizerdes,
 Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
 Em vós fazem os passaros inicos.

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
 Com que se cobre o rustico terreno,
 Faz ser a de Acheménia menos dina,
 Mas o sombrio valle mais ameno.
 Alli a cabeça a flôr cephísia inclina
 Sobolo tanque lucido, e sereno:
 Florece o filho e neto de Ciniras,
 Por quem tu, deusa Paphia, inda suspiras.

LXI

Para julgar difficil cousa fôra,
 No céo vendo, e na terra as mesmas côres,
 Se dava ás flôres côr a bella Aurora,
 Ou se lh'a dão a ella as bellas flôres.
 Pintando estava alli Zephyro, e Flora,
 As violas, da côr dos amadores;
 O lirio roxo, a fresca rosa bella,
 Qual reluze nas faces da donzella.

LXII

A candida cecem, das matutinas
 Lagrimas rociada, e a mangerona:
 Vêem-se as letras nas flôres hyacinthinas,
 Tão queridas do filho de Latona:
 Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
 Que competia Chlôris com Pomona.
 Pois se as aves no ar cantando voam,
 Alegres animaes o chão povoam.

LXIII

Ao longo d'agua o niveo cisne canta,
 Responde-lhe do ramo philomela:
 Da sombra de seus cornos não se espanta
 Acteon n'agua crystallina e bella:
 Aqui a fugace lebre se levanta
 Da espêssa matta, ou timida gazella;
 Alli no bico traz ao caro ninho
 O mantimento o leve passarinho.

LXIV

N'esta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as bellas deusas, como incautas.
Algumas doces citharas tocavam,
Algumas harpas, e sonoras frautas;
Outras co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV

Assi lh'o aconselhára a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que vista dos barões a prêsa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na fórma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam n'agua pura.

LXVI

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés de terra cubiçosos;
Que não ha nenhum d'elles, que não saia
De acharem caça agreste desejosos;
Não cuidam que sem laço ou redes caia
Caça n'aquelles montes deleitosos
Tão suave, domestica e benina,
Qual ferida lh'a tinha já Erycina.

LXVII

Alguns, que em espingardas, e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios mattos, e florestas,
Determinadamente se lançavam:
Outros nas sombras, que das altas séstas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo d'agua, que suave e quêda
Por alvas pedras corre á praia lêda.

LXVIII

Começam de enxergar subitamente
 Por entre verdes ramos varias côres:
 Côres, de quem a vista julga e sente,
 Que não eram das rosas ou das flôres;
 Mas da lã fina, e sêda differente,
 Que mais incita a força dos amores,
 De que se vestem as humanas rosas,
 Fazendo-se, por arte, mais formosas.

LXIX

Dá Velloso espantado um grande grito:
 «Senhores, caça estranha (disse) é esta:
 Se inda dura o gentio antigo rito,
 A deusas é sagrada esta floresta:
 Mais descobrimos do que humano esp'rito
 Desejou nunca; e bem se manifesta,
 Que são grandes as cousas e excellentes,
 Que o mundo encobre aos homens imprudentes

LXX

«Sigamos estas deusas, e vejamos
 Se phantasticas são, se verdadeiras.»
 Isto dito, veloces mais que gamos,
 Se lançam a correr pelas ribeiras.
 Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
 Mas, mais industriosas, que ligeiras,
 Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
 Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI

De uma os cabellos de ouro o vento leva
 Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
 Accende-se o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas:
 Uma de industria cabe, e já relewa
 Com mostras mais macias, que indignadas,
 Que sobre ella empecendo tambem caia
 Quem a seguiu pela arenosa praia.

LXXII

Outros por outra parte vão topar
 Com as deusas despidas, que se lavam:
 Ellas começam subito a gritar,
 Como que assalto tal não esperavam.
 Umás, fingindo menos estimar
 A vergonha que a força, se lançavam
 Nuas por entre o matto, aos olhos dando
 O que ás mãos cubiçosas vão negando.

LXXIII

Outra, como acudindo mais depressa
 Á vergonha da deusa caçadora,
 Esconde o corpo n'agua; outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fôra.
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa
 Vestido assi, e calçado (que co'a mora
 De se despir ha mêdo que inda tarde)
 A matar na agua o fogo, que n'elle arde.

LXXIV

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
 Usado a tomar n'agua a ave ferida,
 Vendo no rosto o ferreo cano erguido
 Para a garcenha, ou pata conhecida,
 Antes que sôe o estouro, mal soffrido
 Salta n'agua, e da prêsa não duvida;
 Nadando vai, e latindo: assi o mancebo
 Remette á que não era irmã de Phebo.

LXXV

Leonardo, soldado bem disposto,
 Manhoso, cavalleiro, e namorado,
 A quem amor não dera um só desgosto,
 Mas sempre fôra d'elle maltractado:
 E tinha já por firme presupposto
 Ser com amores mal afortunado;
 Porém não que perdesse a esperança
 De inda poder seu fado ter mudança:

LXXVI

Quiz aqui sua ventura, que corria
 Após Ephyre, exemplo de belleza,
 Que mais caro que as outras dar queria
 Ó que deu para dar-se a natureza.
 Já cançado correndo lhe dizia:
 « O' formosura indigna de aspereza;
 Pois d'esta vida te concedo a palma,
 Espera um corpo de quem levas a alma.

LXXVII

« Todas de correr cançam, nympha pura,
 Rendendo-se á vontade do inimigo:
 Tu só de mi só foges na espessura?
 Quem te disse, que eu era o que te sigo?
 Se t'ó tem dito já aquella ventura
 Que em toda a parte sempre anda commigo,
 Oh não na creias; porque eu, quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII

« Não canses; que me causas: e se queres
 Fugir-me, porque não possa tocar-te,
 Minha ventura é tal, que inda que esperes,
 Ella fará que não possa alcançar-te.
 Espera: quero vêr, se tu quizeres,
 Que subtil modo busca de escapar-te:
 É notarás no fim d'este successo,
 « *Tra la spiga e la man qual muro è messo.* »

LXXIX

« Oh não me fujas! Assi nunca o breve
 Tempo fuja de tua formosura!
 Que só com refrear o passo leve
 Vencerás da fortuna a força dura.
 Que imperador, que exercito se atreve
 A quebrantar a furia da ventura,
 Que emquanto desejei me vai seguindo?
 Ó que tu só farás não me fugindo.

LXXX

« Pões-te da parte da desdita minha?
 Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
 Levas-me um coração, que livre tinha?
 Solta-m'ó, e correrás mais levemente.
 Não te carrega essa alma tão mesquinha,
 Que n'esses fios de ouro reluzente
 Atada levas? Ou depois de prêsa
 Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

LXXXI

« N'esta esperança só te vou seguindo,
 Que, ou tu não soffrerás o pêso d'ella,
 Ou na virtude de teu gesto lindo,
 Se lhe mudará a triste e dura estrella:
 E se se lhe mudar, não vás fugindo,
 Que amor te ferirá, gentil donzella;
 E tu me esperarás, se amor te fere;
 E se me esperas, não ha mais que espere.»

LXXXII

Já não fugia a bella nympha, tanto
 Por se dar cara ao triste que a seguia,
 Como por ir ouvindo o doce canto,
 As namoradas mágoas que dizia.
 Volvendo o rosto já sereno e sancto,
 Toda banhada em riso e alegria,
 Cahir se deixa aos pés do vencedor,
 Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII

Oh que famintos beijos na floresta!
 E que mimoso chôro, que soava!
 Que afagos tão suaves! Que ira honesta,
 Que em risinhos alegres se tornava!
 Ó que mais passam na manhã, e na sesta,
 (Que Venus com prazeres inflammava)
 Melhor é exp'riental-o, que julgal-o;
 Mas julgue-o quem não pôde exp'riental-o.

LXXXIV

D'est'arte emfim conformes já as formosas
 Nymphas, co'os seus amados navegantes,
 Os ornam de capellas deleitosas,
 De louro, e de ouro, e flôres abundantes:
 As mãos alvas lhe davam como esposas:
 Com palavras formaes, e estipulantes
 Se promettem eterna companhia
 Em vida, e morte, de honra e alegria.

LXXXV

Uma d'ellas maior, a quem se humilha
 Todo o côro das nymphas, e obedece,
 (Que dizem ser de Celo, e Vesta filha,
 O que no gesto bello se parece,
 Enchendo a terra, e o mar de maravilha)
 O Capitão illustre, que o merece,
 Recebe alli com pompa honesta e regia,
 Mostrando-se senhora grande e egregia.

LXXXVI

Que, depois de lhe ter dito quem era,
 C'um alto exordio de alta graça ornado;
 Dando-lhe a entender « que alli viera
 Por alta influença do immobil fado;
 Para lhe descobrir da unida esphera,
 Da terra immensa, e mar não navegado
 Os segredos, por alta prophesia,
 O que esta sua nação só merecia:»

LXXXVII

Tomando-o pela mão o leva, e guia
 Para o cume d'um monte alto e divino,
 No qual uma rica fabrica se erguia
 De crystal toda, e de ouro puro e fino.
 A maior parte aqui passam do dia
 Em doces jogos, e em prazer contino:
 Ella nos paços logra seus amores,
 As outras pelas sombras entre as flôres.

LXXXVIII

Assi a formosa, e a forte companhia,
 O dia quasi todo estão passando
 N'uma alma, doce, incógnita alegria,
 Os trabalhos tão longos compensando.
 Porque dos feitos grandes, da ousadia
 Forte e famosa, o mundo está guardando
 O premio lá no fim bem merecido,
 Com fama grande, e nome alto e subido.

LXXXIX

Que as nymphas do oceano tão formosas,
 Tethys, e a ilha angelica pintada,
 Outra cousa não é, que as deleitosas
 Honras, que a vida fazem sublimada.
 Aquellas preeminencias gloriosas,
 Os triumphos, a fronte coroada
 De palma, e louro, a gloria e maravilha,
 Estes são os deleites d'esta ilha.

XC

Que as immortalidades, que fingia
 A antiguidade, que os illustres ama,
 Lá no estellante Olympo, a quem subia
 Sobre as azas ínclytas da Fama,
 Por obras valerosas, que fazia,
 Pelo trabalho immenso, que se chama
 Caminho da virtude alto e fragoso,
 Mas no fim doce, alegre e deleitoso;

XCI

Não eram senão premios, que reparte
 Por feitos immortaes e soberanos
 O mundo co'os varões, que esforço e arte
 Divinos os fizeram sendo humanos:
 Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
 Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
 Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
 Todos foram de fraca carne humana.

XCII

Mas a Fama, trombeta de obras taes,
 Lhe deu no mundo nomes tão estranhos,
 De deuses, semideuses immortaes,
 Indigetes, heroicos, e de manhos.
 Por isso, ó vós, que as famas estimaes,
 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai já do somno do ocio ignavo,
 Que o animo de livre faz escravo.

XCIII

E ponde na cubiça um freio duro,
 E na ambição tambem, que indignamente
 Tomaes mil vezes, e no tórpe e escuro
 Vicio da tyrannia infame, e urgente:
 Porque essas honras vãs, esse ouro puro
 Verdadeiro valor não dão á gente:
 Melhor é merecêl-os sem os ter,
 Que possuil-os sem os merecer.

XCIV

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
 Que aos grandes não déem o dos pequenos;
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a lei dos imigos sarracenos:
 Fareis os reinos grandes e possantes,
 E todos tereis mais e nenhum menos:
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustram tanto as vidas.

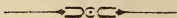
XCV

E fareis claro o Rei, que tanto amaes,
 Agora co'os conselhos bem cuidados;
 Agora co'as espadas, que immortaes
 Vos farão, como os vossos já passados:
 Impossibilidades não façaes;
 Que quem quiz sempre pôde: e numerados
 Sereis entre os heroes esclarecidos,
 E n'esta ilha de Venus recebidos.

OS LUSIADAS

CANTO DECIMO

ARGUMENTO DO CANTO DECIMO



Convite de Tethys aos navegantes: canção prophetica da Sirena, em que toca as principaes façanhas e conquistas dos vice-reis, dos governadores, e capitães portuguezes na India até D. João de Castro: sóbe Tethys com o Gama a um monte, desde o qual lhe mostra a esphera celeste e terrestre: descripção do orbe, especialmente da Asia e Africa: sahem da ilha os navegantes, e seguindo a sua viagem chegam felizmente a Lisboa.

OUTRO ARGUMENTO

Ás mesas de vivificos manjares,
Com as nymphas os lusos valerosos,
Ouvem de seus vindouros singulares
Façanhas, em accentos numerosos:
Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares,
E quanto os céos rodeam luminosos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a frota ao Tejo tão querido.

OS LUSIADAS

CANTO DECIMO

I

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodeia
Temistitão, nos fins occidentaes:
O grande ardor do sol Favonio enfreia
Co'o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmims, que a calma agrava:

II

Quando as formosas nymphas co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes;
Mandados da rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares, excellentes,
Lhe tinha aparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cançada natureza.

III

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
Se assentam dous e dous, amante, e dama;
N'outras, á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella Deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a egypcia antiga fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do atlantico thesouro.

IV

Os vinhos odoriferos, (que acima
 Estão, não só do italico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,
 Com todo o ajuntamento sempiterno)
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
 Crespas escumas erguem, que no interno
 Coração movem subita alegria,
 Saltando co'a mistura d'agua fria.

V

Mil praticas alegres se tocavam,
 Risos doces, subtis e argutos ditos,
 Que entre um, e outro manjar se alevantavam
 Despertando os alegres appetitos.
 Musicos instrumentos não faltavam,
 Quaes no profundo reino os nus esp'ritos
 Fizeram descançar da eterna pena,
 C'uma voz d'uma angelica sirena.

VI

Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
 Que pelos altos paços vão soando,
 Em consonancia igual, os instrumentos
 Suaves veem a um tempo conformando:
 Um subito silencio enfreia os ventos,
 E faz ir docemente murmurando
 As aguas, e nas casas naturaes
 Adormecer os brutos animaes.

VII

Com doce voz está subindo ao céo
 Altos barões, que estão por vir ao mundo,
 Cujas claras ideias viu Proteu
 N'um globo vão, diaphano, rotundo;
 Que Jupiter em dom lh'o concedeu
 Em sonhos, e depois no reino fundo
 Vaticinando o disse; e na memoria
 Recolheu logo a nympha a clara historia.

VIII

Materia é de cothurno, e não de soco,
 A que a nympha aprendeu no immenso lago,
 Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
 Entre os pheaces um, outro em Carthago.
 Aqui, minha Calliope, te invoco
 N'este trabalho extremo, porque em pago
 Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,
 O gosto de escrever, que vou perdendo.

IX

Vão os annos descendo, e já do estio
 Ha pouco que passar até o outomno:
 A fortuna me faz o engenho frio,
 Do qual já não me jacto, nem me abono.
 Os desgostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento, e eterno somno:
 Mas, tu me dá que cumpra, ó gran rainha
 Das musas, co'o que quero á nação minha.

X

Cantava a bella deusa, que viriam
 Do Tejo, pelo mar, que o Gama abrira,
 Armadas, que as ribeiras venceriam,
 Por onde o oceano índico suspira:
 E que os gentios reis, que não dariam
 A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
 Provariam do braço duro e forte,
 Até render-se a elle, ou logo á morte.

XI

Cantava d'um, que tem nos malabares
 Do summo sacerdocio a dignidade,
 Que só por não quebrar co'os singulares
 Barões os nós, que dera d'amizade,
 Soffrerá suas cidades, e logares
 Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
 Vêr destruir do samorim potente,
 Que taes odios terá co'a nova gente.

XII

E canta como lá se embarcaria,
 Em Belem o remedio d'este damno,
 Sem saber o que em si o mar traria,
 O gran Pacheco, Achilles lusitano:
 O pêso sentirão, quando entraria,
 O curvo lenho, e o férvido oceano,
 Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
 Contra sua natureza se metterem.

XIII

Mas já chegado aos fins orientaes,
 E deixado em ajuda do gentio
 Rei de Cochim com poucos naturaes
 Nos braços do salgado e curvo rio;
 Desbaratará os naires infernaes
 No passo Cambalão, tornando frio
 De espanto o ardor immenso do oriente,
 Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV

Chamará o samorim mais gente nova;
 Virão reis de Bipur, e de Tanor
 Das serras de Narsinga, que alta prova
 Estarão promettendo a seu senhor:
 Fará que todo o naire emfim se mova,
 Que entre Calecut jaz, e Cananor,
 D'ambas as leis imigas para a guerra,
 Mouros por mar, gentios pela terra.

XV

E todos outra vez desbaratando,
 Por terra e mar, o gran Pacheco ousado,
 A grande multidão, que irá matando,
 A todo o malabar terá admirado.
 Commetterá outra vez, não dilatando,
 O gentio os combates apressado,
 Injuriando os seus, fazendo votos
 Em vão aos deuses vãos, surdos e immotos.

XVI

Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas:
Accêso de ira o cão, não vendo lasses
Aquelles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, da vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem azas,
Por dous passos n'um tempo: mas voando
D'um n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII

Virá alli o samorim; porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce e anime:
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.
Já não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime:
Inventará traições, e vãos venenos;
Mas sempre (o céu querendo) fará menos.

XVIII

Que tornará a vez setima (cantava)
Pelejar com o invicto e forte luso,
A quem nenhum trabalho pêsá, e agrava,
Mas comtudo este só o fará confuso:
Trará para a batalha horrenda e brava
Machinas de madeiros fóra de uso,
Para lhe abalroar as caravelas;
Que até-li vão lhe fôra commettêl-as.

XIX

Pela agua levará serras de fogo
Para abraçar-lhe quanta armada tenha:
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ser vã a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no marcio jogo,
Que nas azas da Fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma:
E perdôe-me a illustre Grecia, ou Roma.

XX

Porque tantas batalhas sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas, e artes inventadas,
 Tantos cães não imbelles profligados;
 Ou parecerão fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes córos invocados
 Descerão a ajudal-o, e lhe darão
 Esforço, força, ardil e coração.

XXI

Aquelle que nos campos marathionios
 O gran poder de Dário estrue, e rende;
 Ou quem com quatro mil lacedemonios
 O passo de Thermópylas defende;
 Nem o mancebo Cocles dos ausonios,
 Que com todo o poder tusco contende
 Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
 Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII

Mas n'este passo a nympha o som canoro
 Abaixando, fez rouco e entristecido,
 Cantando em baixa voz, envolta em chôro,
 O grande esforço mal agradecido.
 « Ó Belizario (disse) que no côro
 Das musas serás sempre engrandecido;
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,
 Aqui tens com quem podes consolar-te!

XXIII

« Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
 Como no galardão injusto e duro:
 Em ti, e n'elle veremos altos peitos
 A baixo estado vir, humilde, e escuro:
 Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
 Os que ao rei, e á lei servem de muro.
 Isto fazem os reis, cuja vontade
 Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXIV

« Isto fazem os reis, quando embebidos
N'uma apparencia branda, que os contenta,
Dão os premios, de Aiáce merecidos,
Á lingua vã de Ulysses fraudulenta.
Mas vingó-me, que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-n'os logo a avarentos lisongeiros.

XXV

« Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassallo, ó Rei só n'isto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É elle para dar-te um reino rico.
Emquanto fôr o mundo rodeado
Dos apollíneos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
É tu n'isto culpado por avaro.

XXVI

« Mas eis outro (cantava) intitulado
Vem com nòme real, e traz consigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto como qualquer romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil áspero castigo,
Fazendo n'ella rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido tyranno.

XXVII

« Tambem farão Mombaça, que se arreja
De casas sumptuosas, e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e feia,
Em pago dos passados maleficios.
Depois na costa da India, andando cheia
De lenhos inimigos, e artificios
Contra os lusos, com vélas, e com remos,
O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

« Das grandes naus do samorim potente,
 Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
 Que sahe com trovão do cobre ardente,
 Fará pedaços leme, mastro, véla.
 Depois lançando arpeos ousadamente
 Na capitaina imiga, dentro n'ella
 Saltando, a fará só com lança e espada
 De quatro centos mouros despejada.

XXIX

« Mas de Deus a escondida providencia,
 (Que ella só sabe o bem, de que se serve)
 O porá onde esforço, nem prudencia
 Poderá haver, que a vida lhe reserve.
 Em Chaul, onde em sangue, e resistencia
 O mar todo com fogo, e ferro ferve,
 Lhe farão que com vida se não saia
 As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX

« Alli o poder de muitos inimigos,
 Que o grande esforço só com força rende,
 Os ventos, que faltaram, e os perigos
 Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
 Aqui resurjam todos os antigos
 A vêr o nobre ardor, que aqui se aprende:
 Outro Sceva verão, que espedaçado
 Não sabe ser rendido, nem domado.

XXXI

« Com toda ãa côxa fóra, que em pedaços
 Lhe leva um cego tiro, que passára,
 Se serve inda dos animosos braços,
 E do gran coração, que lhe ficára:
 Até que outro pellouro quebra os laços,
 Com que co'a alma o corpo se liára:
 Ella solta voou da prisão fóra,
 Onde subito se acha vencedora.

XXXII

« Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a gran tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A cambaicos crueis, e a mamelucos.

XXXIII

« Eis vem o pae com animo estupendo,
Trazendo furia, e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos.
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naus: sentil-o-ha o Nilo,
Podêl-o-ha o Indo vêr, e o Gange ouvil-o.

XXXIV

« Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'um carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exp'rimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV

« E logo entrando fero na enseada
De Diu illustre em cercos e batalhas,
Fará 'spalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
A' de Melique-Yaz acautelada
Co'os pellouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir vêr o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI

« Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
 A furia esperará dos vingadores,
 Verá braços, e pernas ir nadando,
 Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
 Raios de fogo irão representando
 No cego ardor os bravos domadores:
 Quanto alli sentirão olhos, e ouvidos,
 É' fumo, ferro, flammas, e alaridos.

XXXVII

« Mas ah, que d'esta prospera victoria,
 Com que depois virá ao patrio Tejo,
 Quasi lhe roubará a famosa gloria
 Um successo, que triste e negro vejo!
 O cabo Tormentorio, que a memoria
 Co'os ossos guardará, não terá pejo
 De tirar d'este mundo aquelle esp'rito
 Que não tiraram toda a India, e Egypto.

XXXVIII

« Alli cafres selvagens poderão
 O que destros imigos não puderam;
 E rudos paus tostados sós farão
 O que arcos, e pelouros não fizeram.
 Occultos os juizos de Deus são!
 As gentes vãs, que não os entenderam,
 Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
 Sendo só providencia de Deus pura.

XXXIX

« Mas oh, que luz tamanha, que abrir sinto,
 (Dizia a nympha, e a voz alevantava)
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
 Pelo Cunha tambem, que nunca extincto
 Será seu nome em todo o mar, que lava
 As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
 De San' Lourenço, e em todo o sul se afamam!

XL

« Esta luz é do fogo, e das luzentes
Armas, com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os páseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brande.
Alli verão as settas estridentes
Reciprocarse, a ponta nõ ar virando
Contra quem as tirou; que Deus peleja
Por quem estende a Fé da Madre Igreja.

XLI

« Alli de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia, e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calayate:
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigaçõ de dar o reino inico
Das per'las de Barém tributo rico.

XLII

« Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe corõa,
Quando sem sombra vã de mêdo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa,
Em que a torne a tomar; que esforço, e arte,
Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII

« Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pellouros,
Abrindo co'a espada o espêso e horrendo
Esquadrão de gentios, e de mouros.
Irão soldados ínclitos fazendo
Mais que leões famelicos, e touros
Na luz, que sempre celebrada e dina
Será da egypcia Sancta Catharina.

XLIV

« Nem tu menos fugir poderás d'este,
 Posto que rica, e posto que assentada,
 Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
 Opulenta Malaca nomeada.
 As settas venenosas, que fizeste,
 Os crises, com que já te vejo armada,
 Malaios namorados, jaos valentes,
 Todos farás ao luso obedientes.»

XLV

Mais estanças cantára esta sirena
 Em louvor do illustrissimo Albuquerque;
 Mas alembrou-lhe uma ira, que o condemna,
 Posto que a fama sua o mundo cerque.
 O grande Capitão, que o fado ordena
 Que com trabalhos gloria eterna merque,
 Mais ha de ser um brando companheiro,
 Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

XLVI

Mas em tempo que fomes, e asperezas,
 Doenças, frechas, e trovões ardentes,
 A sação, e o logar fazem cruezas
 Nos soldados a tudo obedientes;
 Parece de selvaticas brutezas
 De peitos inhumanos e insolentes,
 Dar extremo supplicio pela culpa,
 Que a fraca humanidade, e amor desculpa.

XLVII

Não será a culpa abominoso incesto,
 Nem violento estupro em virgem pura,
 Nem menos adulterio, deshonesto;
 Mas c'uma escrava vil, lasciva e escura.
 Se o peito, ou de cioso, ou de modesto
 Ou de usado a crueza fera e dura,
 Co'os seus uma ira insana não refreia,
 Põe na fama alva, nota negra e feia.

XLVIII

Viu Alexandre a Appelles namorado
 Da sua Campaspe, e deu-lh'a alegremente,
 Não sendo seu soldado exp'rimetado,
 Nem vendo-se n'um cerco duro e urgente.
 Sentiu Cyro, que andava já abrazado,
 Araspas de Panthéa em fogo ardente,
 Que elle tomára em guarda, e promettia,
 Que nenhum mau desejo o venceria.

XLIX

Mas vendo o illustre persa, que vencido
 Fôra de amor, que enfim não tem defesa,
 Levemente o perdôa; e foi servido
 D'elle n'um caso grande em recompensa.
 Por força, de Juditha foi marido
 O ferreo Baldovino; mas dispensa
 Carlos pae d'ella, posto em cousas grandes,
 Que viva, e povoador seja de Frandes.

L

Mas, proseguindo a nympha o longo canto,
 De Soares cantava, « que as bandeiras
 Faria tremular, e pôr espanto
 Pelas rôxas arabicas ribeiras.
 Medina abominabil teme tanto,
 Quanto Meca, e Gidá, co'as derradeiras
 Praias de Abassia: Barborá se teme
 Do mal, de que o emporio Zeila geme.

LI

« A nobre ilha tambem: de Taprobana,
 Já pelo nome antigo tão famosa,
 Quanto agora soberba e soberana
 Pela cortiça calida, cheirosa;
 D'ella dará tributo á lusitana
 Bandeira, quando excelsa e gloriosa,
 Vencendo se erguerá na torre erguida
 Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII

« Tambem Sequeira, as ondas erythreas
 Dividindo, abrirá novo caminho
 Para ti, grande imperio, que te arreas
 De seres de Candace, e Sabá ninho.
 Maçuá, com cisternas de agua cheias,
 Verá, e o porto arquico, alli visinho;
 E fará descobrir remotas ilhas,
 Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII

« Virá depois Menezes, cujo ferro
 Mais na Africa, que cá, terá provado:
 Castigará de Ormuz soberba o erro
 Com lhe fazer tributo dar dobrado.
 Tambem tu, Gama, em pago do desterro
 Em que estás, e serás inda tornado,
 Co'os titulos de conde, e d'honras nobres
 Virás mandar a terra, que descobres.

LIV

« Mas aquella fatal necessidade,
 De que ninguem se exime dos humanos,
 Illustrado co'a regia dignidade,
 Te tirará do mundo, e seus enganos.
 Outro Menezes logo, cuja idade
 É maior na prudencia, que nos annos,
 Governará, e fará o ditoso Henrique
 Que perpetua memoria d'elle fique.

LV

« Não vencerá sómente os malabares,
 Destruindo Panane, com Coulete,
 Commettendo as bombardas, que nos ares
 Se vingam só do peito, que as commette;
 Mas com virtudes certo singulares,
 Vence os imigos d'alma todos sete:
 Da cubiça triumphá, e incontencia;
 Que em tal idade é summa de excellencia.

LVI

« Mas depois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas;
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas.
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

LVII

« No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'um só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos.
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas e submettas.

LVIII

« Mas na India cubiça, e ambição,
Que claramente põe aberto o rosto
Contra Deus, e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil, e sem razão,
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

LIX

« Mas comtudo não nego que Sampaio,
Será no esforço illustre e assignalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No malabar, para que amedrontado
Depois a ser vencido d'elle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

LX

« E não menos de Diu a fera frota,
 Que Chaul temerá, de grande e ousada,
 Fará co'a vista só perdida e rota
 Por Heitor da Silveira, e destroçada:
 Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
 Que na costa cambaica sempre armada,
 Será aos guzarates tanto damno,
 Quanto já foi aos gregos o troyano.

LXI

« A Sampaio feroz succederá
 Cunha, que longo tempo tem o leme:
 De Chale as torres altas erguerá,
 Enquanto Diu illustre d'elle treme.
 O forte Baçaim se lhe dara,
 Não sem sangue porém, que n'elle geme
 Melique, porque á força só de espada
 A tranqueira soberba vê tomada.

LXII

« Traz este vem Noronha, cujo auspicio
 De Diu os rumes feros afugenta;
 Diu, que o peito e bellico exercicio
 De Antonio da Silveira bem sustenta.
 Fará em Noronha a morte o usado officio,
 Quando um teu ramo, ó Gama, se exp'rimenta
 No governo do imperio; cujo zelo
 Com mêdo o Roxo-mar fará amarello.

LXIII

« Das mãos do teu Estevão vem tomar
 As redeas um, que já será illustrado,
 No Brasil, com vencer e castigar
 O pirata francez, ao mar usado.
 Depois, Capitão mór do índico mar,
 O muro de Damão soberbo e armado
 Escala, e primeiro entra a porta aberta,
 Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV

« A este o rei cambaico soberbissimo
 Fortaleza dará na rica Dio;
 Porque contra o mogor poderosissimo
 Lhe ajude a defender o senhorio.
 Depois irá com peito esforçadissimo
 A tolher que não passe o rei gentio
 De Calecut; que assi com quantos veio
 O fará retirar de sangue cheio.

LXV

« Destruirá a cidade Repelim,
 Pondo o seu rei com muitos em fugida:
 E depois junto ao cabo Comorim
 Uma façanha faz esclarecida:
 A frota principal do samorim,
 Que destruir o mundo não duvida,
 Vencerá co'o furor do ferro, e fogo;
 Em si verá Beadála o marcio jogo.

LXVI

« Tendo assi limpa a India dos inimigos,
 Virá depois com sceptro a governal-a,
 Sem que ache resistencia, nem perigos:
 Que todos tremem d'elle, e nenhum falta.
 Só quiz provar os ásperos castigos
 Batalalá, que vira já Beadála:
 De sangue, e corpos mortos ficou cheia,
 E de fogo e trovões desfeita e feia.

LXVII

« Este será Martinho, que de Marte
 O nome tem co'as obras derivado;
 Tanto em armas illustre em toda parte,
 Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
 Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estandarte
 Portuguez terá sempre levantado:
 Conforme successor ao succedido;
 Que um ergue Diu, outro o defende erguido.

LXVIII

« Persas feroces, ábassis, e rumes
 Que trazido de Roma o nome teem,
 Varios de gestos, varios de costume:
 (Que mil nações ao cerco feras veem)
 Farão dos céos ao mundo vãos queixumes,
 Porque uns poucos a terra lhe deteem:
 Em sangue portuguez juram descritos
 De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX

Basiliscos medonhos, e leões,
 Trabucos feros, minas encobertas,
 Sustenta Mascarenhas co'os barões,
 Que tão lêdos as mortes teem por certas:
 Até que nas maiores oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com fama eterna, e a Deus se sacrifiquem.

LXX

« Fernando um d'elles, ramo da alta planta,
 Onde o violento fogo com ruido,
 Em pedaços os muros no ar levanta,
 Será alli arrebatado, e ao céu subido.
 Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
 Os ventos, e depois os inimigos.

LXXI

« Eis vem depois o pae, que as ondas corta
 Co'o restante da gente lusitana;
 E com força, e saber, que mais importa,
 Batalha dá felice e soberana:
 Uns paredes subindo, escusam porta;
 Outros a abrem na fera esquadra insana:
 Feitos farão tão dignos de memoria,
 Que não caibam em verso, ou larga historia.

LXXII

« Este depois em campo se apresenta
 Vencedor forte e intrepido, ao possante
 Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
 Da fera multidão quadrupedante.
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydalcão do braço triumphante,
 Que castigando vai Dabul na costa:
 Nem lhe escapou Pondá no sertão posta.

LXXIII

« Estes, e outros barões, por varias partes,
 Dignos todos de fama e maravilha,
 Fazendo-se na terra bravos Martes,
 Virão lograr os gostos d'esta ilha,
 Varrendo triumphantes estandartes
 Pelas ondas que corta a aguda quilha;
 E acharão estas nymphas, e estas mesas,
 Que glórias, e honras são de arduas empresas.»

LXXIV

Assi cantava a nympha; e as outras todas
 Com sonoro applauso vozes davam,
 Com que festejam as alegres bodas,
 Que com tanto prazer se celebravam.
 « Por mais que da fortuna andem as rodas,
 (N'uma cõsona voz todas soavam)
 Não vos hão de faltar, gente famosa,
 Honra, valor, e fama gloriosa.»

LXXV

Depois que a corporal necessidade
 Se satisfez do mantimento nobre,
 E na harmonia e doce suavidade
 Viram os altos feitos, que descobre;
 Tethys, de graça ornada e gravidade,
 Para que com mais alta gloria dobre
 As festas d'este alegre e claro dia,
 Para o felice Gama assi dizia:

LXXVI

«Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
 Suprema de co'os olhos corporaes
 Vêres o que não póde a vã sciencia
 Dos errados e miseros mortaes.
 Sigue-me firme e forte, com prudencia,
 Por este monte espêsso, tu co'os mais.»
 Assi lhe diz: e o guia por um matto
 Arduo, difficil, duro a humano tracto.

LXXVII

Não andam muito, que no erguido cume
 Se acharam, onde um campo se esmaltava
 De esmeraldas, rubis taes, que presume
 A vista, que divino chão pizava.
 Aqui um globo vêem no ar, que o lume
 Clarissimo por elle penetrava,
 De modo que o seu centro está evidente,
 Como a sua superficie, claramente.

LXXVIII

Qual a materia seja não se enxerga;
 Mas enxerga-se bem que está composto
 De varios orbes, que a divina verga
 Compôz, e um centro a todos só tem posto.
 Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
 Nunca s'ergue, ou se abaixa; e um mesmo rosto
 Por toda a parte tem; e em toda a parte
 Começa e acaba emfim, por divina arte:

LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sostido,
 Qual emfim o Archetypo, que o creou.
 Vendo Gama este globo, commovido
 D'espanto, e de desejo alli ficou.
 Diz-lhe a deusa: «O transumpto reduzido
 Em pequeno volume, aqui te dou
 Do mundo aos olhos teus, para que vejas
 Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX

«Vês aqui a grande machina do mundo,
 Etherea e elemental, que fabricada
 Assi foi do Saber alto e profundo,
 Que é sem principio, e méta limitada.
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, e sua superficie tão limada,
 É Deus: mas o que é Deus ninguem o entende;
 Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI

« Este orbe, que primeiro vai cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem;
 Que está com luz tão clara radiando,
 Que a vista cega, e a mente vil tambem,
 Êmpyreo se nomeia; onde logrando
 Puras almas estão d'aquelle Bem
 Tamanho, que Elle só se entende, e alcança;
 De quem não ha no mundo similhaça.

LXXXII

« Aqui só verdadeiros gloriosos
 Divos estão: porque eu, Saturno, e Jano,
 Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
 Fingidos de mortal e cego engano:
 Só para fazer versos deleitosos
 Servimos; e se mais o tracto humano
 Nos pôde dar, é só que o nome nosso
 N'estas estrellas pôz o engenho vosso.

LXXXIII

« E tambem porque a sancta Providencia,
 Que em Jupiter aqui se representa,
 Por espiritos mil, que teem prudencia,
 Governa o mundo todo, que sustenta.
 Ensina-o a prophetica sciencia
 Em muitos dos exemplos, que apresenta:
 Os que são bons, guiando favorecem;
 Os maus, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV

« Quer logo aqui pintura, que varia,
 Agora deleitando, ora ensinando,
 Dar-lhe nomes, que a antiga poesia
 A seus deuses já dera, fabulando:
 Que os anjos da celeste companhia
 Deuses o sacro verso está chamando;
 Nem nego que esse nome preeminente
 Também aos maus se dá, mas falsamente.

LXXXV

« Enfim, que o summo Deus, que por segundas
 Causas obra no mundo, tudo manda:
 E tornando a contar-te das profundas
 Obras da Mão divina veneranda;
 Debaixo d'este circulo, onde as mundas
 Almas divinas gozam, que não anda,
 Outro corre tão leve e tão ligeiro,
 Que não se enxerga: é o mobile primeiro.

LXXXVI

« Com este rapto, e grande movimento
 Vão todos os que dentro teem no seio:
 Por obra d'este, o sol, andando a tento,
 O dia e noite faz, com curso alheio.
 Debaixo d'este leve anda outro lento,
 Tão lento e subjugado a duro freio,
 Que, enquanto Phebo, de luz nunca escasso,
 Duzentos cursos faz, dá elle um passo.

LXXXVII

« Olha est'outro de baixo, que esmaltado
 De corpos lisos anda e radiantes,
 Que também n'elle teem curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintillantes.
 Bem vês como se veste, e faz ornado
 Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
 Animaes doze traz afigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII

« Olha por outras partes a pintura
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo;
 Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
 Andrómeda, e seu pae, e o drago horrendo;
 Vê de Cassiopéa a formosura,
 E do Oriente o gesto vê tremendo;
 Olha o cysne morrendo, que suspira,
 A lebre, os cães, a nau, e a doce lyra.

LXXXIX

« Debaixo d'este grande firmamento
 Vês o céu de Saturno, deus antigo;
 Jupiter logo faz o movimento,
 E Marte abaixo, bellico inimigo;
 O claro olho do céu no quarto assento,
 E Venus, que os amores traz consigo;
 Mercurio de eloquencia soberana;
 Com tres rostos abaixo vai Diana.

XC

« Em todos estes orbes differente
 Curso verás, n'uns grave, e n'outros leve;
 Ora fogem do centro longamente,
 Ora da terra estão caminho breve;
 Bem como quiz o Padre Omnipotente,
 Que o fogo fez, o ar, o vento, e a neve;
 Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
 E teem, co'o mar, a terra por seu centro.

XCI

« N'este centro, pousada dos humanos,
 Que não sómente ousados se contentam
 De soffrerem da terra firme os damnos,
 Mas inda o mar instabil exp'rimentam:
 Verás as varias partes, que os insanos
 Mares dividem, onde se aposentam
 Varias nações, que mandam varios reis,
 Varios costumes seus, e varias leis.

XCII

« Vês Europa christã, mais alta e clara
 Que as outras em policia, e fortaleza:
 Vês Africa, dos bens do mundo avara,
 Inculta, e toda cheia de bruteza:
 Co'o cabo, que até-'qui se vos negára,
 Que assentou para o Austro a natureza:
 Olha essa terra toda, que se habita
 D'essa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII

« Vê do Benomotapá o grande imperio,
 De selvatica gente, negra e nua;
 Onde Gonçalo morte e vituperio
 Padecerá pela Fé sancta sua.
 Nasce por este incognito hemispherio
 O metal por que mais a gente sua.
 Vê que do lago, d'onde se derrama
 O Nilo, tambem vindo está Cuáma.

XCIV

« Olha as casas dos negros; como estão
 Sem portas confiados, em seus ninhos,
 Na justiça real, e defensão,
 E na fidelidade dos visinhos.
 Olha: d'elles a bruta multidão,
 Qual bando espêssô e negro de estorninhos,
 Combaterá em Sofála a fortaleza,
 Que defenderá Nhaia com destreza.

XCV

« Olha lá as alagôas, d'onde o Nilo
 Nasce, que não souberam os antigos;
 Vêl-o rega, gerando o crocodilo,
 Os povos abassis, de Christo amigos:
 Olha como sem muros (novo estylo)
 Se defendem melhor dos inimigos.
 Vê Meroe, que ilha foi de antiga fama,
 Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI

« N'esta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovão o nome seu:
Mas contra o fim fatal não ha reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhoso e charo:
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Oby, entra em Quilmance.

XCVII

« O cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú dos moradores,
Onde começa a bôca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as côres.
Este, como limite está lançado,
Que divide Asia de Africa: e as melhores
Povoações, que a parte africa tem,
Maçua são, Arquico, e Suanquem.

XCVIII

« Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem, « que foi dos héroas a cidade»;
Outros dizem « que Arsinoe»; e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade.
Olha as aguas, nas quaes abriu patente
Estrada o gran Moysés na antiga idade.
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX

« Olha o monte Sinai, que se ennobrece
Co' o sepulchro de Sancta Catharina:
Olha Toro e Gida, que lhe fallece
Agua das fontes doce e crystallina.
Olha as portas do estreito, que fenece
No reino da sêcca Ádem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos céos se não deriva.

C

« Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomam, todas da gente vaga e baça;
 D'onde veem os cavallos para a guerra,
 Ligeiros e ferozes, de alta raça.
 Olha a costa, que corre até que cerra
 Outro estreito de Persia, e faz a traça
 O cabo, que co'o nome se appellida
 Da cidade Fartáque alli sabida.

CI

« Olha Dófar insigne, porque manda
 O mais cheiroso incenso para as aras.
 Mas attenta: já cá d'est'outra banda
 De Roçalgate, e praias sempre avaras,
 Começa o reino Ormuz, que todo se anda
 Pelas ribeiras, que inda serão claras
 Quando as galés do turco, e fera armada,
 Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII

« Olha o cabo Asabóro, que chamado
 Agora é Moçandão dos navegantes:
 Por aqui entra o lago, que é fechado
 De Arabia, e persias terras abundantes.
 Attenta a ilha Barém, que o fundo ornado
 Tem das suas perlas ricas e imitantes
 Á côr da aurora; e vê na agua salgada
 Ter o Tygris, e Euphrates uma entrada.

CIII

« Olha da grande Persia o imperio nobre,
 Sempre posto no campo, e nos cavallos,
 Que se injuria de usar fundido cobre,
 É de não ter das armas sempre os callos.
 Mas vê a ilha Gerúm, como descobre
 O que fazem do tempo os intervallos;
 Que da cidade Armuza, que alli esteve,
 Ella o nome depois, e a gloria teve.

CIV

« Aqui de Dom Philippe de Menezes
 Se mostrará a virtude em armas clara,
 Quando com muito poucos portuguezes
 Os muitos páseos vencerá de Lara:
 Virão provar os golpes, e revezes
 De Dom Pedro de Sousa, que provára
 Já seu braço em Ampaza, que deixada
 Terá por terra á força só de espada.

CV

« Mas deixemos o estreito, e o conhecido
 Cabo de Jasque, dito já Carpella,
 Com todo o seu terreno mal querido
 Da natura, e dos dons usados d'ella:
 Carmánia teve já por appellido;
 Mas vê o formoso Indo, que d'aquella
 Altura nasce, junto á qual tambem
 D'outra altura correndo o Gange vem.

CVI

« Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
 E de Jaquete a intima enseada;
 Do mar a enchente súbita grandissima,
 E a vasante, que foge apressurada.
 A terra de Cambaia vê riquissima,
 Onde do mar o seio faz entrada.
 Cidades outras mil, que vou passando,
 A vós outros aqui se estão guardando.

CVII

« Vês corre a costa celebre indiana
 Para o sul, até o cabo Comori,
 Já chamado Cori, que Taprobana,
 (Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
 Por este mar a gente lusitana,
 Que com armas virá depois de ti,
 Terá victorias, terras, e cidades,
 Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII

« As provincias, que entre um, e o outro rio
 Vês com varias nações, são infinitas;
 Um reino mahometa, outro gentio,
 A quem tem o demonio leis escriptas.
 Olha que de Narsinga o senhorio
 Tem as reliquias sanctas e bemditas
 Do corpo de Thomé, varão sagrado,
 Que a Jesu-Christo teve a mão no lado.

CIX

« Aqui a cidade foi, que se chamava
 Meliapor, formosa, grande e rica:
 Os idolos antigos adorava,
 Como inda agora faz a gente inica.
 Longe do mar n'aquelle tempo estava,
 Quando a fé que no mundo se publica,
 Thomé vinha prégando, e já passára
 Provincias mil do mundo, que ensinára.

CX

« Chegado aqui prégando, e junto dando
 A doentes saude, a mortos vida,
 A caso traz um dia o mar vagando
 Um lenho de grandeza desmedida:
 Deseja o rei, que andava edificando,
 Fazer d'elle madeira, e não duvida
 Poder tiral-o a terra com possantes
 Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

CXI

« Era tão grande o pêso do madeiro,
 Que só para abalar-se nada abasta;
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro
 Menos trabalho em tal negocio gasta:
 Ata o cordão, que traz por derradeiro
 No tronco, e facilmente o leva e arrasta
 Para onde faça um sumptuoso templo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII

Sabía bem, que se com fé formada
 Mandar a um monte surdo, que se mova,
 Que obedecerá logo á voz sagrada;
 Que assi lh'o ensinou Christo, e elle o prova.
 A gente ficou d'isto alvoroçada,
 Os brahmenes o tem por cousa nova:
 Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
 Hão mêdo de perder authoridade.

CXIII

São estes sacerdotes dos gentios,
 Em quem mais penetrado tinha a inveja;
 Buscam maneiras mil, buscam desvios
 Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
 O principal, que ao peito traz os fios,
 Um caso horrendo faz, que o mundo veja:
 Que inimiga não há tão dura e fera,
 Como a virtude falsa da sincera.

CXIV

«Um filho proprio mata, e logo accusa
 De homicidio Thomé, que era innocente;
 Dá falsas testemunhas, como se usa:
 Condemnaram-n'o á morte brevemente.
 O Sancto, que não vê melhor escusa,
 Que appellar para o Padre Omnipotente,
 Quer diante do rei, e dos senhores,
 Que se faça um milagre dos maiores.

CXV

«O corpo morto manda ser trazido,
 Que resuscite, e seja perguntado
 Quem foi seu matador; e será crido
 Por testemunho o seu mais approvedo.
 Viram todos o moço vivo erguido
 Em nome de Jesu crucificado:
 Dá graças a Thomé, que lhe deu vida,
 E descobre seu pae ser homicida.

CXVI

« Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o rei se banha logo na agua sancta,
 E muitos após elle: um beija o manto,
 Outro louvor do Deus de Thomé canta.
 Os brahmenes se encheram de odio tanto,
 Com seu veneno os morde inveja tanta,
 Que persuadindo a isso o povo rudo,
 Determinam matal-o em fim de tudo.

CXVII

« Um dia, que prégando ao povo estava,
 Fingiram entre a gente um arruido:
 Já Christo n'este tempo lhe ordenava
 Que padecendo fosse ao céo subido.
 A multidão das pedras, que voava,
 No Sancto dá, já a tudo offerecido:
 Um dos maus, por fartar-se mais depressa,
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII

« Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo;
 Chorou-te toda a terra, que pizaste;
 Mais te choram as almas, que vestindo
 Se iam da sancta Fé, que lhe ensinaste.
 Mas os Anjos do céo, cantando e rindo,
 Te recebem na gloria, que ganhaste.
 Pedimos-te, que a Deus ajuda peças,
 Com que os teus lusitanos favoreças.

CXIX

« E vós outros, que os nomes usurpaes
 De mandados de Deus, como Thomé,
 Dizei, se sois mandados, como estaes
 Sem irdes a prégar a sancta fé?
 Olhai, que se sois sal, e vos damnaes
 Na patria, onde propheta ninguem é,
 Com que se salgarão em nossos dias
 (Infieis deixo) tantas heresias?

CXX

« Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a gangetica enseada.
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Oríxa de roupas abastada:
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges, vem ao salgado senhorio,

CXXI

« Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia, que se preza
De abundante; mas olha que está posta
Para o Austro d'aqui virada a costa.

CXXII

« Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegú, que já monstros povoaram;
Monstros filhos do feio ajuntamento
D'uma mulher e um cão, que sós se acharam.
Aqui soante aramê no instrumento
Da geração costumam; o que usaram
Por manha da rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII

« Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido:
Tenassarí, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
Mais ávante fareis que se conheça,
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV

« Dizem « que d'esta terra, co'as possantes
 Ondas o mar entrando dividiu
 A nobre ilha Samátra, que já d'antes
 Juntas ambas a gente antiga via.»
 Chersoneso foi dita; e das prestantes
 Veias d'ouro, que a terra produziu,
 Aurea por epitheto lhe ajuntaram:
 Alguns que fosse Ophir imaginaram.

CXXV

« Mas na ponta da terra Cingapura
 Verás, onde o caminho ás naus se estreita:
 D'aqui tornando a costa á Cynosura,
 Se encurva, e para a Aurora se endireita.
 Vês Pam, Patâne, reinos, e a longura
 De Sião, que estes, e outros mais sujeita.
 Olha o rio Menão, que se derrama
 Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI

« Vês n'este gran terreno os differentes
 Nomes de mil nações nunca sabidas;
 Os laos em terra e numero potentes,
 Avás, bramás, por serras tão compridas.
 Vê nos remotos montes outras gentes,
 Que gueos se chamam, de selvages vidas:
 Humana carne comem; mas a sua
 Pintam com ferro ardente: usança crua.

CXXVII

« Vês, passa por Camboja Mecom rio,
 Que capitão-das-aguas se interpreta;
 Tantas recebe d'outro só no estio,
 Que alaga os campos largos, e inquieta:
 Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
 A gente d'elle crê, como indiscreta,
 Que pena, e gloria tem depois da morte
 Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII

« Este receberá placido e brando,
No seu regaço o canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N'aquelle, cuja lyra sonora
Será mais afamada, que ditosa.

CXXIX

« Vês corre a costa, que Champá se chama,
Cujá matta é do pau cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está de escura fama;
E de Ainão vê a incognita enseada.
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX

« Olha o muro, e edificio nunca crido
Que entre um imperio, e outro se edifica;
Certissimo signal e conhecido,
Da potencia real, soberba e rica.
Estes, o rei que teem, não foi nascido
Principe, nem dos paes aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que é formoso
Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI

« Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quiz mais afamar-se.
Esta meia escondida, que responde
De longe á China, d'onde vem buscar-se,
É Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co'a Lei divina.

CXXXII

« Olha cá pelos mares do Oriente
 As infinitas ilhas espalhadas;
 Vê Tidore, e Ternáte, co'o fervente
 Cume, que lança as flammas ondeadas:
 As arvores verás do cravo ardente,
 Co'o sangue portuguez inda compradas.
 Aqui ha as aureas aves, que não descem
 Nunca á terra, e só mortas apparecem.

CXXXIII

« Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
 Da varia côr, que pinta o rôxo fructo;
 As aves variadas, que alli saltam,
 Da verde noz tomando seu tributo.
 Olha tambem Borneu, onde não faltam
 Lagrimas no licor coalhado e enxuto
 Das arvores, que camphora é chamado;
 Com que da ilha o nome é celebrado.

CXXXIV

« Alli tambem Timor, que o lenho manda
 Sandalo salutífero e cheiroso:
 Olha a Sunda tão larga, que uma banda
 Esconde para o sul difficultoso:
 A gente do sertão, que as terras anda,
 « Um rio (diz) que tem miraculoso,
 Que, por onde elle só sem outro vae,
 Converte em pedra o pau que n'elle cae.»

CXXXV

« Vê n'aquella, que o tempo tornou ilha,
 Que tambem flammas tremulas vapora,
 A fonte, que oleo mana, e a maravilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora;
 Cheiroso mais que quanto estilla a filha
 De Cinyras na Arabia, onde ella mora;
 E vê que tendo quanto as outras tem,
 Branda sêda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI

« Olha em Ceilão que o monte se alevanta
 Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:
 Os naturaes o teem por cousa sancta,
 Pela pedra onde está a pégada humana.
 Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
 No profundo das aguas soberana,
 Cujó pomo contra o veneno urgente
 É tido por antidoto excellente.

CXXXVII

« Verás defronte estar do Roxo estreito
 Socotorá, co' o amaro áloe famosa;
 Outras ilhas no mar tambem sujeito
 A vós na costa de Africa arenosa;
 Aonde sahe do cheiro mais perfeito
 A massa, ao mundo occulta e preciosa:
 De São-Lourenço vê a ilha afamada,
 Que Madagascar é d'alguns chamada.

CXXXVIII

« Eis aqui as novas partes do Oriente,
 Que vós outros agora ao mundo daes,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,
 Que com tão forte peito navegaes.
 Mas é tambem razão, que no ponente
 D'um lusitano um feito inda vejaes,
 Que, de seu Rei mostrando-se aggravado,
 Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX

« Vêdes a grande terra, que continua
 Vai de Callisto ao seu contrario pólo,
 Que soberba a fará a luzente mina
 Do metal, que a côr tem do louro Apollo;
 Castella, vossa amiga, será dina
 De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
 Varias provincias tem de varias gentes,
 Em ritos, e costumes diferentes.

CXL

« Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
 Parte tambem, co' o pau vermelho nota;
 De Sancta Cruz o nome lhe poreis:
 Descobril-a-ha a primeira vossa frota.
 Ao longo d'esta costa, que tereis,
 Irá buscando a parte mais remota
 O Magalhães, no feito com verdade
 Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI

« Desque passar a via mais que mea,
 Que ao Antartico pólo vai da linha,
 D'uma estatura quasi gigantea
 Homens verá, da terra alli visinha.
 E mais avante o Estreito, que se arrea
 Co' o nome d'elle agora, o qual caminha
 Para outro mar, e terra, que fica onde
 Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII

« Até-'qui, portuguezes, concedido
 Vos é saberdes os futuros feitos,
 Que pelo mar, que já deixaes sabido,
 Virão fazer barões de fortes peitos.
 Agora, pois que tendes aprendido
 Trabalhos, que vos façam ser acceitos
 Ás eternas esposas, e formosas,
 Que corôas vos tecem gloriosas:

CXLIII

« Podeis-vos embarcar (que tendes vento
 E mar tranquillo) para a patria amada.»
 Assi lhe disse: e logo movimento
 Fazem da ilha alegre e namorada:
 Levam refresco, e nobre mantimento;
 Levam a companhia desejada
 Das nymphas, que hão de ter eternamente,
 Por mais tempo que o sol o mundo aquente.

CXLIV

Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno;
E á sua patria, e Rei temido e amado,
O premio e gloria dão; porque mandou;
E com titulos novos se illustrou.

CXLV

Não mais, musa, não mais; que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de vêr que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não n'ó dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada, e vil tristeza.

CXLVI

E não sei por que influxo de destino
Não tem um ledó orgulho e geral gosto,
Que os animos levanta de contino
A ter para trabalhos ledó o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estaes no regio solio posto,
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes!

CXLVII

Olhai que ledos vão, por varias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a settas, e pellouros;
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de idolatras, e de mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII

Por vos servir a tudo apparelhados,
 De vós tão longe, sempre obedientes
 A quaesquer vossos ásperos mandados,
 Sem dar resposta, promptos e contentes.
 Só com saber que são de vós olhados,
 Demonios infernaes, negros e ardentes
 Commetterão comvosco; e não duvido
 Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX

Favorecei-os logo, e alegrai-os
 Com a presença, e leda humanidade;
 De rigorosas leis desalliv' ai-os;
 Que assi se abre o caminho á sanctidade:
 Os mais exp'rimentados levantai-os,
 Se, com a experiencia teem bondade
 Para vosso conselho; pois que sabem
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL

Todos favorecei em seus officios,
 Segundo teem das vidas o talento:
 Tenham, religiosos, exercicios
 De rogarem por vosso regimento,
 Com jejuns, disciplina, pelos vicios
 Communs: toda ambição terão por vento;
 Que o bom religioso verdadeiro
 Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

CLI

Os cavalleiros tende em muita estima,
 Pois com seu sangue intrepido e fervente,
 Estendem não sómente a Lei de Cima,
 Mas inda vosso imperio preeminente:
 Pois aquelles que a tão remoto clima
 Vos vão servir com passo diligente,
 Dous inimigos vencem: uns os vivos,
 E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

CLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Allemaes, gallos, italos, e inglezes,
Possam dizer, «que são para mandados,
Mais que para mandar, os portuguezes.»
Tomai conselhos só d'exp'imentados
Que viram largos annos, largos mezes;
Que, posto que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.

CLIII

De Phormião, philosopho elegante,
Vereis como Annibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
D'elle com larga voz tractava e lia.
A disciplina militar prestante,
Não se aprende, Senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tractando, e pelejando.

CLIV

Mas eu, que fallo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado,
Da bôca dos pequenos sei comtudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho; que aqui vereis presente
Cousas que juntas se acham raramente.

CLV

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás musas dada;
Só me fallece ser a vós acceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o céo concede, e o vosso peito
Digna empreza tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação divina:

CLVI

Ou fazendo que mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os mouros de Marrocos, e Trudante;
A minha já estimada, e leda musa,
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

FIM

DICCIONARIO

DE

TODOS OS NOMES PROPRIOS

QUE SE CONTÉM N'ESTE POEMA

COORDENADOS

POR

JOÃO FRANCO BARRETO

A

Abassia, parte de Africa, dividida de Arabia com as portas do mar Roxo; cujos povos se chamam abyxins ou abassis, sujeitos ao preste João, um dos grandes reis do Oriente, e dos mais poderosos de Africa, porque tem debaixo de seu mando mais de quarenta reinos.

Abrahão, primeiro patriarcha; é a saber o primeiro dos paes, do qual e de Agar, sua escrava, dizem os mouros que procede Mafamede.

Abranches, logar e condado de França.

Abrantes, villa de Portugal, junto do rio Tejo.

Abyla, monte de Africa, sobre o qual está a cidade Ceuta, pertencente aos reis de Portugal. Chamam os authores a este monte Columna de Hercules.

Accias guerras, as que houve entre Augusto e Marco Antonio, no cabo Figalo, que os antigos chamavam Accio; em as quaes Marco Antonio, e Cleopatra, rainha de Egypto, foran desbaratados.

Achemenia, região de Persia, onde se fazem as melhores alcatifas e tapeçarias do mundo.

Acheronte, rio infernal, segundo fingem os poetas.

Achilles, príncipe grego fortíssimo, filho de Pêlu, rei de Thessalia, e de Tethys, filha de Chiron. Matou-o Páris enganosamente em Troia, no tempo de Apollo, onde havia ido sobre o concerto de casar com Policena, filha de Priamo.

Acidalia, sobrenome de Venus, dita assim por uma fonte d'este nome, que está em Beocia, aonde se lavam as Graças, dedicadas a Venus.

Acroceraunios, montes de Epyro, a que hoje chamamos Albania. Os poetas os chamam infames pelos naufragios que alli acontecem.

Acrisio, rei dos argivos, filho de Abante; o qual querendo ter a Danae, sua filha, recolhida e guardada, a meteu n'uma torre, que alguns querem fosse de metal; porém nem isto lhe valeu, porque Jupiter convertido em chuva de ouro entrou na sua camara, e houve d'ella a Perseu.

Acteon, filho de Aristeu e Autono; do qual contam os poetas, que chegando a beber em uma fonte, viu a Diana, que os antigos tinham por deusa da caça, a qual se estava lavando com suas companheiras; e sentida de Acteon a vêr em aquelle estado, o converteu em cervo; e logo visto de seus cães, foi por elles mesmos despedaçado.

Adamastor, um dos gigantes filhos da terra; os quaes tendo guerra com Jupiter, foram vencidos e sepultados debaixo de diversos montes, como Adamastor transformado no cabo, e commummente chamado da Esperança. Do nome d'este gigante se lembrou Sidonio e Carlos Estephano em seu Diccionario, ainda que Claudiano e outros o chamam Damastor.

Adão, primeiro homem, e primeira figura de Deus; viveu 930 annos, e esteve no Limbo 5:231.

Adem, cidade na Arabia Feliz, situada ao pé d'uma serra, a que os naturaes chamam de Arzira, que é toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.

Adonis, bellissimo mancebo, filho de Cinara e de sua filha Myrrha, a qual foi convertida em uma arvore de seu nome. Foi este muito amado de Venus.

Adriatica Veneza: chama-se assim esta cidade por estar

fundada no mar Adriatico, o qual se chama assim de uma cidade por nome Adria, que antigamente esteve entre as bôcas do rio Pó, de que agora não ha rasto.

Affonso. Cinco reis teve Portugal d'este nome, e todos de muito valor: o primeiro, filho do conde D. Henrique; o segundo, filho d'el-rei D. Sancho I; o terceiro, filho do mesmo rei D. Affonso II; o quarto, filho d'el-rei D. Diniz; o quinto, filho de el-rei D. Duarte.

Africa, nome da terceira parte do mundo e de uma cidade principal d'ella.

Africo: é o vento que os marinheiros chamam oes-sueste.

Aganippe, fonte de Beocia, dedicada ás musas.

Agar, escrava de Abrahão, da qual dizem os mouros que procedem, e assim se chamam netos de Agar, e agarenos.

Agrippina, mãe do imperador Nero.

Aiace, filho de Thelamon e de Hesione, filha de Laomedonte. Foi o mais valeroso e esforçado de todos os gregos depois de Achilles. Do qual se diz, que como (Achilles morto) pedisse suas armas, e Ulysses com sua eloquencia movesse os animos dos juizes gregos para que a elle lh'as dessem, endoudeceu de paixão; e entendendo que matava a Ulysses e seus companheiros, matou muito gado, até que se matou a si mesmo; de cujo sangue, dizem os poetas, sahiu a flor hyacintho.

Ainão, ilha sita em uma ponta da terra da China, e na bôca da enseada Cauchichina, em a qual se pesca aljofar e perolas.

Alemquer, villa de Portugal.

Albis, um rio de Germania, chamado vulgarmente Elva ou Elba; o qual nasce em os montes que dividem a Bohemia e Moravia de Suevia, e penetrando a Saxonia entra no mar Oceano.

Albuquerque: é o grande Affonso de Albuquerque, que succedeu a D. Francisco de Almeida na governança da India.

Alcaçar do Sal, villa de Alemtejo.

Alcides, cognome de Hercules, de Alceu, seu avô, ou de Alcy, dicção grega, que significa vigor ou força.

Alcino, rei dos pheaces, na ilha Corciza, diligente culti-

vador de hortos e pomares; o qual recebeu em sua casa a Ulysses affligido, com seus companheiros, humanissimamente.

Alcmena, mãe de Hercules.

Alcorão: é entre os mouros o livro de sua seita maldita, composto por Sergio Mónico, em o qual pôz algumas cousas da lei Moysaica, algumas da Evangelica, e muitas falsas.

Alecto, uma das tres furias infernaes.

Alencastro, foi este duque sogro d'el-rei D. João I, e irmão d'el-rei Duarte de Inglaterra.

Alexandre, cognominado o Magno, foi filho de Filippe, rei de Macedonia, e foi liberalissimo.

Algarves, reino annexo ao de Portugal.

Allemanha, provincia de Europa, bem conhecida, cheia de principados potentissimos, de cidades grossissimas, povos e mantimento infinito. Primeiro foi chamada Germania.

Almeidas: estes foram D. Francisco de Almeida, primeiro visorrei da India, e D. Lourenço de Almeida, seu filho.

Aloe, genero de pau, muito pesado, semelhante ao de Aquila.

Alpheu, rio que nasce junto a Helis, cidade de Arcadia, e corre até Achaia, e sumindo-se alli na terra, corre por baixo do chão e do mar larguissimo espaço, e vai sahir à fonte Arethusa, de Sicilia: diz-se agora vulgarmente Rosea.

Alvaro. De dous faz o Poeta menção: um é D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, o qual deixando seu pae em Goa, foi no meio do inverno a soccorrer Dio; e o outro, Alvaro de Braga, ou Alvaro Dias (que no sobrenome desconcordam Barros e Goes), o qual com Diogo Dias, ou Corrêa (em que tambem os sobreditos variam) ficaram em Calecut por feitores, emquanto a fazenda se vendia.

Amalthea, filha de Melisso, rei de Grecia, foi ama de Jupiter, a qual tinha um corno, chamado commummente cornocopia, que tudo o que queriam achavam n'elle.

Amasis, rio de Allemanha, grande e navegavel: corre entre o Rheno e o Albis, entra no oceano, junto a Emdem, metropoli da Phrysia Oriental.

Ambrosia, especie de herva, semelhante ao Apio; manjar (segundo os gentios) dos deuses.

Ampaza, cidade da Persia, nos confins de Ormuz.

Ampelusa, promontorio entre Ceuta e Tanger: chama-se hoje a ponta de Alcaçar.

Amphióneas Thebas: contam os poetas, que foi Amphion um musico tão excellente, que em tocando a sua viola, e cantando, o seguiam as cousas insensiveis, como pedras, paus, e outras cousas semelhantes, e que d'esta maneira ajuntou a pedra, com que fez os muros de Thebas, cidade de Beocia, que hoje se diz Estibes; e por esta razão os poetas a chamam Amphiónea, na qual dizem nasceu Baccho.

Anchises, filho de Capis, e pae de Enéas, ao qual houve na deusa Venus.

Andaluzia: segundo el-rei D. Affonso o sabio, é toda aquella terra que está desde o rio Guadiana até o mar Mediterraneo, e desde o mar Oceano até o rio Xucar, assim como cabe no mar Mediterraneo.

Andromeda, filha de Cepheu, rei de Ethiopia, e de Casiope; e tambem um signo celeste.

Annibal, capitão valerosissimo, natural de Carthago, cidade antiga de Africa.

Antão Vasques de Almada, portuguez valerosissimo, e um dos doze cavalleiros que foram a Inglaterra pedidos pelas damas d'aquelle reino, para as desaggravar de certos cavalleiros inglezes, que as haviam publicamente afrontado.

Antarctico pólo: é o sul.

Antenor, um dos principaes troianos, que entregaram por traição Troia aos gregos; a qual queimada, se acolheu a Italia, e edificou no territorio de Veneza uma cidade, que de seu nome se chamou Antenoria, e hoje Padua.

Antheu, gigante filho da terra, e primeiro fundador de Tinge, que agora se diz Tanger.

Antonio: um é Antonio da Silveira, capitão de Dio, a qual elle defendeu valerosamente de Solimão Baxá, rei do Cano, que foi sobre ella com 63 velas de turcos e 1:200 homens, aos quaes desbaratou com muito pouco poder. O outro, Marco Antonio, cidadão romano principal, o qual em companhia de Marco Lepido e de Cesar Octaviano, teve o governo do romano imperio. D'elle se conta, que era tão afeiçãoado a musica, que por ouvir trovinhas e chistes de Glaphyra, deixava a sua mulher Fulvia.

Anubis: em lingua egypciaca significa cão, em cuja fórma os egypcios honraram ao deus Mercurio.

Aonia, parte montuosa da Beocia, em a qual havia uma fonte, que todos os que bebiam d'ella ficavam poetas.

Apelles, pintor eximio.

Apenino, monte altissimo, situado justamente no meio de Italia. Começa nos Alpes, e acaba no extremo de Calabria.

Apio: foi governador de Roma, o qual por querer tomar uma Virginia a seu marido, acabou mal a vida, prêso em ferros.

Apollo, filho de Jupiter e de Latona, tido entre os antigos por deus da sabedoria, dos poetas, das musas, e se toma ordinariamente pelo sol.

Apulia, região de Italia, visinha ao mar Adriatico.

Áquilo, vento septentrional.

Ara, constellação celeste.

Arabia, provincia entre Judéa e Egypto.

Arabio, o natural de Arabia, d'onde dizem que era Mafamede.

Arabica lingua, a lingua dos arabes, chamados corruptamente alarves; e se falla não só em Africa, mas na Persia, e muitas partes de Asia.

Aragão, reino de Hespanha, cuja metropoli é Saragoça.

Araspas, um certo médo, a quem Cyro, rei dos persas, deu a guardar Panthea, mulher de Abradatas, rei dos suos, que captivára no arraial dos assyrios; e se houvera perder com ella, se o mesmo Cyro o não remediára, tirando-lh'a das mãos.

Arcadia, provincia na Moréa, dita assim de Arcade, filho de Jupiter, sujeita hoje ao gran Cam.

Archetypo, é o traslado primeiro, ou principal fórma de qualquer cousa; e o Poeta o toma por Deus Nosso Senhor, Creador de todas as cousas.

Arcturo, é uma estrellá, na parte septentrional, que é o norte.

Arethusa, fonte de Sicilia, junto a Saragoça, em a qual foi convertida Arethusa, nymphe de Diana, amada de Alpheu.

Argo, cidade insigne da Grecia, dedicada á deusa Juno, dita assim do nome de el-rei Argos, que reinou n'ella.

Argonautas, foram uns cavalleiros gregos, que em a nau « Argos » foram na conquista do Vellocino de Colchos.

Argos, a primeira nau, que (segundo a philosophia ethnica) houve no mundo, em a qual Jason e seus companheiros passaram a Colchos a roubar o Vellocino de ouro: ainda que segundo as Divinas Lettras primeiro foi a arca de Noé. Houve tambem um pastor d'este nome, filho de Aristheu, que dizem tinha cem olhos, e foi morto por Mercurio, andando por mandado de Juno em guarda de Io, amada de Jupiter. É tambem Argos uma constellação celeste.

Aries, constellação da zona torrida, a qual é um dos doze signos celestes.

Armenia, região de Asia, entre os montes Tauro e Caucaso, a qual se divide em maior e menor.

Armusa, cidade antiga na terra de Magostão, visinha de Ormuz, da qual hoje não apparecem mais que as ruinas.

Aromata, é o cabo Guardafú, no fim da terra de Africa, e no principio de Asia.

Arquico, logar de Ethiopia, sujeito ao preste João, e unico porto de toda aquella costa.

Arracão, reino que confina com o de Bengala nas partes da India.

Arronches, logar de Alemtejo.

Arsinario cabo, é o que nós agora chamamos Verde.

Arsínoe, filha ou irmã de Ptolomeu, rei de Egypto, a qual fundou um logar, que de seu nome se chamou Arsínoe, e agora Suez, na costa do mar Roxo.

Artabro, é o monte, a que hoje chamamos cabo de Finis Terra.

Arzira, é uma serra na Arabia Feliz, toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.

Asaboro, é um cabo, a que os nossos chamam Moçandão, no reino de Ormuz.

Asia, a terceira parte da terra em numero, ainda que a metade em quantidade.

Assyria, provincia de Asia, dita vulgarmente Soria ou Suria.

Astianax, filho unico de Heitor e de Andromacha, ao qual Ulysses lançou de uma torre abaixo, quando os gregos entraram na cidade de Troia.

Astréa, filha de Astreu Gigante e da Aurora; ou segundo outros, de Jupiter e Themis.

Asturias, provincia de Hespanha, cuja metropoli é Oviedo, aonde se salvaram na inundaçào dos arabes, aquelles poucos godos que escaparam, e com muitas reliquias de Sanctos.

Athamante foi conduzido por Juno a tanta furia, que sahindo-lhe ao encontro seu filho Learco, o matou; do que espantada e atemorizada Ino sua mulher, com outro filho Melicerta se lançou no mar, e foram convertidos em deuses marinhos.

Athenas, cidade na Grecia, domicilio antigamente de todas as doutrinas, ainda que hoje de todo destruida.

Atila, rei dos hunnos e de Dacia, chamado açoute de Deus.

Atlante, filho de Japeto e Clymene, ou Asia nympha, e irmão de Prometheu, foi rei de Mauritania, provincia de Africa; do qual se diz que tem o mundo em os hombros. Este avisado do oraculo que se precatasse de um filho de Jupiter, não dava hospicio a pessoa alguma; o que soffrendo mal Perseu, filho de Jupiter, lhe mostrou a cabeça de Medusa, e logo foi convertido em um monte de seu nome, o qual é na Mauritania, onde reinou, e hoje se chama Carena, tão alto, que seu cume nunca se mostra descoberto de nuvens.

Átropos, uma das tres Parcas. Vêde *Parcas*.

Avás, povos do Oriente, sujeitos ao rei de Sião.

Augusto, significa logar venerando e sacro, com alguma cerimonia: d'onde veio que todos os successores de Cesar em o imperio até estes tempos, são chamados Augustos, e o de quem o Poeta faz mençào foi Octaviano.

Aurea Chersoneso, é Malaca.

Aurora, filha do sol e da terra, mulher de Titam e mãe de Memnon, rei de Ethiopia. E' propriamente aquella claridade, que no céo apparece antes que o sol saia. E n'este poema havemos de entender pelos reinos, terras, ou portos da Aurora, a India, por estar no Oriente.

Ausonia, foi antigamente parte da Italia; hoje se toma por toda Italia.

Austro, vento da parte do sul, chamado vulgarmente vendaval.

Axio, rio, chamado hoje Brade ou Varadi, o qual atravessa Macedonia.

Azenegues, povos de Africa, dos quaes se começa a terra de Guiné: é terra muito falta de agua e mantimentos.

B

Babel, em vez de Babylonia.

Babylonia, cidade dita a grande, onde foi a grande torre de Nembroth, pela qual foram divididas as linguas. Edificou-a, segundo alguns, Semiramis, rainha do Egypto, com tão admiraveis edificios, que com razão foi contada entre as sete maravilhas do mundo. Passa-lhe pelo meio o rio Euphrates, e antigamente foi dita Memphis.

Baçaim, logar entre Chaul e Dio, em cuja fortaleza havia 400 peças de artilheria, quando o grande Nuno da Cunha a tomou no anno de 1533.

Bacanor, logar da India, na costa do Malabar, em cujo porto Lopo Vaz de Sampaio destruiu uma grande armada de paraus d'el-rei de Calecut.

Baccho, filho de Jupiter e de Semele: foi o primeiro que achou o triumpho e modo de comprar e vender, a musica, e o uso do vinho, do qual os antigos o fingiram deus.

Bactro, rio na região bactriana de Asia, o qual nasce no monte Tauro, e querem alguns que hoje se chame Bachara.

Badajoz, cidade da Estremadura, fronteira a Elvas.

Balduino, um esforçado cavalleiro no tempo de Carlos II, imperador dos romanos, a quem furtou uma filha por nome Juditha; e o imperador não sómente dissimulou a affronta, mas com ella lhe deu a terra de Frandes, que n'aquelle tempo era deserta, e elle a aproveitou e povoou.

Banda, são cinco ilhas, que contêem este nome, habitadas de mouros e gentios, entre Jaoa e Maluco; em as quaes ha muita noz noscada, cujas arvores são como loureiros.

Barbaria, terra de Africa, onde antigamente foi rei Antheu, um dos filhos da terra.

Barbora, logar em Africa, muito abundante, em o qual o capitão Antonio de Saldanha queimou muitas naus a mouros.

Barem, uma ilha de Ormuz, onde se pesca o aljofar.

Baticalá, fortaleza na costa do Malabar, algumas 30 leguas de Goa.

Beadala, cidade junto ao Comori, destruída por Martim Affonso de Sousa, capitão-mór do mar da India, em tempo do governador Nuno da Cunha.

Beatriz, foi filha d'el-rei D. Fernando de Portugal, casada com el-rei D. João de Castella.

Beja, cidade de Portugal, na provincia de Alemtejo.

Belém, ácerca do nosso Poeta, é a casa de Nossa Senhora de Belem, a que deu principio o infante D. Henrique, ennobrecida depois por el-rei D. Manoel, sita no lugar chamado antigamente Restello, d'onde partem n'este reino todas as armadas para fóra.

Belizario, valerosissimo capitão de Justiniano, imperador; o qual houve grandes victorias em Persia e em Italia, e pagou-lhe Justiniano com o prender e desterrar.

Bellona, deusa das batalhas, irmã e coheira de Marte.

Bengala, reino oriental, abundante e rico, pelo meio do qual passa o rio Ganges.

Benjamim, tribu entre os hebreus, a qual por forçarem uma mulher da tribu de Levi, acabou de todo, e a terra foi assolada.

Benomotapa ou *Menomotapa*, é o mesmo que entre nós imperador, e é nome do senhor do grande reino de Sofala.

Bethis, é o mesmo que Guadalquivir, rio de Hespanha.

Biblis, fonte de Mesopotamia, em a qual foi convertida Bibli, filha de Mileto, a qual amava muito ao irmão Cauano, de quem não era amada.

Bintão, reino da India.

Bipur, logar na costa do Malabar.

Biscainho, o natural de Biscaia, provincia de Hespanha, abundantissima de ferro.

Bohemios, são os de Bohemia, provincia de Europa, a qual fez reino o imperador Frederico.

Bolonhez: este conde, de que o Poeta faz menção, foi D. Affonso, irmão d'el-rei D. Sancho de Portugal.

Bootes, constellação celeste, chamada o sete estrello, e se toma pelas partes do norte.

Bóreas, é o vento que commummente chamam nornor-

deste, e assim pelas partes boreaes entenderemos as do norte.

Borneu, ilha muito grande, e muito fertil, e abundante de todas as cousas, principalmente de camphora.

Brachmanes: assim chamam os malabares aos seus religiosos, os quaes seguem a seita do philosopho Pythagoras.

Bramás, nação sujeita ao rei de Sião.

Brasil, provincia na America, chamada por outro nome Sancta Cruz, o qual lhe deu Pedro Alvares Cabral, que a descobriu no anno de 1500.

Brava, cidade na costa de Melinde.

Bretanha, é a Inglaterra.

Briarco, gigante celebre, filho da terra, do qual dizem tinha cincoenta corpos e cem braços.

Brigo, segundo alguns, rei de Hespanha.

Brussios ou *Barussios*, povos de Brussia, provincia de Sarmacia.

Busiris, foi um grande tyranno de Egypto, o qual sacrificava os hospedes a seus idolos.

Byzancio, é Constantinopla, côrte agora do gran turco.

C

Cadmo, filho de Angenor, rei de Phenicia, o qual indo por mandado de seu pae buscar a Europa, sua irmã, que Jupiter havia furtado, como a não achasse, nem se atrevesse tornar a seu pae sem ella, fundou em Beocia a cidade de Thebas; e como seus companheiros fossem já todos mortos por uma grande serpente, que sahiu de uma fonte, onde haviam ido por agua, Cadmo em vingança d'elles a matou, e semeando seus dentes, nasceram d'elles homens armados; os quaes pelejando entre si, se mataram, excepto cinco, com que edificou a cidade.

Cairo, grandissima e admiravel cidade, edificada no coração de Egypto, a qual dizem tem de circuito 22 milhas, sem comprehender muitos e grandissimos arrabaldes. E' terra de grande tracto, e commercio de toda Asia, Africa e Europa.

Calatrava, o mestre de que o Poeta faz menção.

Calayate, logar de Socotorá para Ormuz.

Calecut, cidade do Malabar, e a mais rica de toda a India; da qual se chama Calecut toda a terra de Malabar.

Calliope, uma das nove musas, e a principal; e assim invocada dos poetas nos versos heroicos.

Callisto, filha de Licaon, rei de Arcadia, mudada em Ursa por Juno, e depois em estrella por Jupiter, a qual se toma pelo norte.

Calpe, um monte de Gibraltar, chamado Herculano do Poeta, por se dizer uma das columnas de Hercules.

Calypsos, filha de Tethys e Oceano, grande esperdiçada de Ulysses, o qual a não largára nunca, se Jupiter, a requerimento de Pallas, o não obrigára.

Cambaia, reino muito rico e abastado, pelo qual entra o rio Indo.

Cambalo, é uma pequena ilha junto a Cochim, onde Duarte Pacheco desbaratou tres vezes ao samorim.

Camboja, reino maritimo, sujeito ao reino de Sião, pelo qual passa um grandissimo rio, chamado Mecom, que quer dizer capitão das aguas, cujo nascimento é na China.

Camenas, nome das musas.

Campaspe, uma das principaes concubinas de Alexandre Magno, o qual mandando-a retratar por Apelles, viu-o ao pintar tão namorado, que lh'a deu por mulher.

Canace, filha de Eolo, rei dos ventos, a qual secretamente concebeu, e pariu de Macareu seu irmão: e entendendo isto seu pae, mandou deitar os meninos aos cães, para que os despedaçassem, e mandou a Canace, uma espada n'uma mão, e a penna n'outra, escrever a seu irmão aquella carta, que Ovidio refere entre as *Heroidas*.

Cananor, reino da India, na costa do Malabar.

Canará, são os moradores do reino Bisnagar.

Canarias, são doze ilhas no mar Oceano, as quaes os escriptores antigos chamavam Fortunadas.

Cancro, signo celeste.

Candace, rainha de Ethiopia, no tempo de Augusto, de tão grande animo, e de tal merecimento entre os seus, que d'alli por diante todas as rainhas de Ethiopia foram chamadas Candaces.

Cannas, logar de Apulia, junto ao qual Annibal desba-

matou os consules Paulo Emilio e Terencio Varrão, com morte de 40:000 romanos, e foi tão grande o numero dos cavalleiros mortos, que se tomaram tres alqueires de aneis, os quaez só a gente nobre podia trazer; e foi a maior perda que os romanos tiveram em sua monarchia.

Canusio, logar de Apulia, visinho de Cannas.

Cappadoces, os moradores de Cappadocia, parte de Natholia, que hoje chamamos Turquia.

Carlos: de dous faz o Poeta menção. O primeiro chamado Magno, rei de França e imperador christianissimo, filho de Pipino e de Berta, filha de Heraclio, imperador de Constantinopla. O segundo foi Carlos II, imperador dos romanos, pae de Juditha, que casou com Balduinos. Vêde *Balduino*.

Carmania, região da India.

Carpella, é o cabo Jasque, fóra da garganta do estreito persico.

Carthago, cidade celebre de Africa, infesta aos romanos, e emfim vencida; da qual era natural e rei um dos musicos que o Poeta diz; é a saber, Iopas, um dos competidores da rainha Dido.

Caspia serra, *Caspios montes* e *Caspios aposentos*, tudo vem a ser uma cousa mesma, e finalmente uma região de Scythia.

Cassiopéa ou *Cassiope*, mulher de Cepheu, rei de Ethiopia, a qual (contam) se quiz preferir em formosura ás nymphas; pelo que ellas indignadas ataram sua filha Andromeda a um penhasco, para que uma besta marinha a comesse; mas Perseu a livrou e casou com ella: e Cassiopéa, pelos merecimentos do genro, foi trasladada ao céu, e agora é uma imagem, ou constellação d'elle.

Cassio Sceva, capitão d'uma companhia de Cesar, o qual estando á porta de um logar de Macedonia, foi commettido por muitos inimigos, e tendo já um olho quebrado, muito mal ferida uma côxa, e o braço, e o escudo despedaçado, com muitas feridas por todo o corpo, nunca se quiz render.

Castel-Branco, foi D. Pedro de Castel-Branco, capitão de Ormuz, em cujos mares houve grandes victorias dos turcos.

Castella, são duas provincias de Hespanha com este nome, e dividindo-se com uma montanha, que começa nos

confins de Navarra, e atravessa quasi toda Hespanha até o mar: se distingue tambem com os nomes de Velha e Nova. Da Nova é cabeça Toledo, e da Velha, Burgos.

Castro, foi D. João de Castro, vice-rei da India, o qual teve muitas victorias contra el-rei de Cambaia e contra o Hidalcão, e fez outras muitas cousas dignas de memoria.

Catharina, virgem e martyr, sepultada no monte Sinai.

Catilina, Lucio Sergio Catilina, consul romano, o qual determinou, com outros de sua parcialidade, apoderar-se de Roma.

Cauchichina, é reino oriental junto a Cambaia, ao qual os naturaes chamam Cacho.

Caudinas forcas, aquellas por onde os samnites, povos de uma região de Italia, obrigaram passar sem armas aos romanos, capitaneados pelo consul Sp. Posthumo; affronta de que os romanos se vingaram bem.

Ceilão, ilha que está para o sul do cabo Comorim.

Cezimbra, logar maritimo de Portugal.

Chaul, cidade no reino Adecão, que corruptamente chamamos Daquem, distante da cidade de Dio 50 leguas.

Chersoneso Aurea, é Malaca, cabeça de todo o reino assim chamado, cujo porto é muito bom, e frequentado de todas as nações do mundo, por ser muito abundante de todas as cousas.

Chiamai, lago d'onde nasce o rio Menão, que fende de alto a baixo todo o reino de Sião.

Chimera, monte de Lycia, o qual lança fogo pelo mais alto, e no tempo passado era muito povoado de leões, cabras montezas, serpes, e outros bichos venenosos, d'onde os antigos fingiram ser um monstro de tres cabeças, de leão, cabra e dragão, por cujas bôcas sahia muito fogo.

China, imperio grande e rico do Oriente, dividido em 15 provincias, em as quaes se contém 245 cidades notaveis, além de outras terras, castellos, villas, e logares infinitos.

Christovão (D.), entende-se da Gama, o qual indo por mandado de D. Estevão da Gama, governador da India, em favor do preste João, contra el-rei de Zeilá, desbaratou duas vezes os mouros com 500 portuguezes que levava.

Cicero, é M. Tullio, filho de um Tullio e de Olbia, sua mulher, consul romano, e per si assaz conhecido e louvado.

Cicones, povos de Thracia, os quaes tiveram muita guerra com Ulysses, depois da destruição de Troia.

Cilicios, são os de Cilicia, que hoje se chama Carmania, região da Asia menor.

Cingapura, é um cabo de terra, defronte da ilha Sumatra.

Cintra, logar de Portugal, na costa do mar Oceano, a cuja serra chama Varrão monte Tagro, e outros, serra da Lua.

Cinyras, rei de Chypre, o qual de uma sua filha chamada Myrrha, teve Adonis, por onde o Poeta o chama filho e neto de Cinyras.

Cinyrea, é Myrrha, filha de Cinyras, a qual foi convertida em uma arvore de seu nome.

Circes, são as feiticeiras, porque Circe, filha do Sol e de Perse, nympha, o foi tão famosa, que com seus encantos e feiticarias transformou (segundo contam as fabulas) os companheiros de Ulysses em porcos.

Claudinas forcas: vêde *Caudinas forcas*, que de um modo e outro se pôde ler este logar, alludindo a Claudio Penção, imperador dos samnites; ou ao logar chamado Cauda, onde foi o successo que o Poeta aponta, e atraz explicamos.

Cleoneo leão, é o que matou Hercules junto a uma aldeia chamada Cleone, entre Argos e Corintho: e é o que por outro nome se chama Nemeu.

Clicie, nympha, a quem Apollo foi muito affeiçoado.

Cloris: assim se chamava Flora, rainha das flores, antes que se casasse com Zephyro.

Cloto, uma das tres Parcas.

Clymene, filha de Tethys e do Oceano, a qual foi mãe de Phaetonte, que é o sol.

Cochim, cabeça de um reino assim chamado, 30 leguas de Calecut, na costa do Malabar, com cujos reis tiveram sempre os portuguezes muita amizade.

Cocles, foi Horacio Cocles, nobre romano; o qual na guerra que Porsena, rei de Hetruria, teve com os romanos, pela restituição dos Tarquinos, se teve o impeto dos inimigos, com dous companheiros sómente, querendo passar a ponte Sublicia sobre o Tevere, com tanto esforço, que os romanos tiveram logar de derribar a ponte; e estando já seus companheiros em salvo, armado como estava se lançou ao

rio, e a nado passou sem perigo algum aos seus, pelo que os romanos lhe levantaram uma estatua.

Cocyto, rio do inferno: significa chôro.

Codro, rei dos athenienses, o qual por salvar sua patria, se entregou á morte certa.

Coelho, é Nicolau Coelho, capitão de um dos cinco navios, com que Vasco da Gama foi em descobrimento da India.

Colchos, região de Asia, que hoje se chama Mingrelia, sujeita ao gran Cam, senhor dos tartaros; em a qual diziam estava um vello de ouro, chamado commummente o Vellocino.

Colosso, estatua de metal em Rhodes, dedicada ao sol; a qual era de muito grande altura, e por este respeito tida por uma das sete maravilhas do mundo.

Columbo, logar pequeno, mas o principal porto da ilha de Ceilão.

Comorim: é este cabo defronte de Ceilão.

Conca, cidade de Castella a Velha, d'onde nasce o rio Tejo.

Congo, reino antiquissimo de Africa.

Constantino: o primeiro foi por alcunha chamado Paleologo, o qual perdeu a cidade de Constantinopla; o segundo foi Constantino Magno, filho de S. Helena, o qual fez a Constantinopla cabeça do imperio.

Constantinopla, vêde *Byzancio*.

Cordova, cidade clarissima de Hespanha Bethica, cabeça do reino do mesmo nome, e patria dos dous Senecas e Luciano.

Cori, é o mesmo que Comorim.

Coriolano, varão illustre romano, a que Cicero em muitos logares compara com Themistocles; o qual sendo em umas dissensões lançado fóra de Roma, por vingar sua injuria, lhe fez depois muita guerra.

Corvino, Valerio Mestalla, tribuno de soldados, sahindo a desafio com um francez, teve em sua ajuda um corvo; o qual pondo-se-lhe em cima do capacete, de quando em quando fazia d'alli suas arremettidas contra o francez, áferrando-lhe no rosto e nos olhos, com que o romano ficou vencedor, e d'alli por diante com o appellido de Corvino.

Coulão, terra da provincia do Malabar.

Coulete, outro lugar na costa do Malabar, 6 leguas de Calecut.

Cranganor, terra da mesma provincia.

Crocodilo, animal grandissimo, da feição de lagarto.

Cuama, rio que nasce na alagôa do Nilo.

Cunha: um é o grande Nuno da Cunha; e o outro Tristão da Cunha, o qual descobriu as ilhas que hoje se chamam de seu nome.

Cupido, bem conhecido é de todos.

Curcio: este é Marco Curcio, tão affeiçãoado á sua patria, que não receou perder a vida por amor d'ella.

Cutiale, nome de um mouro, que viera de Meca á India, e tendo cento e trinta velas muito bem artilhadas, Lopo Vaz de Sampaio o desbaratou com onze sómente.

Cybele, mãe dos deuses gentilicos e mulher de Saturno, á qual dedicavam o pinho; por quanto Atis, a que foi muito affeiçãoada, foi convertido em esta arvore.

Cyclopes, foram tres, Brontes, Steropes e Píramon, filhos de Neptuno; aos quaes fingem os poetas obreiros de Vulcano, ferreiro de Jupiter seu pae, em a ilha Lipara, uma das Eolidas, que estão entre Italia e Sicilia.

Cylleneu, é Mercurio, chamado assim de Cyllene, monte de Arcadia, onde nasceu e era venerado.

Cyniphio, rio de Africa.

Cynosura, constellação celeste, chamada por outro nome Ursa maior.

Cyparisso, filho de Telepho, matando por desastre um cervo, a que elle amava muito, ficou tão sentido, que Apollo, de quem foi muito amado, tendo piedade d'elle, o converteu em cypreste.

Cyphisio, flor, é o lirio, em que Narciso, filho da nympha Lyriope e do rio Cyphisio, foi convertido.

Cypria, deusa: é Venus, chamada assim de Cypro, onde era venerada.

Cypro, é a ilha de Chypre, no mar Mediterraneo, sujeita ao gran turco.

Cyro, rei dos persas: veja-se *Araspes*, para entendimento do Poeta.

Cythéra, ilha no Peloponeso, chamada hoje Cetige, dedicada a Venus, a quem por essa razão chamam Cytheréa.

D

Dabul, logar de Cambaia, que D. Francisco de Almeida, visorrei da India, entrou á força de armas, e o destruiu, sem ficar pedra sobre pedra, nem pessoa viva.

Dalmatas, os de Dalmacia, que agora communmente se chama Esclavonia.

Damão, cidade no Guzarate, reino da India.

Damasceno, de Damasco, em cujo campo Deus Nosso Senhor creou o primeiro homem.

Dano, é o morador de Dania, que agora chamamos Dinamarca.

Danubio, o maior e mais celebrado rio de toda Europa.

Daphne, nympha, filha do rio Peneu, convertida em louro por causa de Apollo.

Dardania, assim se chamou Troia, de Dardano, rei d'ella.

Dario, rei dos persas.

David, rei sanctissimo e propheta, cheio de Espirito Sancto: de quem disse Deus, que achára um homem conforme o seu coração: comtudo, namorado de Bethsabé, mulher de Urias seu cavalleiro, veio a commetter um adultério, um homicidio, e uma traição; de que depois arrependido cantou o psalmo MISERERE. Por filho de David entenderemos a Christo Senhor Nosso, phrase e termo de fallar hebraico, por ser da geração de David. Vêde *Saul*.

Decanys, são os do reino do Hidalcão, em o qual estão Chaul, Dabul, Goa, e outros muitos logares, conhecidos já por fama.

Decios, romanos fortissimos, os quaes amaram tanto sua patria, que se sacrificaram por ella; o pae na guerra latina, o filho na hetrusca, e o neto em a guerra que Pyrrho fez pelos tarentinos.

Dedalia facultade, obra e artificio de Dedalo, architecto famoso.

Deli, reino muito grande no Oriente, ainda que hoje muito menor do que já foi.

Delio, é o Sol, chamado assim da ilha Delos, onde dizem que nasceu.

Delos, ilha no mar Egeu ou Myrthoo, aonde Latona pariu a Apollo e a Diana, e desde então ficou firme, sendo de antes instavel, e que andava vagando pelo mar: por outro nome se chama Ortygia.

Demodoco, musico e tangedor excellentissimo da ilha dos pheaces, que é a que hoje chamamos Corfú, e outros Corcyra.

Diana, filha de Jupiter e de Latona, deusa da castidade e da caça. E' a mesma que Lua no Céu, e Proserpina no inferno, e assim a pintavam os antigos com tres rostos.

Dina, filha de Jacob, a quem a furtou Sichem, filho de Hemor, por cuja causa foi morto, e todos os seus, e a terra destruida.

Diniz, é D. Diniz, rei de Portugal, filho d'el-rei D. Afonso III.

Dio ou *Diu*, cidade maritima em o reino de Cambaia, fertil, abundante, sadia, e de muito tracto.

Diogo, um dos dous feitores, que Vasco da Gama em Calcut mandou a terra para vender as fazendas, aos quaes João de Barros chama Alvaro Dias, e Diogo Corrêa Goes, Diogo Dias, e Alvaro de Braga.

Diomedes, tyranno cruelissimo de Thracia, o qual sustentava os cavallos com a carne e sangue dos hospedes que agasalhava.

Dione, mãe de Venus, e filha do Oceano e de Tethys. Algumas vezes se toma pela mesma Venus.

Dité, irmão de Jupiter e Neptuno, deus dos infernos, (segundo os poetas) chamado por outro nome Plutão.

Dofar, cidade insigne em a costa de Arabia Feliz, d'onde vem o melhor incenso.

Dorçadas, chamadas por outro nome Gorgonas, querem alguns que sejam as ilhas de S. Thomé e Principe, junto a Manicongo.

Doris, nympha do mar, filha do Oceano e de Tethys, e mãe de todas as nymphas marinhas. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

Douro, o maior rio de Hespanha.

Duarte, primeiro do nome, e undecimo rei de Portugal: foi filho d'el-rei D. João I.

E

Eborenses campos, os de Evora Cidade.

Egas, foi Egas Moniz, aio d'el-rei D. Affonso Henriques.

Egeu, nome de um gigante, filho de Titano e da Terra.

Egyptia terra, é o Egypto, região junto de Africa, e parte de Asia, abundante pela inundação do rio Nilo, da qual era rainha Cleopatra, famosa, mas pouco honesta.

Elvas, cidade na raia de Portugal, e praça fronteira a Badajoz.

Elysios, os campos Elysios, onde os bemaventurados, depois de passar d'esta vida (conforme a opinião dos ethnicos) iam descançar e gozar de perpetua felicidade: uns os põem nas partes de Andaluzia, e outros em Beocia, junto da cidade de Thebas.

Emathio, campo de Emathia, região de Grecia, chamada por outro nome Thessalia e Emonia, onde Pompeu foi vencido de Julio Cesar, seu sogro.

Emodio, é um esgalho do monte Tauro, o qual serve de termino, pela parte do norte, á terra a que chamamos India, e os naturaes e visinhos Indostão.

Encélado, gigante grandissimo, filho de Titano e da Terra.

Eneas, varão troiano, filho de Anchises e da deusa Venus, bem conhecido pelos versos de Virgilio.

Eniocos, povos de Sarmacia Asiatica, que hoje chamamos Moscovia.

Eolo, filho de Jupiter e de Sergesta, rei das ilhas Eolias, dito rei dos ventos e das tempestades.

Eoo, é o mesmo que do Oriente.

Epicurea seita, a de Epicuro, philosopho de Athenas ou Samos, o qual tinha por opinião, que a nossa alma era mortal e corruptivel: e entre outros diabolicos erros, dizia mais que toda a felicidade da vida estava nos deleites d'ella, e que não havia outro bem mais que comer, e beber, e levar boa vida.

Erycina, é Venus, assim chamada de Eryx, ou Eryce, monte de Sicilia, que hoje se diz de S. Julião, onde antigamente era venerada.

Erymantho, rio de Arcadia, que nasce de um monte do mesmo nome, em o qual Hercules tomou um javali, que destruia toda a terra, e o levou vivo a el-rei Euristheu, por cujo mandado foi áquella empreza, crendo que morresse n'ella.

Erythreas ondas, as do mar Roxo, pelo qual o povo de Israel passou a pé enxuto, fugindo de Pharaó, que com toda sua gente se afogou n'elle.

Erithreu seio, aquelle espaço de mar que fica das portas do dito mar Roxo para dentro.

Escandinavia, é uma península, onde está o reino de Suevia, e outros.

Estevão, é D. Estevão da Gama, o qual succedeu em o governo da India a D. Garcia de Noronha, e a quem succedeu Martim Affonso de Sousa.

Estabro, philosopho cretense, e geographo insigne nos tempos de Augusto.

Estygio lago, o que os poetas fingem haver no inferno; o qual dizem haver sido tão venerado dos proprios deuses, que quando juravam por elle, não ousavam quebrar o juramento.

Esyre, nympha, filha do Oceano e de Tethys.

Ethiopia, região de Africa entre Arabia e Egypto.

Etna, monte altissimo de Sicilia, chamado hoje Mongibello, o qual deita de si chammas de fogo.

Evora, cidade celebre de Portugal.

Euphrates, rio celebre de Asia, que corre por um lado de Mesopotamia: é um dos quatro rios que nascem no Paraizo terreal, como parece no Genesis, cap. II.

Europa, uma das cinco partes da terra.

Eurydice, mulher de Orpheu, musico e tangedor excellentissimo, o qual com sua lyra attrahia a si homens, pedras, arvores, e outras cousas insensiveis; e fazia que os rios se detivessem a ouvir sua musica.

Eurysteu, rei de Grecia, o qual á instancia de Juno mandava Hercules a varias emprezas, todas muito perigosas, a fim de que em alguma percesse.

Euxino mar, é o que hoje chamam Mar Maior, onde está a grande cidade de Constantinopla, pelo qual navegou a nau «Argo», da qual tractamos já em seu lugar.

F

Falerno, monte de Campania, em o qual se dão vinhos excellentissimos.

Fartaque, cidade principal na costa de Arabia Feliz, em a qual ha um cabo do mesmo nome.

Favonio, vento occidental, que por outro nome se diz zéphyro, que quer dizer dador da vida, porque é brando e amigo da natureza.

Fernando e *Fernão*, é o mesmo quanto ao nome; porém quanto ás pessoas, um d'elles foi el-rei D. Fernando, primeiro e ultimo do nome em Portugal, filho d'el-rei D. Pedro. Outro, el-rei D. Fernando, filho d'el-rei D. João de Aragão. Outro, Fernão Martins, a quem Goes chama Martim Affonso, e diz que era um marinheiro, interprete de Vasco da Gama para a lingua arabica. E outro, finalmente, foi D. Fernando de Castro, irmão de D. Alvaro de Castro, visorrei da India.

Flora, tida entre os antigos por deusa das flores.

Francisco, foi o visorrei D. Francisco de Almeida.

Frandes, região da Gallia Belgica.

Fuas, D. Fuas Roupinho, cavalleiro portuguez e esforçadissimo.

Fulvia, mulher de Marco Antonio.

G

Gabelo, certo morador de Rages na Média, de quem indo Tobias por mandado de seu pae arrecadar um pouco de dinheiro, e não se atrevendo ir sem companheiro, lhe appareceu o Archanjo S. Raphael, e o acompanhou até o lugar onde ia.

Gaditano mar, é o occidental, dito assim de Gades, que é a ilha de Cadis, sita no poente.

Galathea, nympha do mar, filha de Nereu e Doris, a qual foi muito amada do gigante Polyphemo.

Galerno, é o mesmo que favonio vento, ou zéphyro.

Gallegos, povos de Hespanha.

Gallia, é a França.

Gallo, o francez.

Gambea, rio de Africa, que alguns querem seja o Niger.

Ganges, rio da India, por outro nome Phison, um dos quatro que nascem no Paraizo terreal.

Gangetico, cousa do Ganges.

Garumna, rio de França. o qual nasce nos montes Pyreneus, e dividindo a Gasconha de França, entra no mar Oceano.

Gate, monte do reino de Narsinga, o qual serve aos malabares de muro, contra os moradores de Bisnaga, vizinhos.

Gedrosia, provincia de Africa, na costa de Guiné.

Georgianos, povos de Asia menor, sujeita hoje aos turcos.

Germano, quer dizer allemão.

Gerum, é uma pequena ilha, onde está situada a cidade Ormuz.

Gidá, a que outros chamam Judá, cidade na costa de Arabia, e porto da cidade de Meca.

Gigantea, cousa de gigante.

Gigantes, foram, segundo os poetas, filhos de Titano e da Terra, os quaes determinaram subir ao céo, e lançar a Jupiter d'elle.

Gil Fernandes, por alcunha, ou sobrenome, de Elvas, foi falsamente prêso por Paio Rodrigues Marinho, que era alcaide-mór de Campo Maior, o qual tinha a voz de Castella, mas resgatado se encontrou depois com elle, entre Elvas e Campo Maior, onde Paio Rodrigues foi prêso e morto.

Giraldo, foi um cavalleiro portuguez de muito esforço e sem médo algum; pelo que era chamado «sem pavor» em tempo d'el-rei D. Affonso Henriques, em cuja desgraça andava lançado com os mouros; e por se reconciliar com Deus e com el-rei, deu traça com que Evora se tomasse aos mouros.

Glaphyra, por cujos ditos, chistes e cantares Marco Antonio deixava a Fulvia sua mulher.

Gnido ou *Cnido*, ilha do mar Carpathio.

Goa, cidade metropoli archiepiscopal da India.

Gofredo ou *Godifredo*, que communmente chamamos Godofre de Bulhão, foi filho de Eustachio e de Ida, duque

de Letena, o qual ganhou a Corbana Persa a sancta cidade de Jerusalem, onde foi aclamado rei no anno de 1098.

Goliath, é o gigante philisteu, a quem o Sancto David matou com uma funda.

Gonçalo Ribeiro, chamava-se Gonçalo Rodrigues Ribeiro; o qual, com Vasco Annes, collaço da rainha D. Maria de Castella, e Fernão Martins de Santarem, fizeram grandes cousas em França, onde passaram a ganhar fama por sua cavallaria, como então se costumava; e vindo Gonçalo Rodrigues ter a Castella, matou em desafio a um castelhano, e em umas justas reaes, que el-rei de Castella fez á sua instancia, fizeram todos tres muitas vantagens.

Gonçalo, este foi o Beato Gonçalo da Silveira, da Companhia de Jesus.

Gothica gente, os godos, povos de Scythia, espanto antigamente de toda Italia, onde fizeram grandes crueldades, seguindo a Atila, seu rei e seu capitão.

Granada, reino de Hespanha, de uma cidade assim chamada, na provincia que é Andaluzia.

Granadil, o de Granada.

Grecia, região de Europa, em todas as disciplinas antigamente celeberrima.

Grego sabio, é Ulysses, natural de Grecia.

Guadalquivir, é o rio Bethis, que passa por Sevilha.

Guadiana, rio de Hespanha, que nasce junto á serra de Alcarraz; e junto de um logar que chamam Puebla de Alcaçar, se mette debaixo do chão, e vai sahir d'ahi nove ou dez leguas.

Guardafú, o cabo a que os antigos chamam Aromata, no fim da terra de Africa, e principio de Asia.

Gueos, povos sujeitos ao rei de Sião.

Guido, cognominava-se Lusigniano, e foi ultimo rei de Jerusalem.

Guzarates, são os moradores do reino de Cambaia, onde está Dio.

H

Halcyoneas aves, são os maçaricos, em os quaes Halcyone, filha de Eolo, foi convertida.

Hammon, assim se chamava Jupiter em figura de carneiro, como era adorado em Libya.

Harpías, foram tres, Elo, Ocypite e Celeno, que tambem se chama Podarge, das quaes contam os poetas, que quando Phineu, rei de Thracia, por conselho de sua segunda mulher, tirou os olhos aos filhos da primeira, os deuses enojados d'isto lhe quebraram os seus, e para maior tormento, tudo quanto lhe punham diante para comer lhe tiravam as harpias, que eram umas aves muito sujas e golosas.

Hebrea a mãe, entende Emina, mãe de Mafamede, cujo pae foi Abdelá, gentio de nação.

Heitor, um, foi Heitor da Silveira, que desbaratou a Halixa, capitão-mór da armada de Dio; e o outro, a quem o Poeta o compara, Heitor Troiano, filho de Priamo, rei de Troia, e de Hércuba sua mulher, o qual por muitas vezes desbaratou os gregos no cerco de Troia.

Helicon, monte de Beocia, não longe do Parnaso, dedicado a Apollo e ás musas.

Heliogabalo, imperador romano, o mais vicioso e afeminado homem que houve no mundo.

Helle, filha de Athamante, rei de Thebas, e de Nepheles, a qual fugindo com seu irmão Phrixo, do odio e traições de sua madrastra Ino, e indo para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pae lhe dera, cahiu no mar; o qual por esta occasião se ficou d'alli chamando Hellesponto.

Hellesponto, é um braço de mar, que divide Asia de Europa, chamado hoje o estreito de Galiopoli, ou braço de S. Jorge.

Hemispherio, quer dizer meia esphera, que significa redondeza; e assim chamam os gregos ao mundo, como os latinos, orbe.

Hemo, monte de Thracia, altissimo, em o qual se diz estar o domicilio de Marte: hoje se chama cadeia do mundo, e toda esta terra é sujeita aos turcos.

Henrique. O primeiro de que o Poeta faz menção, foi o conde D. Henrique, pae d'el-rei D. Affonso Henriques, primeiro de Portugal. O segundo, o infante D. Henrique, filho terceiro d'el-rei D. João I, com que se achou na tomada de Ceuta, e foi o primeiro que entrou as portas d'ella, como o Poeta adiante diz no canto 8.º, estancia 37. O terceiro

foi um cavalleiro allemão, o qual morreu em a cidade de Lisboa, quando foi tomada aos mouros: ao longo de sua sepultura se conta que nasceu uma palmeira, com a qual, pela virtude d'este sancto varão, se obravam muitas maravilhas. E o quarto, D. Henrique de Menezes, por alcunha «o roxo», que succedeu no governo da India a D. Vasco da Gama, e foi muito virtuoso e esforçado cavalleiro.

Hercules, filho de Jupiter e Alcmena, do qual se escrevem grandes feitos, e se contam principalmente doze trabalhos; dos quaes se explicam alguns por diversos logares d'este dictionario, onde convém para entender os do Poeta.

Hermo, rio de Lydia, que divide a Eolia da Jonia, com o qual se mistura o Pactolo: ambos levam areias de ouro.

Heroas e *Heroes*, chamavam os antigos aos varões illustres e de grande valor, que por suas façanhas e virtudes mereceram ser tidos por iguaes aos deuses; e d'ahi, cousa heroica.

Herostrato, um louco e perdido, o qual queimou o templo de Diana Ephesia, só por adquirir fama immortal no mundo.

Hespanha, por outro nome dita Hesperia, provincia de Europa, bem conhecida.

Hesperia: a ultima, ou menor, é Hespanha; a primeira, ou maior, é Italia.

Hesperides, foram tres, Egle, Arethusa e Hesperethusa, filhas de Hespero, rei de Africa, as quaes se diz tinham um pomar que dava fructos de ouro, e era guardado por um dragão, que nunca dormia, mas Hercules o matou, e levou os ditos pomos. Habitavam as hesperides em umas ilhas, que de seu nome, ou de Hespero, seu pae, se chamavam Hesperides, e conforme a opinião de alguns, são as que hoje dizemos de Cabo Verde.

Hesperio, é o mesmo que Hespero.

Hidalcão, principe poderosissimo da India, em o reino Decan, onde está a cidade de Goa, a quem o dito Hidalcão cercou no anno de 1572 com 7:000 infantes, 3:500 cavallos, 200 elephantes e 250 peças de artilheria, sem lhe aproveitar nada.

Hyerosolima cidade, é Jerusalem.

Hierusalem, (Jerusalem se diz hoje) cidade prindipal, não

só de Judéa, mas de todo o mundo, e onde foi obrado o mysterio principal de nossa Redempção.

Hippocrene, fonte de Beocia, nascida, como os poetas dizem, da ferida que o cavallo Pegaso alli fez com o pé; a qual é dedicada ás musas.

Hircinia montanha, dizem ser um bosque muito grande e muito espesso, entre o qual, e a terra de Sarmacia, está Allemanha.

Homero, poeta grego, e principe dos poetas: e por elle ser este, depois de morto, contenderam muitas cidades de Grecia sobre qual d'ellas era sua patria.

Horizonte, no sentido do Poeta é aquella parte do céu onde o sol começa a mostrar seus raios.

Hunno, o Hunno fero, foi Atila.

Hyacinthinas flores, de Hyacintho, mancebo amado de Apollo, o qual se matou a si mesmo; e não podendo Apollo remediar sua morte, o converteu em uma flôr, com as letras A I, que vem a dizer «ai», em lembrança do que Hyacintho deu quando cahiu morto.

Hydaspe ou *Idaspe*, rio da India, celebrado por sua grandeza.

Hymeneu, filho do deus Baccho e da deusa Venus, honrado por deus das bodas, entre os ethnicos, e assim se toma pelas mesmas bodas e casamentos.

Hyperboreos montes, são uns que ficam na parte septentrional de Europa.

Hyperionio, é o mesmo sol, do qual se finge, que depois de ter dado luz n'este hemispherio, se recolhe ao mar, e com Tethys, senhora d'elle, passa a noite, descansando do trabalho do dia.

Hypotades, é Eolo, rei dos ventos, por ser casado com Gestas, filha de Hypotas, troiano.

I

Ibero, é o Ebro, rio de Hespanha; e assim terras iberinas, terras de Hespanha.

Idalio, monte, bosque, e castello na ilha de Chypre, dedicada a Venus.

Idasde, vêde *Hydaspe*.

Idéa selva, uma do monte Ida, junto a Troia, em o qual deu Páris o juizo das tres deusas Juno, Pallas e Venus.

Ignez, foi D. Ignez de Castro, senhora muito principal, cuja historia com el-rei D. Pedro é mui sabida.

Illyricos, de Illyrico ou Illyris, região na costa do mar Adriatico.

India, fica entre o meio dia e o oriente, região saluberrima e bem conhecida.

Indo, um dos maiores rios do mundo, que rega e dá nome á India.

Inglaterra, ilha no mar Oceano, bem conhecida.

Iopas, um grande musico de Africa, e tangedor excellentissimo.

Ios ou *Chios*, ilha no mar Mirtoo, em a qual dizem estar sepultado o poeta Homero.

Ismael, filho de Abrahão e de Agar, escrava sua, do qual os mouros são chamados ismaelitas.

Ismar, um dos cinco reis mouros, a quem el-rei D. Afonso Henriques venceu no campo de Ourique.

Israel, nome que o Anjo pôz a Jacob.

Istro, rio grandissimo de Europa, o qual por outro nome se diz Danubio.

Italia, nobilissima região de Europa.

Ithaco, é Ulysses, chamado assim de Ithaca sua patria, ilha do mar Egeu, vulgarmente dita *Val du Compare*, muito montuosa, e de pouco valor.

J

Jano, rei antiquissimo de Italia, ao qual pintavam com dous rostos.

Jaos, gente da Java, provincia do Oriente.

Japão, ilha do Oriente, que dizem terá 600 leguas de comprido e 300 de largo, sujeita toda a um só rei, ao qual elles chamam «Voo», e o que agora reina se chama Tuxo Gunzama.

Japeto, gigante, filho de Titano e da Terra, e pae de Prometheu, do qual contam os poetas, que fazia homens de

barro, com tanto engenho, que pareciam vivos; e vendo acaso Minerva a sua obra, lhe deu ajuda para subir ao céo, d'onde trouxe fogo, que tirou do carro do sol, com que deu vida aos homens, que de barro fazia, e d'aqui vem que alguns hoje presumem ser filhos do mesmo sol. Mas querendo Jupiter castigar este atrevimento, o mandou amarrar no monte Caucaso com uma aguia, a qual de continuo lhe estivesse comendo as entranhas.

Jaquete, logar do reino de Cambaia, ao longo da costa, junto ao qual faz o mar uma enseada muito mettida pela terra dentro, em a qual o mar enche e vasa com tanta pressa, que transtorna todo o navio que não acha com a prôa para a corrente da agua.

Jasque, um cabo nas partes da India, chamado antigamente Carpella, cujo sertão é muito esteril, e foi dito Carmania.

João ou *Joanne*: um foi el-rei D. João I, chamado de boa memoria, filho d'el-rei D. Pedro; o outro, foi el-rei D. João II, filho d'el-rei D. Affonso V; e o ultimo, el-rei D. João III, filho d'el-rei D. Manoel: e todos foram muito valorosos.

Jordão, rio que nasce ao pé do monte Libano, e o primeiro do mundo pelas maravilhas que n'elle foram feitas, e por haver sido baptisado n'elle Christo nosso Salvador, por S. João Baptista. A agua d'este rio, escreve o snr. de Vallemont, francez, em o livro que fez de suas viagens, que não se corrompe, nem se gasta jámais: o que experimentou por uma redoma, que cheia d'ella trouxe desde Jerusalem até Veneza, distante mais de 700 leguas uma da outra, segundo o caminho que fez.

Juba, rei antigo de Mauritania.

Judaico rei, entende Ezechias, o qual estando já sentenciado por Deus á morte, foi milagrosamente por suas lagrimas remediado.

Judéa, região de Syria na Asia maior, a qual é parte de Palestina, chamada na Escriptura « Terra da Promissão », em a qual está a cidade sancta de Jerusalem, e é toda sujeita aos turcos.

Juditha, vêde *Balduino*.

Juliana manha, a que o conde D. Julião teve para perder Hespanha, mettendo por Ceuta os mouros n'ella.

Juno, filha de Saturno e de Opis, irmã e mulher de Jupiter, deusa dos reinos e riquezas, a qual se diz presidir tambem nos casamentos e partos, por cuja causa a chamaram Pronuba e Lucina.

Jupiter, filho de Opis e de Saturno, nascido de um parto com Juno, ao qual os antigos veneravam pelo maior de todos os deuses.

L

Lactea via ou *Lacteo caminho*, é o que chamamos communmente caminho de Sant-Iago.

Lageia, é Cleopatra, rainha de Egypto.

Lamo, cidade na costa de Melinde.

Lampecia, irmã de Phaetonte, filho do Sol.

Lampethusa, outra irmã do mesmo Phaetonte, a qual com suas irmãs fizeram tão grande pranto pela quéda de seu irmão Phaetonte, que movidos os deuses a piedade as converteram em álamos.

• *Laos*, povos sujeitos ao rei de Sião.

Lappia, provincia de Europa Septentrional.

Lara, cidade de Persia, nos confins de Ormuz.

Larisséa, entende-se Coronis nympha, filha de Leucippo, chamada por outro nome Arsinoe, a qual matou Apollo pelo adulterio que contra elle commetteu.

Latona, mãe de Apollo, que é o sol, e de Diana, que é a lua.

Leão, reino de Hespanha, sujeito á corôa de Castella.

Leiria, cidade de Portugal.

Leoa, serra asperissima na costa de Africa.

Leonardo, chamava-se Leonardo Ribeiro, soldado de Vasco da Gama, o qual dizem era muito gracioso e namorado.

Leonor, foi D. Leonor Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, a quem el-rei D. Fernando a tomou, e se casou com ella.

Lepido, foi Marco Lepido, o qual com Cesar Octaviano e Marco Antonio, sendo consules e inimigos entre si capitaes, vieram a dividir o imperio romano, que juntos governaram doze annos, e fizeram uma liga e concerto, em que cada

um d'elles entregasse seus inimigos: e assim Marco Antonio entregou a Lucio Antonio seu tio, irmão de seu pae; Marco Lepido a Paulo, seu irmão; Cesar Octaviano a Marco Tullio Cicero, a quem sempre chamára pae, e de quem fôra sempre tractado como filho.

Leucate, promontorio no Epyro, que hoje se chama Albania, e perto de outro cabo chamado Accio, entre os quaes foi aquella memoravel batalha entre Octaviano Augusto e Marco Antonio, em a qual Marco Antonio e Cleopatra, rainha do Egypto, foram desbaratados.

Leucothoe, nympha, filha de Orchamo, rei de Babylonia, pela qual Apollo fez muitos extremos, que lhe não custaram menos que a vida. E assim Apollo a converteu depois em a arvore que dá o incenso.

Levante, é d'onde o sol nasce.

Libitina, deusa dos sepulchros, e se toma pela mesma morte, segundo Ravisio Textor.

Libya, é o mesmo que Africa, terceira parte da terra, dita assim de Libya, filha de Epapho e mãe de Busiris.

Lipuscua ou *Guipuzcoa*, provincia de Biscaia.

Lisboa, celeberrimo emporio de Portugal, e cabeça de todo elle.

Livonios, povos de uma provincia de Sarmacia, chamada agora Livonia.

Londres, cidade antiquissima de Inglaterra, e cabeça de todo o reino.

Lotharingia, provincia de Europa, a qual antigamente se dizia a Austria e Austrasia.

Loto, arvore em que foi convertida uma nympha d'este nome; cujo fructo é tão saboroso, segundo os poetas, que dizem que os que comem d'elle se esquecem de suas terras, mulheres e filhos, como succedeu aos companheiros de Ulysses.

Laurenço, este é D. Lourenço de Almeida, o qual defronte de Cananor, com 11 velas, em que iam sómente 800 homens, desbaratou uma armada do samori, composta de 8 naus grossas e 124 paraus, em que havia gente sem conto.

S. Laurenço, ilha famosa na costa de Ethiopia, a que os da terra chamam Madagascar. Ha n'ella diferentes reis, uns mouros, outros gentios.

Luiz, foi nono do nome em França, e dos reis 45.º, filho de Luiz VIII, canonisado por Sancto na Igreja de Deus, pelo papa Bonifacio VIII, no anno de 1197.

Lusitania, é Portugal.

Luso. Vêde *Lysa*.

Lycia, região de Asia menor, celebre pelo oraculo de Apollo; cujos moradores, dizem os poetas, foram convertidos em rans, por negarem agua a Latona, passando por alli, em tempo de grande calma, apertada da sêde.

Lyeu, um dos nomes que os poetas dão a Baccho, que os antigos tinham por inventor do vinho, havendo-o sido o patriarcha Noé.

Lynces, animaes que vêem muito.

Lysa ou *Luso*, companheiro ou filho de Baccho; de cujo nome Portugal se disse Lusitania.

M

Macedonia, provincia de Europa, dita assim de Macedon, filho de Osiris, celebre pelos dous reis Philippe e Alexandre. Tambem se disse Emacia ou Emathia, e agora Turquesia.

Maçua, cidade posta em uma ilha do mesmo nome na costa de Africa.

Madagascar, é a ilha de S. Lourenço, de que atraz fica dito.

Mafoma ou *Mafamede*, arabe, inventor e principe da seita mahometaná. O qual dizem os mouros proceder de Abrahão e de Agar, sua escrava: foi filho de Abdelá, genito, e de Emina, hebreia de nação.

Mafra, villa no termo de Cintra.

Magalhães, foi Fernão de Magalhães, portuguez; o qual aggravado d'el-rei D. Manoel, se passou a Castella, d'onde partiu com cinco velas para as ilhas de Maluco, em cuja viagem descobriu o estreito, que de seu nome se chama de Magalhães.

Magos, em a lingua de Persia, mago é o mesmo que na grega philosopho, e na nossa sabio. Commummente se toma por qualquer feiticeiro, e assim

Magica sciencia, a feitiçaria.

Magrico, assim se chamava de alcunha Alvaro Gonçalves Coutinho, filho do marechal Gonçalo Vasques Coutinho, e irmão de D. Vasco Coutinho, primeiro conde de Marialva. O qual foi um dos doze portuguezes, que passaram a Inglaterra, em favor das doze damas, cuja historia com tanta elegancia o Poeta conta.

Mahometa, cousa de mouros, os quaes se chamam mahometanos.

Malaca, cidade nobilissima do Oriente, chamada Aurea, assim pelo muito ouro que n'ella ha, como por sua formosura, e abundancia de todas as boas cousas do mundo. Diz-se por outro nome Chersoneso.

Malabar, reino do Oriente, onde está situada a cidade de Calecut.

Malaios, os moradores e povos de Malaca.

Maldiva, uma das ilhas d'este nome, e principal de todas ellas, sitas defronte da costa da India; debaixo da agua tem arvores que dão o coco, que chamamos de Maldiva.

Maluco, são cinco ilhas d'este nome, em as quaes se dá o cravo.

Mandinga, provincia grandissima de negros, em a costa de Africa, a qual é muito abundante de ouro.

Manoel, foi el-rei D. Manoel, 1.º do nome e 15.º dos reis de Portugal, e filho do infante D. Fernando, em cujo felicissimo reinado se descobriu e conquistou a India.

Marathonios campos, estão na região Attica de Grecia, em os quaes Melciades, valorosissimo capitão dos athenienses, desbaratou a Date, capitão de Dario, rei dos persas.

Marcello, é Marco Marcello, capitão romano valorosissimo, o primeiro que venceu a Annibal, capitão dos carthaginienses.

Marcio jogo, é a guerra de Marte, a quem os antigos tinham por deus d'ella.

Marcomanos, povos de Allemanha, chamados hoje moravos.

Maria, foi a rainha D. Maria, filha d'el-rei D. Affonso, o quarto do nome em Portugal, a qual foi casada com el-rei D. Affonso, o segundo do nome em Castella.

Mario, capitão valoroso entre os romanos, mas tão cruel e inhumano, que se matou com suas proprias mãos.

Marrocos, cidade da Barbaria, e cabeça de um reino assim chamado.

Marte, filho de Jupiter e de Juno, a que os antigos tinham por deus da guerra, e de ordinario se toma pela mesma guerra.

Martim Lopes, foi um fidalgo portuguez muito esforçado, o qual na entrada que em Portugal fez D. Pedro Fernandes de Castro, pessoa principal de Castella, o qual por amor dos condes de Lara se havia lançado com os mouros, e chegou a tomar Abrantes, com pouca gente, o desbaratou e prendeu.

Martinho, foi este Martim Affonso de Sousa, excellentissimo capitão, e sabio governador na India, a quem succedeu D. João de Castro, semelhante ao succedido.

Mascarenhas, de dous faz o Poeta menção: um, foi Pedro Mascarenhas, capitão de Malaca, que por segunda via succedia a D. Henrique de Menezes em o governo da India, mas por estar ausente lhe não foi possível. Este fidalgo foi muito valoroso, e tomou a ilha Bintão, sujeita aos reis de Malaca, sendo que havia n'ella 300 peças de artilheria, e outros muitos petrechos e invenções de guerra, além de uma armada d'el-rei de Pam. O outro, D. João Mascarenhas, capitão de Dio no tempo de D. João de Castro, o qual defendeu aquella fortaleza de mais de 30:000 homens e 6:000 turcos, com menos de 600 portuguezes, por espaço de seis mezes, até que foi soccorrido, com que depois ganhou uma grande victoria em batalha campal.

Mascate, lugar que está de Socotorá para Ormuz.

Massilia, é a que por outro nome chamamos Mauritania, e commummente Barbaria.

Matheus (D.), bispo de Lisboa, dando batalha a quatro reis mouros, a saber: ao de Cordova, ao de Sevilha, ao de Badajoz e ao de Jaem, que vinham a soccorrer os mouros de Alcaçar, com muito menos gente os venceu, e os quatro reis foram mortos, e muita de sua gente.

Mavorte, é o mesmo que Marte, deus da guerra.

Mavorcios perigos, os da guerra.

Meca, cidade de Arabia, em a qual ha um poço, com cuja agua dizem os mouros se lavava Mafamede, e por isso vão tantos a ella de diferentes partes em romarias, porque

cuidam que esta ablução sómente basta para sua salvação d'elles.

Mecom, rio grandissimo, o qual nasce na China, e corre polo reino de Camboja. Interpreta-se capitão das aguas.

Medéa, filha de Eta, rei de Colchos, grande feiticeira, e mui esperdiçada por Jason, por cujo amor matou a seu irmão, e fugindo de seu pae, lh'o ia lançando pelo caminho em pedaços, porque assim tivesse tempo para fugir, enquanto seu pae se detinha em os recolher.

Medina, logar pequeno de Arabia, em o qual dizem está o calcanhar de Mafamede.

Mediterraneo mar, é aquelle que divide a Africa de nossa Europa.

Medusa, filha de Phorco e de um monstro marinho, cujo rosto mudava a quem o via, em pedra, como succedeu a Atlante, rei de Africa, o qual foi convertido em um monte do mesmo nome.

Megera, filha de Acheronte e da Noite, uma das tres furias que os poetas fingem haver no inferno.

Melciades, capitão famoso atheniense, o qual com muito pouco poder desbaratou junto a um logar chamado Marathona, Date, general d'el-rei Dario.

Meliapor ou *Mailapor*, cidade no reino de Narsinga, em a qual padeceu martyrio o apostolo S. Thomé, que hoje está n'ella sepultado.

Melinde, cidade na costa de Africa, cujo rei foi sempre grande amigo dos portuguezes.

Melique Yaz, um mouro, que de captivo de um mercador, veio a ser senhor de Dio, cidade rica e bella da India.

Mem Moniz, filho de Egas Moniz, aio e amo d'el-rei D. Affonso Henriques, foi esforçadissimo cavalleiro.

Mem Rodrigues de Vasconcellos, foi fidalgo mui valoroso no tempo d'el-rei D. João I.

Memnon, filho de Titão e da Aurora, de quem, morto por Achilles, foi convertido em ave.

Memnonio, é o mesmo que Memnon.

Memphis, é hoje a grande cidade do Cairo no Egypto.

Memphitico, quer dizer cousa do Egypto, onde Annubis idolo era adorado em figura de cão.

Menão, rió (cujo nome na lingua dos naturaes quer di-

zer mãe das aguas): divide de alto a baixo o reino de Sião, e dizem que tem de comprimento mais de 300 leguas.

Menezes, o primeiro foi D. Duarte de Menezes, filho herdeiro de D. João de Menezes, conde de Tarouca, prior do Crato, da ordem de S. João, capitão de Tangere, e mordomo-mór da casa d'el-rei D. Manoel, e seu alferes-mór, pessoa notavel n'este reino por seu sangue e cavallaria. O segundo foi D. Henrique de Menezes, o Roxo de alcunha, de que atraz fica feita menção, dicção *Henrique*.

Meotis, lagoa de Scythia na região septentrional, a que os scythas chamaram Temerinda, que quer dizer mãe do mar. Outros lhe chamam mar de Zabaccho, mar da Tana, mar Branco, e ultimamente Carpaloe.

Mercurio, filho de Jupiter e de Maia, a quem os poetas fazem nuncio dos deuses e da sciencia, e lhe dão diversos nomes.

Meroe, ilha grandissima do Nilo, em a qual ha uma cidade do mesmo nome, que dizem foi edificada por Caribiz, e lhe pôz o nome de uma sua irmã alli sepultada: hoje se chama Neba.

Mincio, rio que passa junto a Mantua, patria do grande poeta Virgilio.

Minerva, filha de Jupiter, e deusa da sabedoria e de todas as artes.

Minho, rio assaz conhecido em o nosso reino.

Minias, povos de Thessalia, os que passaram a Colchos em conquista do Vello de ouro, na nau « Argos », a qual dizem os poetas foi a primeira que no mundo houve; mas é falso, e contra toda a verdade.

Miralmuminim, na lingua arabica quer dizer principe dos scientes, e assim se intitulava um Abedramon, imperador dos mouros, que dizem fundou a cidade de Marrocos para metropoli e cabeça de seu estado.

Mirhocem, foi um capitão do soldão do Egypto.

Mocambique, uma povoação pequena em a costa de Ethiopia, a qual é hoje a principal escala que as nossas naus tem na viagem da India.

Mocandão, é um cabo chamado por outro nome Asaboro, entre Arabia e Persia.

Mogor, é o que commumente chamamos Tartaro.

Moloso, é o lebreu, chamado assim de Molosia, provincia de Epyro, que hoje se diz Albania, d'onde vem os melhores.

Mombaça, logar na costa de Melinde, em o qual é todo o matto de laranjaes.

Monçaide, foi um mouro natural de Tunes, o qual estava em Calecut quando Vasco da Gama alli chegou; e se fez tão familiar dos portuguezes, com que havia communicado em Orão, que veio com elles a este reino, onde recebeu a Fé de Nosso Senhor Jesus Christo, em a qual morreu.

Mondego, rio entre nós bem conhecido: nasce e morre dentro d'este reino.

Morpheu, fingiram os poetas ministro ou filho do Somno.

Moscós, os de Moscovia.

Moscovia, por outro nome a Russia, é hojo o imperio do gran duque; em o qual ha o animal Zebello, cujas pelles são tão prezadas como as Marthas, e se dizem commumente arminhos.

Moura, villa de Portugal, na provincia de Alemtejo.

Moysés, primeiro legislador, e doutor da Lei Divina.

Muluca, rio do reino de Féz em Africa.

Murice, certo marisco, do qual se tira a côr vermelha, que chamam purpura.

Musas, foram nove filhas de Jupiter e Mnemosine, as quaes se diz foram inventoras dos versos, e por taes invocadas dos poetas.

Myrrha, filha de Cinyras, rei de Chypre, e mãe de Adonis, tão luxuriosa, que se deitou occultamente com seu proprio pae, e finalmente dizem foi convertida em a arvore de seu nome.

N

Nabatheos montes ou *Nabatheas serras*, são as terras do Oriente, onde é a região nabothéa, chamada assim de Nabath, primogenito de Ismael, que n'ella reinou, cuja metropoli é Petra.

Naiades ou *Naidés*, são as nymphas das fontes e dos rios.

Naires, sobrenome dos nobres entre os malabares, gente da India.

Napoles, chamada Parthenope, de uma Sirena d'este nome, é uma illustre e gentil cidade na Campania, região de Italia, e cabeça do reino do mesmo nome.

Narsinga, reino grande e rico do Oriente, o qual por outro nome se chama Bisnaga, da grandissima cidade Bisnaga, cabeça e metropoli do reino.

Navarra, parte e reino septentrional de Hespanha.

Navarro, o de Navarra.

Nectar, dizem os poetas que é o beber dos deuses, como a ambrosia o comer.

Nemeu, animal, é o leão que Hercules matou no bosque Nemeu em Achaia.

Nemesis, chamada por outro nome Ramnusia, foi filha do Oceano e da Noite, e tida dos antigos por deusa da justiça.

Neptuno, filho de Saturno e de Opis, foi entre os antigos tido por deus do mar, e o principal de todos os deuses marinhos. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

Nereidas, as nymphas filhas de Nereu e de Doris.

Nereu, deus do mar, filho do Oceano e Tethys, o qual da deusa Doris, sua mulher, teve grande numero de filhas, as quaes se dizem nereidas; figuradamente se toma tambem pelo mesmo mar.

Nero, cruelissimo imperador dos romanos.

Nhaia, é Pero da Nhaia, castelhano, mas casado em Portugal, e morador em Santarem, o qual fez a fortaleza de Sofala, e matou o rei mouro da terra, que lh'o queria impedir.

Nicolau Sacro, pelo bemaventurado S. Nicolau, grande advogado dos navegantes.

Nicolau Coelho, capitão de um dos cinco navios com que Vasco da Gama foi em descobrimento da India.

Nilo, rio grandissimo de Egypto e um dos maiores do mundo, o qual nasce em um monte da inferior Mauritania, e dividindo Africa de Asia, entra no mar por sete bôcas.

Niloticas enchentes, as do Nilo.

Nino, filho de Bello, que foi o primeiro rei de Assyria e de Semiramis, a qual se diz que foi criada pelas pombas.

Niobe, filha de Tantalo, irmã de Pelope, e mulher de Amphion, rei de Thebas, a qual por se querer preferir a Latona, foi convertida em pedra.

Nisa, cidade da India, em a qual nasceu Baccho.

Nise, nympha do mar, filha de Nereu.

Noba. Vêde *Meroe*.

Nocturno deus, é Erebo, que os poetas fazem casado com a Noite, e dizem ser o porteiro do Sol.

Noé, pae de Sem, Cam e Japhet, foi o primeiro patriarcha da segunda idade, o qual depois do diluvio ensinou o modo de plantar as vinhas.

Noronha, é D. Garcia de Noronha, visorei que foi da India.

Noruega, provincia da Europa Septentrional.

Noto, é o vento sul, ou vendaval.

Nuno Alvares Pereira, condestavel d'estes reinos, e defensor d'elles; de cujas maravilhas está o mundo cheio.

Nymphas, deusas que os poetas fingem; das quaes as que presidem nas aguas se chamam Naiades; as que nos montes, Oreadas; as que nas arvores e bosques, Driades, Hamadriades e Napéas.

O

Obi, rio do Oriente.

Obidos, villa de Portugal.

Oceano, filho de Celo e Vesta, deus do mar, casado com Tethys, e pae de todos os rios e fontes. Os poetas o tomaram por qualquer mar.

Octaviano, Cesar Octaviano, imperador de Roma.

Octavio, é o mesmo que Octaviano.

Ogygia, ilha do mar Jonio.

Oja, cidade na costa de Melinde.

Olympica morada, é o céu.

Olympo, monte de Macedonia, chamado hoje de Sancta Cruz, pelo successo que alli teve Sancta Helena vindo de Jerusalem. Diz-se que é tão alto, que passa a região do ar, e ordinariamente se toma pelo mesmo céu.

Omphale, rainha de Lydia, por quem Hercules fez grandes extremos, até fiar e lavar como mulher.

Ophir, região celebre na Sagrada Escripura, abundantissima de ouro, pelo que alguns teem para si que é a ilha Samatra, junto a Malaca.

Oriás, povos ao longo do rio Ganges.

Oriente, onde o sol nasce, e assim se toma pela India.

Oriente, constellação, junto ao signo de Tauro: os poetas o fazem filho de Neptuno e de Mercurio, gerado da ourina de ambos.

Orithia, nome de uma das nymphas do mar, amada do vento Boreas.

Orixa, reino do Oriente, o qual começa da terra de Narsinga e acaba no cabo Segogosa.

Orlando, por opinião de Marco Antonio Sabellico, foi verdadeiramente um d'aquelles paladinos valorosos e esforçados nas armas, os quaes em muitas emprezas tiveram singulares e gloriosas victorias. A este matou Geneleão á traição com outros muitos e fortissimos capitães.

Ormuz, cidade inclyta da India, situada em uma pequena ilha chamada Gerum, em a garganta do mar Parseo.

Orpheu, filho de Apollo e da musa Calliope, poeta excellentissimo e amante de Eurydice.

Ottomano, nome dos imperadores de Turquia.

Ourique, logar no reino do Algarve.

P

Pacheco, é Duarte Pacheco Pereira, que venceu sete vezes o imperador do Malabar, chamado entre elles Samori, vindo de todas com grande poder. Em satisfação do que, depois de muitas perseguições, veio a morrer pelos hospitaes.

Pactolo, rio de Lydia, que dizem levar areias de ouro.

Pado, o mais famoso rio de toda Italia: os gregos lhe chamam Eridano, e nós vulgarmente o Pó.

Paio, é D. Paio Corrêa, portuguez de nação, mestre de Calatrava em Castella, grande cavalleiro, e perseguidor de infieis.

Pallas, é Minerva.

Palmella, villa de Portugal, e cabeça dos cavalleiros da ordem de Sant-Iago n'este reino.

Pam, n'este poema não é o deus dos pastores, mas um reino do Oriente.

Panane, uma das principaes povoações d'el-rei de Calecut.

Panchaia, região de Arabia, em a qual ha muitas arvores do incenso.

Pannonios, os de Pannonia, região vastissima de Europa, agora dita Hungria.

Panopeia, nympha do mar, filha de Nereu e Doris.

Pantheia, mulher de Abradatas, rei dos susos, formosa e casta. Vêde *Araspas*.

Paphia deusa, é Venus, de Paphos.

Paphos, cidade da ilha de Chypre, dedicada a Venus, d'onde foi chamada Paphia.

Parcas, são tres: Cloto, Lachesis e Átropos, filhas de Erebo e da Noite, as quaes dizem os poetas, que desde o nascimento de uma creatura dispõem de sua vida como lhes parece, fiando; e assim pintam Cloto com a roca, Lachesis fiando, Átropos cortando o fio.

Pares, eram doze pessoas, seis ecclesiasticos e seis seculares, que Carlos Magno, rei de França, escolheu entre os principaes do reino para os levar comsigo á guerra; e chamou-os pares, que foi tanto como se os chamára iguaes. Por outro nome se dizem paladinos.

Parnaso, monte de Phocis, dedicado ás musas, ao pé do qual está a fonte Castalia, cuja agua tinha tal virtude, que os que bebiam d'ella ficavam logo poetas.

Párseos, é o mesmo que persas.

Parthenope. Vêde *Napoles*.

Patanes, povos da India, poderosos em gente e terra.

Paulo, um foi o bemaventurado S. Paulo, apóstolo de Christo, o qual indo prêso para Roma, teve no mar uma grandissima tormenta. O outro, Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, descobridor da India.

Pedro, de muitos faz o Poeta menção. Seja o primeiro S. Pedro, principe dos Apóstolos. O segundo, D. Pedro, rei de Portugal, filho d'el-rei D. Affonso IV. O terceiro, o infante D. Pedro, filho d'el-rei D. João I, o qual foi duque de Coimbra, e governador d'estes reinos em tempo d'el-rei D. Affonso III, seu sobrinho; o qual infante esteve em Allemanha, onde fez muitas cousas memoraveis. O quarto, o conde D. Pedro, filho de D. João Affonso de Menezes, conde de Vianna; foi o primeiro capitão e governador de Ceu-

ta, a qual defendeu de dous cercos valorosissimamente contra toda a Barbaria. O quinto, D. Pedro de Sousa, capitão de Ormuz, muito esforçado cavalleiro. E o sexto, Pedro Rodrigues, chamado do Alandroal, por ser alcaide-mór d'esta villa, cavalleiro de muito valor em tempo d'el-rei D. João I.

Pegú, reino oriental, em o qual ha muito ouro e outras pedras preciosas, e abundancia de mantimentos.

Pelev, rei de Thessalia, o qual foi casado com Tethys, senhora do mar.

Penates, os deuses, a que honravam os gentios dentro de suas casas.

Peno asperrimo, é Annibal.

Perillo, um homem de grande engenho, natural de Athenas, o qual inventou a Phalaris tyranno um genero de tormento para matar os homens, a que era naturalmente inclinado, que foi um touro de metal, em o qual mettidos os homens, e posto de baixo fogo, bramavam como touros; e o primeiro que padeceu esta cruel morte, foi o mesmo artifice.

Perithoo, filho de Ixião, intimo amigo de Theseu.

Persas, são os moradores de Persia.

Persia, região de Asia.

Phaeton ou *Phaetonte*, filho do Sol e de Climene, querendo governar o carro de seu pae, abrazou o mundo até que Jupiter o matou com um raio.

Phalaris, tyranno de Sicilia, o qual não passava o tempo em mais que inventar generos de tormentos, com que matar os vassallos, depois de lhes tirar as fazendas.

Pharaó, rei de Egypto, o qual foi castigado por Deos, só por mandar lhe levassem a casa Sara, mulher de Abrahão.

Phasis, rio grandissimo, que nasce no monte Caucaso, e passa por Colchos, provincia de Asia, chamada hoje Mengalia, sujeita ao gran Cam, senhor de Tartaria.

Pheaces, ilha, a que hoje chamamos Corfú, e outros Corcira, da qual era natural Demodoco, musico excellente.

Phebo e *Apollo*, são nomes do sol; o qual e a lua dizem os poetas ser filhos de Jupiter e de Latona, nascidos ambos na ilha Delos.

Phenix, ave unica, e só no mundo, a qual dizem vive em Arabia.

Philaucia, é o amor proprio.

Philippe (D.) de Menezes, capitão de Ormuz, o qual houve grandes victorias na India.

Philippe, rei de Macedonia, pae do grande Alexandre.

Philippicos campos, chamados assim da cidade Philippos, em os quaes foi aquella batalha de Cesar, e Pompeu, e a de Octaviano, e Marco Antonio, contra Bruto Cassio, e outros conjurados.

Philomela, é o rouxinol, em que foi convertida uma filha de Pandion d'este nome.

Phlegon, um dos cavallos do sol.

Phocas, lobos marinhos.

Phormião, philosopho da seita dos peripateticos, o qual indo um dia Annibal ouviu-o á sua escola, lhe fez uma larga oração sobre o officio do bom capitão, e cousas tocantes ao exercicio da guerra, com tanta eloquencia, que os circumstantes ficaram todos admirados, excepto Annibal, que só o teve por doudo.

Phrigios, é o mesmo que troianos.

Pinda, monte de Macedonia, dedicado a Apollo e ás musas.

Plinio, dito Caio Plinio segundo, natural de Verona, viveu nos tempos de Vespasiano, cujos negocios administrava. Escreveu uma obra da natureza das cousas, e morreu no incendio do monte Vesuvio, querendo esquadrinhar a causa d'elle.

Plutão, rei dos infernos, segundo os poetas.

Poleas, são pela maior parte escravos dos naires, em a India, e tão vis entre elles, que o naire que tracta com polea, tem pena de morte; e o polea nunca pôde medrar, nem ser mais, nem ter outro grau de honra.

Policena, filha de Priamo, rei de Troia. Vêde *Pyrrho*.

Plidoro, filho de Priamo, rei de Troia, ao qual matou Polimnestor, rei de Thracia, por avareza.

Polimnestor, rei de Thracia.

Polonios, os de Polonia, provincia vastissima de Europa.

Pólos, são dous pontos astrologicos, que commumente chamamos norte e sul, e de ordinario este nome pólo se toma pelo céu.

Polyphemo, Cyclope, filho de Neptuno e da Terra, o qual dizem os poetas tinha um só olho na testa, tão grande co-

mo uma rodella. Este era fero, cruel e comedor de carne humana.

Pomona, tinham-n'a os antigos por deusa da fructa.

Pompeio ou *Pompeu*, chamado Magno por suas victorias e triumphos, foi vencido de Cesar, mas só n'isto seu inferior.

Pompilio, foi Numa Pompilio, rei dos romanos, o qual depois de se aquietar com seus inimigos, se deu todo ao culto dos falsos deuses.

Pomponio, cognominado Mella, escreveu elegantemente de « situ Orbis ».

Pondá, fortaleza do Hidalcão, 3 leguas de Goa pelo sertão dentro.

Ponente, onde o sol se põe, a nosso modo de fallar.

Porro, antigo rei de Guzarate, grande cavalleiro, muito esforçado e muito bellicoso.

Prasso promontorio, é o que commummente chamamos Cabo das correntes.

Progne, filha de Pandião, rei de Athenas, e irmã de Philomela, a qual matou a seu filho, e o deu a comer a Te-reu seu pae, convertida depois em andorinha.

Prometheu. Vêde *Japeto*.

Protheu, monstro marinho, do qual contam os poetas, que se transformava em varias fórmas. Este tem cuidado dos peixes do mar, que é o seu gado, e é grande adivinhador.

Ptolomeu, astrologo insigne, natural de Egypto. Vêde *Arsínoe*.

Pyrene, filha d'el-rei Bebryce, a qual morta pelas feras, foi sepultada em os montes, que de seu nome se chamaram Pyreneus, os quaes dividem a França de Hespanha.

Pyreneu. Vêde *Pyrene*.

Pyrois, nome de um dos cavallos do sol.

Pyrrho, filho de Achilles e de Deidamia, o qual por vingar a morte de seu pae, sacrificou em seu sepulchro a Pollicena, filha de Priamo, rei de Troia.

Q

Quedá, cidade do reino de Sião.

Quilmance, logar situado na bôca do rio Rapto, chamado por outro nome Obi, junto ao reino de Melinde.

Quiloa, cidade na costa de Melinde, toda cercada de mar, a qual tem muitos palmares, e muitas arvores, e hortaliças como as de Hespanha.

Quinto Fabio, cognominado Maximo, dictador romano, o qual com cautelas e ardis destruiu a Annibal sem lhe dar batalha.

Quirino, é Romulo, primeiro fundador de Roma.

Regulo, foi Marco Accio Regulo, consul romano, o qual quiz antes perder sua vida, que perder-se sua patria.

R

Repelim, cidade no Malabar.

Rhamnusia, é a mesma que Nemesis, deusa da justiça, inimiga dos soberbos e grande sopeadora dos presumidos.

Rhaudano, chamado por outro nome Rhosne, rio que nasce nos Alpes, e faz o lago que dizem Losana, a cuja ribeira está Genova.

Rheno, é um rio, que nasce do Appenino para Pistoia, e passa junto a Bolonha: chamou-se por outro nome Ebro, e hoje Rira.

Rhodamonte, um famoso Paladino, em as poesias de Orlando.

Rhoda, ilha no mar Carpathio, antigamente assento dos cavalleiros de S. João, hoje possuida dos turcos.

Rhodope, monte de Thracia.

Ripheos, montes septentrionaes de Scythia.

Roçalgate, cabo insigne na Arabia Feliz, onde começa o reino de Ormuz.

Rodrigo, entende-se Bivar, chamado commummente o Cid Rui Dias, que foi valoroso nas armas, e ganhou muitas terras aos mouros, havendo muitas victorias d'elles.

Rogério, um dos Paladinos, de que tractei na dicção Orlando.

Roma, cidade mais celebre e nomeada de todo o mundo, por haver n'outro tempo subjugado e mettido debaixo de sua obediencia quasi todas as nações e provincias que estão debaixo do céu, e por ser ao presente a cidade metropolitana de toda a christandade.

Romanos, os de Roma.

Romulo, primeiro fundador e primeiro rei de Roma.

Rui Pereira, cavalleiro esforçado, e leal portuguez.

Rumes, são os turcos, chamados assim por virem (como o Poeta diz) da casta dos romanos.

Ruthenos, chamados por outro nome roxolanos ou rusios, são os do reino de Polonia.

S

Sabá, muito nomeada na Escripura Sagrada, foi rainha do grande imperio do preste João na Ethiopia.

Sabéas costas, as de Arabia, onde está a cidade Sabá; é terra abundante de incenso e de especies odoríferas.

Saiacia, deusa do mar, mulher de Neptuno.

Saladino, soldão do Egypto, que ganhou a sancta cidade de Jerusalem, no anno 1187.

Salamina, ilha no mar Euboico, defronte de Athenas, onde Xerxes, por valor de Themistocles, foi desbaratado: n'esta terra querem os naturaes que nascesse o poeta Homero.

Samaria, cidade de Syria, entre Judéa e Galiléa.

Samatra, ilha grandissima e muito formosa, no Oriente, a qual dizem que antigamente foi uma mesma cousa com Malaca.

Samnítico jugo. Vêde *Caudinas forcas*.

Samori, é o nome appellativo do senhor do reino de Caledcut, o qual sôa tanto como imperador, por elle ser o maior rei de toda aquella costa.

Sampaio, foi Lopo Vaz de Sampaio, cavalleiro muito esforçado, governador na India, onde fez cousas maravilhosas.

Sanagá, rio que divide a terra dos mouros azenegues em Africa dos primeiros negros de Guiné, chamados Gelofos.

Sancho, o primeiro foi el-rei D. Sancho, filho d'el-rei D. Affonso Henriques, muito esforçado e valoroso; e o segundo, el-rei D. Sancho II, chamado Capello, filho d'el-rei D. Affonso II, remisso e descuidado.

Sansão, hebreu de nação, filho de Manue, da tribu de Dan, foi milagrosamente dado por Deus a Manue, sendo

esteril sua mulher, para destruição dos philisteus inimigos de seu povo. Tinha a fortaleza nos cabellos da cabeça.

Santarem, villa nobre de Portugal, 14 leguas de Lisboa, junto ao Tejo.

Sant-Iago, apostolo sagrado, padroeiro dos hespanhoes.

Sara, mulher de Abrahão. Vêde *Pharaó*.

Sarama. Vêde *Perimal*.

Sardanapalo, ultimo rei dos assyrios, monstro de sensualidade e luxuria.

Sarmatas, os de Sarmacia, provincia antiga, chamada agora Livonia.

Sarmacio oceano, mar de Sarmacia.

Sarracenos, nome de que os mouros se jactam muito, dizendo que procedem de Sara, mulher de Abrahão.

Saturno, filho de Celo e Vesta, do qual fingem os poetas que comia todos os filhos que paria sua mulher Opis, e assim é figura do tempo, que tudo gasta.

Saul, sexto rei de Edom, em cujo tempo o Sancto David matou aquelle soberbo gigante Goliath ou Golias.

Saxones, povo de Allemanha.

Scabellicastro, é Santarem.

Sceva, este foi Cassio Sceva, capitão de uma companhia de Cesar, valorosissimo.

Scinis, ladrão mui esforçado, o qual costumava matar todos seus hospedes com um grande genero de tormento.

Scipião, foi Cornelio Publico Scipião, chamado o Africano, pelas grandes cavallarias que em Alrica fez, principalmente na destruição de Carthago.

Scylla, de duas faz o Poeta menção: uma foi filha de Phorco, amante e amada de Glauco, a qual foi convertida em um cachopo, que está no estreito de Messina, entre Italia e Sicilia, por arte e industria da ciosa Circe: a outra foi filha de Niso, rei dos magarensos, a qual foi occasião da morte de seu pae, por amor d'el-rei Minos, a quem ella muito queria.

Scythas, os de Scythia, vastissima região septentrional; os quaes tiveram antigamente grandes contendas com os egypcios sobre a antiguidade de suas patrias e nações.

Semele, mãe de Baccho.

Semicapro peixe, é o que vulgarmente dizemos Capri-

cornio, signo celeste, o qual se pinta meio peixe, meio cabra.

Semiramis, rainha dos assyrios, infame por sua luxuria, ainda que bella e valorosa.

Septentrional meta, é o norte.

Sequana, é o rio Sena, que passa pelo meio da grande cidade de Pariz em França.

Sequeira, foi Diogo Lopes de Sequeira, que succedeu na governança da India a Lopo Soares de Albergaria, o qual entrou pelo estreito do mar Roxo com uma frota de 24 velas.

Serpa, villa de Portugal, na comarca do Alemtejo.

Sertorio, natural de Nursia (que hoje chamamos Nezza, em Italia) o qual recolhendo-se a Hespanha, fez grandes guerras aos romanos, e lhes venceu muitos capitães. Este fez seu assento em Evora, a que ennobreceu muito, e fez trazer a ella a agua de prata para seu ornato e provimento.

Sevilha, cidade celebre em Hespanha, pela qual passa o rio Bethis.

Sião, reino poderoso da India.

Sichem, filho de Hemor, foi morto e todos os seus, e a terra destruida, por tomar Dina a Jacob seu pae.

Sicilia, ilha famosa e assaz conhecida, a qual foi antigamente junta com Calabria, e a dividiu um terremoto, pon-do em meio aquelle mar chamado Estreito de Messina. Foi mãe dos maiores tyrannos do mundo.

Siculo mar, o de Sicilia.

Siene, cidade de Egypto, em a qual dizem que em certo tempo do anno são n'ella tão direitos á hora de meio dia os raios do sol, que em nenhuma parte ha sombra.

Silves, cidade no reino do Algarve.

Sinai, monte altissimo de Arabia, em o qual Deus Nosso Senhor deu a Lei a Moysés: e está hoje um mosteiro de religiosos da vocação da virgem e martyr Sancta Catharina, que n'elle tem sua sepultura.

Sinon, grego, traidor, celebrado de Virgilio em a destruição de Troia.

Sintra ou *Cintra*, terra de Portugal, tão fresca, que no mesmo tempo em que muitos logares ao redor d'ella estão ardendo em fogo, tem grandes orvalhadas e rocios.

Siracusa, é o mesmo que Sicilia.

Smirna, cidade de Asia menor, a qual, segundo a mais celebrada opinião, foi patria de Homero, principe dos poetas.

Soares, foi Lopo Soares de Albergaria, governador da India; o qual passou ao estreito do mar Roxo com 36 velas, em que levava 3:000 portuguezes, com que metteu em grande temor e confusão aos d'aquellas partes.

Socotorá, ilha entre o cabo de Fartaque e o de Guardafú, em a qual se dá o pau aloe, que é como pau de Aguila, muito prezado.

Sofala, povoação na costa de Mombaça.

Soldão, titulo dos reis de Egypto, sujeito hoje ao gran turco.

Sophenos, os de Sopheno, provincia de Suria, gente molle e afeminada.

Strabo. Vêde *Estrabo*.

Suáquem, cidade, e porto o melhor de todo o estreito do mar Roxo, cercada do mar á maneira de ilha; a qual não occupa mais terra que a cidade; cujas casas são ao modo de Hespanha.

Suecio, o de Suecia, provincia de Escandinavia.

Suez, logar pequeno e nobre na costa do mar Roxo, antigamente dito Arsinoe, de uma filha ou irmã de Ptolomeu, rei de Egypto, que o fundou.

Sumano, é o mesmo que Plutão, a que os antigos chamaram deus do inferno.

Sunda, ilha do Oriente, além de Samatra, em a qual ha pimenta muito boa, e um rio, que não soffre sobre si cousa alguma por leve que seja.

Sylla, nobre romano, da antiga familia dos Scipiões, mas cruel e facinoroso: morreu coberto e comido de piolhos.

T

Tagides, as nymphas do rio Tejo, chamado antigamente Tago.

Tanais, dito commummente Tana, rio que nasce nos montes Ripheos, e divide a Asia da Europa.

Tanor, logar na costa de Melinde.

Taprobana. Vêde *Ceilão*.

Tarifa, cidade de Andaluzia, dita antigamente Tarteso.

Tarpeia, uma donzella, filha de Tarpeu romano, alcaide-mór da fortaleza de Roma, a qual com cubiça d'umas manilhas, que os sabinos, inimigos dos romanos, lhe prometteram, deu ordem para entrarem no castello, e em logar de manilhas lhe deram a morte.

Tarquino, foi sexto Tarquino, filho de Tarquino o Soberbo de alcunhá, por commetter adulterio com Lucrecia, mulher de Collatino; acabou mal fóra de Roma, e seu pae perdeu o reino.

Tarragonез, o da provincia Tarragonense, uma das tres em que Hespanha foi dividida; a qual se chamou assim da cidade Tarragona, sua metropoli.

Tartesios, são os andaluzes, de Tarteso, que é Tarifa, cidade de Andaluzia.

Tavai, cidade antigamente do reino de Sião, hoje a ultima do reino de Pegú.

Tavilla, logar no reino do Algarve.

Tauro, um dos maiores montes do mundo, o qual abraça toda Asia, desde o oceano oriental até o septentrional; mas com diferentes nomes, conforme as varias nações por onde passa.

Tejo, rio mui celebrado dos antigos por suas areias de ouro: nasce nas serras de Conca, cidade de Castella a Velha, e entra no Oceano, 4 leguas de Lisboa.

Temitistão, é nome da cidade Mexico, na nova Hespanha.

Tenessari, cidade do reino de Sião, no Oriente, em a qual se dá a melhor pimenta do mundo, como tambem em Quedá, cidade do mesmo reino.

Ternate, uma das ilhas do Maluco, da qual sabem chammas de fogo.

Tethys, filha de Celo e Vesta, deusa do mar; e de ordinario se toma pelo mesmo mar.

Thaumante, pae de Iris, mensageira dos deuses, e principal de Juno: toma-se pelo arco celeste, que commumente dizemos da velha.

Thebano, é Baccho, porque sua mãe Semele foi de Thebas.

Themistocles, capitão atheniense de grande nome.

Theotonio, foi D. Theotonio, prior de S. Cruz de Coimbra.

Thereza, mulher do conde D. Henrique, pae d'el-rei D.

Affonso Henriques, o primeiro de Portugal, a qual foi filha d'el-rei D. Affonso VI, imperador de Hespanha.

Thermodoonte, rio de Themiscyra, pequena região visinha de Cappadocia, junto ao qual viviam antigamente as amazonas.

Thermopylas, passo áspero e estreito, que ao longo da praia faz o monte Oeta de Macedonia, região de Grecia. O qual Leonidas, rei de Macedonia, com pouca gente defendeu d'um grandissimo exercito de Xerxes, rei dos persas.

Theseu, filho de Egeu, rei de Athenas, heroe clarissimo, emulo de Hercules, e amigo grande de Perithoo.

Thesiphonio ou *Ctesiphonio*, artifice famoso, que fez o templo de Diana em Epheso.

Thomé, S. Thomé, apóstolo de Nosso Senhor Jesus Christo, o qual esteve e padeceu martyrio na cidade de Meliapor, onde está sepultado.

Thraces, os de Thracia, região de Grecia, chamada hoje Romania.

Thyoneu, é Baccho.

Tibre, celeberrimo rio de Italia, o qual aparta o Janiculo da cidade de Roma.

Tidore, uma das ilhas de Maluco na India.

Tigris, rio famoso na Armenia menor, o qual entra no mar da Persia.

Timavo, rio dos venezianos, ao qual os antigos chamavam mar, por ter a agua salgada: entra no mar Adriatico com sete ou nove bôcas, e uma d'ellas de agua doce.

Timor, ilha do archipelago, onde estão as Molucas.

Tinge, cidade na Mauritania, edificada por Antheu, rei da ultima parte de Mauritania: hoje se diz Tanger.

Tingitana terra, quer dizer terra de Barbaria.

Titam, fingem os poetas pae da Aurora, que é a manhã.

Tito, filho de Vespasiano, o qual tomou a Jerusalem, e a assolou e queimou, não deixando pedra sobre pedra.

Tobias, nome proprio, celebrado nas Sagradas Lettras: pelo seu guiador se entende o archanjo S. Raphael.

Toledo, reino de Hespanha, chamado assim de uma cidade d'este nome, sua metropoli.

Tonante, é Jupiter.

Tormentorio cabo, é o que commumente chamamos de Boa Esperança.

Toro, logar que fica 18 leguas do monte Sinai, muito falto de agua.

Torquato, chamava-se Tito Manlio, homem excellente e tão observador da disciplina militar, que fez morrer um proprio filho, ainda que vencedor, por haver vencido sem sua ordem.

Torres Vedras, logar de Portugal.

Trajano, imperador dos romanos, hespanhol de nação, o qual sujeitando varias nações por mar e por terra, conquistou até á India, mas não entrou n'ella.

Trancoso, villa famosa de Portugal.

Tritão, filho de Neptuno e de Salacia, senhores do mar, e seu trombeta.

Troia, cidade antigamente celebre em a Phrygia, provincia de Asia menor, junto do Hellesponto, a qual foi destruida pelos gregos, sem ficar pedra sobre pedra.

Tropico, são os tropicos, certas balizas e terminos do céo, entre os quaes anda o sol, sem passar nenhum d'elles. Um se chama de Cancro, da banda do norte; outro de Capricornio, da banda do sul.

Trudante, cidade populosa de Barbaria.

Turcos, os povos de Turquia.

Tuscos, os mesmos que toscanos, de Toscana, região de Italia.

Tetuão, logar fronteiro de Africa.

Tuy, cidade no reino de Galliza.

Typhéas armas, são os raios de que Jupiter usava.

Typhéu, gigante, filho de Titano e da Terra, inimigo capital de Jupiter e dos outros falsos deuses.

Tyria côr, é a grãa, chamada assim de Tyro, cidade de Phenicia, que hoje se chama Suria, onde se faz excellentissima.

Tyrinthio, é Hercules, chamado assim de Tyrinthia, sua patria, em Grecia.

Tyrios, os da cidade Tyro, de quem se diz foi fundada a cidade de Cadix.

Tytiro, pastor celebrado de Virgilio.

U

Ulcinde, reino do Oriente, entre Persia e Cambaia.

Ulysses, o mais astuto e sabio de todos os gregos, que foram à guerra troiana: foi filho de Laertes, rei de Ithaca ilha, e fundador de Lisboa.

Ulysseos muros, os de Lisboa.

Ungaro ou *Hungaro*, o de Ungria, d'onde alguns dizem era o nosso conde D. Henrique.

Ursas, são as que chamamos guardas do norte.

V

Vandalia, é Andaluzia, chamada assim dos vandalos, povos de Allemanha, que n'esta parte fizeram assento.

Venero, cousa de Venus.

Veneza, cidade formosa e rica, e de grandissimo tracto e commercio, edificada no mar, de que está cercada, e se anda toda por mar.

Venus, entre os antigos tida por deusa da formosura e dos amores lascivos.

Vespero ou *Hespero*, é o planeta Venus, que nas partes occidentaes, em se pondo o sol, apparece primeiro que todas as estrellas e planetas, e antes que o sol saia se vê tambem no céo depois de escondidas as outras estrellas.

Vesta, filha de Saturno e de Opis, mãe de Tethys, senhora do mar.

Viriato, portuguez valorosissimo, o qual de pastor, e depois de salteador, veio a levantar-se com toda Lusitania, por cuja defensão deu assaz em que entender aos romanos por espaço de 14 annos.

Vulcano, filho de Jupiter e Juno, entre os antigos venerado por deus do fogo, e se toma pelo mesmo fogo: e os poetas dizem que elle fazia os raios a Jupiter seu pae. Foi casado com Venus, e fez tambem as armas a Enéas, seu enteado.

X

Xeque, quer dizer governador na lingua arabica.

Xerez, logar de Castella.

Xerxes, filho de Dario, o mais poderoso rei dos persas.

Z

Zaire, rio grandissimo de Africa, cuja fonte está no sertão do reino de Congo.

Zebellinos animaes, são os que commummente chamamos arminhos.

Zeila, logar na costa de Africa.

Zelandia, terra do norte.

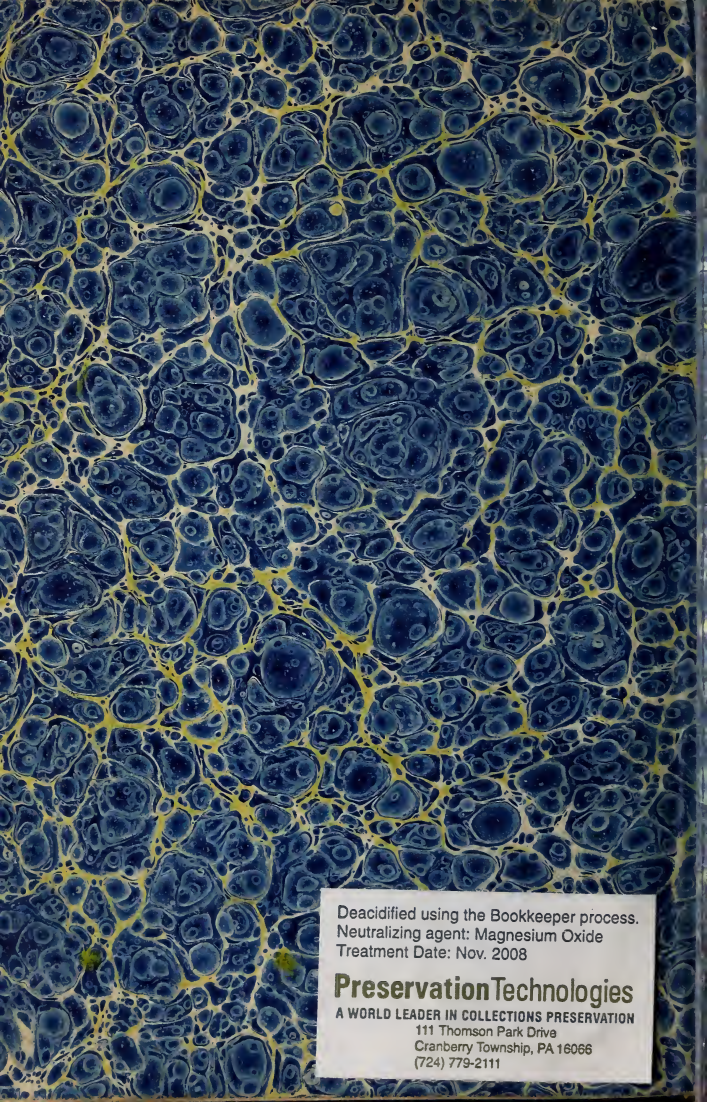
Zéphyro, vento, que por outro nome chamamos Favonio, e viração que corre no verão. Os poetas o fazem casado com Flora, deusa das flores.

Zona, circulo com que os geographos dividem a terra, as quaes são cinco.

Zopyro, vassallo de Dario, rei dos persas.

FIM



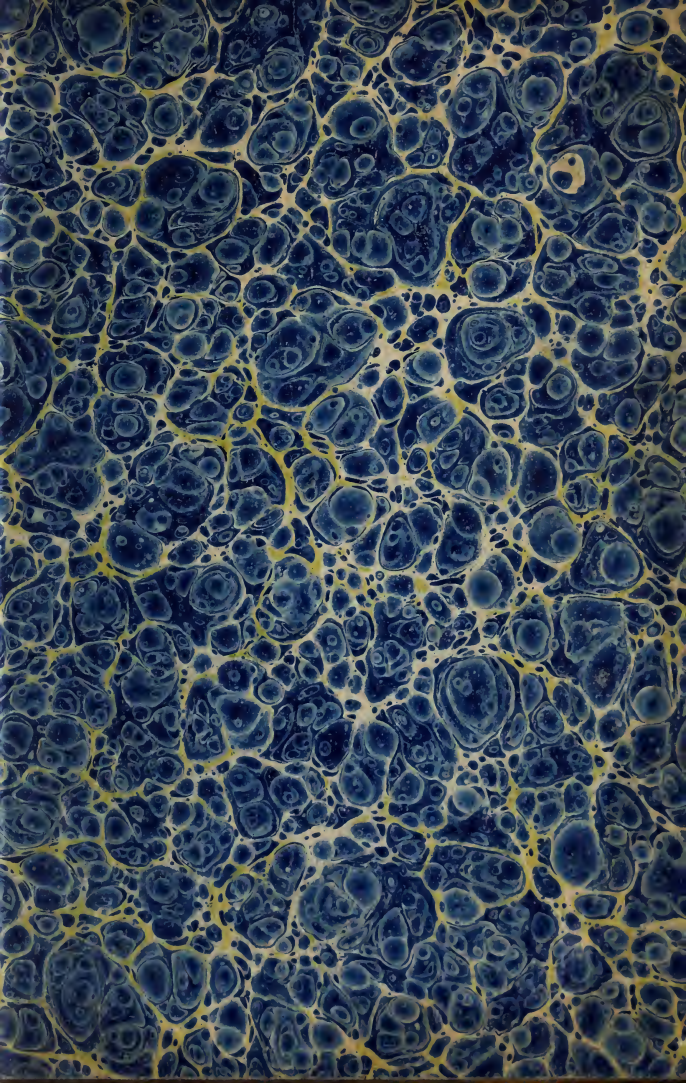


Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

PreservationTechnologies

A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION

111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111



LIBRARY OF CONGRESS



0 024 329 176 8

